

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS**

**DANIELA ARAUJO**

**A “VIOLÊNCIA” NO DISCURSO DO ADOLESCENTE: UMA ABORDAGEM  
COGNITIVA**

Porto Alegre  
2014

DANIELA ARAUJO

**A “VIOLÊNCIA” NO DISCURSO DO ADOLESCENTE: UMA ABORDAGEM  
COGNITIVA**

Tese apresentada como requisito final para obtenção do grau de Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Jorge Campos da Costa

Porto Alegre  
2014

DANIELA ARAUJO

**A “VIOLÊNCIA” NO DISCURSO DO ADOLESCENTE: UMA ABORDAGEM  
COGNITIVA**

Tese apresentada como requisito final para  
obtenção do grau de Doutor em Letras pelo  
Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras  
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Dr. Jorge Campos da Costa - Presidente (PUCRS)

---

Dra Vera Pereira

---

Dr. Jacques Wainberg

---

Dra Aline Vanin

---

Dra Elena Godói

Porto Alegre  
2014

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me oferecer a família e a estrutura afetiva que carrego e que é o que mais me importa. Pais e Mina: exemplos do Bem, meu tudo. Marcelo, Márcia: partes do meu alicerce. Vivi: alegria e sentido.

Aos amigos, pelo apoio e otimismo.

À Andrea Holler: suporte afetivo e fé em mim.

À Paulo Ott Tavares: incentivo e empurrão.

A outros tantos que fazem parte da minha vida.

Ao meu orientador, Professor Dr. Jorge Campos da Costa, por ter me ensinado a correr atrás dos meus objetivos, acreditando em meu potencial e em minha autonomia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES), pela concessão da bolsa que permitiu a realização deste trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por ter me acolhido nesses seis anos de pós-graduação.

À Maria José Finatto, que acreditou em mim e foi a grande inspiradora para eu seguir meus estudos em nível de pós-graduação.

Ao Colégio Unificado, em especial, ao Vanderlei. Fundamental a parceria e o apoio.

Aos professores Jacques Wainberg, Vera Pereira, Aline Vanin e Elena Godói, por terem aceitado a participação em minha banca de defesa.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Mara (em memória) e Isabel, pela disponibilidade e atenção.

## RESUMO

O interesse norteador desta tese foi entender como o conceito VIOLÊNCIA emerge no discurso de adolescentes de diferentes grupos sociais da região urbana de Porto Alegre. O objetivo geral foi investigar, no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), especificamente da Semântica Cognitiva (SC), quais processos e estruturas estão implicados na categorização de VIOLÊNCIA- verificando a aplicabilidade da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Tal estudo foi feito a partir da análise de questionários respondidos e de textos produzidos por adolescentes da zona urbana de Porto Alegre, que por questões de interesse específico foram separados em dois grupos: 1) adolescentes, sem histórico de vivências violentas, moradores de zona nobre, que estudam em escola privada, de zona central da cidade, com mensalidade de alto custo e sem registro de problemas relacionados à violência; e 2) adolescentes vitimizados (vítimas, viventes, observadores, participantes de situações envolvendo violência social, urbana e familiar), estudantes de escola pública localizada em uma região dominada pela guerra do tráfico de drogas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, sob a inscrição número 16732913.7.0000.5336, e autorizada pelos responsáveis legais dos adolescentes participantes.

O objetivo geral desdobrou-se em objetivos específicos: A) identificar e analisar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA em termos de rede conceitual, mapeamentos metafóricos e metonímicos de adolescentes pesquisados; B) comparar se há diferença na forma de estrutura da categoria VIOLÊNCIA e de sua gradação conceitual entre os grupos de adolescentes pesquisados, para analisar se há relação entre o meio social e cultural e os conceitos elaborados sociocognitivamente.

As hipóteses que guiaram essa pesquisa foram: A) A estrutura cognitiva e a gradação do conceito VIOLÊNCIA diferem entre os grupos selecionados; B) Aspectos sociais e culturais influenciam na categorização da VIOLÊNCIA; e C) A Teoria dos Modelos Cognitivos numa situação contextual como a descrita na tese se justifica por causa de sua relação com cultura e cognição, evidenciando, com isso, mais uma vez, seu caráter aplicativo em experiências sócio-culturais.

A partir da análise do corpus verificou-se que há um distanciamento dos adolescentes do primeiro grupo em relação ao conceito em estudo. Tais jovens quando estruturaram linguisticamente VIOLÊNCIA utilizaram como elemento estruturante FORÇA, relacionando-o às experiências de âmbito global, como guerras, assaltos, brigas. Já o segundo grupo de

adolescentes demonstrou mais envolvimento emocional- resultante de experiências corpóreas- ao expressar linguisticamente VIOLÊNCIA. Percebeu-se em seus relatos que o elemento estruturante também foi FORÇA, mas que o foco de análise esteve mais relacionado ao DANO FÍSICO e ao DANO PSÍQUICO-EMOCIONAL-MORAL, na medida em que os cenários descritos como exemplos típicos de VIOLÊNCIA foram cenários vivenciados pelos jovens selecionados. O frame VIOLÊNCIA DOMÉSTICA foi predominante em seus relatos, mostrando com isso que o conceito é pensado não somente no âmbito global do fenômeno, mas, principalmente, no âmbito interpessoal.

Comprovou-se, portanto, que há diferença na conceptualização de VIOLÊNCIA, na medida em que as experiências corpóreas interferem na forma de estruturar um conceito. Assim, concluímos que a expressão linguística de um conceito perpassa pelas vivências e que, portanto, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados é útil para pesquisas de cunho experimental, envolvendo cognição, sociedade e cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Semântica Cognitiva. Categorização. Modelo Cognitivo Idealizado.

## **ABSTRACT**

The guiding interest of this thesis was to understand how the concept VIOLENCE emerges from the discourse of adolescents of different social groups in the urban area of Porto Alegre. The overall objective was to investigate, within the field of Cognitive Linguistics (CL), specifically Cognitive Semantics (SC), which processes and structures are involved in categorizing VIOLENCE- verifying the application of the Idealized Cognitive Model Theory. This study was based on the analysis of questionnaires and texts produced by adolescents from the urban area of Porto Alegre, which were separated into two groups, according to the specific purposes of this study : 1) adolescents with no background of violent experiences, who are prime area residents who study in private schools, in the central area of the city which have a high cost and no record of problems related to violence, and 2) adolescents victimized (victims, who experience, observers, participants in situations involving social, urban and family violence), who study in a public school located in a region dominated by the drug traffic war. The study was approved by the Ethics Committee, under the registration number 16732913.7.0000.5336, and authorized by the legal guardians of the participating adolescents.

The main objective was divided into specific objectives: A) identify and analyze the structure of the category VIOLENCE in terms of conceptual networks, building metaphorical and metonymic mappings of the adolescents, B) compare if there are differences between the form of the category structure and its VIOLENCE conceptual grading between groups of adolescents, to examine if there is a relationship between the social and cultural environment and the elaborated concepts.

The hypotheses that guided this research were: A) cognitive structure and gradation of the concept VIOLENCE differ among selected groups; B) social and cultural aspects influence the categorization of VIOLENCE; and C) The Cognitive Model Theory in a contextual situation, like this one, is justified because its relation with culture and cognition, which proves, one more time, its applicative character in socio-cultural experiences. .

It was verified, based on the analysis of the corpus, that there was a distance between the adolescents of the first group and their related types of violence. These adolescents, when structuring VIOLENCE in linguistic expressions used FORCE as its basic element, relating it to the experiences of global scope, such as wars, robberies, fights. However, the second group when structuring VIOLENCE in linguistic expressions demonstrated more emotional

involvement, resulting from their bodily experiences. It was noticed, that in their reports, FORCE was the basic element, but their focus of analysis was more related to PHYSICAL DAMAGE, and PSCOLOGICAL- EMOTIONAL-MORAL DAMAGE, because scenarios described as the typical examples of violence were scenarios in which such students had lived. The DOMESTIC VIOLENCE frame was predominant in their texts, what shows us that the concept is not thought in a global way, as a phenomenon, but interpersonally.

It was proved that the way adolescents conceptualize VIOLENCE is different, because the bodily experiences influence the way we structure a concept. So, we conclude that the linguistic expressions of a concept permeate the living experiences, therefore, the Idealized Cognitive Model Theory is useful for studies of experimental nature, involving cognition, society and culture. .

KEY-WORDS: Violence. Cognitive Semantics. Categorization. Idealized Cognitive Model.

## RESUMEN

La finalidad de esta tesis fue entender cómo el concepto VIOLENCIA surge en el discurso de adolescentes de diferentes clases sociales de la región urbana de *Porto Alegre*. El objetivo general fue investigar, en el ámbito de la Lingüística Cognitiva (LC) y, más específicamente, de la Semántica Cognitiva (SC), qué procesos y qué estructuras están incluidos en la categorización de VIOLENCIA- y verificar la aplicabilidad de la Teoría de Modelos Cognitivos Idealizados. Se hizo el estudio a partir del análisis de los cuestionarios contestados y de los textos producidos por los adolescentes de la zona urbana de *Porto Alegre*, quienes fueron separados en dos grupos por razones específicas: 1) los adolescentes sin antecedentes de experiencias violentas, habitantes de una zona privilegiada, que estudian en escuela privada de alto costo, del centro de la ciudad, y sin registro de problemas relacionados a la violencia; y 2) los adolescentes victimizados (víctimas, vivientes, observadores, participantes de situaciones de violencia social, urbana y familiar), estudiantes de escuela pública ubicada en una región dominada por la guerra del tráfico de drogas. La investigación fue aprobada por el Comité de Ética, bajo la inscripción número 16732913.7.0000.5336, y autorizada por los responsables legales de los adolescentes participantes.

El objetivo general fue desplegado en objetivos específicos: A) identificar y analizar la estructura de la categoría VIOLENCIA en términos de red conceptual, de mapeos metafóricos y metonímicos de los adolescentes investigados; B) comparar si hay diferencia en la forma de estructura de la categoría VIOLENCIA y de su gradación conceptual entre los grupos de adolescentes investigados, para analizar si hay relación entre el medio social y el cultural y los conceptos elaborados sociocognitivamente.

Las hipótesis que orientaron la investigación fueron: A) la estructura cognitiva y la gradación del concepto VIOLENCIA se distinguen entre los grupos seleccionados; B) los aspectos sociales y culturales influyen en la categorización de la VIOLENCIA; C) La Teoría de Modelos Cognitivos Idealizados en una situación del contexto como descrita en la tesis si justifica debido a su relación con la cultura y la cognición, evidenciando, con esto, una más vez, su carácter applicatory en experiencias sociocultural.

A partir del análisis del corpus se ha verificado que hay un alejamiento de los adolescentes del primer grupo con respecto al concepto en estudio. Estos jóvenes cuando estructuraron lingüísticamente VIOLENCIA utilizaron como elemento estructurante FUERZA, relacionándolo a las experiencias del ámbito global, como guerras, atracos, peleas.

No obstante, el segundo grupo de adolescentes ha demostrado más relación emocional -resultante de las experiencias corporales- al expresar lingüísticamente VIOLENCIA. Se puede observar en los relatos que el elemento estructurante fue también FUERZA, pero el énfasis de análisis estuvo más relacionado al DAÑO FÍSICO y al DAÑO PSÍQUICO-EMOCIONAL-MORAL, a medida que los escenarios descritos como ejemplos típicos de VIOLENCIA fueron los vivenciados por los jóvenes seleccionados. El *frame* VIOLENCIA DOMÉSTICA predominó en los relatos, demostrando así que el concepto es pensado no el ámbito global del fenómeno, sino, principalmente, en el ámbito interpersonal.

Se ha comprobado, por lo tanto, que hay diferencia en la conceptualización de VIOLENCIA, a medida que las experiencias corporales interfieren en la forma de estructurar un concepto. De este modo, concluimos que la expresión lingüística de un concepto pasa por las vivencias, experiencias y que, por lo tanto, la Teoría de Modelos Cognitivos Idealizados es útil para la investigación de la matriz experimental, de implicar la cognición, de la sociedad y de la cultura.

PALABRAS CLAVE: Violencia. Semántica Cognitiva. Categorización. Modelo Cognitivo Idealizado.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO1-	Elementos salientes nas definições de categorização.....	37
QUADRO 2--	Quadro resumo dos Modelos Cognitivos Idealizados.....	75
QUADRO 3-	Esquema básico da metáfora Sujeito-Self- Lakoff e Johnson (1987)....	117
QUADRO 4-	Esquema básico da metáfora Controlar o self é Controlar Objetos- Lakoff e Johnson (1987).....	117
QUADRO 5-	INSTRUMENTO A - questionário sobre VIOLÊNCIA.....	134
QUADRO 6-	INSTRUMENTO B- Proposta textual.....	136
QUADRO 7-	Procedimento Método PIN.....	138
QUADRO 8-	Procedimento Método PIN- PARTE 2 .....	139
QUADRO 9-	Quadro resumo dos dados coletados do primeiro grupo.....	263
QUADRO 10-	Quadro resumo dos dados coletados do segundo grupo.....	264

## LSTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Palavras que vêm à mente quando se pensa em VIOLÊNCIA.....	185
Gráfico 2-	Grupos Semânticos.....	186
Gráfico 3-	Palavras destacadas para categoria VIOLÊNCIA.....	187
Gráfico 4-	Palavras destacadas do GRUPO 1- VIOLÊNCIA É POLÍTICA.....	188
Gráfico 5-	Palavras destacadas do GRUPO2: VIOLÊNCIA É ATO-PRODUTO.....	189
Gráfico 6-	Palavras destacadas do GRUPO 3: VIOLÊNCIA É SENTIMENTO- SENSAÇÃO-EMOÇÃO.....	190
Gráfico 7-	MAIS VIOLENTO .....	191
Gráfico 8-	MENOS VIOLENTO.....	191
Gráfico 9-	VIOLÊNCIA PERDOÁVEL- Menos violento.....	192
Gráfico 10-	VIOLÊNCIA NÃO PERDOÁVEL- Mais violento.....	192
Gráfico 11-	Sentimentos relativos a quem pratica violência.....	193
Gráfico 12-	Sentimentos mais relativos a quem pratica violência.....	194
Gráfico 13-	Sentimentos relacionados à empatia para com quem é AGENTE da violência.....	195
Gráfico 14-	Sentimento relativo a quem sofre violência.....	196
Gráfico 15-	Sentimento mais relativo a quem sofre violência.....	197
Gráfico 16-	Palavras que vêm à mente quando se pensa em violência.....	248
Gráfico 17-	GRUPOS SEMÂNTICOS.....	250
Gráfico 18-	GRUPO 2- ATOS-PRODUTOS.....	250
Gráfico 19-	Palavras destacadas para categoria VIOLÊNCIA.....	253
Gráfico 20-	MAIS VIOLENTO.....	254
Gráfico 21-	MENOS VIOLENTO.....	255
Gráfico 22-	VIOLÊNCIA PERDOÁVEL- Menos violento.....	256
Gráfico 23-	VIOLÊNCIA NÃO-PERDOÁVEL- Mais violento.....	257
Gráfico 24-	Sentimentos relativos a quem pratica violência.....	258
Gráfico 25-	Sentimentos mais relativos a quem pratica a violência.....	260
Gráfico 26-	Sentimentos relativos a quem sofre violência.....	260
Gráfico 27-	Sentimentos mais relativos a quem sofre violência.....	261

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>A LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS ESTUDOS SEMÂNTICOS: NOÇÕES TEÓRICAS RELEVANTES PARA TRATAR DO CONCEITO VIOLÊNCIA.....</b>	<b>19</b>
1.1	PRESSUPOSTOS PARA TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS.....	32
1.2	MODELO COGNITIVO IDEALIZADO.....	45
1.2.1	<b>Modelo cognitivo de esquema de imagens.....</b>	<b>52</b>
1.2.2	<b>Modelo cognitivo proposicional.....</b>	<b>56</b>
1.2.3	<b>Metáfora e metonímia- modelos metafóricos e modelos metonímicos.....</b>	<b>59</b>
1.2.4	<b>Modelos cognitivos simbólicos.....</b>	<b>73</b>
1.3	INTERFACE DA SEMÂNTICA COGNITIVA COM OUTRAS ÁREAS: LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA.....	76
1.4	O QUE SÃO CONCEITOS ABSTRATOS PARA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	85
<b>2</b>	<b>VIOLÊNCIA: UM OLHAR SEMÂNTICO-COGNITIVO.....</b>	<b>93</b>
2.1	VIOLÊNCIA.....	93
2.2	LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA: METÁFORAS PARA EXPRESSAR VIOLÊNCIA E SUAS EMOÇÕES.....	110
<b>3</b>	<b>DESCRIÇÃO LINGUÍSTICO-COGNITIVA DA CATEGORIA VIOLÊNCIA: ESTUDOS PRELIMINARES.....</b>	<b>120</b>
<b>4</b>	<b>A VIOLÊNCIA NO DISCURSO DO ADOLESCENTE: UMA ABORDAGEM COGNITIVA- METODOLOGIA.....</b>	<b>129</b>
4.1	JUSTIFICATIVA.....	129
4.1.2	<b>Escolha do corpus.....</b>	<b>130</b>
4.1.3	<b>Escolha do instrumento: Um método de análise para capturar metáforas e estruturas cognitivas nas expressões linguísticas sobre VIOLÊNCIA.....</b>	<b>132</b>

4.2	CATEGORIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA: DESCRIÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA.....	139
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>267</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>272</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>276</b>
	ANEXO 1- TERMOS DE CONSENTIMENTO.....	276
	ANEXO2- QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS E PRODUÇÕES TEXTUAIS COLETADAS.....	279

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, estudos sobre violência têm conquistado um lugar de destaque em trabalhos de filósofos, psicólogos, educadores e estudiosos da comunicação humana. Entretanto, quando o tema é abordado na área da Linguística, o que percebemos é que tal fenômeno biopsicossocial também precisa ser estudado a partir da relação linguagem, grupo social e cognição. É justamente nesse espaço que a presente pesquisa se insere. Esta tese mostra, na verdade, o que outras já vêm demonstrando nos últimos anos: a aplicabilidade de teoria da Linguística Cognitiva, em especial, da Semântica Cognitiva, para descrever, explicar como os conceitos são expressos linguisticamente e de que forma a cultura e o meio participam desse processo.

Definir VIOLÊNCIA de forma aristotélica- com traços essenciais, fixos- é inviável, pois se trata de um conceito abstrato, não palpável, com limites imprecisos e variáveis, sendo, por isso, expresso via metáforas e metonímias. A categoria é complexa, a começar pela própria possibilidade de subcategorização (urbana, sexual, familiar, profissional, moral, escolar...), e pela relação direta que estabelece com outros conceitos abstratos, como as emoções (culpa, medo, raiva, ódio e até amor). O trabalho propõe, então, que se pense nessa rede de conceitos que se interligam, verificando sua hierarquia; quais conceitos são mais prototípicos, quais são menos na sua construção; e para isso, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados é eficaz como embasamento teórico.

De acordo com os estudos na área da Linguística Cognitiva, é uma questão empírica descobrir se há conceitos metafóricos ou estruturas cognitivas universais. Acredita-se que dada a natureza de nossos corpos e cérebros, e dados os tipos de interações físicas e culturais em que nos engajamos, é possível que existam conceitos metafóricos, esquemas de imagem e estruturas cognitivas universais. Essa hipótese vem sendo testada por Kövecses (2010), que tem estudado a influência do contexto na forma de conceptualizar algumas categorias abstratas, como sentimentos de raiva, amor, etc. - o que vem ao encontro da hipótese deste trabalho de que o meio cultural e social tem influência direta na construção do conceito em questão.

Parece oportuno verificar se há diferença nas construções conceptuais entre distintos grupos sociais e culturais, a fim de perceber se o conceito VIOLÊNCIA é entendido da mesma forma por todos, pois muito do que alguns consideram violência, para outros pode não ser, e essa discrepância nos entendimentos sobre esse conceito pode ser a causa de conflitos sociais importantes. Percebemos isso quando fundamentalistas religiosos, por exemplo,

utilizam a guerra para defender sua religião.

O que parece aqui uma argumentação trivial sobre o conceito VIOLÊNCIA, na verdade, é uma fonte rica de análise para testar a eficácia da Teoria Cognitiva dos Modelos Idealizados em um contexto real, corroborando com outros estudos que vêm sendo feito acerca de sua aplicabilidade em pesquisas empíricas. Acreditamos que este trabalho vem a somar para os estudos cognitivistas, bem como para os estudos culturais, sociais, antropológicos, pois violência é um tema atual, um fenômeno que merece mais olhares, com novas perspectivas de abordagem: abordagens cognitivistas em consonância com abordagens culturais e sociais.

Aqui no Brasil ainda precisamos de mais estudos empíricos intraculturais envolvendo linguagem, cognição e cultura, e, por acreditarmos que os adolescentes são protagonistas ou antagonistas do fenômeno, ao mesmo tempo em que estão em processo de definição de identidade, de valores, torna-se relevante optar pela análise de expressões linguísticas relacionadas à violência produzidas por esses indivíduos, justamente porque a verbalização da violência dá indícios sobre a forma como o fenômeno é elaborado por esses indivíduos.

Investigamos nesta tese, então, a expressão linguística do conceito VIOLÊNCIA, apresentada no discurso de adolescentes entre 12 e 16 anos, de diferentes contextos escolares/sociais. Objetiva-se elaborar, uma comparação entre adolescentes vitimizados (vítimas, viventes, observadores, participantes de situações envolvendo violência social, urbana, familiar), estudantes de escola pública localizada em uma região dominada pela guerra do tráfico de drogas; e adolescentes, sem histórico de vivências violentas, moradores de zona nobre, que estudam em escola privada, de zona central da cidade, com mensalidade de alto custo e sem registro de problemas relacionados à violência.

Acredita-se que adolescentes que convivem, ou/e praticam atos de violência, os expressam e graduam conceitualmente de forma diferente dos adolescentes que não fazem parte de tal contexto, pois os primeiros, diferentemente destes últimos, têm suas emoções construídas em ambientes “instáveis” socialmente e afetivamente, conforme registros obtidos pela própria escola, e isso afeta na conceptualização da categoria, conforme já citamos.

A novidade aqui não é o tema, tampouco o argumento defendido, mas a metodologia aplicada acerca da categoria em questão. A fim de obter os resultados esperados, utilizamos questionários semiestruturados e produções textuais, visto serem instrumentos que geram dados cientificamente válidos e que servem para percebermos a relação cognição e cultura.

A utilização de entrevistas orais para investigar a categoria VIOLÊNCIA já foi

realizada por Morgana Säge, em sua dissertação de mestrado em Letras pela Universidade de Caxias do Sul, em 2010. Analisar conversas orientadas sobre o tema também já foi uma técnica aplicada pela pesquisadora Ana Pelosi, da Universidade do Ceará, que desenvolve, juntamente com pesquisadores da Open University, Inglaterra, estudos sobre violência. Tem-se, portanto, percebido que entrevistar diferentes grupos sociais é relevante para pesquisas relacionadas à categoria aqui assumida e a sua construção conceitual. Porém, tais estudos já realizados não foram focados em adolescentes de diferentes contextos sociais.

É também de caráter inédito a intersecção entre questionário e produção textual acerca do tema aqui proposto. Desejamos, na verdade, verificar se no discurso produzido em forma de escrita os dados também mostram resultados satisfatórios para o objetivo que se pretende neste trabalho. Defende-se que da mesma forma que as pessoas se expressam falando, também escrevem motivadas pelos mais diversos interesses, o que torna o texto escrito uma possibilidade de expressão. As produções escritas também revelam crenças, sentimentos, opiniões, sendo, portanto, o texto um objeto de análise possível para fins de estudos semântico-cognitivos. O uso destes instrumentos já fora explorado com outros temas, como EDUCAÇÃO, mas com o tema proposto na tese é a primeira vez.

Busca-se organizar o trabalho de forma que todos os tópicos relevantes ganhem um espaço teórico. No primeiro capítulo, um resumo das principais ideias que giram em torno da Linguística Cognitiva é apresentado. O objetivo é traçar brevemente um panorama teórico dos principais conceitos que norteiam a Linguística Cognitiva e sua Semântica. Por a tese utilizar como embasamento de pesquisa a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, é prioritário abordar conceitos que a estruturam.

No segundo capítulo, tratamos sobre conceito VIOLÊNCIA, ressaltando que este é um tema que permeia diferentes áreas de pesquisa. Na verdade, analisar as expressões relacionadas à violência está a serviço de um propósito maior: auxiliar no entendimento do fenômeno, enquanto categoria conceitual, para, com isso, pensar-se na elaboração de medidas preventivas. Em tal capítulo da tese, é mostrado como é a estrutura conceitual de VIOLÊNCIA, percebida por meio da linguagem. Entender como são expressas as emoções envolvendo VIOLÊNCIA é fundamental para entender a relação social que permeia o problema. Busca-se relacionar VIOLÊNCIA com outros conceitos abstratos, vinculados à EMOÇÃO, a fim de justificar por que acreditamos que na definição do conceito VIOLÊNCIA, na sua estruturação, as emoções básicas e sociais- morais ocupam espaço.

Por assumirmos que tal conceito envolve construções metafóricas, o capítulo apresenta a noção das metáforas de SISTEMA MORAL e VIDA INTERIOR. É necessária tal

abordagem porque muitas vezes a ideia de violento tem a ver com a ideia de justo e/ou moral (“se a violência foi por legítima defesa, é menos grave do que se foi sem motivo aparente”).

Após apresentado o referencial teórico, o trabalho da tese é focado na tarefa empírica: o terceiro capítulo apresenta alguns estudos anteriores sobre o tópico, para na sequência explicar os procedimentos e instrumentos utilizados para compor *corpus* de análise. É descrita no quarto capítulo a análise de dados obtidos, bem como a comparação dos grupos selecionados, tentando responder assim as hipóteses que norteiam esta tese.

A última parte da tese é dedicada ao fechamento da proposta, verificando se os objetivos foram atingidos ou não, e se as hipóteses se confirmaram ou não. Segue-se então com o trabalho.

## 1 A LINGUÍSTICA COGNITIVA E OS ESTUDOS SEMÂNTICOS: NOÇÕES TEÓRICAS RELEVANTES PARA TRATAR DO CONCEITO VIOLÊNCIA

O objetivo deste capítulo é descrever de forma sucinta os principais conceitos que norteiam a pesquisa aqui desenvolvida. Iniciamos com uma breve explanação sobre o contexto em que surgiram os estudos linguísticos cognitivos, e sua semântica. Na sequência, apresentamos uma fundamentação teórica sobre *categorização*, conceito-base para os estudos desenvolvidos nesta tese. Entram em jogo a noção de prototipicidade e a noção de modelo cognitivo, originadas a partir dos estudos de categorias. Como a tese se sustenta nos Modelos Cognitivos Idealizados, em sua aplicabilidade, este capítulo detalha com mais precisão seus pressupostos, seus conceitos-chave, como *imagem*, *esquema*, *metáfora*, *metonímia*. São descritos aqui os tipos de modelos cognitivos, a fim de melhor explorarmos os dados obtidos na pesquisa empírica. Seguimos então com os pressupostos apontados.

Há muito se discute sobre como definimos objetos, entidades, sentimentos; sobre como explicamos o mundo. Uma das várias discussões científicas e filosóficas é acerca do pensamento e da linguagem. A razão é universal; porém, acreditamos que a forma de conceptualizar o mundo e os seus mistérios difere entre os indivíduos, de acordo com suas vivências. E a linguagem é uma forma de expressão desta conceptualização.

Como afirma Fauconnier (1999), a linguagem é a janela do pensamento. E segundo Feltes (2007), para enxergarmos através dessa janela é necessário traçar e correlacionar traços profundos de nosso pensamento, processos cognitivos e comunicação social, associando-os com manifestações linguísticas. Ou seja: a relação entre a palavra e o mundo é mediada pela cognição.

A Linguagem pode externalizar nossos pensamentos através de símbolos. O significado associado ao símbolo linguístico relaciona-se com a representação mental de um conceito. Conceitos derivam de percepções. A informação perceptual do mundo é integrada a uma imagem mental. Enquanto nossa conceptualização é ilimitada no escopo, a linguagem apenas oferece prompts para a sua construção. Assim, temos uma primeira noção da importância de se estudar a linguagem, ligada à cognição: sua função simbólica.

Sabemos que a interação humana é essencial em nossa existência e que sem linguagem- em suas diversas formas- não haveria tal possibilidade. Não há cultura, não há contexto social, não há história se não houver interação. Desta forma, viver inclui relacionar-se; e relacionar-se implica, também, saber jogar com as palavras. Wittgenstein (1979) tratou

dos jogos da linguagem numa tentativa de explicar que há mais em/no jogo além de meras palavras dialogadas. Austin (1962) e Searle (1969), com os atos de fala demonstraram a importância do contexto na definição do dito. Grice (1975) com seu estudo sobre Princípio da Cooperação tratou do assunto, acrescentando o papel da inferência, do implícito na interação. Então, além de pensarmos a linguagem como função simbólica, percebemos que é também reflexo/refração da interação. As palavras tratam e refletem/refratam um mundo, ganhando novos significados na interação.

Entender que em frases corriqueiras como “estou explodindo de raiva” há em jogo, na verdade, a demonstração de uma emoção e, que, de fato, o corpo não irá saltar pelos ares literalmente, vai além de compreender o que é dito. É preciso entender o que está implícito, o que o contexto determina, e o que sentimos, pois, ao ouvirmos a expressão citada, conseguimos “sentir na pele” o que tentaram explicitar. Essa busca em tentarmos explicar em palavras o que sentimos é um mistério de nosso pensamento. Como conseguimos entender o outro e sua emoção com uma frase como esta que foi citada? Nosso corpo reage às nossas emoções. Nossas emoções reagem em nosso corpo.

Precisamos expressar nossos sentimentos e às vezes as palavras facilitam, na medida em que as sentimos. Linguagem, portanto, serve para transmitir ideias, sentimentos. E a utilização de metáforas serve para explicarmos alguns conceitos inexplicáveis pelo mundo físico. Isso nos faz pensar que a metáfora deixa de ser um ornamento linguístico, para ser parte fundamental de nossa cognição. Mais do que um enfeite, a metáfora participa na nossa forma de conceituar o mundo e nossas relações. Metáfora está ligada à linguagem, à cognição e à emoção.

Como vimos até então, a linguagem simboliza, transmite e expressa conceitos, inclusive os abstratos, como as nossas emoções. Ou seja: faz parte da criação-construção humana (biológica e cultural), atuando em nossa interação com o mundo. E também sabemos que não é de hoje que se estudam os aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e culturais da linguagem. Tal tema vem sendo objeto de investigação científica há décadas.

Saussure (1971) traz em seus estudos a língua como objeto de Ciência, sendo a Linguística, então, o estudo da língua. O linguista estabelece um modelo para o tratamento das línguas em geral e propõe um método de estudo: a comparação entre as formas, definindo o signo linguístico como unidade de análise, que se constitui a partir da união entre uma imagem acústica (significante) e uma imagem mental (significado). Sua Linguística se desenvolve com estudos do significante. Os estudos sincrônicos são então valorizados.

Sapir (1972) aponta uma relação entre língua e cultura. Surge com seus estudos a hipótese Sapir-Whorf ou Relativismo Linguístico, criticada por apontar uma estreita relação entre culturas e constituição das línguas. A crítica ao seu trabalho se dá por não concordarem com o determinismo entre língua e cultura apontado na hipótese, e pela ilimitada relativização das estruturas que a teoria permite. No final do século XX e início do XXI surgem trabalhos sobre cultura de povos e construção significativa de suas línguas. Tais estudos seguem, entretanto, por um viés mais antropológico.

O Estruturalismo desencadeia estudos funcionalistas, que seguem investigando a Língua, vista então como objeto de comunicação, focando-se no uso, na linguagem como meio de mensagem.

Chomsky, com sua revolucionária Gramática Gerativa, surgida depois da Segunda Guerra Mundial, em oposição à teoria behaviorista, direciona os estudos da linguagem para o campo da Ciência Cognitiva.

Ao defender que o ser humano não pode ser “treinado” para aprender a língua, e ao afirmar que, diferente do que se defendia no Behaviorismo, a aquisição da linguagem não é baseada em estímulo e resposta, mas inata - que o ser humano possui um aparato genético no cérebro, uma faculdade da linguagem-, Chomsky traz à tona a importância da cognição nos estudos linguísticos. Seus estudos foram considerados pela Psicologia, pela Neurociência e até hoje se destacam principalmente na área da Sintaxe Computacional. A Teoria Gerativa torna a língua objeto de análise formal e científica: há uma abstração na análise linguística; porém, os estudos são baseados em falante ideal, não entrando em jogo aspectos sociais, pessoais, culturais.

Após a Teoria Gerativa, outras teorias surgem relacionando cognição e linguagem; umas derrubando alguns preceitos até então defendidos por Chomsky, outras, criando novos pontos de vista. Aspectos pragmáticos das relações entre língua e cultura ganham espaço nos estudos posteriores a Chomsky. Estudos de *frames* de interação surgem como foco de pesquisa científica, e aspectos socioculturais e conversacionais intervenientes na construção dos enunciados linguísticos começam a ser levados em conta de maneira cientificamente aplicada. Assim, surgem pesquisas focalizando o funcionamento das línguas naturais em uso nas comunidades sociais e culturais.

Os estudos funcionalistas, que tratam a língua como estrutura maleável que se adapta às necessidades de pensamentos e interações entre os homens, dividem-se, então, em duas vertentes: uma externalista, analisando a relação entre forma e função nas motivações que atuam na superfície discursiva, investigando a iconicidade, os princípios conversacionais; e a

outra internalista, investigando as razões internas de a língua ser como é, ou seja, os aspectos cognitivos que expressam relações entre pensamento e linguagem.

A Ciência Cognitiva, de acordo com Lakoff (1989), é um novo campo de investigação que traz junto ao que já é conhecido sobre a mente muitas outras disciplinas- Psicologia, Linguística, Antropologia, Filosofia. Seu caráter é interdisciplinar, na medida em que relaciona mente/cérebro com diferentes processos: humanos, biológicos, psicológicos, sociais, etc.

De acordo com Feltes (2007), podemos separar os estudos cognitivos, sobre linguagem, mente e cultura (e emoção), em dois momentos: a primeira geração e a segunda geração de estudos. A autora esclarece que essa divisão serve apenas para facilitar a explicação do percurso das Ciências Cognitivas, mas não é algo definitivo, já que não é possível afirmarmos que os programas de pesquisa tenham efetivamente este caráter geracional. De acordo ainda com a autora, o que ocorre na passagem da primeira geração para a segunda é uma reversão da relação entre Filosofia e Ciência Cognitiva. Na primeira geração, a Filosofia controla os estudos, dominando sobre a pesquisa empírica. Esse quadro muda na segunda geração, já que surgem questionamentos sobre falta de dados empíricos para a suposição de uma evidência filosófica.

A primeira geração das Ciências Cognitivas trata o tema linguagem/ mente/ cultura/ emoção pelo viés de uma vertente dualista, ou seja, há a mente, há o corpo. São duas partes de um mesmo ser humano. Mente, como Chomsky defende, é modular, separada do corpo, em termos de funcionamento. Daí a famosa expressão: “seja racional, não haja pela emoção”- como se emoção e razão fossem duas facetas de uma pessoa.

Dentro desse contexto da primeira geração, que compreende o período das décadas de 50 e 60, também é possível perceber divisões científicas.

Para o Objetivismo, o pensamento é uma manipulação mecânica de símbolos. A ideia de que é possível comparar a mente com um computador parece plausível nesta percepção de análise cognitivista. Seguindo essa linha, a mente fornece uma representação física da realidade sob forma de um código simbólico, como uma máquina faria. A realidade é percebida como algo pronto fora de nosso cérebro e a linguagem expressa exatamente o que a mente vê no mundo físico. Linguagem é reflexo, retrato da realidade. Palavras refletem o mundo.

Já sob uma perspectiva mais simbólica, que refuta o ponto de vista objetivista, a mente organiza significados, construindo-os não somente como um retrato fiel da realidade, mas como um processo dinâmico, em que intenções, desejos, contexto entram em cena, ou

seja, o papel semântico é dividido com o papel intencional na construção do significado, no desenvolvimento do pensamento, na perspectiva simbólica.

O Conexionismo surge apontando a falha do Simbolismo em não explicar como ocorre essa intersecção entre semântica e contexto. Há um questionamento de como é feita transferência do mundo real para o mundo simbólico da mente; como ocorre a transferência do conhecimento codificado no cérebro, enquanto substância física e arquivado na mente. É com o Conexionismo também que surge uma reflexão sobre os conceitos abstratos e de como eles ocupam lugar na mente, como ficam gravados mesmo que não existam no mundo real, no mundo físico e visível.

O Conexionismo estuda os sistemas neurais do cérebro, tentando responder a esses questionamentos. Há uma preocupação em investigar a possibilidade de comportamentos inteligentes através de modelos baseados na estrutura e no funcionamento do cérebro humano com o uso de redes neurais artificiais, a fim de entender como ocorrem processos de aprendizagem, como as experiências do ser humano reagem no cérebro e até mesmo como é possível alterar a força das sinapses neuronais possíveis pela experiência do ser humano. A máquina torna-se então um modelo para a teoria, uma tentativa de reproduzir a mente humana e com isso compreender os mistérios do pensamento.

Mas é na segunda geração de estudos, da qual Lakoff, Johnson, Fauconier, entre outros, fazem parte, que os estudos tomam outro rumo; quando se aponta a possibilidade de perceber a mente como parte do corpo. Até então, a mente era objeto de estudo, sem ser levado em conta o corpo. Na segunda geração, o dualismo perde espaço para o interacionismo mente/corpo. Estudos apontam que as emoções são corpóreas. A Neurociência, a Neurofisiologia, a Psicologia unem teorias com o intuito de compreender como o corpo influencia na conceptualização, defendendo que a mente é ecologicamente situada.

Essa segunda geração questiona as visões simbólica e conexionista, por acreditar em uma abordagem atuacionista, de corporificação. Os símbolos não são descontextualizados; o corpo, a mente e o mundo se integram na formação da conceptualização humana- não há nada autônomo, independente e distinto.

Essa segunda geração possui como princípio, segundo Feltes (2007), as seguintes proposições:

- 1) A origem de nossa estrutura conceitual está em nossa experiência sensório-motora e nas estruturas neurais;
- 2) As estruturas mentais são significativas devido à sua conexão com nosso corpo e nossas experiências corpóreas;

3) O sistema conceitual é pluralístico e não monolítico, de forma que os conceitos abstratos podem ser definidos a partir de múltiplas metáforas que podem ser inconsistentes entre si;

4) Há um nível básico de conceitos a partir do qual se organizam parte de nossos esquemas motores e da capacidade para percepções gestálticas e formação de imagem;

5) As estruturas de nosso cérebro projetam a ativação de padrões de áreas sensório-motoras para níveis corticais mais altos, constituindo as chamadas metáforas primárias. Essas projeções nos possibilitam conceptualizar noções abstratas baseadas em padrões inferenciais, utilizados nos processos sensório-motores e ligados diretamente ao corpo;

6) As estruturas dos conceitos incluem tipos diversos de protótipos, tais como: casos típicos, casos ideais, estereótipos sociais, exemplares salientes, pontos de referência cognitivos, entre outros;

7) A razão é corpórea, já que formas de inferências fundamentais possuem origem em formas sensório-motoras e em outras formas de inferência que, por sua vez, possuem como base a experiência corpórea;

8) A razão é imaginativa na medida em que o mapeamento das formas de inferências é feito através de modos abstratos de inferências pela metáfora.

Para estudiosos como Gibbs, a cognição “é um processo ativo que ocorre quando o corpo se engaja no mundo físico e cultural, devendo ser estudado em termos de interações dinâmicas entre pessoas e o ambiente” (GIBBS, 2006). Nesta perspectiva, o termo cognição corpórea significa que a cognição depende dos tipos de experiências resultantes de se ter um corpo com várias capacidades sensório-motoras, e que estas capacidades individuais fazem parte de um contexto biológico, psicológico e cultural. É essa concepção que assumimos aqui- por crermos que a linguagem é parte da cognição humana e interage com outras habilidades como memória, percepção. E não há como pensar em espaço, em percepção, sem pensar no corpo em interação com o mundo; são nossas experiências que permitem nossas relações com o mundo; é a nossa experiência corpórea que constrói nossa realidade. Pensamos, agimos e damos sentidos ao mundo via nossas experiências corpóreas. E a linguagem expressa essa relação.

Por tudo que foi explicitado, é fácil perceber que a linguagem merece ser investigada, já que é parte importante da cognição humana, e da interação com outros sistemas cognitivos. Ciência da linguagem- Linguística- é tomada como estudo da relação mente/corpo/mundo/linguagem. A Linguística Cognitiva é cognitiva no mesmo sentido que o são outras ciências cognitivas (Psicologia Cognitiva, Neurociência, Inteligência Artificial,

Antropologia, Filosofia, etc.), na medida em que assume que a nossa interação com o mundo é mediada por estruturas mentais. Mas é, por natureza, mais específica, já que se ocupa unicamente da linguagem como um dos meios de conhecimento, conforme defendem seus estudiosos.

Retomamos com a defesa de que Chomsky, com sua nova proposta de relação entre cérebro e linguagem, é um grande contribuinte para que hoje possamos pensar no termo Linguística Cognitiva. Não queremos, portanto, assumir aqui uma oposição aos estudos formais, pois, como Feltes (2007) explica, negar a validade dos estudos formais é negar tratamento de vários fenômenos lógicos que estão presentes na nossa língua natural. Porém, percebemos que fica evidente que a Linguística Cognitiva emerge de uma insatisfação com a abordagem formalista da língua, surgindo de um afastamento teórico de pesquisadores oriundos principalmente da Semântica Gerativa.

Os novos linguistas partem da Gramática Gerativa para defenderem seus preceitos. A Sintaxe, porém, deixa de ser o foco primordial de estudos, cedendo espaço para um estudo conectando todas as disciplinas linguísticas: não há mais uma separação formal entre Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica- todas podem ser estudadas como um continuum pela Linguística Cognitiva. As estruturas linguísticas se moldam às necessidades localizadas de expressão e comunicação, como aponta a vertente funcionalista, e o significado dos enunciados passa a ser guiado pelas formas linguísticas; passa a ser visto como uma construção mental que expressa a ligação entre conhecimento e linguagem, sendo validado no contexto comunicativo. A Linguística Cognitiva estabelece que a gramática não pode mais ser vista como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou sentenças, mas sim um conjunto de princípios gerais e processuais que opera sobre bases de conhecimento. A língua é agora o que citamos no começo do capítulo: um instrumento que simboliza, que empregamos para expressar pensamentos e interagir em sociedade.

De acordo com Talmy (2000), a Linguística Cognitiva examina as propriedades formais da linguagem a partir da perspectiva conceptual, que se preocupa em como o conteúdo conceptual está organizado na linguagem. Também se ocupa de uma abordagem psicológica, a qual inclui a análise de memória semântica, a associatividade de conceitos, a estrutura de categorias, a geração de inferências e conhecimento contextual. A segunda geração das Ciências Cognitivas é fundamental para essa nova percepção de estudo da linguagem, segundo Talmy, pois, como há uma corporificação dos conceitos, a linguagem passa a servir como transmissora dessa relação mente/corpo/mundo.

Podemos verificar, portanto, que a Linguística Cognitiva não é totalmente ligada aos

estudos estruturalistas, na medida em que não percebe a língua como um sistema que basta a si mesmo, bem como se opõe aos estudos gerativistas, na medida em que a faculdade da linguagem não é vista como unidade autônoma.

Langacker (1987) considera a Linguística Cognitiva como pertencente à tradição funcionalista dos estudos sobre a linguagem, pois apesar de diferentes linhas de metodologia e de visão teórica, as abordagens cognitivas e funcionalistas são complementares, na medida em que a linguagem, em ambas as visões teóricas, serve para simbolizar, expressar e interagir. A interação não pode ser propriamente entendida ou descrita sem uma caracterização detalhada das concepções que essas mentes possuem, como aponta o autor, o que inclui as concepções sobre a própria interação e as concepções dos interlocutores. Langacker cita fatores que expressam a atitude amplamente compartilhada entre linguísticas cognitivas e funcionalistas:

- Ambientais: o ambiente fornece uma base experiencial comum para o desenvolvimento da estrutura semântica;

- Biológicos: o que se estabelece para a linguagem deve ter plausibilidade a partir de uma perspectiva biológica (anatômica, fisiológica, perceptual, neurológica, genética);

- Psicológicos: os estudos sobre a linguagem devem ser compatíveis com o que se sabe sobre estudos psicológicos, devendo ser confrontados com evidências psicológicas;

- Desenvolvimentais: a estrutura de um sistema linguístico é produto da aquisição da linguagem;

- Históricos: a gramaticalização constitui o estudo da gramática em si, à medida que todos os aspectos de um sistema gramatical estão em algum estágio de um processo de gramaticalização em curso;

- Socioculturais: a linguagem é um instrumento essencial e um componente da cultura, cujos reflexos na estrutura linguística é ubíquo e muito significativo.

Langacker aponta diferenças entre os estudos descritivos- como a Teoria Gerativa- e os estudos funcionalistas. Estes últimos apresentam uma diversidade metodológica expressiva, com coerência global, mesmo que nem sempre coloquem em evidência seus compromissos descritivos. Ainda de acordo com o autor, a estrutura da linguagem fornece a coerência da Linguística Cognitiva Funcional, já que padrões estruturais sancionam expressões usadas na construção do discurso. Para o estudioso, a linguagem não é fixa, sempre são negociados os significados na interação social. Os elementos linguísticos não são como objetos alojados no cérebro, mas partes de atividades neurológicas.

Langacker defende duas habilidades cognitivas básicas: a abstração e a categorização. O autor ainda aponta os seguintes pressupostos para uma investigação

linguístico-cognitiva, que resumem o que já apontamos neste trabalho:

a) Não existem universais semânticos, diferentemente do que apregoam certas linhas de pesquisa. A estrutura semântica de uma língua é definida em função de convenções imagéticas e é caracterizada em relação às estruturas do pensamento;

b) A organização gramatical não ocorre num nível de representação formal autônomo destinado para tal. A gramática é naturalmente simbólica e decorre de convenções sobre a estrutura semântica de uma língua;

c) A divisão entre os componentes lexical, morfológico e sintático é arbitrária, não existindo uma distinção significativa entre si. Eles formam um *continuum* que, na verdade, se apõe ao chamado componente semântico.

Os estudos de Lakoff e Johnson (1999) tornam-se fundamentais para a percepção de que é impossível separar conceitos de linguagem, de uso. Além disso, tais pesquisadores ainda apontam a importante relação entre linguagem, emoção e cognição, de forma científica, embasada em estudos de prototipicidade. A metáfora, citada no começo desta tese, passa a ser investigada como mecanismo cognitivo- passa então a ser metáfora conceptual, não apenas linguística, servindo para explicar conceitos/experiências não-físicos existentes no mundo. Parte-se do concreto para explicar domínios abstratos. É uma forma de expressar linguisticamente conceitos não palpáveis, mas sentidos, experienciados. Aspecto inédito, até então, a ser abordado pelos estudos linguísticos.

Para Lakoff e Johnson (1999), a razão é evolucionária pelo fato de, mesmo na sua forma mais abstrata, fazer uso da natureza animal de modo que a sua essência coloca o ser humano em um *continuum*. Do mesmo modo, os autores explicam que a razão é também universal, tendo em vista ser uma capacidade compartilhada por todos os seres humanos. Essa razão, na maior parte do tempo, é, segundo a dupla, inconsciente, estruturando-se conceptualmente por causa das experiências vividas. O entendimento de nossa estrutura conceptual oferece subsídios para explicar “por que nós temos as categorias que temos, por que temos os conceitos que temos, e como nossa incorporação molda nosso raciocínio e a estrutura do entendimento que forma a base para o que tomamos ser verdadeiro” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 97-98).

Finalizando a busca por uma definição do papel da Linguística Cognitiva no campo das Ciências Cognitivas, vale citar as premissas apontadas por Salomão (1999, apud CHIAVEGATTO, 2009) para uma investigação linguístico-cognitiva.

A primeira premissa envolve o princípio da escassez do significante, que se manifesta pela impossibilidade de a forma linguística “dizer” tudo o que se quer significar.

Assim, segundo a autora, podemos afirmar que há a subdeterminação do significado pelo significante, permitindo que ultrapassemos a distinção tradicional entre o sentido da sentença e o sentido do falante.

Também se dilui, segundo a autora, a distinção entre significados literais e não literais, pois tudo o que pertence à ordem pragmática se agrega à significação, ao contexto dinâmico da situação comunicativa, conforme a autora. Os sentidos figurativos, as implicaturas, as ironias, o humor, explica Salomão, tornam-se centrais para relacionarmos cognição e linguagem. A informação extralinguística, antes periférica, instala-se no próprio centro da interpretação da linguagem, aponta a pesquisadora.

O significado, neste contexto é então vivo e dinâmico, sendo construído e desconstruído para propósitos diversos.

A segunda premissa envolve a semiologização do contexto. O contexto, segundo Salomão, é dinâmico, não é estático. Por isso, entram em cena os estudos sobre frame, perspectiva, foco. O mundo como o percebemos e conceptualizamos é também sinal a ser agregado à interpretação, explica Salomão. Ele se estabelece como uma continuidade entre o linguístico, o contexto e a realidade. O contexto é que valida o significado das construções. Tomamos como contexto aqui o que Sperber e Wilson (1990) apresentam: contexto é um conjunto de premissas em nível psicológico, um conjunto de suposições de falante e de ouvinte sobre o mundo, que afeta, conforma e determina a compreensão de um enunciado em um ato comunicativo. Crenças, valores, experiências influenciam, portanto, entendimentos/interpretações. Tudo isso faz parte do contexto, que pensamos ser sempre online.

A terceira premissa para a autora é de que para as construções linguísticas fazerem sentido, é necessário que interpretemos os sinais que compõem os enunciados em relação à interação social no qual se inscreve, e aqui entra em jogo o contexto novamente: o sentido não se constrói em si mesmo, mas para alguém, mesmo que para si. Fazer sentido envolve assumir um papel e uma perspectiva sobre uma cena, com todos os ingredientes que um ato requer. Há cenários, personagens, papéis, etc. Por isso a importância de estudarmos na Linguística Cognitiva noções como *frames*, *scripts*...

Os processos de construção de significados não são segundo Salomão, propriedades das formas, mas são contextualmente construídos. As formas da língua ativam processos mentais que não são exclusivos da linguagem, mas a elas servem tanto quanto a outras habilidades cognitivas, como já foi apontado anteriormente. Compartilhamos percepções (gestalts) de conjunto, distinguimos figura-fundo, efetuamos mesclagens cognitivas, e todas essas operações também são compartilhadas por outras habilidades cognitivas. É por toda essa

correlação entre a Linguística e outras áreas de pesquisa que pensamos na Linguística Cognitiva como uma área interdisciplinar que busca compreender os processos de significação pelo viés da linguagem.

Como se percebe até agora, na própria estrutura da Linguística Cognitiva, os estudos do significado são o ponto central da teoria, o que impossibilita a sua dissociação com a Semântica. Quando se pensa em Linguística Cognitiva, pensa-se, portanto, em Semântica Cognitiva.

Há uma importância atribuída à semântica nos estudos linguístico-cognitivos por tentar demonstrar a natureza enciclopédica e perspectivadora da significação linguística. Na verdade, é fácil percebermos tal importância, já que a função primária da linguagem é a categorização, como aponta Lakoff e Johnson (1999)- o que implica nos estudos da significação. A natureza enciclopédica da significação tem relação direta com o conhecimento de mundo, sendo, portanto, consequência da função categorizadora da linguagem.

A Semântica Cognitiva investiga os sistemas conceituais, significados e inferências, tomando como pressupostos básicos os princípios da Linguística Cognitiva, que é *experencialista*, como já apresentamos anteriormente. Os conceitos são partes do corpo, do cérebro e da experiência no mundo, e significam a partir da corporificação, especialmente por meio das capacidades perceptuais e motoras.

Os conceitos, então, são construídos não só semanticamente, mas pragmaticamente. Parte-se de um conhecimento enciclopédico, como um sistema estruturado e organizado em rede, assumindo que os diferentes aspectos do conhecimento a que uma palavra dá acesso não têm status idêntico, conforme aponta Ferrari (2011). Por exemplo, o conceito [MAÇÃ] inclui a especificação de sua forma no domínio espacial e/ou visual, a configuração de sua cor, no espaço cromático, a localidade de seu gosto no domínio das sensações, do paladar, além de uma série de especificações abstratas, tais como o conhecimento de que maçã é comestível, cresce em árvores, etc. Ou seja: os conceitos são estruturas simbólicas que ganham significados na relação com o mundo. É por isso que a Semântica Cognitiva é também chamada de *Experencialista*, por envolver experiências sensório-motoras, emocionais, sociais, culturais, além das capacidades inatas que dão forma a tais vivências e que as tornam possíveis.

Contudo, conforme explica Feltes (2007), o termo *experencial* não deve ser compreendido como as impressões do sentido que dão forma a uma *tábula rasa*; em verdade, nessa perspectiva, a autora explica que a experiência tem funcionamento ativo e faz parte do ambiente natural e social. Dados os corpos e as suas capacidades inatas de operar no mundo,

“a experiência comum é um elemento motivador, e não determinante, do que é significativo para o pensamento humano” (LAKOFF, 1988, p. 120, in FELTES, 2007).

Para Lakoff (1989), o paradigma objetivista, em que o mundo está pronto, não podendo ser criado pelas mentes humanas, é falso, e explica que as instituições são criadas pelas pessoas, que por sua vez são específicas da cultura.

A visão de mundo é reflexo da constituição de nossos corpos. De acordo com Damásio (1996), “se nossos organismos fossem desenhados de maneiras diferentes, as construções que fazemos do mundo que nos rodeia seriam igualmente diferentes. Não sabemos, e é improvável que alguma vez venhamos saber, o que é a realidade absoluta”.

A questão central do Experiencialismo é o significado, ou seja, como que as expressões e os conceitos expressos podem ser significativos. Nesse paradigma, a estrutura conceitual possui estruturas pré-conceituais. Estas- que são melhor detalhadas no capítulo seguinte- são diretamente significativas pelo fato de serem experienciadas direta e repetidamente por causa da natureza de nosso corpo e pelo modo com que atuam no ambiente. Conceitos como RECIPIENTE, CONTATO, EQUILIBRIO são exemplos pois não são meras abstrações, mas constituem esquemas imagéticos derivados de experiências sensorio-motoras. Quando falamos, portanto, “estou na corda bamba”, é possível estabelecermos relação com o conceito experiencial de equilíbrio. O mesmo ocorre com outras expressões: “estou explodindo”, como se o corpo fosse um recipiente. O pensamento é enraizado no corpo de modo que as bases do nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social.

Ainda sobre o exemplo fornecido anteriormente, para Lakoff (1989), o corpo é o acesso a conceitos abstratos; o corpo dá forma à razão.

De acordo com Gibbs (2006), o corpo interage com o mundo; as atividades via corporeidade modelam a cognição humana. Há três níveis de corporeidade, segundo o autor: nível neural, nível do inconsciente cognitivo e nível fenomenológico.

O nível neural é o que lida com aspectos conceituais, categorizadores em uma perspectiva neuropsicológica. As nossas experiências e, por conseguinte, os nossos conceitos, são corporificados dentro do cérebro. Este, por sua vez, depende também das atuações dos neurônios, que operam sempre em relação ao corpo.

O nível do inconsciente cognitivo é onde as operações mentais se estruturam e possibilitam a experiência consciente, incluindo o uso e a compreensão da linguagem. O corpo é importante para tal funcionamento, visto que o nível do inconsciente cognitivo utiliza e guia os aspectos perceptivos e motores, sendo relevante, portanto, as experiências e

atividades.

O nível fenomenológico é o nível perceptível. Está em um plano concreto de ciência de nossa parte, fazendo parte do nosso consciente. É nesse nível que estão as emoções que sentimos, é nossa experiência sentida, é o inconsciente cognitivo atuando para nós no nível consciente.

Como se vê, todos os níveis estão interligados, com destaque à atuação do nível neural, que estabelece relação da experiência com o sentimento. O nível neural, junto com as experiências corpóreas, é que determina o que os conceitos e a linguagem podem ser.

Vale destacar que pensar que a construção de significados e a base corporal são comuns a todos os seres humanos não é pensar que todos estabelecem a mesma forma de refletir sobre o mundo. O ato de pensar é universal, mas o pensamento não; este é particular, baseado em experiências corpóreas diferentes que produzem diferentes significações, construídas culturalmente. Ainda de acordo com Gibbs, as experiências sensoriais não podem ser definidas universalmente, pois variam na história, no social e no cultural. É por isso que aqui tratamos de pensar grupos culturais diferentes, com vivências diferentes, a fim de pensarmos sobre a influência disso na linguagem em uso e na forma de significação, investigando o papel da cultura na veiculação de conceitos.

O que é significativo aqui é investigar de forma analítica a construção do significado VIOLÊNCIA em grupos de jovens com diferentes vivências, a fim de compreendermos como esse significado é expresso, sob a influência da linguagem em uso, numa tentativa de identificarmos os processos cognitivos que permeiam os discursos e o contexto sociocultural. A razão para tal investigação é descobrir em que medida a cultura, o meio social, influencia as estruturas inerentes à linguagem e à cognição. E não há melhor teoria para embasar tal investigação do que a Linguística Cognitiva com sua Semântica, na medida em que cremos que os aspectos cognitivos de base corpórea, linguística e pragmática influenciam na forma de se expressar linguisticamente.

Vimos neste capítulo que há em jogo as funções sociais, culturais e comunicativas na definição de conceitos, principalmente quando são abstratos, e para entendermos as formas de pensar dos indivíduos a respeito de VIOLÊNCIA, precisamos compreender suas crenças, seus valores, seus modos de viver a vida. Ao pensarmos nessas questões, encontramos suporte teórico em Lakoff e Johnson (1999), com sua Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI).

A TMCI é útil para nossos estudos porque os modelos cognitivos podem ser pensados como estruturas cognitivas que constituem domínios dentro dos quais os conceitos

adquirem significação. Além disso, a Teoria organiza diferentes domínios de experiências, propondo-se a entender, a construir e a dar sentido às coisas e ações no mundo. A natureza representacional do significado constitui-se a partir desses modelos cognitivos, apresentando uma base corpórea, sociocultural.

O que percebemos é que há construções de significados diferentes em relação à VIOLÊNCIA, a partir de modelos de mundo diferentes. As experiências corpóreas e sociais e a relação entre indivíduo e meio, são diferentes nos grupos aqui selecionados para pesquisa. O que nos leva a crer em diferentes resultados acerca do conceito na análise dos dados.

O trabalho propõe uma análise de caráter intracultural, entendendo tal termo como a cultura de um pequeno grupo dentro de um grupo maior. Há um contexto sociocultural em que está imerso cada grupo de adolescentes aqui pesquisado. A questão é perceber como esse contexto interfere nos mecanismos cognitivos utilizados para definição do conceito aqui em questão, e como isso é importante para se pensar, já que a forma de conceptualização pode ser a causa de problemas sociais eminentes. Cabe-nos então delinear, dos grupos pesquisados, os esquemas de imagens sinestésicos, os mapeamentos metafóricos, metonímicos, os modelos proposicionais que parecem estar envolvidos no mecanismo de significação do conceito em questão, tentando assim encontrar aportes para a explicação de alguns fenômenos sociais envolvendo violência.

Para percebermos nestes grupos em análise os mecanismos cognitivos utilizados para construção do conceito VIOLÊNCIA, precisamos de um melhor entendimento da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, e para isso, destina-se a seção seguinte, que trata de explicar alguns conceitos, pontos-base, como *categorização, teoria prototípica e esquema*, para na sequência relacioná-los com a Teoria propriamente dita.

## 1.1 PRESSUPOSTOS PARA TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

Conforme explicado, cognição, cultura e meio atuam de formas simultâneas quando expressamos linguisticamente um conceito. A Linguística Cognitiva e sua Semântica surgem desconstruindo algumas noções da Primeira Geração das Ciências Cognitivas, como a ideia dualista de corpo-mente. O Experencialismo ganha forma nos estudos da segunda geração. São nossas experiências corpóreas que moldam nossa maneira de estruturar um conceito.

Essa seção destina-se a explorar os conceitos que norteiam a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. E um dos pressupostos teóricos que a fundamentam é a noção de

categorização, já que envolve o aspecto primordial na teoria aqui proposta: o significado. Vale citar que a preocupação de como categorizamos as coisas, os eventos presentes no mundo não é de agora.

Na teoria clássica da categoria, defende-se o pressuposto de que a categorização é feita através de características suficientes e necessárias, ou seja, as coisas são categorizadas a partir da base daquilo que possuem em comum. Em Aristóteles até nos últimos trabalhos de Wittgenstein (embora este tenha pensado nos jogos da linguagem) as categorias são vistas como recipientes dentro dos quais estariam as coisas, e sua identidade organizacional no grupo é definida pelas características comuns, de forma que, nessa caracterização clássica, nenhum membro da categoria pode possuir “status” especial, já que todos dividem propriedades em comum.

De acordo com a teoria clássica da categorização há uma organização inerente ao mundo físico, ou seja, o mundo é estruturado de forma objetiva e lógica e esta organização independe do ser humano. O mundo possui, de acordo com essa visão clássica, duas espécies de coisas: entidades e relações. Todas as entidades têm propriedades, que podem ser essenciais ou acidentais, conforme define Aristóteles.

Para tal estudioso da linguagem e do mundo, a essência é o que faz com que alguma coisa seja o que é, ou seja, a causa imanente da existência dos seres, a qual os limita e os individualiza como tais. Se destruímos a essência, perderemos, para Aristóteles, todo o conjunto que a comporta.

Sobre os significados próprios ou fundamentais de uma categoria, Aristóteles defende que não importa os atributos acidentais, isto é, aqueles que, estando num ser, pertencem a ele apenas, de maneira incerta, sem afetar a sua essência. Um atributo acidental da categoria ANIMAL seria, por exemplo, *selvagem*, ao passo que um atributo essencial seria *ser vivo*.

Pensando no conceito GATO: Para a teoria clássica de categorização, algo é um GATO, porque conhecemos o significado da palavra em questão. E se conhecemos seu significado, conhecemos a essência de GATO. Ou seja, atribuímos uma entidade a uma categoria X, que é construída a partir de traços que definem sua essência. É nosso conhecimento dos conjuntos de traços que definem GATO que caracteriza nosso conhecimento de significado de GATO. Por esse ponto de vista, ao pensarmos num contexto cultural brasileiro em um homem bonito, não pensaríamos, pela ótica aristotélica, em GATO, pois este conceito se referiria a um animal, por seus traços de essência.

Uma *definição* para o filósofo explica e descreve o significado de uma categoria, revelando as características gerais e específicas que permitem reconhecer um ser e diferenciá-lo de outros. Quando duas ou mais entidades dividem as mesmas propriedades essenciais, diz-se que essas entidades formam uma *categoria*. Portanto, uma categoria se define pela uniformidade interna, pela inflexibilidade- seus limites bem precisos, definidos e invariáveis- e pelas propriedades divididas, isto é, as condições necessárias e suficientes compartilhadas por todas as entidades-membros. As relações entre entidades, entre entidades e categorias e entre categorias são consideradas as responsáveis pelo estabelecimento das estruturas hierárquicas do mundo.

Os traços definitórios das categorias para Aristóteles são binários, ou seja, as coisas possuem, ou não, um traço; pertencem, ou não, a uma categoria. A Fonologia utiliza tais traços binários para sua teoria. Tal forma de conceber uma categoria também faz parte do percurso da Semântica.

Sob um enfoque semântico componencial (LYONS, 1979), é possível afirmar que a estrutura do significado de uma categoria se organiza semanticamente em termos de traços necessários e suficientes, compartilhados por todos os seus membros. Tomemos como exemplo a palavra VACA, que possui como traços: [fêmea], [bovino], [adulto],... Tais traços são diferentes, por exemplo, de TOURO, que mesmo sendo pertencente a um mesmo campo semântico, possui traços diferentes: [macho], [adulto]... Assim, a categorização se forma por traços essenciais, de forma analítica distintiva, como aponta a teoria aristotélica. Os sujeitos, assim, podem se comunicar à medida que compartilhem as mesmas distinções semânticas e as mesmas concepções do mundo.

A Análise Componencial, em geral, não se enquadra numa análise mais experiencial, não dá conta daquilo que a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados assume. Ocorre este distanciamento, por exemplo, com categorias como MÃE, que atualmente ganha novos significados, novas relações, novas definições.

A teoria semântica clássica, cujos pressupostos sustentam grande parte da metodologia componencial, não é, como assinala Lakoff (1989), uma teoria de como a mente faz com que o mundo tenha sentido, mas sim, uma teoria acerca de como são as coisas no mundo. A Análise Componencial do significado atua para orientar e estabelecer modelos semânticos ideais e fixados na cultura, o que é diferente de um olhar mais funcionalista, que tem preocupação em descrever o conceito de forma contextualizada, envolvendo juízos, pressupostos e pré-juízos sociais dos falantes de uma língua.

Os componentes semânticos centrais e básicos da categoria MÃE, por exemplo, são estritamente biológicos. Os critérios de categorização respondem a um modelo genético literal, segundo Lakoff, em que a criação e a nutrição ficam fora, e são interessantes apenas como fontes de derivação metafórica (mãe natureza, mãe dos aflitos etc.). Os pressupostos semânticos em que é sustentada a Análise Componential limitam assim, de acordo com o autor, não só o tipo de traços e sua forma de organização, mas também a quantidade de modelos ou estruturas categoriais que permitem dar sentido à experiência. A partir do enfoque cognitivo, Lakoff explica que é possível incluir também outros aspectos na descrição categorial ou estabelecer modelos alternativos que revelem informações importantes acerca da conceituação das categorias.

Wittgenstein (1979) com sua filosofia chega a direcionar os estudos da categorização para o contexto, apontando uma relação entre a linguagem e os jogos. Para o filósofo, não devemos buscar o significado, mas os usos das palavras e das sentenças, que são tão diversas quanto os jogos. Ou seja, tudo que chamamos de “signos”, “palavras”, “frases” possui diversos empregos. Não há um sentido fixo, mas jogos de linguagem que nascem enquanto outros envelhecem e morrem. O filósofo, ao analisar a palavra JOGO, explica que apesar de haver diferentes jogos- tabuleiros, bola, luta, etc.- todos têm em comum um elo que os liga ao que chamamos de JOGO. Este elo é baseado em semelhanças que se sobrepõem. Em vez de pensar em traços comuns, Wittgenstein sugere a noção de *Semelhanças de Família*, que seria, de acordo com o filósofo, semelhanças que se superpõem e entrecruzam entre os membros de uma família: estatura, cor dos olhos, andar, temperamento etc. Assim, podemos pensar em *jogos* como uma família.

Há atributos que, tipicamente, associamos com a categoria. Alguns membros apresentam alguns destes atributos, mas não há nenhum que possa ser compartilhado com todos os outros. Inclusive, pode haver membros que não apresentem nenhum atributo em comum com os demais e, por outro lado, os atributos podem ser incluídos em mais de uma categoria, já que os atributos (*semelhanças de família*) não são ‘exclusivos’. Dessa forma, explica o filósofo, os limites das categorias são difusos.

Ainda com o exemplo da palavra *jogo*, Wittgenstein aponta que é um conceito com limites apagados. Não há como definir de forma fechada tal conceito, não há como precisar o que ainda é um JOGO e o que não é, pois não há um limite traçado único, tampouco a certeza de ter limite.

Se a estrutura das categorias consiste em um conjunto de semelhanças de família e não em traços mínimos essenciais compartilhados e se, como ocorre muitas vezes, as

categorias mesclam-se com outras (possuem limites difusos, apagados), o conhecimento de uma categoria não nos permite definir com precisão quais membros pertencem ou não a ela. Para o filósofo, a aprendizagem de um conceito não ocorre pela aprendizagem de traços abstratos e essenciais, supostamente comuns a todos os membros, mas sobre a base de exemplares.

Wittgenstein, porém, não desenvolve sistematicamente as ideias de *semelhança familiar*. Outros estudiosos são quem conectam tais noções com resultados experimentais, dando forma a uma perspectiva semântica alternativa à teoria clássica. As ideias e a certeza de Wittgenstein de que a teoria clássica do significado (e da categorização) é inadequada para prever a classe denotacional das palavras são confirmadas empiricamente a partir dos estudos que se originam na Psicologia Cognitiva, que começa a perceber o sujeito como também fonte de significado.

Somos seres experienciadores e neurais. De acordo com Feltes (2007), a projeção de padrões neurais possibilita conceituar tanto o mundo constituído de formas e conceitos concretos quanto de conceitos abstratos mais complexos, com base em padrões inferenciais utilizados em processos sensório-motores, que estão diretamente ligados ao corpo. Ou seja, observamos e experienciamos; e armazenamos vivências em nossa mente em formas de conceitos.

Conceito pode ser definido então como um processo, não como um produto, já que não está objetivamente definido no cérebro. Os conceitos ganham forma na interação, na situação comunicacional, na experiência corporal. Eles se localizam em nossa memória de trabalho, atuando como construções temporárias, como afirma Sage (2011). Segundo a autora, a estabilidade ou a instabilidade de um conceito deriva da acessibilidade das informações no cérebro, que variam conforme sua frequência de utilização, seu contexto de uso.

Ao olharmos em nosso redor, ao percebermos gestos, ao associarmos nossos atos com os fatos estamos interagindo com o mundo e, por conseguinte, conceituando tais vivências. É nessa experiência que começamos a ver alguma coisa como um tipo de coisa. Se pensarmos, por exemplo, no conceito concreto FACA- sugerido por Sage-, compreenderemos que sua construção conceptual não é estanque, mas variando de acordo com o seu contexto de uso. Assim, FACA pode ser objeto de CATELARIA, pode ser exemplo de ARMA, pode ser um tipo de FERRAMENTA. Ou seja: o conceito FACA pode ser visto como uma coisa parte de um tipo de coisa, dependendo de seu contexto. Essa classificação que fazemos de forma inconsciente, essa organização por tipos, por grupos, é o que chamamos de “categorização”: É um processo cognitivo de compreensão das características dos objetos por critérios de

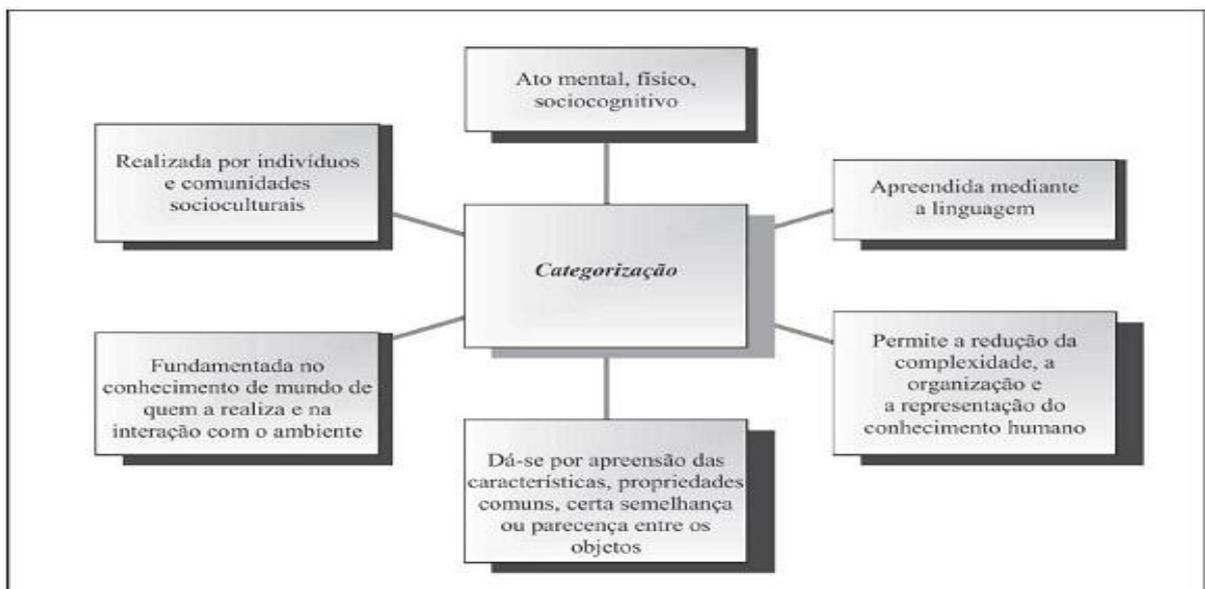
similaridade ou semelhança contextuais. Categorizar é uma forma- cognitiva- de organizar o mundo.

Desde que nascemos, estabelecemos classificações, ou seja, já categorizamos ainda bebês. Categorizar implica selecionar. Lakoff e Johnson (1999) afirmam que até as amebas para sobreviverem precisam fazer seleção do que é importante para suas existências. Apreendemos da nossa realidade aquilo que faz mais sentido e essa forma de armazenar as informações obtidas a partir de nossas vivências é que fundamentam, para além de nossos conceitos, a nossa forma de perceber o mundo e o outro. Sabemos o que pode nos matar, o que pode nos alimentar, o que pode nos satisfazer, o que pode nos perturbar, etc.

Enquanto ato mental, categorizar é inerente às ações humanas, pois permite que sejam recordados elementos que propiciem a economia cognitiva (conceito trabalhado por Rosch e Mervis, 1975, apud VANIN, 2012) aos indivíduos.

Segundo Vanin (2012), divide-se o mundo em categorias para diminuir a quantidade de informação que se precisa aprender, perceber, lembrar e reconhecer; sem isso, a vida seria caótica e cada experiência se configuraria como exclusiva. Nosso cérebro não conseguiria manter ativas tantas informações exclusivas. Trata-se, portanto, de um mecanismo cognitivo que simplifica a experiência e a relação dos indivíduos com o ambiente, possibilitando comparar situações e estabelecer posições sobre as mesmas. O quadro a seguir, proposto por Vichery (1980), apresenta algumas definições para CATEGORIZAÇÃO:

**Quadro1- elementos salientes nas definições de categorização**



FONTE: VICHERY, 1980

Assim, percebemos que a aquisição do conhecimento é um processo ativo. É uma interação concreta entre o ser humano e seu ambiente. Categorização tem relação com mente, corpo, mundo. O ambiente influencia o modo de pensar o mundo. Na realidade, o conhecimento de mundo é constituído por diversos conhecimentos que variam conforme os indivíduos, tais como os conhecimentos relacionados aos diferentes níveis de atividades em raciocínio lógico e memória visual, os conhecimentos linguísticos, o conhecimento enciclopédico, bem como pelas experiências vivenciadas pelos indivíduos.

‘ É a experiência, a noção de significativo para o pensamento que faz com que os esquimós, por exemplo, tenham várias graduações de branco, enquanto os brasileiros classificam em apenas um grupo tal cor. Por isso, é inviável pensar que a classificação de um elemento é única. A própria experiência de julgamento está atrelada à experiência bio-psicossocio-cultural, envolvendo emoções. Parece plausível assim um aluno filho de traficante considerar seu pai uma VÍTIMA da sociedade e a polícia, uma FORÇA DO MAL (como percebido nas conversas informais, anteriores ao questionário respondido, com os adolescentes vitimizados), ao mesmo tempo em que a maioria da sociedade brasileira que está mais distante desta experiência considera o oposto.

Nesse contexto, faz-se importante a noção de *categoria ad-hoc*, proposta por Barsalou (1993, apud SAGE): é aquela categoria que possui diferentes características e que estas são ativadas em diferentes contextos, isto é, o conceito, que tem uma base estabelecida ganha diferentes formas no contexto de uso.

Mervis & Rosch (1981, apud FELTES, 1992) afirmam que uma categoria existe sempre que dois ou mais objetos ou eventos distinguíveis são tratados equivalentemente. Esse tratamento de equivalência, segundo os autores (nas palavras de Feltes), pode tomar um número de formas variável, envolvendo desde rotular objetos ou eventos distintos com o mesmo nome até realizando a mesma ação sobre objetos distintos, pois as situações de estímulo são únicas, mas os organismos não a tratam desta forma; eles respondem na base de aprendizagem passada e categorização.

Na verdade, o que ocorre é que categorizamos pessoas, animais e objetos físicos; e muitos de nós pensamos que as coisas são como são, que naturalmente se ajustam em nossas “gavetas” do cérebro, separando-se automaticamente, como se fosse uma relação perfeita entre as coisas do mundo e os nossos conceitos. Entretanto, como já percebemos, as categorias não são definição estanque, e não são categorias de coisas, mas representação de entidades concretas e abstratas, como eventos, ações, emoções, relações espaciais e sociais, bem como outros entes abstratos de um enorme alcance. Nesses termos, Lakoff (1987)

defende que qualquer descrição adequada do pensamento humano precisa propiciar uma teoria que englobe todas as categorias, tanto as concretas quanto as abstratas.

Visto isso, podemos definir CATEGORIZAÇÃO como um processo sociocognitivo de ordenação e relacionamento dos conceitos em um dado contexto, que se faz presente em vários momentos do tratamento da informação dos registros do conhecimento.

O contexto, que antes foi definido de acordo com Sperber e Wilson (1990), pode ser visualizado em consonância com Van Dijk (1992, p. 89, apud BARRETO, 2011), "(...) como algo dinâmico (que) muda de acordo com os princípios causais, convenções e demais restrições sobre as sequências dos eventos e ações". É algo variável e flexível, de base intrinsecamente sociocognitiva, que concede a categorização uma elasticidade e dinamicidade, sobretudo, relacionada a sua condição causal. Os estudos da Psicologia Cognitiva demonstram a importância do contexto na categorização, já que defendem que os exemplos típicos, os protótipos têm relação com as experiências corpóreas.

De acordo com a "Teoria Prototípica", a categorização vai além do que a teoria clássica postula como princípios. A primeira fase da teoria de Rosch, conforme aponta Feltes (2007), tem relação apenas com a distinção dos protótipos feita basicamente por: a) saliência perceptual; b) maior memorabilidade, ou seja, são apreendidos mais facilmente; e c) generalização feita através de um estímulo para outro que lhe seja similar fisicamente.

Na segunda fase de estudos de Rosch, já há a noção de que os efeitos prototípicos promovem a caracterização da estrutura interna da categoria. Assim, os melhores exemplos podem refletir a estrutura interna desta, como descreve Feltes (2007). É nesse contexto, segundo a autora, que Lakoff (1987) questiona se os efeitos prototípicos caracterizam a estrutura da categoria como ela está representada na mente e se os protótipos constituem representações mentais. Para o primeiro questionamento, Feltes cita que Lakoff propõe como resposta a fórmula: EFEITOS PROTOTÍPICOS = INTERPRETAÇÃO DA ESTRUTURA DA CATEGORIA. Aqui, os efeitos prototípicos são vistos como espelhando diretamente a estrutura da categoria ou constituindo suas representações. Já para a segunda questão, o autor oferece a fórmula PROTÓTIPO = INTERPRETAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO. Nesse caso, a representação das categorias na mente é feita através de protótipos, e os graus de representatividade é feito através das similaridades.

Essas duas questões, apresentadas em Feltes (2007), são adotadas, de acordo com a autora, por muitos psicólogos que aceitam o modelo de processamento de informação da mente, o qual postula que os conceitos são representações internas da realidade externa, e muitos, senão todos, processos cognitivos são algoritmos por natureza.

Ainda em Feltes, podemos verificar que Rosch, no final dos anos 1970, desenvolve uma terceira fase, na qual chega à conclusão de que as fontes dos efeitos prototípicos não podem ser determinadas através desses efeitos. É essa última postulação que Lakoff utiliza, segundo Feltes, como “gancho” para a constituição de seu Modelo Cognitivo Idealizado.

Na fase III, Rosch aponta que os efeitos prototípicos são considerados superficiais e resultantes da forma pela qual nosso conhecimento é organizado. Sua organização é feita através de modelos cognitivos idealizados de tipos variados. Dessa forma, explica Feltes, podemos associar a Teoria Prototípica à teoria desenvolvida por Lakoff, que observa que os efeitos prototípicos resultam da natureza dos modelos cognitivos, os quais podem ser vistos como “teorias” acerca de algum tema (LAKOFF, 1987).

Para Lakoff e Johnson (1999), o modo como categorizamos tem relação com a nossa natureza e com nossa forma de interação com o mundo, tanto no nível do corpo quanto no nível do cérebro- lembrando que corpo e mente são indissociáveis, são um único organismo. A categorização não é, portanto, resultado do raciocínio consciente, mas construída de forma automática e inconsciente, a partir das experiências no mundo. Os linguistas afirmam que tal processo é o que há de mais básico de nosso pensamento, percepção, ação e fala e que a compreensão de como categorizamos é central para qualquer entendimento do modo como pensamos e agimos e do que nos faz humanos. A categorização humana é, portanto, o ponto fundamental da teoria semântica cognitiva.

Gibbs (2006) reforça em seus estudos a importância da interação social na nossa forma de categorização e de conceptualização, afirmando, conforme já citamos, que os corpos não são objetos livres da cultura, portanto, as emoções, o tempo, o contexto influenciam no sistema conceptual humano. Todos os aspectos da experiência corporificada são formados por processos culturais. As categorias são parte da experiência humana, engajando corpo e mente, corroborando com o que apresentamos na introdução desta tese.

A Linguística Cognitiva, a partir de seus teóricos, fundamentando-se nos estudos de Rosch, defende que a categorização linguística se processa, geralmente, na base de *protótipos* (exemplares típicos, mais representativos, ou, melhor, representações mentais destas entidades) e que, conseqüentemente, as categorias linguísticas apresentam uma estrutura *prototípica* (baseada em protótipos). Os vários membros ou propriedades de uma categoria possuem, geralmente, diferentes graus de saliência (uns são prototípicos e outros periféricos), agrupando-se, fundamentalmente, por similaridades parciais ou "semelhanças-de-família", tomando aqui como emprestado o conceito criado por Wittgenstein, já que os limites entre si bem como entre diferentes categorias são, frequentemente, imprecisos. A inclusão de um

elemento dentro de uma categoria define-se em função do grau de semelhança estabelecido com o protótipo.

Um exemplo é a categoria “móvel”: quando pensamos em móvel, há alguns conceitos mais centrais como CADEIRA, MESA, SOFÁ, e há outros mais periféricos, como LUSTRE. A categoria é radial, pois aceita em seu conjunto vários membros, embora uns se afastem em maior ou menor grau do centro categorial. Sobre categoria radial, Feltes (2007) define ser este conceito um dos grandes trunfos de Lakoff na defesa de sua semântica. Lakoff afirma que a estruturação radial de uma categoria envolve um caso central com diversas ligações e extensões e é essa definição que se difere da semântica objetiva.

Geeraerts ( Geeraerts, 1989 e Geeraerts, Grondelaers & Bakema, 1994, apud FELTES, 1992<sup>1</sup>), defende que a prototipicidade é, por si própria, uma noção *prototípica*, no sentido de que não se reduz a um único fenômeno, a uma única característica ou efeito, mas compreende vários fenômenos, várias características ou efeitos distintos e não necessariamente coextensivos.

Usamos protótipos, como vimos até agora, na maior parte de forma inconsciente, como um todo em nosso pensamento (LAKOFF, 1987). Em outras palavras, aponta Lakoff: “nós os experimentamos como uma *gestalt*; isto é o complexo de propriedades que ocorrem juntas é mais básico à nossa vivência do que suas ocorrências em separado”.

Já que citamos o termo *gestalt*, é necessário explicá-lo. Para o autor, os estudos da psicologia de *gestalt* têm relevância para o experientalismo, já que há neles ênfase sobre a interação constante da pessoa com seu meio ambiente. Lakoff trata em sua teoria o conceito *gestalt* com outro viés. Ele aponta que:

1- As *gestalts* são holísticas e analisáveis; são todos não-redutíveis à soma de suas partes. Há “propriedades adicionais em virtude de serem todos, e as partes podem tomar significância adicional em virtude de estarem dentro de todos” ( p. 246).

2- As *gestalts* podem ser corretamente analisadas em partes de maneiras diferentes, a partir de diferentes pontos de vista.

3- As *gestalts* apresentam relações internas entre as partes que podem ser agrupadas por tipos. As *gestalts* podem ter diferentes propriedades e relações internas a partir de diferentes pontos de vista.

4- As *gestalts* relacionam-se com outras *gestalts*: podem ser vistas

---

<sup>1</sup> Os estudos de Feltes são utilizados aqui nesta tese como rica fonte referencial bibliográfica. Por falta de disponibilidade de algumas obras, ou por dificuldade em encontrar textos originais de alguns autores citados no corpo do trabalho, a tese baseou-se em muitos apontamentos feitos pela autora acerca destes estudiosos. Fica registrado, então, o agradecimento ao acesso de tantas possibilidades de leitura de diferentes autores, que por conta da autora desta tese não seriam viáveis se não fosse por intermédio da leitura da autora citada, fato observado também em outras dissertações e teses acerca da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Isso comprova a relevância de lermos Feltes para bom entendimento acerca da Linguística Cognitiva e seus pressupostos.

como instâncias de outras *gestalts* ou mapeadas (de modo inferencial ou por associações arbitrárias, simbólicas ou culturais) para outras *gestalts*.

5- As relações externas que as *gestalts* mantêm com outras *gestalts* são propriedades das *gestalts* como um todo.

6- Os mapeamentos de um *gestalt* para outra *gestalt* podem ser parciais.

7- As *gestalts* podem ser encaixadas dentro de outras *gestalts*, tomando, assim, novas propriedades.

8- Uma propriedade de uma *gestalt* pode ser sua oposição a outra *gestalt*.

9- Certas propriedades das *gestalts* podem ser destacadas como propriedades de background. Os opostos compartilham essas mesmas propriedades.

10- As *gestalts* são estruturas usadas no processamento da linguagem, no processamento do pensamento, no processamento perceptual, na atividade motora, etc.

11- Os próprios processos podem ser vistos como *gestalts*.

12- Uma análise *gestáltica* pode variar, na medida em que é fruto do pensamento humano, guiada pelos recursos do organismo, pelos seus propósitos e pontos de vista. Não se faz necessária, pois, uma análise atomística. Em semântica, por exemplo, não é necessária uma análise em predicados atômicos.

13- As *gestalts* podem interseccionarem-se entre si.

14- As *gestalts* devem distinguir propriedades prototípicas de propriedades não-prototípicas. No caso de *gestalt* linguística, ela pode ser gramatical, pragmática, semântica, fonológica e funcional.

(Fonte: FELTES, 1992)

Percebemos, então, que é fundamental para os estudos semânticos cognitivos a forma como Lakoff define *gestalt*. E ainda de acordo com o autor, os protótipos atuam como pontos referenciais cognitivos, que formam as bases inferenciais de cada categoria. O estudo dos processos inferenciais humanos, portanto, é parte do estudo da razão humana e das estruturas conceptuais em que frequentemente os protótipos utilizados para formular inferências são parte da estrutura conceptual.

Protótipos, como percebemos, são muito importantes porque são o início de como entendemos um conceito e raciocinamos sobre ele e com ele. Eles constituem literalmente a primeira ideia de um conceito que vem a nossa mente, como apontam seus estudiosos. Acima de tudo, como os conceitos que representam, os protótipos são construções mentais – eles não existem objetivamente no mundo (LAKOFF, 1987). Portanto, segundo o autor, não têm que se adaptar a todos os fatos disponíveis ou mesmo ser o exemplo mais comum de um conceito dentro das nossas experiências individuais. Os protótipos sociais, por exemplo, aqueles relacionados às atividades sociais humanas, são também “melhores exemplos” de um conceito e contêm “expectativas culturais” implícitas e, portanto, julgamento social, variando com o contexto, na medida em que também se desenvolvem a partir de nossas experiências

secundárias, da informação e das representações que recebemos dos outros, incluindo a mídia, colegas, familiares e amigos. A força de cada uma destas informações na formação do protótipo depende de vários fatores, incluindo impacto emocional, frequência de exposição e relevância do sucesso social de um indivíduo (LAKOFF & JOHNSON, 1999). Em suma, quanto mais usado é um protótipo, mais ele é sustentado.

A Teoria dos Protótipos introduz, assim, uma metodologia alternativa de análise e apresentação da estrutura do significado. Uma descrição categorial deve considerar, como fonte dos atributos a incluir, tanto os bons e os maus exemplos, quanto os membros marginais (de pertinência duvidosa), de acordo com Gondim (2012). Com esta informação é possível, de acordo com a autora, construir o mapa categorial, que deve apresentar os atributos em ordem de representatividade. Os dados necessários para desenhar o mapa de uma categoria se obtêm do falante, como resultado de diversas tarefas experimentais e rejeitam as taxonomias científicas, porque não constituem uma representação adequada do modo como as pessoas organizam e entendem a realidade. O enfoque é cognitivo, não só porque apela à competência lexical e pragmática do usuário de uma língua, mas particularmente, porque parte do pressuposto de que a organização da categoria na mente do falante, em torno de exemplos representativos, determina seu rendimento nas tarefas experimentais, assim como a compreensão linguística e o modo em que estrutura sua experiência na vida cotidiana. Um mapa categorial acompanha e representa a descrição prototípica de uma categoria, de acordo com Gondim (2012).

Geeraerts (1989, apud FELTES, 1992) destaca as quatro características estruturais normalmente associadas às categorias prototípicas que resumem o que foi visto até agora:

- a- não podem ser definidas por meio de um conjunto de atributos necessários e suficientes;
- b- exibem uma estrutura de semelhança de família;
- c- exibem graus de representatividade entre seus membros; e
- d- as fronteiras denotativas não são sempre determinadas.

Pensando na construção semântica da categoria VIOLÊNCIA, foco deste trabalho, podemos concordar com Feltes (2007) quando esta afirma que VIOLÊNCIA é produto de experiências, não sendo, portanto, fenômeno inerente. Envolve gradação, na medida em que varia de acordo com os fatores externos e internos do sujeito. Se envolve gradação, então a Teoria dos Protótipos é relevante nos estudos sobre o tema em questão. Nesse sentido, fez-se necessário esse breve aporte teórico apresentado.

Além da importância dos protótipos no processo de categorização, também é preciso

ressaltar aqui no trabalho outro processo relevante nos estudos cognitivos, que não é apontado na teoria clássica semântica objetiva: a generalização ou abstração, ou, a *esquematisação* (Langacker 1987). Um *esquema*, para o autor, é

an abstract characterization that is fully compatible with all the members of the category it defines (so membership is not a matter of degree); it is an integrated structure that embodies the commonality of its members, which are conceptions of greater specificity and detail that elaborate the schema in contrasting ways (Langacker 1987: 371).

De acordo com Vanin (2012), um *esquema* é uma porção perceptual interna ao indivíduo que a percebe, que pode ser modificável pela experiência e, na maioria das vezes, específica àquilo que está sendo percebido em dado momento. Assim, o *esquema*, segundo a autora, não faz parte somente da memória enciclopédica do indivíduo, mas ele se reformula à medida que interagimos com os outros.

Johnson (1987, apud VANIN, 2012) propõe que, a fim de que tenhamos experiências significativas, conectadas ao que podemos compreender e raciocinar, nossas ações, percepções e concepções devem ser organizadas. Dessa forma, para o autor, um *esquema* é um padrão, uma forma, e regularidades recorrentes nessas, ou dessas; atividades ordenadas em andamento. Trata-se de uma estrutura dinâmica que organiza uma atividade à medida que a experienciamos, a qual é modificável de acordo com o contexto.

*Esquema e protótipo e categorização por esquema e categorização por protótipo* não se excluem, mas se complementam. Na semântica de um item lexical (ou de uma outra categoria), polissêmica ou não, há sentidos ou referentes esquemáticos e específicos, prototípicos e periféricos, como aponta Gondim (2012). A sua estrutura tem, por isso, a forma de um "network" (rede). O modelo de representação da estrutura das categorias que combina esquemas e protótipos é designado por Langacker (1987) como "network model".

Pensando em rede de conceitos, com exemplos salientes, exemplos periféricos, com estrutura que combina esquema e protótipo, afirmamos que a categorização de VIOLÊNCIA é complexa, pois depende de diferentes experiências, diretas ou indiretas, dos sujeitos. Seu sentido depende do meio social, cultural, das experiências biológicas, sociais, culturais, psicológicas.

Por tudo que foi apresentado até então, podemos sintetizar alguns princípios que seriam comuns aos processos de categorização humana, que envolvem prototipicidade e esquematização, apontados por Lakoff (1987):

*Centralidade*: o centro da organização categorial está em seus membros básicos;

*Encadeamento*: as categorias complexas se estruturam a partir de um encadeamento

entre os membros centrais e outros membros centrais e entre estes e outros, sob a influência direta da relação de semelhança de família.

*Domínios experienciais*: os domínios da experiência podem ser básicos e ser determinados culturalmente para justificar algumas relações entre os membros de uma categoria.

*Modelos idealizados*: são modelos idealizados do mundo que incluem mitos e crenças, os quais podem caracterizar as associações entre os membros da categoria.

*Conhecimento específico*: esse conhecimento, a exemplo dos mitos, se sobrepõe ao conhecimento geral.

*Outros*: sistemas conceituais podem ter uma categoria que engloba “todo o resto” na qual se coloca tudo que se não se encaixa nas demais categorias, que não têm membros centrais e relações de encadeamento.

*Propriedades não comuns*: uma categoria como unidade não tem que se definir por propriedades comuns a todos os membros. Para pertencer a uma categoria não é necessário ser determinado por condições fundamentais e suficientes para todos os membros.

*Motivação*: há motivações de naturezas diversas, indefiníveis, envolvendo desde aspectos culturais a histórias de vida.

Em suma, como vimos até agora, a categorização humana não mais é vista como estável, estanque, delimitada; ela se dá de forma radial, sendo o modelo central que determina as diferentes formas de combinações, de extensões. São diferentes motivos que proporcionam diferentes estruturações em torno do centro. As categorias radiais são uma fonte de efeitos prototípicos e os efeitos prototípicos surgem de inter-relações imperfeitas entre a realidade e os modelos cognitivos idealizados, que são as estruturas organizadoras do conhecimento do indivíduo em interação com o mundo, possibilitando a formação de categorias. Modelo Cognitivo Idealizado, aliás, é o tema da seção seguinte.

## 1.2 MODELO COGNITIVO IDEALIZADO

Como percebemos até então, a teoria proposta pela Linguística Cognitiva tem como base o estudo do significado corporificado.

Vimos que a categorização é uma forma natural de identificar um tipo de objeto ou de experiência registrando certas propriedades, eliminando umas, destacando outras; sempre baseada no contexto de uso e em nossas intenções, como definem Lakoff e Johnson (1980).

Ou seja: é a interação nossa com o meio que influencia a forma de categorizarmos o mundo e é a forma como categorizamos o mundo que influencia nossa interação com ele. As categorias, neste contexto, como também já vimos, não são fixas e uniformes, sendo estruturadas por protótipos e semelhanças de famílias ligadas a protótipos que se modificam de acordo com o contexto em uso. Para Lakoff (1987) a forma de categorizar o mundo é possível via Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), que são as estruturas cognitivas que constituem domínios dentro dos quais os conceitos adquirem significação.

A experiência corpórea, biológica, cultural, social embasa o conhecimento no cérebro do indivíduo, construindo conceitos que se armazenam na memória de forma relativamente estável. Estes conhecimentos adquiridos, vivenciados, parcialmente estruturados e hierarquizados são os *domínios cognitivos*, cujas estruturas são passíveis de modificação a partir das experiências que vão sendo vivenciadas ao longo da vida, alterando as configurações anteriores. São estas estruturas de arquivamento de experiências, conforme define Ferrari (2011), que são acionadas para compor os significados linguísticos.

Chama-se *domínio* o conjunto de representações cognitivas que encerram informações acerca de uma determinada área de conhecimento. O *domínio* possui natureza bastante complexa, podendo apresentar, dentro de si, outros *domínios*. Esse elemento pode comportar informações sobre eventos, objetos, categorias, esquemas etc.

Langacker (1987) define o *domínio* como “um contexto para a caracterização de uma unidade semântica”, pois, segundo o autor, todas as unidades linguísticas, em algum grau, são dependentes do contexto. O autor defende a noção de que *domínio* (domínio cognitivo) é qualquer área de conhecimento que serve de base à significação de uma "unidade cognitiva" linguisticamente expressa, e distingue *domínios básicos*, que representam experiências humanas cognitivamente irreduzíveis, como o espaço, a temperatura, o tempo, o gosto, a força, a dor, a cor, de *domínios complexos* ou "matriz de domínios" (categorias como *linha*, *depois*, *vermelho* e *frio* são diretamente caracterizáveis em relação aos domínios básicos do espaço bi-dimensional, do tempo, da cor e da temperatura, respectivamente; *faca* só pode ser definida tendo em conta a sua forma, a sua função genérica, a sua inclusão no faqueiro e na mesa, o seu tamanho, a matéria de que é feita, os jogos com facas, etc.).

Ainda conforme o autor, os *domínios* são necessariamente entidades cognitivas: experiências mentais, espaços de representação, conceitos ou complexos conceituais. Afirma-se da sua importância para entender metáforas, porque esse fenômeno é tratado em termos de transposição de elementos de um domínio (fonte) para outro domínio (alvo).

O conceito *domínio* é fundamental nos estudos da teoria dos Espaços Mentais e da

Mesclagem Conceitual. E é relevante pensarmos nestas teorias, visto que estas servem de fonte para a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, na medida em que cada MCI, como utilizado, estrutura um espaço mental.

Assim, vale aqui citar o breve resumo apontado por Sage (2011) sobre a Teoria dos Espaços Mentais, proposta por Fauconnier: Os espaços mentais, como aponta a autora, servem de base para a formulação da TMCI, pois podem :

- (a) conter entidades mentais;
- (b) ser estruturados por modelos cognitivos;
- (c) ser relacionados a outros espaços pelo que Fauconnier chama de conectores, que são relações cognitivas que prevalecem mentalmente em determinadas situações;
- (d) relacionar entidades em espaços diversos por conectores;
- (e) são expansíveis, em que atitudes adicionais e MCIs podem ser adicionadas a eles no curso do processamento cognitivo;
- (f) MCIs podem introduzir espaços

A Teoria dos Espaços Mentais, de acordo com Feltes (2007), relaciona fatores cognitivos com princípios organizacionais do conhecimento e estratégias de processamento, mostrando preocupação na formação de construtos conceituais, dos domínios que constituem e organizam as informações na mente. Segundo a autora, são essas representações mentais que adquirimos cognitivamente que criam hipóteses da realidade, organizando categorias de conhecimento e estratégias de cognição. A abordagem da Teoria dos Espaços Mentais não é simbólica, não é sobre a manipulação de algum tipo de linguagem do pensamento ou alguma coisa semelhante. Não é manipulação de símbolos na mente como o sistema lógico faria. Em vez disso, constroem-se, como aponta Feltes, espaços cognitivos elaborados que incluem muita informação visual, informações imaginativas, e daí por diante.

Para Fauconnier (1994, apud Sage, 2011), espaços mentais são construtos distintos de estruturas linguísticas, e construídos em qualquer discurso, de acordo com orientações fornecidas pelas expressões linguísticas. O autor afirma que grande parte do trabalho sobre espaços mentais trata do que acontece nos bastidores da cognição. Em outras palavras, trata do que acontece em nossas mentes, dos processos que não podemos ver ou ouvir. Espaços mentais se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos; são construções mentais muito complexas, até mesmo para as sentenças mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos.

Tais espaços são domínios conceptuais que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado. O espaço que domina

o discurso na situação online é a BASE; a partir deste espaço é que outros são criados, para incorporarem informações extras ao contexto pronto, como passado, futuro, hipótese, etc.

A principal premissa da pesquisa com espaços mentais, de acordo com Fauconnier, é que as mesmas operações de correspondência entre domínios (mappings) atuam na semântica, na pragmática e no raciocínio abstrato. Nós conectamos esses espaços entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Seriam temporários, portanto, formulados em qualquer discurso a partir de inputs fornecidos pela interação, o que difere, portanto de um domínio conceptual caracterizado por ser independente de contexto, estruturado na memória de longo prazo. Como afirma Vanin (2012), os espaços mentais são construídos para propósitos *ad hoc*.

No âmbito da linguagem, essas estruturas são indicadas por estruturas linguísticas específicas. De acordo com Fauconnier, “a linguagem visível é a ponta do iceberg da construção invisível do significado que tem lugar enquanto falamos e pensamos”. Os indicadores linguísticos, construtores de espaços mentais, incluem sintagmas preposicionais, morfemas modo-temporais, orações condicionais e temporais. Semanticamente, os espaços mentais podem ser criados por diferentes características, sendo de diferentes tipos, como: espaços geográficos (*No Brasil, faltam médicos*); espaços temporais (*Ontem, cheguei de viagem*); espaços condicionais (*Se o time perder, será desclassificado*), etc.

Para o autor, é difícil definir um espaço mental abstratamente, sem o uso de exemplos e sem um contexto mais completo. Provavelmente nós os organizamos e os conectamos através de excitações sincrônicas de conjuntos de neurônios. Mas isso são suposições, de acordo com o autor, uma vez que ninguém, de fato, pode ver os espaços mentais no cérebro. Portanto, eles são definidos como um tipo de descrição de alto nível, baseada em generalizações e que nos permitem explicar ou formular hipóteses sobre a linguagem, sobre a gramática ou sobre o pensamento.

Bem conhecido na psicologia, o termo *projeção*, utilizado para a correspondência entre domínios, significa ato ou efeito de lançar, transferindo algo para outro lugar. Nas projeções entre domínios, transferimos informações entre entidades do mesmo ou outro domínio, expandindo a significação básica de um item para outro, assumindo novos significados. Quando falamos em *indisposição do mercado*, por exemplo, transferimos do MCI SAÚDE nosso conhecimento sobre *indisposições*- não uma doença, mas um mal estar- como aviso de mau funcionamento da economia, conforme explica Ferrari (2011). É essa formulação que Lakoff e Johnson levam para tua TMCI.

Um Modelo Cognitivo é, então, um complexo capaz de estruturar espaços mentais,

construído a partir de conceitos do nível básico e do nível de esquema-imagem. É, conforme aponta Lakoff, uma estrutura simbólica complexa, podendo apresentar uma estrutura em bloco (quando o significado do todo existe em função do significado das partes que o compõem) ou uma estrutura gestáltica (quando o significado do todo não decorre do significado de cada uma das partes).

Os Modelos Cognitivos Idealizados são assim chamados porque são, como visto, modelos resultantes de experiências que se organizam de forma que se extraia um sentido cognitivo, envolvendo habilidades imaginativas, como metáfora e metonímia, para tomar um ponto de vista particular; não são concretos, não existem no mundo, tampouco precisam se ajustar a ele de forma perfeita e única. Eles envolvem abstração a partir de processos da percepção e da concepção que a mente produz na relação com o mundo. Para Lakoff (1987) não são representações internas da realidade, pois não podem ser entendidos em termos de corporalidade, não tendo relação direta com o externo. Não é reflexo direto dos estímulos do mundo; o significado não é apenas uma coisa; ele envolve o que é significativo para a mente e se modifica conforme os modelos se modificam. Segundo o autor, nada é significativo em si mesmo, mas a partir de experiências, de adequação com o contexto. Retifica-se com isso o que apresentamos no começo deste capítulo a respeito dos fundamentos da Semântica Cognitiva Experiencialista.

Os MCIs por serem fonte de efeitos prototípicos que dão forma e conteúdo à realidade, surgem através de uma semântica prototípica- por isso, já apresentamos a noção de protótipo. Tais efeitos são subprodutos dessas estruturas cognitivas complexas, consequência do modo como nossas experiências se encontram organizadas na mente, conforme vimos anteriormente. Assim, a centralidade de determinada categoria ou modelo, para a compreensão de um dado domínio de experiência, é gerada a partir dos modelos que estão sendo usados em uma situação particular de interação, sendo, portanto, condicionada por fatores de ordem sociocultural.

Conforme exemplificado em Lakoff (1987): SOLTEIRÃO- é um homem adulto, não casado. O nome só existe para categorizar pessoas de uma sociedade em que é esperado o casamentos. O nome não é referente ao Papa, por exemplo, nem a uma criança. É um efeito prototípico simples, pois não entra em conflito com nosso conhecimento. Ao tentar definir MÃE, o problema é aumentado, pois há várias possibilidades: MÃE tem como definição “uma mulher que deu à luz a uma criança”, como vimos lá atrás quando explicamos os processos de categorização. Entretanto, essa definição envolve todas as outras possíveis. Para Lakoff, MÃE é um conceito baseado na combinação de modelos cognitivos idealizados

individuais, formando, por isso, um modelo complexo:

- a) modelo de nascimento- deu à luz;
- b) modelo genético- maternidade genética;
- c) modelo de criação- alimentadora, criadora;

...

MÃE seleciona então: mãe adotiva, mãe de leite, mãe emprestada... O grupo complexo, formado por um protótipo composto, pode irradiar informações que esquematizarão uma estrutura radial para a categoria MÃE (conforme descrito por Lakoff, 1987), composta por *mãe adotiva*, *mãe que dá à luz*, *mãe biológica*, *mãe que é esposa do pai*, *mãe que cuida dos filhos*, *mãe que é dona de casa*, etc. Para o autor (1987, p. 84), “uma estrutura radial é aquela na qual há um caso central e variações convencionais, as quais não podem ser preditas por regras gerais”, conforme já apresentamos anteriormente.

Segundo McCauley (1987, apud FELTES, 2007), um MCI simplifica nosso mundo, servindo para definir uma situação, estabelecendo perspectivas, expectativas. Dessa forma, tem-se a possibilidade de construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, modelos que podem até ser contraditórios entre si.

O que aparece em um Modelo Cognitivo é determinado por necessidades, por valores, por crenças, por formas de conceber o mundo, conforme aponta Feltes (2007). A autora, citando McCauley, argumenta que em muitos contextos, os Modelos Cognitivos podem corresponder a Modelos Culturais, já que o sistema conceptual humano e várias categorias por ele geradas são, ao mesmo tempo, cognitivos e culturais. Isso resulta do fato de que a cognição humana está diretamente ligada à experiência corpórea, sociocultural e histórica: premissa defendida aqui. O que se entende, então, como Modelos Culturais são esquematizações coletivas, intersubjetivas, que se definem como propriedades de grupos já que são conhecimentos partilhados. Os Modelos Culturais “mudam de acordo com as situações, e tendo origem social, estão ligados a padrões de interação e comunicação” (FELTES, 2007, p. 90).

O modo como determinados indivíduos compreendem um dado segmento da realidade é o resultado de uma construção de natureza coletiva, seja porque se partilha, enquanto espécie, de um mesmo tipo de organismo, com potencialidades específicas, seja porque o modo de funcionamento no mundo é regulado pelas práticas socioculturais da comunidade da qual se faz parte, como explica Gondim (2012). Esses postulados apoiam o interesse desta pesquisadora de conhecer os modelos culturais dos alunos da rede pública municipal e da rede privada que traduzem o conceito de VIOLÊNCIA a partir de pistas

linguísticas do Modelo Cognitivo constituinte de seus sistemas de crenças, tratando linguagem e conhecimento como uma parte única.

De acordo com Vanin (2012), as emoções são geralmente apresentadas como Modelos Cognitivos, ou Modelos Culturais: “uma emoção particular pode ser representada por meio de vários modelos cognitivos que são prototípicos daquela emoção” (KÖVECSES, 2008a, p. 133, apud VANIN, 2012). Assim, metáforas conceptuais, metonímias conceptuais, conceitos relacionados convergem, de acordo com Vanin, para um modelo (prototípico) de uma emoção, a partir do qual estruturas radiais serão formadas. Tal observação é relevante na medida em que estamos lidando com um conceito abstrato- VIOLÊNCIA- que tem relação direta com conceitos abstratos ligados à emoção, como RAIVA, EMPATIA, TRISTEZA, ÓDIO...

Os MCIs utilizam quatro princípios estruturadores: as estruturas de imagem – esquemáticas (baseadas na Gramática Cognitiva de Langacker, 1987); as estruturas proposicionais (baseadas nos frames de Fillmore, 1976); os mapeamentos metonímicos; e os mapeamentos metafóricos. Os modelos proposicionais e os esquemas de imagens se caracterizam a partir das estruturas básicas que se sustentam nos domínios concretos da experiência. Já os metonímicos e metafóricos se definem como mapeamentos que fazem uso dos modelos estruturais.

Esses princípios dão origem a cinco tipos básicos de modelos cognitivos que contribuem para a estruturação da experiência conceptual ou linguístico-conceptual que são os modelos:

1. de esquema de imagens (que organizam e estruturam os MCIs);
2. proposicionais;
3. de projeções metafóricas;
4. de projeções metonímicas e
5. os simbólicos.

Essas estruturas cognitivas são diretamente significativas, pois têm a ver, respectivamente, com características perceptuais do aparato cognitivo humano e com características básicas de sua experiência físico-*corporal*, como aponta Gondim (2012). Elas são a base para formação de MCIs mais complexos porque têm natureza *corporal*-cinestésica, impõem uma estrutura à experiência de espaço, são projetados para domínios conceituais abstratos através da metáfora e da metonímia, e estruturam modelos cognitivos complexos (FELTES, 2007). Seguimos então com uma breve explanação destes modelos cognitivos:

### 1.2.1 Modelos de Esquema de Imagens

Os esquemas imagéticos fundamentam a estrutura conceptual dos MCIs. São versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações das experiências corporais, em interação com o mundo. Gibbs (2006) usa o termo *imagem* para se referir: (1) a qualquer instância imaginária de tal maneira que seja possível alguém mover seu corpo de maneira específica, ou (2) usar o pensamento para manipular um objeto em diferentes maneiras, ou (3) poder sentir a ação sobre um objeto sem fazê-lo fisicamente. Estas imagens não são meramente perceptuais, mas cinestésicas, ou seja, envolvem o movimento de nossos corpos de formas particulares.

Tanto uma imagem (*image*) quanto um conjunto imagético (*imagery*) descrevem a ocorrência de uma sensação perceptual na ausência do correspondente *input* perceptual. Em outras palavras, a imagem é um elemento autônomo em relação ao objeto que constitui a sua fonte. Trata-se de um elemento real cujo papel no processo de conceptualização é substancial.

Finke (1989, apud FERRARI, 2011) estabelece cinco princípios gerais que regem a correspondência entre as imagens e os objetos que lhes servem de entrada na sua construção:

i) Princípio da codificação implícita – as informações acerca das propriedades de um objeto podem ser recuperadas a partir da imagem mental criada a partir desse mesmo objeto;

ii) Princípio da equivalência espacial – o arranjo espacial dos elementos de uma imagem mental corresponde à maneira como objetos físicos ou partes dos mesmos são arranjados;

iii) Princípio da equivalência perceptual – no momento em que objetos são imaginados, os processos ativados na mente são similares àqueles realizados quando os objetos são percebidos;

iv) Princípio da equivalência transformacional – transformações imaginadas e transformações físicas apresentam características correspondentes e são regidas pelas mesmas leis dinâmicas;

v) Princípio da equivalência estrutural – a estrutura das imagens mentais corresponde à de objetos reais, de forma que tal estrutura é coerente, bem organizada, podendo ser reorganizada e reinterpretada.

A validade desses princípios de Finke, no conjunto, permite-nos explicar, nas palavras de Ferrari, por que determinadas crenças como as religiosas, míticas e folclóricas se baseiam na recriação de fatos e na representação de objetos, evocando valores tais como se os fatos e os objetos em questão estivessem presentes no momento da recriação. As imagens

criadas nessas crenças são tão reais e podem ser avaliadas e interpretadas nos mesmos moldes em que os objetos e fatos o seriam.

Outras evidências envolvendo esses princípios também são possíveis de serem percebidas no nosso cotidiano, como o ato de um indivíduo salivar instintivamente quando cria a imagem de uma comida saborosa, na ausência dela; e o ato de indivíduos apresentarem um comportamento violento diante de jogos que simulam situações que envolvem violência. Aliás, nos dias atuais, é essa evidência que tem levado a muitas discussões, limitações de uso e proibições de certos tipos de jogos e brinquedos que envolvem armas e violência, com os quais o comportamento de crianças e adolescentes torna-se igual àquele manifestado em situações reais.

Em síntese, conforme aponta Vanin (2012), os esquemas de imagem parecem nortear grande parte da formação de conceitos de base corpórea, além de desencadear a elaboração de conceitos mais abstratos, como é o caso dos de emoções. Eles impõem uma estrutura à experiência de espaço e são projetados através de metáforas e metonímias, estruturando modelos cognitivos mais complexos. Além disso, os esquemas de imagem representam padrões esquemáticos que refletem domínios, tais como RECIPIENTE, TRAJETÓRIA, FORÇA, EQUILIBRIO. São abstratos, portanto, consistindo de padrões que emergem de instâncias repetidas da experiência de base corpórea, de acordo com a teoria linguística cognitiva. Estas experiências são enraizadas e estabelecidas antes mesmo de a criança produzir linguagem, sendo, dessa forma, as bases de nossos conceitos mais fundamentais.

Por exemplo, o esquema imagético RECIPIENTE resulta da experiência com objetos desse tipo, originando expressões que indicam movimento para dentro ou para fora, como por exemplo: “ele jogou fora a carteira”. O esquema também pode ser usado metaforicamente: “ele está por *fora* do assunto”, “atirei-me para *dentro* do cobertor”.

Gondim (2012) exemplifica o esquema, utilizando o conceito abstrato VIOLÊNCIA VERBAL: *A violência verbal deixa dores que ficam no coração da pessoa*. Nesse exemplo, há uma ideia de que as dores estão dentro do corpo, o corpo é significado como um RECIPIENTE em que se colocam *dores*.

De acordo com Johnson (1987, apud VANIN, 2012), há pelo menos cinco acarretamentos importantes relacionados a essas estruturas imagético-esquemáticas para a orientação DENTRO e FORA: (i) a experiência de estar dentro de algo tipicamente envolve a proteção ou resistência a forças externas; (ii) a contenção também limita e restringe forças dentro do recipiente; (iii) por causa dessa restrição de forças, o objeto contido ganha uma fixidez relativa de localização; (iv) essa fixidez relativa de localização dentro do recipiente

significa que o objeto contido torna-se acessível ou inacessível à vista de algum observador; (v) experienciamos a transitividade de contenção. Esses acarretamentos são *implicações* da estrutura interna do esquema de imagem.

Os principais esquemas de imagens estruturantes dos Modelos Cognitivos Idealizados, além do já citado RECIPIENTE, são: PARTE-TODO; LIGAÇÃO; CENTRO-PERIFERIA; ORIGEM-PERCURSO-META; PARA CIMA – PARA BAIXO; FORÇA; CONTATO.

Para o esquema PARTE-TODO, também podemos utilizar o nosso corpo como base, sendo um todo, dividido em partes integrantes. O esquema é assimétrico, como aponta Gondim (2012), porque se A é parte de B, então B não é parte de A. O esquema é irreflexivo: A não pode ser parte de A. Sob o ponto de vista *gestáltico*, o todo não existe se as partes não existirem: se as partes são destruídas, o todo também será, mas todas as partes podem existir sem que constituam um todo; só no momento que as partes existem na configuração é que elas se integram no todo, isto é, as partes são contíguas umas às outras.

Para Gondim, a experiência de lidar com partes que compõem a totalidade do corpo humano gera a formação de um esquema que se aplica também a organizações sociais, como os membros que fazem parte da família, as castas que fazem parte da sociedade etc. Um bom exemplo de como esses esquemas de imagem estruturam conceitos abstratos é quando pensamos em SOCIEDADE, como no exemplo: *Cada setor da sociedade deve fazer a sua parte.*

Já no esquema LIGAÇÃO, podemos tomar como exemplo o citado por Gondim (2012), da ligação mãe/ filho, pelo cordão umbilical e que se estende pela infância e pelos anos subsequentes através de novas conexões que visam assegurar a posição de duas coisas, uma em relação à outra, por que se  $A \rightarrow B$ , então B é restringido e depende de A; se  $A \rightarrow B$ , então  $B \leftrightarrow A$ . Relações sociais e interpessoais são entendidas em termos de ligação como no exemplo sugerido pela autora do conceito de CASAMENTO-DIVÓRCIO: *Minha mãe e meu pai são unidos pelos laços do matrimônio.*

No esquema CENTRO – PERIFERIA, experienciamos nosso corpo em termos de CENTRO – o tronco e os órgãos internos – e de PERIFERIA- o cabelo, os dedos da mão e os pés. A periferia depende do centro, mas o centro não depende da periferia, o centro é mais importante e a periferia é vista como dependente do centro. Por exemplo, a frase: *O Rio de Janeiro é o centro de violência do Brasil.*

Pensando sobre os moradores das zonas urbanas que são dominadas pela pobreza e pela guerra do tráfico, podemos aplicar o esquema de CENTRO-PERIFERIA, já que

culturalmente a sociedade está também estruturada nesse esquema de imagem em que o centro é considerado mais importante, mais valorizado, em detrimento da zona periférica. Esta conceptualização de esquema de imagem CENTRO-PERIFERIA dá-se da seguinte forma: a parte central é aquela que é valorizada, possui infraestrutura, onde os sujeitos têm poder aquisitivo e político; a parte periférica é aquela desvalorizada, sem infraestrutura e sem poder econômico e político. Portanto, tudo aquilo que não se enquadra no CENTRO é discriminado, desvalorizado, abandonado no sentido social e político, pela concepção individual e coletiva de que tudo que não é CENTRO é menos importante. Assim, o que não é CENTRO torna-se PERIFERIA. PERIFERIA, por conseguinte, remete á MARGINALIZAÇÃO, que por acarretamento vinculamos com VIOLÊNCIA.

O esquema ORIGEM-PERCURSO-META é muito utilizado na estruturação de eventos complexos ao se apropriar de um esquema espaço-temporal. Ele segue a seguinte lógica, de acordo com Feltes (2007): em atividades humanas há um ponto de início, um ponto final e uma sequência de posições contíguas conectando a fonte ao destino. Indo da origem ao destino, por um determinado percurso, deve-se passar por pontos intermediários, avançando ao longe do caminho, mais distante se fica do início. Como exemplo: *Ele se perdeu na vida e entrou para o mundo das drogas.*

Esse esquema é considerado importante na conceptualização de VIOLÊNCIA hipotetizada por Feltes (2007, p. 260), na análise da categoria:

[...] entendendo-se que os atos violentos sejam dirigidos a algo ou a alguém, então é possível que o esquema ORIGEM-PERCURSO-META possa estar presente como princípio da categoria. De fato, na construção de modelos proposicionais que atuassem como condições de pano de fundo para a definição dos membros da categoria, certamente, seria necessário um cenário que contivesse, por exemplo, um agente/ (ORIGEM), uma ação/ (PERCURSO) e um paciente/vítima/objeto (META). [...]

Outro esquema hipotetizado por Feltes (2007) é o de FORÇA. Esse se constitui de base pré-conceitual da categoria VIOLÊNCIA; FORÇA seria um esquema cinestésico de base *corporal*, mais especificamente compreendido em termos de FORÇA FÍSICA que incorpora à sua estrutura o esquema CONTATO.

Como vimos, pensar nos elementos estruturantes da categoria VIOLÊNCIA envolve identificar esquemas de imagens. Mais adiante, exploraremos os pressupostos hipotéticos de Feltes, a respeito de VIOLÊNCIA. Seguimos agora com os Modelos Proposicionais.

## 1.2.2 Modelo Cognitivo Proposicional

Os Modelos Cognitivos de Esquema de Imagens são fáceis de serem identificados, como notamos pela subseção anterior, na medida em que têm relação direta com nossas experiências corpóreas. Nesta subseção, analisamos como se organizam os Modelos Cognitivos Proposicionais, já que, de acordo com Gondim (2012), não usam uma estrutura figurada, são modelos baseados em proposições dentre as quais emergem um conjunto de significados construídos ao longo de nosso desenvolvimento sociocognitivo.

As principais propriedades desses modelos, segundo a autora, são as estruturas de dados para representar os conceitos genéricos armazenados na memória e a capacidade de descrição de uma esquematização da experiência representada conceitualmente na memória de longo-prazo a partir de palavras que adquirem significados no contexto social, cultural e situacional quando são proferidas.

Tais modelos abarcam as concepções de *frames*, cenários e *scripts*. Em Lakoff (1987), os *frames* são incorporados à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados não somente como modelos do tipo proposicional, mas atuando em outros tipos de modelos, incluindo os metafóricos, metonímicos e simbólicos (como construções gramaticais).

A Noção de *frame* surge da teoria proposta por Fillmore (1985). O termo designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência. *Frame* é um elemento da cognição ligado diretamente ao fenômeno da compreensão ou do entendimento. As palavras utilizadas num determinado texto evocam ao mesmo tempo uma certa ideia do autor e uma ideia interpretada pelo receptor. É essa compreensão realizada acerca de um determinado ser que constitui o *frame*. Todo o processo de interpretação de sentidos se baseia numa constante retomada desses elementos.

O significado das palavras, segunda Ferrari (2011), é subordinado a *frames*. A interpretação de uma palavra ou de um conjunto de palavras requer o acesso a estrutura de conhecimentos que relacionam elementos e entidades associados à cena da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência. Como exemplo, Ferrari cita a noção de “comprar”, “vender”. Há nessa, o *frame* de EVENTO COMERCIAL, em que aparece um comprador, um vendedor, um valor, uma cobrança, um produto, etc.

A construção de *frames* é de fundamental importância para uma distinção de entidades que vai além da pura segmentação de traços semânticos, de uma semântica baseada em valores de verdade. A diferença entre “menino” e “homem”, por exemplo, vai além do

traço característico da diferença etária, atingindo outros aspectos como comportamentos diferenciados, presença/ausência de ingenuidade, grau de maturidade comportamental etc. Diríamos, nesse caso, que existe um *frame* específico para “menino” e um para “homem”.

Da mesma forma, pode-se dizer que a diferença entre “menino”, “garoto”, “rapaz”, “pirralho”, “fedelho”, “moleque” e “guri”, por exemplo, reside numa diferenciação de *frames* que abarca inúmeras informações de diferenças comportamentais – nesse caso, nem o traço [idade] seria capaz de estabelecer as distinções visíveis entre os elementos, conforme apontam estudos linguísticos. Esse aspecto, por si só, garante a importância dos *frames* para a construção de imagens cognitivas e, conseqüentemente, a importância da consideração e estudo desse elemento dentro da Linguística Cognitiva.

A noção de *frame* pode ser usada para descrever diferenças no domínio social de uso de uma palavra. Conceitos como CULPADO, INOCENTE em uma cena jurídica são resultados de um julgamento, enquanto que fora desse *frame* indicam se a pessoa cometeu determinado crime ou não.

Então, conforme aponta Fillmore (2009), os *frames* estruturam significados das palavras, e a palavra evoca o *frame*. Do ponto de vista semântico, o autor afirma que muitas vezes é possível mostrar que os mesmos ‘fatos’ a partir de ‘enquadramentos’ diferentes, ‘enquadramentos’ que fazem com que esses ‘fatos’ sejam ‘fatos’ diferentes. Tal definição é importante neste estudo, na medida em que se defende que o mesmo ‘fato’ - VIOLÊNCIA - pode ser definido de formas diferentes, evocando diferentes *frames*.

Outro tipo de *frame*, o papel ou *script* é o elemento que especifica as ações dos participantes de uma cena, em que uma sequência de eventos ou ideias é definida. Com essa propriedade, o papel orienta os sujeitos em relação à sua fala e às suas ações, podendo ser culturalmente determinadas.

A formação de estereótipos linguísticos e culturais está relacionada diretamente a esse elemento, que se liga necessariamente à enunciação e ao conhecimento prévio. A importância desse elemento no discurso reside principalmente no fato de que ele ajuda na compreensão de um evento e permite prevermos o que vai ou pode acontecer na sequência. Em Linguística Cognitiva é clássica como exemplo de papel ou *script* a cena de ida de alguém a um restaurante; constitui como papel dessa cena, por exemplo, a seguinte sequência de eventos:

- 1º) O sujeito entra num restaurante;
- 2º) O sujeito se senta a uma mesa;
- 3º) O garçom leva o cardápio e anota o seu pedido;

- 4º) A refeição é servida;
- 5º) A conta é paga e
- 6º) O sujeito sai do restaurante.

Obviamente, o exemplo dado também deixa claro que novas ações podem entrar em cena, assim como alguma(s) ação(ões) pode(m) ser subvertida(s), mas, de toda forma, esse é o papel ou *script* culturalmente determinado, que integra o conhecimento de mundo dos membros da comunidade, em relação à utilização de um restaurante. Existem vários papéis definidos no nosso meio cultural com uma especificidade linguística maior. Quando um estrangeiro oferece algo para outra pessoa, por exemplo ( exemplo retirado de estudos teóricos), percebemos a seguinte sequência de eventos, em que cada um destes é acompanhado de expressões linguísticas relativamente uniformes, conhecidas como *scripts culturais*:

- 1º) locutor 1 oferece algo para locutor 2 (*Você aceita..?*);
- 2º) locutor 2 recusa e agradece (*Não, obrigado.*);
- 3º) locutor 1 insiste na oferta (*Pode aceitar.*);
- 4º) locutor 2 aceita a oferta e agradece (*Muito obrigado.*)

Os Modelos Cognitivos Idealizados Proposicionais do tipo *frame* evocam diferentes cenários que podem nos ajudar a identificar os elementos envolvidos em atos violentos expressos pelos participantes, de acordo com Feltes (2007). Desse modo, a autora explica que os eventos, as cenas e as sequências de ações são associadas aos *frames* no qual o sentido de uma palavra é conceptualizado, compreendido e usado. Essas significações são motivadas em grande parte pelo entorno cultural, cuja compreensão do contexto é melhor entendida como um “protótipo” do que como um conjunto de suposições sobre como é o mundo.

Como tanto os *frames* como os Modelos Cognitivos Idealizados relacionam-se a uma estrutura de conhecimento, Feltes (2012) salienta que para a categoria VIOLÊNCIA e TERRORISMO, os Modelos Proposicionais podem recorrer ao poder descritivo e analítico baseado em papéis semânticos, a partir de descritores inspirados em diferentes posturas teóricas.

Por isso, os cenários semânticos emergidos dos Modelos Cognitivos Proposicionais do tipo *frame*, podem apresentar, de acordo com Feltes, elementos constitutivos, úteis, segundo a autora, para compreensão da manifestação de atos julgados como violentos nos grupos de participantes diferentes, adaptados para sistematização dessa tese sob a denominação de descritores semânticos. São estes elementos constitutivos, conforme denomina Feltes:

Tipo de Violência;

Caracterização da Violência;  
Local;  
Ação;  
Causa;  
Instrumento;  
Agentes Perceptíveis ou não Perceptíveis Coletivos ou Individuais ;  
Vítimas diretas e indiretas ;  
Danos Graduais ou Diretos.

Esses elementos constitutivos permitem uma visão mais detalhada quando comparamos os diferentes cenários de violência abordados pelos grupos, porque impulsionam uma visualização e uma sistematização das semelhanças e das diferenças socioculturais a partir de diferentes cenários evocados pelos *frames* vinculados às concepções de violência nos dois contextos pesquisados, conforme aponta a autora.

Como vimos, os Modelos Cognitivos Proposicionais também possuem relação direta com nossas experiências, sendo constituídos de armazenamento em nossa memória. Pensando em armazenamento, são os conceitos concretos, que já temos “internalizados”, a partir de experiências com o mundo, com o meio, que nos servem de base para pensarmos, para estruturarmos os conceitos abstratos. E, como citamos no começo desta tese, muitas vezes nos faltam palavras para descrevermos alguns sentimentos, algumas emoções- conceitos abstratos. Por tal motivo, utilizamos, mesmo sem nos darmos conta, metáforas e metonímias. Estas deixam de ser ornamento linguístico para serem percebidas como parte de nossa cognição. É sobre isso que a subseção seguinte trata.

### **1.2.3 Metáfora e metonímia- modelos metafóricos e modelos metonímicos**

Discorrido sobre como os conceitos são estruturados, como nossas experiências influenciam nossa percepção de mundo, destacamos aqui nesta subseção o papel das metáforas e das metonímias na nossa forma de pensar, de ver, de sentir a realidade. A Linguística Cognitiva traz à tona uma nova visão de metáfora e metonímia, não tendo mais relação apenas com ornamento, não sendo apenas figuras de linguagem, mas sendo parte funcional de nossa cognição.

A metáfora, para Lakoff (1989) está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes

metáforas. Por exemplo, podemos falar do conceito AFETO em termos de temperatura (“ele é frio”, “fui recebido calorosamente”), de distância espacial (“somos muito unidos”)... O TEMPO também pode ser metaforicamente estruturado em termos de ESPAÇO ou MOVIMENTO: “as horas passam voando”,... Como não enxergamos tais conceitos, como não conseguimos acessá-los diretamente por meio de nossos sentidos, precisamos recorrer ao conhecimento de base experiencial relativo ao espaço e o projetamos para o domínio abstrato de tempo.

O que se quer mostrar é que a linguagem usada para falar de conceitos abstratos como o TEMPO não é poética, mas é uma forma de conceber eventos temporais como projeções de áreas relativamente concretas de nossa experiência física, de base sensório-motora.

A metáfora é um recurso humano, seu uso é parte integrante da linguagem da vida cotidiana. As formas de dizer; de pensar; de explicar; de convencer; de esclarecer; de compreender e explicitar o que se sente e o que se pensa, muitas vezes não são possíveis na ausência de metáforas, porque sem usá-las resultaria em perder o sentido daquilo que, de fato, se deseja dizer.

Para Silva (2003), por ser a metáfora um importante mecanismo cognitivo pelo qual domínios da experiência mais abstratos e intangíveis podem ser conceptualizados em termos do que é mais concreto e imediato, podemos considerá-la base nos pressupostos da Semântica Cognitiva e da Visão Experiencialista.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), o nosso sistema conceptual, em grande parte, é naturalmente metafórico, uma vez que é o reflexo direto da maneira como falamos e agimos no mundo porque as expressões na ordem da metáfora formam sistemas complexos que são baseados em metáforas conceituais que estão na base da linguagem e do pensamento. Dessa forma, segundo os autores, a metáfora não se reduz a uma troca de palavras ou a uma variação estilística, mas estudá-la abre caminhos para entender como nós compreendemos e damos sentido às nossas ações e ao mundo em que vivemos.

A Teoria da Metáfora Conceptual mostra que há relação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Domínio fonte é o mais concreto, o alvo é o abstrato. Kövecses (2002) propõe que os domínios-fonte mais comuns são CORPO HUMANO (“o coração da cidade”), ANIMAL (“ele é uma fera no jogo”), PLANTA (“colhi só notícias ruins hoje”), COMIDA (“deixei o namoro em banho-maria”). Os domínios-alvo mais comuns são EMOÇÃO (ser equilibrado), MORALIDADE (resistir à tentação), PENSAMENTO (ver a lógica do argumento), RELAÇÕES HUMANAS (ter um casamento sólido), TEMPO (gastar o tempo).

Destacamos aqui no trabalho a importância de discorrer brevemente acerca da Metáfora Primária, na medida em que permite as expressões linguísticas metafóricas. A base das metáforas primárias são *cenar primárias*, aquelas que construímos e experienciamos desde que nascemos. Elas ficam em nossa memória de longo prazo conectando uma experiência perceptual e a resposta cognitiva (conceito) formada a partir dessa experiência, segundo os estudos linguísticos. Nas palavras de Grady (1997, apud Gondim, 2012), tais *cenar primárias* seriam episódios mínimos (delimitados temporalmente) de experiências subjetivas, caracterizados pelas estreitas correlações entre uma circunstância física e uma resposta cognitiva.

Como exemplo, trazemos dos estudos linguísticos teóricos a ideia de PESO, que todos nós já temos um conhecimento de seu conceito. E o temos porque passamos por muitas experiências com objetos leves e pesados, fazendo esforços físicos em maior ou menor grau, dependendo do peso do objeto. Então, essas experiências nos ajudam a entender o domínio conceptual em relação com DIFICULDADE. Esse mapeamento, instanciado pela Metáfora Conceptual DIFICULDADE É PESO, licencia nossa compreensão de expressões metafóricas como *Escrever uma tese é muito pesado* ou *Falei toda a verdade, tirei um peso de minhas costas*. Dessa maneira, PESO é a fonte, um domínio conceptual mais facilmente apreensível pelos sentidos, e DIFICULDADE, o alvo, um domínio conceptual mais abstrato. Grande parte de nossa forma de pensar percorre caminhos metafóricos em que temos um domínio fonte mais experiencial, corpóreo, sensitivo e outro mais abstrato e menos físico.

Para Johnson (1999, apud Vanin, 2012) a metáfora primária é emergente de dois estágios, o da *conflação* (processo de aprendizagem), quando as experiências de cunho perceptual e conceptual seriam percebidas como um todo indiferenciado e o da *deconflação*, quando os domínios previamente indistintos seriam constituídos nos domínios alvo e fonte da metáfora, respectivamente. Kövecses (2010) exemplifica metáforas primárias: CAUSAS SÃO FORÇAS (“Você me deixa louca”) e EVENTOS SÃO MOVIMENTOS (“O que está acontecendo aqui?”).

A Teoria Neural da Metáfora, propagada por Narayanan (1999, apud Gondim), defende que existe uma base neural para a formação de metáforas chamadas básicas ou primárias. Sua pesquisa, conforme Gondim, envolve a projeção e o treinamento de redes neurais artificiais na qual evidencia que a cognição humana está fundamentada na experiência, os mesmos sistemas neurais responsáveis pelas sensações e pelos movimentos também participam na conceptualização de conceitos abstratos e metafóricos.

Ainda pensando nas metáforas primárias influenciando a formação de metáforas

complexas, temos outro exemplo clássico da literatura linguística cognitiva: VIDA/AMOR É UMA VIAGEM. Aqui, conforme podemos perceber, há uma correspondência conceitual, ou mapas, entre domínio-fonte VIAGEM e domínio-alvo VIDA/AMOR. A combinação das metáforas primárias pode ser específica da linguagem. As culturas influenciam as metáforas complexas. A experiência universal não necessariamente leva à metáfora universal. A experiência corpórea é seletivamente usada na criação de metáforas, podendo ser potencialmente ou parcialmente universal. Metáforas não são necessariamente baseadas em experiências corpóreas. Muitas são baseadas nas considerações culturais e nos processos cognitivos. A metáfora é, assim, constituída de várias partes, segundo Kovecses (1990):

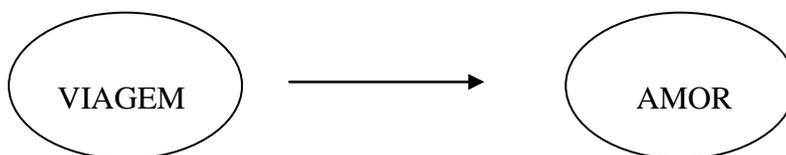
- 1- domínio-fonte;
- 2- domínio-alvo;
- 3- base experiencial;
- 4- estruturas neurais correspondendo (1) e (2) no cérebro;
- 5- relação entre fonte e alvo;
- 6- expressões linguísticas metafóricas;
- 7- mapeamento;
- 8- acarretamentos;
- 9- mesclagem;
- 10- realização não linguística;
- 11- modelos culturais

Para compreendermos melhor a estrutura interna de uma metáfora conceptual complexa, tomemos o exemplo citado O AMOR É UMA VIAGEM:

Metáfora: O AMOR É UMA VIAGEM

DOMÍNIO FONTE

DOMÍNIO ALVO



A metáfora conceptual, AMOR É UMA VIAGEM é desenvolvida por mapeamentos, conjunto de relações entre os domínios fonte e alvo, conforme podemos delinear:

- 1- Viajantes: os amantes
- 2- Veículo: a relação amorosa
- 3- Mapa de viagem: planos de casamento: ter filhos, construir uma família; comprar uma casa própria
- 4- Destino da viagem: felicidade e harmonia na vida a dois

5- Obstáculos na viagem: crises de diversas ordens: financeiras, conflitos de personalidade, monotonia; traição

Na compreensão dessa metáfora conceitual, podemos construir algumas inferências autorizadas e legítimas para o analista, uma vez que ele compartilha de valores, de crenças, de espaços sociais e culturais humanos:

- Quando a viagem é longa, cansativa, sem atrativos, então, o relacionamento pode ficar monótono;

- Quando cada viajante quer seguir destinos diferentes, então, o casamento pode entrar em crise por não haver acordo nas ideias e formas de viver.

Vale salientar que as metáforas conceituais licenciam ou motivam as expressões metafóricas tais como: *Separei de meu marido porque resolvi seguir a minha vida sozinha; Nossos caminhos pareciam pegar estradas diferentes*, somente para citar alguns exemplos. Em suma, quando relatamos nossas experiências amorosas em termos de viagem, RELACIONAMENTO funciona como domínio alvo e VIAGEM como domínio fonte que licenciam as expressões linguísticas de base metafóricas.

Analisando em partes:

1-2: As metáforas consistem de um domínio-fonte e de um domínio-alvo em que a fonte é mais física e o alvo é mais abstrato.

DOMÍNIO- FONTE: VIAGEM...

DOMÍNIO-ALVO: AMOR

METÁFORA: AMOR É UMA VIAGEM

3- A escolha de um domínio-fonte em particular é motivada pela experiência corpórea, base experimental. Por exemplo, ao pensar em AFEIÇÃO associamos à temperatura, pois quando somos bebês o calor do corpo do adulto nos faz bem.

4- As experiências corpóreas resultam de conexões cerebrais. Um exemplo potencial é de quando a área cerebral correspondente à AFEIÇÃO é ativada, também é ativada a área correspondente à CALOR/TEMPERATURA.

5- Uma fonte pode ser aplicada para diferentes alvos: VIAGEM serve para conceituar AMOR, VIDA...

6- Os pares fonte e alvo emergem as expressões linguísticas metafóricas, que são derivadas da conexão dos dois domínios: “tivemos um relacionamento quente”(AFEIÇÃO É CALOR)

7- Há um mapeamento que corresponde o domínio- fonte com o domínio- alvo:

Metáfora conceitual: AMOR É UMA VIAGEM

...

8- Os mapeamentos adicionais são chamados de inferências ou acarretamentos: nosso conhecimento de viagem, por exemplo, é ativado, nosso conhecimento de veículo também,...

9- A ligação entre domínio-fonte e domínio-alvo resulta em uma mesclagem, ou seja, materiais conceituais que são novos com respeito tanto ao domínio-fonte quanto ao domínio-alvo: se digo “o médico cirurgião é um açougueiro”, ativo a relação entre cirurgião e açougueiro, criando um outro espaço onde os dois se interligam. Ao pensar, que alguém “estava com as orelhas saindo fumaça” associamos à pessoa brava como domínio-alvo. Fumaça em um container como domínio-fonte (CONTAINER/ LIQUIDO QUENTE).

10- Metáforas conceptuais materializam ou são realizadas em meios não linguísticos, pois há também uma prática social, física. Um exemplo disso é pensar na metáfora IMPORTANTE É CENTRAL, que pode ser ativada em uma sala de reunião, onde a pessoa de posição profissional mais alta da empresa senta no lugar mais central.

Um exemplo, ainda, de metáfora conceptual que se encaixa com o tema desta tese é a forma como conceptualizamos uma discussão (um debate) através da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, sem que para isso tenhamos que ter experiência pessoal da guerra, mas porque temos dela imagens mentais mais ricas. Entre os dois domínios, segundo Lakoff e Johnson (1980), estabelecem-se analogias estruturais: os participantes de uma discussão correspondem aos adversários de uma guerra, o conflito de opiniões corresponde às diferentes posições dos beligerantes, levantar objeções corresponde a atacar e manter uma opinião a defender, desistir de uma opinião corresponde a render-se, etc. Tal como uma guerra, uma batalha ou uma luta, também uma discussão, um debate ou o processo de argumentação pode dividir-se em fases, desde as posições iniciais dos oponentes até à vitória de um deles, passando por momentos de ataque, defesa, retirada, contra-ataque. Como realizações linguísticas desta metáfora conceptual, atacamos ou defendemos determinada ideia ou argumento, tomamos posições e utilizamos estratégias, atacamos cada ponto fraco da argumentação de alguém, demolimos a argumentação do outro, acabamos por ganhar ou por perder, como explicam os autores.

A partir desses exemplos percebemos que as experiências corpóreas são fundamentais para a estruturação metafórica que advêm naturalmente dessas experiências inerentemente humanas e que competem a favor da universalidade, ou que podem ter bases culturais. Isto quer dizer que, embora haja inúmeras metáforas de base experiencial que emergem a partir de esquemas tais como RECIPIENTE e ORIGEM-PERCURSO-META, existem outras que podem ser baseadas em elementos culturais e processos cognitivos de

vários tipos (KÖVECSES, 2005).

Kövecses (1990) pensa, como já notamos, na metáfora conectada à cultura, associando esta como um conjunto de entendimentos compartilhados que caracterizam um grupo de pessoas. Segundo o autor, há uma estrutura cognitiva que faz com que entendamos o mundo via metáforas. Por isso, pode-se pensar que os entendimentos compartilhados, como uma ampla definição de cultura, podem ser metafóricos, quando envolvendo entidades como tempo, vida, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais, instituições sociais e políticas. Metáfora é, portanto, inerente da cultura e variável. As metáforas podem variar em diferentes culturas e entre a mesma cultura. Essa variação pode ocorrer em um grande número de dimensões, seja social, cultural, étnica... As experiências dos seres humanos são diferentes entre si, assim como suas preferências cognitivas, usadas para criação e abstração do pensamento.

As emoções são consideradas como experiências individuais dependentes da cultura, e são privadas, segundo Kövecses. Por isso, a linguagem e a conceptualização de emoções parecem ter relação com a cultura específica. O autor aponta, dentre várias análises de emoções, uma emoção que tem conexão com o conceito VIOLÊNCIA: a RAIVA.

Segundo Kövecses, podemos pensar em uma pessoa com raiva como um recipiente com pressão:

**PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO:**

*Você faz meu sangue ferver*

*Estou explodindo*

*Está saindo fumaça pelos ouvidos*

*Estou estourando minha paciência*

O que Kövecses observa é que o mapeamento entre o domínio-fonte RECIPIENTE PRESSURIZADO e o domínio-alvo PESSOA COM RAIVA é expresso linguisticamente em diferentes regiões do mundo de forma semelhante.

Em diferentes linguagens, a metáfora do RECIPIENTE foi percebida como pressurizada, com calor ou sem calor. As correspondências, ou mapeamentos, da metáfora citada para explicar a RAIVA incluem o seguinte:

- RECIPIENTE COM ALGUMA SUBSTÂNCIA OU OBJETO- PESSOA COM RAIVA
- SUBSTÂNCIA OU OBJETO DO RECIPIENTE- RAIVA
- PRESSÃO DA SUBSTÂNCIA OU DO OBJETO NO RECIPIENTE: A FORÇA DA RAIVA NA PESSOA

- A CAUSA DA PRESSÃO NO RECIPIENTE: A CAUSA DA FORÇA DA RAIVA NA PESSOA

- MANTER A SUBSTÂNCIA OU OBJETO DENTRO DO RECIPIENTE: CONTROLAR A RAIVA

- A SUBSTÂNCIA OU OBJETO ESCAPANDO DO RECIPIENTE: EXPRESSÃO DA RAIVA

O que podemos perceber é que nas metáforas não há uma nomeação direta das emoções, há apenas sua explicação com base em intensidade, causa, controle. O conceito relacionado à emoção é motivado pelo corpo humano antes de ser abstrato. Embora possamos pensar que os seres humanos partilhem das mesmas bases experienciais corpóreas; essas bases não são utilizadas da mesma forma pelos indivíduos, visto apresentarem outros fatores que influenciam na conceptualização. Entra aqui a hipótese defendida nesta tese de que as vivências influenciam na conceptualização de VIOLÊNCIA, ao relacionarmos conceitos com experiências corpóreas.

Lakoff e Johnson (1980) direcionam divisões entre os tipos de metáforas, pertinentes para análise dos MCIs. As Metáforas Orientacionais, em sua grande maioria, têm a ver com a orientação espacial: dentro-fora, para-cima, para-baixo, central-periférico, etc. As orientações espaciais são fundadas pelo tipo de corpos que temos, e de nossa posição no espaço que direcionam/influenciam os conceitos em perspectiva espacial como: FELIZ É PARA CIMA, TRISTE É PARA BAIXO, MENOS É PARA BAIXO, MAIS É PARA CIMA. Tais metáforas licenciam a produção e a compreensão das seguintes expressões metafóricas: *Ele ficou no chão depois de ser acusado de ladrão, A aula foi ótima, a professora sempre está de alto astral.*

As Metáforas Ontológicas envolvem projeções de características de entidade ou substância sobre algo que não possui tais características, por exemplo, a violência pode ser concebida como uma entidade: *A violência não é uma coisa de paz.* A metáfora ontológica abarca a personificação quando se trata de entidades entendidas em termos humanos: A VIOLÊNCIA É UMA PESSOA, como no exemplo: *A violência para o mundo.* Essa metáfora é ontológica, porque atribui a VIOLÊNCIA qualidades que não lhe são constitutivas como ter o poder de parar as ações das pessoas no mundo.

Esse conjunto de estudos referentes à metáfora, discutidos de forma sucinta, é relevante para a análise de nossos dados sobre as concepções de violência por grupos de jovens de culturas diferentes, na medida em que nos interessa analisar fatores que podem ser parcialmente universais devido ao fato de que seres humanos têm o mesmo corpo físico.

Acrescidos aos fatores parcialmente universais, interessa-nos entender os fatores culturais subjacentes aos mecanismos simbólicos, que permitem a conceptualização e as formas de idealizar as experiências na interação com o mundo físico e cultural no que diz respeito à VIOLÊNCIA, conceito abstrato socialmente, historicamente e ideologicamente construído. O propósito deste trabalho é verificar as diferenças intraculturais (ou a ausência destas) na definição de VIOLÊNCIA, buscando encontrar os pontos onde isso ocorre, pois se acredita que há diferença na forma de entender a categoria de acordo com o estilo individual e social dos indivíduos entrevistados. Pensar nisso é tentar entender como os fatores sociais, culturais influenciam e moldam as experiências emocionais através da linguagem, é tentar entender também como as emoções são organizadas conceptualmente acerca deste conceito aqui explorado..

Além das metáforas, há em jogo nesse processo cognitivo as metonímias conceptuais: são os vários tipos de metonímia que se baseiam em relações de contiguidade (não apenas no sentido espacial, mas também temporal, causal ou conceptual), tradicionalmente designadas por "continente pelo conteúdo", "causa pelo efeito", "instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada", "matéria pelo objeto fabricado dessa matéria", "parte pelo todo", etc. (e o inverso de algumas destas relações).

A contiguidade é estabelecida em termos de associação na experiência. Lakoff e Turner (1989) sugerem que a projeção metonímica envolve só um domínio, ao contrário da metáfora: *Shakespeare é ótimo de ler* (A sentença refere-se ao livro escrito por Shakespeare). A metonímia é concebida como uma projeção conceitual, em que um domínio experiencial (FONTE) é parcialmente entendido em termos de outro domínio experiencial (ALVO), ambos subjacentes a um domínio experiencial comum (BARCELONA, 2003).

Para Lakoff (1987), o Modelo Metonímico tem as seguintes características:

- Há um conceito "alvo" A a ser compreendido para algum objetivo em algum contexto;
- Existe uma estrutura conceptual que contém A e um outro conceito B;
- B é qualquer parte de A ou com uma associação bem próxima de A na estrutura conceptual. Uma escolha de B determinará A dentro da estrutura conceptual;
- Comparada a A, B é mais fácil de entender, mais fácil de lembrar, mais fácil de identificar ou mais imediatamente útil para determinado propósito em determinado contexto;
- O Modelo Metonímico é um modelo de como A e B estão relacionados em uma estrutura conceptual, sendo o relacionamento especificado por uma função de B para A.

Usamos metonímia quando conceptualizamos nossos sentimentos e as nossas

emoções. Por se tratar de domínios abstratos, é frequente a metonímia conceptual, em especial, a das emoções, capaz de ativar um efeito fisiológico relacionado ao tipo de emoção experienciada, segundo explica Vanin (2012).

Em vista disso, a metonímia é considerada uma das mais ricas fontes de efeitos prototípicos, pois, em sua essência, ela está estruturada a partir do princípio de que um membro de uma categoria, uma subcategoria ou um submodelo, é tomado como representativo da categoria ou do modelo como todo, conforme salienta Gondim (2012). Este fato, segundo a autora, serve para uma ampla variedade de propósitos: raciocínio em geral, dedutivo ou indutivo; reconhecimento de objetos; para fazer inferências; para construir julgamentos; para fazer planos, etc. Outro aspecto de relevância desse modelo, apontado pela autora, é evidenciar que quando o elemento passa a representar toda uma categoria, ele é tomado como “ponto de referência cognitivo”, estabelecendo efeitos de tipicidade.

Com intuito de sintetizar os Modelos Cognitivos Idealizados Metonímicos, abordaremos um exemplo de cada fonte metonímica de efeito prototípico, apontados por Lakoff (1987, p. 79-82):

Os estereótipos sociais: subcategoria utilizada para fazer julgamentos sobre as pessoas: Exemplo: mãe como aquela dona de casa;

Os exemplos típicos: melhores exemplares da categoria, visto emergirem de um processamento mental rápido. Exemplo: Maçã e laranja são frutas típicas;

Os ideais: saliência de casos abstratos ideais. Exemplo de marido: provedor, fiel, forte, respeitado e atraente;

Os padrões: imparcialidade na construção dos conhecimentos científicos; ou modelos de conduta e desempenho. Exemplo: quem se destacou na *Academy Award*.

Os geradores: números naturais de 0 a 9, que irão gerar outros números;

Os submodelos: consistem em um ponto de referência cognitivo que produzem efeitos prototípicos. Exemplo: números de fatores de 10, cem, mil;

Os exemplos salientes: fatos memoráveis mais conhecidos que podem representar uma categoria como um todo. Por exemplo, no caso do desaparecimento da aeronave da *Air-France* no Oceano Atlântico que nos levou a questionar a segurança de todos os aviões da *Air-France*.

Como podemos observar, as metonímias configuram-se em um processo cognitivo que explora o fato de haver uma ligação pragmática entre as entidades, sendo mais um exemplo de construção linguística, mas não apenas, pois é sustentada pelo aparato cognitivo.

O exemplo da mãe como dona de casa é típico para pensarmos na metonímia como

processo cognitivo. Nós tendemos a pensar na categoria mãe em termos da subcategoria estereotipada, mãe dona de casa, mesmo sem mencioná-la, porque esse modelo está introjetado nas representações sociais e nas simbólicas da categoria mãe, aquela mãe: a mãe dona de casa. É o que vimos quando passamos pela definição de categorização.

Outro exemplo da metonímia no nosso dia-a-dia é quando dizemos “Ele é apenas um rosto bonito”, como apontam Kövecses e Radden (1999, apud VANIN, 2012). Quando nos referirmos às pessoas em nosso cotidiano, a PARTE (rosto) está PELO TODO (corpo), isto é fruto de uma visão cultural de beleza expressa pelos instrumentos sócio-históricos, como em pinturas, fotografias de toda sorte. Assim, refletimos, à luz da teoria, que a metonímia não é apenas uma substituição; as expressões não contêm simplesmente duas palavras, mas duas entidades conceituais socioculturalmente situadas, pessoa e rosto; que se inter-relacionam dinamicamente na constituição e na manifestação de crenças e de valores, de acordo com Vanin (2012). A metonímia configura-se ROSTO PELA PESSOA, porque em geral, explica a autora, quando conversamos nós atentamos mais para a face da pessoa do que para o resto os movimentos de seu corpo, de modo a termos uma ideia básica de como a pessoa é; o rosto é mais saliente, está mais em evidência, muito embora os dois, ROSTO e PESSOA estejam interligados na estrutura conceitual de ser humano.

Os modelos metonímicos, segundo Vanin (2012) nos ajudam a compreender: i- quais são os conceitos mais salientes que as pessoas possuem e o relacionam com a violência; ii- como esses conceitos são construídos nas e pelas interações socioculturais; e iii- quais são os estereótipos, os exemplos típicos e os salientes, presentes na representação sociocultural dos participantes quando tratam de temas sobre a violência.

Trazendo para o contexto da tese, cita-se como representativo da metonímia como processo cognitivo, um exemplar mais típico da categoria agressor de criança, sugerido por Gondim (2012), pois podemos certamente averiguar que o estereótipo de agressor não está associado a um membro da família, a um amigo próximo, a alguém que cuida. Muito provavelmente, quando nos reportamos a agressor, assumimos as seguintes características estereotipadas para ele: delinquente, psicopata, marginal, assassino cruel. Tais características não são coerentes a alguém da família ou a alguém próximo à criança. Por isso, muitas vezes, o adolescente vítima de maus-tratos em casa não percebe seus agressores de forma negativa, já que está ligado emocionalmente, o que impede uma avaliação moral mais coerente com o vivenciado. Ou, quando se dá conta desta figura de agressor dentro de sua própria casa, omite tal fato, pois sabe que não é o considerado um fato aceito pela sociedade e até esconde, como uma forma de afeto, para desculpar o agressor.

As fontes metonímicas usadas pelas pessoas, geralmente, interferem naquilo que elas conceptualizam acerca do agressor, o que, muitas vezes, reforçam os estereótipos sociais e, conseqüentemente, o preconceito, que, via de regra, alimenta o ciclo de violência e dificulta medidas de cuidado em relação à proteção da criança, como explica Gondim. Dessa forma, a manifestação de Modelos Metonímicos, via estereótipos, é motivada pelo meio sociocultural, pelas experiências pessoais do indivíduo, como também, pelos domínios privilegiados da mídia e de massificação cultural.

As projeções metonímicas, como categorias de análise que envolvem o Modelo Cognitivo de Violência, no discurso de estudantes de diferentes contextos surgem daquilo que eles consideram pertinente relatar ao discorrer sobre VIOLÊNCIA, ora vinculado às ações de bater, atirar e matar, ora a sentimentos decorrentes como medo, tristeza, dor e revolta. Isso é possível, na medida em se que evidenciam as concepções centradas no contexto sociocultural, e, dessa maneira, a metonímia mostra-se um aspecto de análise relevante e eficaz no cumprimento de nossos objetivos de pesquisa.

Gondim (2012) aponta a importância da denominação *metaftonímia* sugerida por Goossens (2003, apud GONDIM,2012) para designar o processo de interação entre metáfora e metonímia. Goossens (2003), em seus estudos, sustenta a ideia de que as *metaftonímias*, geralmente, são baseadas em partes do corpo. O autor, em síntese, apresenta dois grupos de ocorrências: A *Metaftonímia Integrada*, que é designada a metonímia dentro de uma metáfora e a metáfora dentro de uma metonímia. Nesses casos, pode-se analisar a combinação de metáfora e de metonímia em uma mesma expressão. Para o autor, o primeiro tipo é mais comum, por exemplo: na expressão *cortar a língua*, temos um domínio-fonte cuja projeção metafórica evoca um domínio mais abstrato e subjetivo. O sentido pode ser “arrepender-se daquilo que se pronunciou”; “não repetir o que se disse”; autopunição simbólica. Torna-se possível pela integração da metonímia: LÍNGUA ESTÁ PELA FACULDADE DE FALAR, PARTE PELO TODO. A *Metaftonímia Cumulativa* é a metáfora a partir de uma metonímia. Os domínios fonte e alvo podem estar ligados de forma natural e simultânea em uma única cena complexa - situação que conta sempre com a presença de metonímias servidas como base para a interpretação metafórica. Nesse sentido, a leitura metonímica é necessária para formação da metáfora; essa formação apresenta uma ligação com a sua origem metonímica. O exemplo citado é *boca fechada*, podendo significar não falar os segredos dos outros, ser discreto. Pode ser entendida de forma mais literal manter os lábios unidos ou fechados.

Radden (2003, apud GONDIM,2012) defende que a metonímia baseada em metáfora supera, pelo menos, parte do problema criado por limitar um estudo de uma ou outra categoria

particular. Em vez de sempre querer separar os dois, podemos muito mais pensar em um *continuum* metonímia e metáfora com evidentes casos *fuzzy* no meio, segundo Gondim. Para a autora, metonímia e metáfora podem ser vistas como categorias prototípicas nos extremos deste *continuum*. Segundo ela, os dois fenômenos sociocognitivos e culturais do pensamento e da linguagem estão sob inter-relação, o que leva a distinguir os tipos de metonímias baseadas em metáforas com diferentes motivações entre domínios conceituais.

No exemplo “subida de preços”, Gondim explica que as pessoas podem compreender ou analisar a expressão tanto sob uma perspectiva metonímica quanto metafórica: na primeira, a leitura faz-se, segundo a autora, pela representação gráfica do preço sob a forma de uma linha ascendente num gráfico; configura-se a metonímia COISA PELA SUA REPRESENTAÇÃO (*THING OF REPRESENTATION*), ou ainda ACIMA POR MAIS, correlacionando o preço à quantidade de dinheiro investido. Na segunda análise, temos uma relação de similaridade entre “altura” de um preço e “quantidade” de dinheiro, segundo a metáfora MAIS É PARA CIMA (RADDEN, 2003, apud Gondim, 2012).

A metonímia por implicatura acontece, por exemplo, na metáfora CONHECER É VER; VER É COMPREENDER. Na expressão, *estamos vendo como o mundo está violento*, pode significar ver as cenas do cotidiano, implica em compreender que a violência existe, compreender que as pessoas perdem a sua liberdade, de acordo com Gondim. Assim, ver e compreender podem ser ações que ocorrem simultaneamente ou sucessivamente.

Ainda de acordo com a autora, as metonímias baseadas em estrutura de categorias e os seus elementos mais salientes podem ser de origem metafórica. No exemplo, *ele feriu-me com suas palavras*, a ofensa verbal é entendida em termos de dano físico corporal, então OFENSA VERBAL É DANO FÍSICO.

As Metonímias baseadas em modelos culturais demonstram, conforme aponta Gondim, que as concepções e as crenças são comunicadas, produzidas a partir de domínios conceituais metafóricos e metonímicos. Por exemplo, COMUNICAR É MANDAR; COMUNICAR É TRANSFERIR, segundo a metáfora do CANAL de Reddy (1979, apud GONDIM, 2012), como na expressão: *O professor não conseguiu passar o conteúdo*.

Pensando no contexto desta tese, a metáfora conceitual IRA É O CALOR DE FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE (LAKOFF, 1987) apresenta uma motivação metonímica – EFEITO PELA CAUSA. Os efeitos fisiológicos da raiva são apresentados metonimicamente e, dessa forma, as emoções e suas reações fisiológicas expressas subjetivamente colaboram para materialização da metáfora com base metonímica.

As metonímias conceituais para emoção interessam-nos porque em situações de

violência, demonstramos comumente sentimentos de medo, de pavor, de tristeza e de insegurança. Silva (2003) sistematizou, com base nos estudos de Kövecses (1986, 1989, 2000, 2005, 2010) um resumo coerente que expõe as principais metonímias fisiológicas das emoções, conforme apresenta GONDIM (2012):

#### EFEITO FISIOLÓGICO EMOÇÃO/SENTIMENTO

- Aumento de temperatura do corpo: fúria, alegria, amor
  - Abaixamento temperatura do corpo: medo
- Vermelhidão da cara e pescoço: fúria, amor
- Palidez: medo
- Gritos e lágrimas: fúria, tristeza, medo, alegria
- Suor: medo
  - Secura na boca: medo
- Aumento de pulsação e sangue: fúria, revolta
- Ansiedade, palpitações: medo, amor
- Arritmias: medo
- Postura ereta: orgulho
- Cabisbaixo: tristeza, vergonha
- Incapacidade de se movimentar: medo
- Saltar: alegria
- Abraçar: alegria, amor
- Agitação física geral: fúria, revolta, medo, alegria, amor

Conclui-se, portanto, a *Metaftonímia* nas emoções/sentimentos da seguinte forma:

Metonímia AGITAÇÃO FÍSICA POR EMOÇÃO

Metáfora A EMOÇÃO SURGE REPENTINAMENTE DO EXTERIOR

A EMOÇÃO É UMA FORÇA NATURAL

A EMOÇÃO É UM ORGANISMO VIVO

PRESENÇA É A EXISTÊNCIA DA EMOÇÃO

EMOÇÃO É UM FLUIDO NUM CONTENTOR

O CORPO / OS OLHOS / O CORAÇÃO / OUTROS ÓRGÃOS SÃO  
CONTENTORES DE EMOÇÕES

Percebemos aqui a corporificação da mente, porque muito do que pensamos e do que sentimos estrutura-se pelo tipo de corpos que possuímos e como cada aspecto de nosso corpo é saliente ou ativado sob influência do meio físico e do sociocultural em que estamos inseridos.

Longe de serem domínios excludentes, a metáfora e a metonímia funcionam de forma conjunta e complementar visando à produção de sentidos. E é essa a defesa do presente trabalho. Já visto então os modelos metafóricos e metonímicos, seguimos com os modelos cognitivos simbólicos.

#### **1.2.4 Modelos cognitivos simbólicos**

Como percebemos até então, pensar em conceitos, em categorização é mais do que simplesmente estabelecer traços semânticos, com valores de verdade. Cada conceito é estruturado em nossa mente a partir de experiências corpóreas e não é raro o uso conceptual de metáfora e metonímia- podendo ambas estarem coatuando no processo de estruturação de conceitos. Esta relação entre cognição e linguagem é valorizada nos estudos semânticos cognitivos. Pensar em linguagem é pensar em léxico, e pensar também em construções frasais. É aqui que cabem então os modelos cognitivos simbólicos.

A Linguística Cognitiva, de acordo com Ferrari (2011), assume que léxico e sintaxe não constituem módulos separados, mas formam um continuum de construções, partindo de elementos muito específicos, como item lexical ‘janela’, ou a expressão ‘esquentar a cabeça’, até padrões mais abstratos como a categoria ‘adjetivo’ ou a construção transitiva.

A continuidade léxico-sintaxe está ancorada na hipótese de pensamento entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático, segundo Ferrari (2011). Esse pareamento, para a autora, pode ocorrer de acordo com padrões gerais (ou esquemas) que captam as características compartilhadas por várias instanciações específicas. Por exemplo, a sentença “ele dançou samba” e “ele perdeu a cabeça” são instanciações da construção transitiva [[SN] V SN2]; os sintagmas nominais SN1 e SN2 constituem argumentos do verbo e exercem respectivamente, as funções de sujeito e objeto direto.

Trata-se, portanto, de uma visão não derivacional, que explica a regularidade da gramática com base em esquemas abstratos gerais, e não em regras algorítmicas de manipulação de símbolos como fazem os modelos gerativos.

Feltes (2007) explica que os modelos cognitivos simbólicos podem ser definidos como a combinação de modelos de forma com modelos cognitivos, facilitando a compreensão de todos os tipos de correspondências entre forma-significado que têm uma realidade cognitiva. Segundo a autora, os MCIs que são apenas conceituais podem ser caracterizados independentemente das palavras e morfemas das línguas. Quando, porém, os elementos

conceituais dos MCIs são associados a elementos linguísticos, tem-se, então, um MCI simbólico.

Os estudos de Langacker (1987) sobre gramática cognitiva servem de base teórica para tais modelos, visando uma descrição e uma explicação da gramática em termos cognitivos, motivados semanticamente. Lakoff (1997, apud Feltes, 2007) ilustra a operação com MCI simbólico em três níveis de descrição linguística: dos itens lexicais, das categorias gramaticais e das construções gramaticais.

Dentro do nível lexical, Feltes (2007) afirma que podemos considerar relevantes os estudos acerca da polissemia, visto esta ser simbólica, numa visão semântica de *frames*. Ou seja, o significado dos itens lexicais como palavras e morfemas pode ser caracterizado como MCI, sendo o significado de cada item lexical representado como um elemento em um modelo cognitivo, o que como um todo é tomado como o background contra o qual a palavra é definida.

Retomando com o exemplo do item lexical ‘janela’, sugerido por Lakoff: podemos perceber que um único MCI pode ser a base sobre a qual uma coleção de sentidos forma uma categoria natural única expressa por um único item lexical. Segundo o autor, concebemos uma ‘janela’ como uma abertura numa parede com uma moldura preenchida por vidros. A mesma palavra em vista desse modelo pode ser utilizada para referir o conjunto inteiro ( quantas janelas tem a casa), para referir apenas a abertura( o rapaz pulou a janela), pode se referir a moldura ( a janela está torta), ou apenas aos vidros( quebraram a janela com a bola).

O que se percebe, portanto, é uma categoria natural de sentidos, que pode ser aplicada em diversos contextos num mesmo modelo cognitivo. As categorias gramaticais não têm definições clássicas estritas em termos semânticos, mas suas subcategorias centrais podem ser definidas apenas dessa maneira, conforme o autor. Os membros restantes de cada categoria gramatical podem, então, ser motivados por suas relações com os membros sociais.

Para Lakoff, as categorias linguísticas e as categorias conceituais apresentam efeitos prototípicos evidenciando que a linguagem faz uso dos mecanismos cognitivos gerais- no mínimo, os mecanismos de categorização. Esses efeitos prototípicos estão presentes em todos os níveis linguísticos, desde o fonológico até o sintático, semântico. O autor cita o exemplo da palavra ‘nome’, mostrando que essa categoria tem uma estrutura radial do seguinte tipo:

- A) Uma subcategoria central- nomes para entidades físicas, pessoas, lugares, coisas
- B) Uma subcategoria periférica- nomes abstratos

O paradigma denominado Gramática das Construções propõe que as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas constituem unidades simbólicas

baseadas em correspondências entre forma e significado.

Lakoff, segundo aponto Ferrari (2011) define ‘construções gramaticais como sendo par forma-significado (F,S), onde F é um conjunto de condições sobre formas sintática e fonológica e S é um conjunto de condições sobre significados e uso.

O autor afirma que a gramática é uma categoria radial de construções gramaticais, cada construção associando-se a um modelo cognitivo, que caracteriza o significado com aspectos correspondentes de forma linguística.

Em síntese, neste capítulo teórico, discorremos sobre os aportes teóricos da Linguística Cognitiva, como campo da Linguística que, além de valorizar em seus estudos a língua em uso, busca compreender as estruturas cognitivas inerentes à linguagem.

O foco da Linguística Cognitiva está na perspectiva da cognição corpórea, cujos pilares estão na ideia de que grande parte de nossas crenças, de nossas concepções é estruturada, construída a partir de nossa ação e atuação no ambiente físico e sociocultural. Segue-se um quadro resumo, apresentado por Feltes (2007), que mostra a tipologia básica da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados:

**Quadro 2- Quadro resumo dos Modelos Cognitivos Idealizados**

MCI's	
CONCEITUAIS	LINGÜÍSTICO- CONCEITUAIS
Esquema de imagem	Metonímico
<ul style="list-style-type: none"> <li>RECIPIENTE</li> <li>PARTE-TODO</li> <li>CENTRO-PERIFERIA</li> <li>PARA CIMA- PARA BAIXO</li> <li>FRENTE-TRÁS</li> <li>ORIGEM-PERCURSO-META</li> <li>LIGAÇÃO</li> <li>FORÇA</li> <li>EQUILIBRIO</li> <li>Etc</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>ESTEREÓTIPOS SOCIAIS</li> <li>EXEMPLOS TÍPICOS</li> <li>IDEAIS</li> <li>PADRÕES</li> <li>GERADORES</li> <li>SUBMODELOS</li> <li>EXEMPLOS SALIENTES</li> </ul>
Modelo Proposicional	Metafóricos
<ul style="list-style-type: none"> <li>PROPOSIÇÃO SIMPLES</li> <li>FRAMES, SCRIPTS</li> <li>FEIXE DE TRAÇOS</li> <li>TAXONOMIA</li> <li>CATEGORIA RADIAL</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>ORIENTACIONAIS</li> <li>ONTOLÓGICA</li> <li>ESTRUTURAIS</li> </ul>
	Simbólicos
	<ul style="list-style-type: none"> <li>ITENS LEXICAIS</li> <li>CATEGORIAS GRAMATICAI'S</li> <li>CONSTRUÇÕES GRAMATICAI'S</li> </ul>

Fonte: Feltes, 2007

Desenvolvemos, também, um estudo acerca dos MCI's com intuito de ressaltar a pertinência de nossa escolha teórica e metodológica - acentuar aspectos de natureza linguística, social e cultural subjacentes às construções de domínios conceituais. Esses domínios são organizados a partir dos MCI's, modelos criados por convenções sociais, isto é, pela dinâmica da vida em sociedade, envolvendo os conhecimentos e as experiências

acumuladas pelos indivíduos. Dessa forma, apresentamos os tipos de MCIs que servem de categorias de análise: os metafóricos; os metonímicos; os proposicionais bem como os de natureza esquemática.

O que se quer dizer com tudo isso é que o meio ambiente, social, cultural tem relação direta com a categorização, com a construção de conceitos, com a construção mental de emoções. Concluimos assim que não é possível separar cognição, corpo, cultura e emoção ao pensarmos na categoria VIOLÊNCIA. E é justamente por isso que a seção seguinte se dedica a tratar da interface entre cognição, cultura e emoção.

### 1.3 INTERFACE DA SEMÂNTICA COGNITIVA COM OUTRAS ÁREAS: LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA

Como percebemos até agora, não é possível pensar em contextos de comunicação, em emoções, em Modelos Cognitivos sem levar em consideração a importância que a situação comunicativa exerce na construção dos conceitos. VIOLÊNCIA tem relação direta com experiências socioculturais, fazendo parte da vivência de membros de uma comunidade. Tal seção serve para explicar esta interface.

O presente trabalho defende que a maneira de falar constitui uma manifestação de comportamento, além de refletir o sistema cognitivo. O paradigma cognitivo-cultural considera que os símbolos e categorizações através das quais representamos nossa realidade e nossas experiências não surge apenas de nossas experiências corporais ou mentais, mas constituem convenções a uma realidade cultural e social. É o envolvimento social que ganha força no aparato emocional. As emoções não são apenas sentimentos, mas disposições episódicas para comportamentos, reações a normas sociais.

A forma de articular ideias, de expor palavras constitui um modelo de sociedade, que pode ser definido como *script cultural* (Wiersbicka, 1994), ou seja, um modelo cultural de regras para comunicação. Este *script cultural* é constituinte de nosso aparato cognitivo, aproximando-se à ideia de frames, citada no trabalho. O que se quer defender de fato é que as ideias são compartilhadas pela maioria da sociedade. Essa natureza consensual resulta do fato de as atividades do dia-a-dia (incluindo práticas, culturas e normas sociais) constantemente oferecerem evidências de uma dada cultura. Segundo Quinn e Holland (1987), *scripts culturais* são modelos de mundo aceitos e compartilhados pelos membros de uma sociedade; desempenham um papel importante no entendimento de mundo e no comportamento social.

Os *scripts culturais*, segundo os autores, pertencem ao inconsciente cultural e é percebido pela análise do que as pessoas fazem. Os *scripts culturais* fornecem pistas para entender o aparato cognitivo humano; entender como as pessoas pensam ou dizem que pensam. Não são as afirmações dos comportamentos das pessoas, são as afirmações das ideias que as pessoas têm a respeito do comportamento. Mesmo que apareçam em sentenças explícitas, diversas vezes iguais, não refletem necessariamente a uma certeza, pois envolvem o aparato cognitivo humano individual, formado por crenças, experiências, emoções.

Para falar em *script cultural*, precisamos abordar a noção de cultura. D'Andrade (1981) descreve a cultura como parte integrada da Psicologia Cognitiva. Os *scripts culturais* focam no que a pessoa pode dizer, no que não pode, no que é “bom dizer”, no que “é ruim”, no que as pessoas devem fazer, não devem fazer. Constitui uma gramática cultural interna da sociedade (cujas partes podem ser expressas em frases, discursos, rotinas...). O *script* constitui-se basicamente pelo modelo “pode e não pode”.

Traz-se aqui a noção de *script cultural* para tornar evidente que é sabido que um questionário semiestruturado é um instrumento de pesquisa, e, por mais informal que pareça ser, não é uma produção natural, espontânea. O participante, por sua vez, ao saber disso, toma cuidado no que responde, pois sabe que há coisas que podem ser ditas e coisas que não podem ser ditas.

Kövecses (2005) ressalta: “se a nossa língua nativa determinasse de forma estrita a maneira de pensar, não poderíamos traduzir de uma a outra língua”. Assim, seríamos prisioneiros delas. Em vez de determinar, a língua influencia o modo como percebemos o mundo. Wierzbicka (1997) afirma que as palavras são artefatos culturais das sociedades, e elas servem para transmitir atitudes sociais e valores culturais. Os *scripts culturais* são um modelo teórico construído na relação entre a cognição, a linguagem e a cultura, capaz de explicar como agem os diferentes sistemas na construção do significado.

Entre os membros dos grupos sociais, existe um espaço compartilhado de regras tácitas necessárias para o entendimento. Tais condutas, valores ou ideias são originados pela experiência direta ou indireta, em forma de práticas sociais, costumes ou normas que perfilam os traços dessa cultura, conforme cita Escalante (2008, apud Gondim, 2012). Ainda de acordo com o autor, mesmo que inconscientemente, os membros desses grupos são portadores, transmissores e até modificadores desses códigos. O modelo dos *scripts culturais* permite o acesso às nuances dos rituais de interação e às regras que os regem. É uma abordagem utilizada para analisar normas e valores provenientes da cultura, e fundamenta-se na ideia de que “o modo de falar de um grupo é uma manifestação de um sistema tácito de regras, ou

roteiros culturais que podem ser reconstruídos” (WIERZBICKA, 1997).

Além de permitir o acesso às elaborações cognitivas, através das evidências linguísticas, os *scripts culturais* proporcionam uma visão qualitativa dos fenômenos. Por isso, um mesmo traço (o silêncio, as desculpas, a insistência) não precisa ser explicado em termos de ausência/presença.

Num estudo de caso descritivo, cujo foco era a discussão sobre unidade/diversidade linguístico/cultural dos falantes da língua espanhola, Escalante realizou um levantamento dos *scripts* para o pedido e a negação. Proporcionou-se um modelo de interação pedido/negação em forma de diálogo e suas impressões foram levantadas numa entrevista. A interpretação do diálogo permitiu o levantamento do seguinte *script*: QUANDO DIGO ALGO COMO “Tem um evento na tua cidade em julho e eu estou convidado. Lá não conheço ninguém e estou procurando onde ficar. Será que você conhece um lugar barato” QUERO DIZER: “Posso ficar na tua casa?”. QUANDO UMA PESSOA PEDE PARA FICAR NA MINHA CASA, EU DIGO ALGO COMO “Justo neste data, não estarei em casa” QUERO DIZER “Não quero que fique na minha casa”.

Como podemos observar, as normas e valores culturais podem ter diferentes significados sociais em diferentes ambientes culturais. Quando os modelos culturais são mediadores de atividades compartilhadas consensualmente e repetidas sistematicamente em situações semelhantes por membros de um determinado grupo social, estas atividades constituem *práticas socioculturais*. Estas práticas consistem em atividades para as quais a cultura tem expectativas normativas da forma, maneira e ordem de conduzir ações repetitivas ou costumeiras, exigindo habilidades e conhecimento específicos.

Estas práticas precisam ser aprendidas como sistemas de atividades; têm *scripts*, contextos ou expectativas de pano de fundo que orientam as pessoas quanto ao comportamento apropriado para uma determinada ocasião. Aqui, há muita semelhança com os estudos de Grice e suas regras de cooperação para o bom fluir da conversação, da interação comunicativa, embora tal autor não estivesse interessado no contexto extralinguístico.

Este trabalho propõe-se a verificar a existência (ou não) de diferenças de caráter intracultural na definição de VIOLÊNCIA, buscando encontrar os pontos onde isso ocorre, pois se acredita que há diferença na forma de entender a categoria de acordo com o estilo particular e social dos indivíduos entrevistados. Pensar nisso é tentar entender como os fatores sociais, culturais influenciam e moldam as experiências emocionais através da linguagem; é tentar entender como as emoções são organizadas conceptualmente e como se percebe isso nas práticas culturais.

De acordo com Vanin (2012), o ser humano carrega crenças, ideais, influências, enfim, suas vivências, em cada palavra carregada de significado que pronuncia. O sentido, portanto, passa a ser construído na relação, sofrendo interferências dessas vivências acumuladas e transformadas em conceitos.

Ainda conforme a autora, a mente opera de forma a abranger aspectos socioculturais na construção de significados para os fatos no mundo. Nela, a linguagem, que é parte da cognição, se fundamenta em processos cognitivos, interacionais e culturais, abrindo espaço para dimensões intersubjetivas. Por isso, a observação do seu uso torna-se relevante pelo fato de os processamentos da conceptualização, da categorização, da interação e da experiência social e cultural estarem imbricados e se formarem nas práticas cotidianas.

Indivíduos de um mesmo grupo social, então, comportar-se-ão de forma mais ou menos similar por causa do seu relacionamento com os demais, ou seja, há uma tendência a seguirem aquilo que é convencionalizado para aquela sociedade.

Isso se explica, segundo Sperber e Hirschfeld (1999), citados por Vanin (2012), porque os organismos possuem as capacidades cognitivas características de suas espécies, com variações individuais relativamente superficiais. Nas espécies sociais, os indivíduos são também membros de grupos. Os mesmos autores acreditam que uma parte importante de sua atividade cognitiva está direcionada para outros membros do grupo com os quais eles cooperam e competem. Entre os seres humanos, a vida social é também ricamente cultural. O fato de se socializarem e estarem envolvidos em uma cultura é possível, como explica Vanin (2012), pelas capacidades cognitivas, além de fornecerem *inputs* específicos para os processos cognitivos, como a capacidade de ver determinado objeto de certa forma – na verdade, a mente, em conjunção com o corpo, trabalha a fim de dar determinado *status* ao objeto.

Grupos sociais mantêm as informações sobre comportamento transmitidas por gerações, tendo em vista o papel renovador da cultura. Para Sperber e Hirschfeld (1999, apud VANIN, 2012), as concepções de cultura inerentes a diferentes grupos sociais podem ser uma variável na formação e na compreensão de conceitos, mas é a partir da experiência que esses são construídos na mente. Assim, esses autores acreditam que os fatos culturais não são apenas mentais, mas distribuições de fatos públicos e mentais ligados causalmente em uma população humana. Especificamente, cadeias de interações podem distribuir representações mentais similares e produções públicas similares (tais como comportamentos e artefatos) por uma população. Os tipos de representações mentais e produções públicas que são estabelecidas através de tais cadeias causais são, de fato, o que se reconhece como cultural, ou

rede cultural. Dessa forma, como afirma Marcuschi (2007, apud VANIN, 2012), a cultura, uma vez incorporada, também opera como fenômeno cognitivo.

Nesse sentido, Sperber e Hirschfeld (1999, apud VANIN, 2012) apontam que o estudo da cultura para as ciências cognitivas tem duas razões principais. Primeiro, a existência de cultura é um efeito e uma manifestação de habilidades cognitivas humanas. Segundo, as sociedades humanas estruturam culturalmente cada aspecto da vida humana e, em particular, da atividade cognitiva. Assim, a cognição humana, conforme os autores, tem lugar em um contexto cultural e também social, já que usa instrumentos fornecidos pela cultura na qual estão inseridos, como palavras, conceitos e crenças. É por esse motivo que Vanin (2012) defende que um olhar cognitivo sobre a cultura e um olhar cultural sobre a cognição, ambos levando em conta o caráter social desses aspectos, devem ser complementares.

Vanin (2012) afirma que por causa de sua dimensão social, os humanos articulam também um caráter filogênico, ontogênico e sociogênico na cognição, citando TOMASELLO (1999). Por causa disso, ao projetar-se nos outros, o indivíduo constrói a sua própria identidade e torna-se um agente intencional e mental, de acordo com a autora. Assim, as habilidades cognitivas são também modelos culturais, de onde se desenvolvem os sistemas de dimensões coletivas a partir da capacidade de compartilhar intenções através da linguagem.

Duranti (1997) hipotetiza que, se a cultura é apreendida, muito do que se entende por *cultura* pode ser pensado em termos de conhecimento de mundo. Segundo o autor, reconhecer objetos, lugares e pessoas não é o objetivo único daqueles que pertencem a uma determinada cultura; esses membros deveriam também compartilhar determinados padrões de pensamento e maneiras de se entender o mundo, fazendo inferências e previsões por meio desses padrões. Cultura é uma organização de coisas, pessoas, comportamento e emoções.

Alfred Kroeber (1963), antropólogo americano, argumenta que não se pode realmente entender outra cultura a não ser que se tenha acesso a sua língua. A relação, assim, entre cultura e língua(gem) é fundamental para os antropólogos linguistas, como Duranti, que chega a afirmar que conhecer uma cultura é como conhecer uma língua e descrever uma cultura, é como descrever uma língua. Vale notar que, como vimos acima, língua é entendida na sua relação com as práticas discursivas que formam a cultura e essas práticas, por sua vez, se dão através da interação entre indivíduos e grupos.

A interação, mediada pela linguagem, é, segundo Tomasello (1999), o centro da cognição humana. O homem, para o autor, é um domínio que se descobriu na contraface do outro via linguagem. Ele é capaz de se ver através do outro, de partilhar intenções e desenvolver ações conjuntas.

Vendo a linguagem como um dos modos da cognição humana, Tomasello afirma que as construções abstratas formam a base da criatividade linguística da criança. Cada criança deve elaborar essas construções individualmente, da mesma forma que faz a distinção entre as falas que ouve de usuários mais experientes na língua.

Isso torna, conforme o autor, as construções linguísticas abstratas especialmente interessantes do ponto de vista da cognição, uma vez que elas estão fundamentadas tanto na aprendizagem das estruturas linguísticas culturalmente convencionais como nas habilidades cognitivas individuais de categorização e formação de esquemas que advém da sua herança biológica como primatas individuais.

Tomasello ressalta a interação entre as construções linguísticas abstratas e palavras individuais concretas que, segundo o autor, cria novas e poderosas possibilidades para construções de elementos derivacionais, analógicos e metafóricos, tais como:

A) Propriedades e atividades como se fossem objetos:

- Azul é a minha cor favorita;
- Esquiar é divertido;
- Descobrir o tesouro foi sorte

B) Objetos e atividades como se fossem propriedades:

- Sua vizinha me balançou;
- Sua cabeça raspada distraiu-a;
- Sua maneira Nixoniana me ofendeu;

C) Objetos e propriedades como se fossem propriedades:

- Ela presidiu a reunião;
- Ele molhou as calças;
- O pequeno jornaleiro “abrigou” o jornal

D) Eventos e objetos como se um fosse o outro:

- O amor é uma rosa;
- A vida é uma viagem;
- Um átomo é um sistema solar

Os seres humanos por serem criativos conseguem criar recursos extras para se comunicarem, quando seus repertórios não estão dando conta na situação comunicativa. Conseguimos conceptualizar ações como objetos e vice-versa e, para tal, as metáforas, exercem forte participação. Sobre o pensamento metafórico, Tomasello argumenta, ainda, que ele surge da interação e que está na base da cultura. Isso reforça a relação entre cultura, linguagem e metáfora.

Como defende Gibbs (2006) a presença de metáforas em expressões linguísticas reflete não somente a operação de estruturas mentais individuais, mas também o trabalho de diferentes modelos culturais. Esses modelos culturais podem ser definidos como “esquemas culturais subjetivamente compartilhados que funcionam no intuito de interpretar experiências e guiar ações em vários domínios, incluindo eventos, instituições, e objetos mentais e físicos”. Ou seja, modelos culturais podem ser entendidos, de acordo com o autor, como uma representação de visão de mundo de uma sociedade/cultura no que tange a suas crenças, atos, maneira de falar sobre o mundo e suas próprias experiências.

A linguagem figurada de uma comunidade pode ser entendida como “uma reflexão dos padrões convencionais do pensamento daquela comunidade ou como uma visão de mundo”. Por conseguinte, a metáfora reflete e reproduz as visões de mundo de uma comunidade.

A relação entre metáfora e cultura é também ressaltada por Lakoff e Johnson (1980). Para os autores, como já apontamos anteriormente, a metáfora, está longe de ser um fenômeno exclusivo da linguagem, na medida em que também estrutura o sistema conceptual humano, o qual, por sua vez, está edificado sobre as bases da cultura. A metáfora é entendida como uma caracterização da nossa experiência, se adequando a outros conceitos metafóricos mais gerais, formando, portanto, um todo coerente.

Em que medida os modelos cognitivos seriam determinados socioculturalmente ou vice-versa ainda é fonte de grandes debates na Linguística Cognitiva. Quinn (1991), por exemplo, conforme aponta Gondim (2012), argumenta que as metáforas simplesmente refletem os modelos culturais preexistentes, ao contrário de Lakoff e Kovecses, que, segundo a autora, acreditam que as metáforas constituem amplamente o modelo cultural.

Para Quinn ilustrar seu argumento, ela usa o conceito abstrato de casamento, citado em Gondim (2012). De acordo com a autora, a sociedade americana percebe o casamento como expectativas: troca, benefício para os cônjuges e durabilidade. Essas expectativas seriam propriedades do amor. Assim, o conceito abstrato de amor surge literalmente de experiências básicas como a fase do bebê com suas primeiras experiências de vida e com o seu responsável, experiências essas que sustentam a concepção de amor adulto e de casamento. Dessa forma, para Quinn, conforme descreve Gondim, nenhuma metáfora é necessária para que conceitos abstratos emirjam. O argumento da autora é de que a estrutura motivacional do amor forneceria a sua estrutura de expectativa; isto é, desejamos estar com a pessoa que amamos, preenchendo nossas carências mutuas, e que esse amor seja longo.

Segundo Kövecses (2005), ainda em Gondim, a análise de Quinn é incompleta, já que essas experiências básicas, naquela etapa de vida, carecem do conteúdo detalhado e estrutural que caracteriza o conceito de amor em adultos. Como percebemos então, difícil saber com precisão o que vem antes, se a metáfora é base ou reflexo do modelo cognitivo. O que podemos afirmar é que cada experiência nossa influencia em nossa forma de perceber o mundo. E nossa forma de perceber o mundo influencia em nossas experiências.

Ainda pensando na relação linguagem, cultura e metáfora, retomamos com a noção de Lakoff e Johnson (1987) quando explicam DISCUSSÃO em termos de GUERRA. Ao usarmos expressões como “atacar uma posição”, “nova linha de ataque”, “vencer”, “ganhar terreno”, etc., estamos sistematizando a linguagem usada para falar do conceito de guerra e que, no mundo ocidental, tais expressões fazem parte do ato de discutir. É tão forte sua relação com a cultura que, segundo os autores, se imaginássemos uma cultura em que a discussão fosse compreendida em termos de dança, por exemplo, os participantes seriam vistos como dançarinos, cujo objetivo seria realizar a ação de forma harmônica, equilibrada e estética. Nessa cultura, as pessoas entenderiam as discussões de forma diferente, e também as realizariam e falariam sobre elas diferentemente. Nós ocidentais, no entanto, não pensaríamos, de modo algum, que essas pessoas estivessem discutindo: elas estariam fazendo alguma outra coisa. Consideraríamos estranho chamar esse ato de discussão. Talvez fosse melhor dizer que, em nossa cultura, a discussão estaria estruturada em termos de batalha e, naquela, em termos de dança.

Outro conceito que faz parte do nosso repertório: TEMPO É DINHEIRO (TIME IS MONEY), mostra uma metáfora já discutida anteriormente neste estudo, que só é possível porque o tempo em nossa cultura é considerado um bem de consumo, o que pode não acontecer em outros grupos sociais.

Esses exemplos corroboram a argumentação de que a cultura atua de forma significativa na determinação do conteúdo e da forma de expressões metafóricas. Mas Kövecses (2005), nos alerta que a metáfora que usamos hoje pode não refletir a compreensão atual sobre a nossa cultura, já que mudanças históricas influenciam na língua enquanto comunicação. Muitas vezes o sentido fica tão sólido que já nem se percebe mais a construção metafórica. Isso, de certa forma, nos alerta para o problema do enfoque cultural na metáfora. Neste caso, devemos abordar a metáfora na linguagem, em sua grande parte, como uma reflexão diacrônica de cultura, e não sincrônica.

Lembramos que Kövecses (2005) também argumenta que não somente as metáforas primárias, mas também as complexas, podem ser universais, desde que essas últimas tenham

como base experiências humanas universais. Essa argumentação de que para ser universal precisa ser a partir de experiência humana universal reforça o objetivo deste trabalho em mostrar a influência da cultura na construção de conceitos.

Há estudiosos que defendem a variação intercultural entre metáforas e a sua determinação sócio-histórica, assumindo, assim, uma postura mais “relativista” do que “universalista”. Gibbs (2006) rejeita a ideia de que experiências corpóreas aparentemente universais possam se interpretadas da mesma forma em culturas diferentes: Não se pode falar ou estudar cognição separadamente das nossas interações específicas corporificadas com o mundo cultural uma vez que o que entendemos como significativo no mundo físico e altamente limitado pelas nossas crenças e valores, segundo o autor. Kovecses (2005) acredita que algumas metáforas são potencialmente universais e que outras variam entre culturas e dentro da própria cultura. Assim, afirma o autor que a metáfora é inevitavelmente conceptual, linguística, neuro- corpórea e sociocultural ao mesmo tempo. Acreditamos ser esta a melhor defesa quanto ao tema “metáfora universal”.

Podemos concluir que não são separáveis a mente, o corpo, o mundo, a linguagem, a metáfora e os modelos culturais. Determinados modelos cognitivos são exclusivamente culturais, como por exemplo, cita Ferrari (2011), a sexta-feira, que é o dia a seguir a quinta-feira e o sexto e penúltimo dia da semana no calendário ocidental e cristão; é o último dia da "semana de trabalho" na cultura ocidental; é, para os cristãos, o dia em que Cristo foi crucificado; é o dia de azar para os supersticiosos. Outro exemplo é de quando podemos pensar nas propriedades prototípicas da primeira refeição do dia, que são diferentes em Portugal e na Inglaterra, porque diferentes são os respectivos modelos culturais sobre a função e a relevância das três refeições do dia (no modelo português, a primeira refeição é de menor importância do que as refeições do meio-dia e da noite, ao passo que, no modelo inglês, as refeições mais importantes são a primeira e a última).

Um tipo particularmente interessante de modelos culturais, citado por Ferrari (2011) é o que se baseia em observações informais, crenças tradicionais ou mesmo superstições sobre fenômenos do mundo. São verdadeiras "teorias populares" ou "modelos populares" sobre, por exemplo, a medicina, o casamento, os astros, a mente humana, a linguagem humana, os sentimentos e as emoções, o comportamento dos animais, etc. Particularmente em domínios técnicos e científicos, as teorias populares dos leigos são inexatas ou mesmo erradas à luz do conhecimento científico dos especialistas.

Conclui-se, então, que é difícil determinar com precisão o papel da metáfora nos modelos culturais, e o papel dos modelos culturais na metáfora. A universalidade como se viu

está mais em um âmbito generalista, de capacidade humana universal; porém, as nuances de significado, os entendimentos variam sim em diferentes culturas. A razão é universal, mas a forma de conceptualizar uma emoção, uma ação é individual, mediada pelas experiências corpóreas e sócio-culturais.

Nesta seção, percebemos quão relevante é o papel da cultura na construção de conceitos, que podem também sofrer interferências do meio, das experiências corpóreas em sua constituição. Sobre os conceitos abstratos, estes que o mundo físico não mostra, é o que a seção seguinte trata.

## 1.5 O QUE SÃO CONCEITOS ABSTRATOS PARA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Conforme já foi abordado na seção que tratou sobre a Linguística Cognitiva, nossas experiências corpóreas têm relação direta com nossa forma de conceptualizar o mundo.

Pensar em emoções é experienciar sensações, sentimentos. As metáforas incorporadas estabelecem uma ligação direta com as emoções e os padrões profundos de comportamento. Na obra *Metaphors We Live by*, Lakoff and Johnson (1980) mencionam que nosso sistema conceptual é metafórico, e em *Women Fire, and Dangerous Things*, Lakoff (1987) afirma que o pensamento é corporificado e se desenvolve através da percepção, do movimento, e da experiência física.

Damásio (1999) identifica sistemas de resposta em nível corporal como aspectos complexos das emoções e, até mesmo, da consciência. Além das estruturas neurais, os estados emocionais são definidos por mudanças no perfil químico do corpo, mudanças nas vísceras, e mudanças no grau de contração dos músculos do corpo. Damásio acredita que as emoções são uma parte importante de nosso mecanismo de sobrevivência

Como indica Rosenthal (1998, apud Vanin, 2012), a maneira como expressamos linguisticamente os nossos sentimentos de emoções evoca o nosso entendimento sobre eles em dado momento conversacional, bem como a sua intensidade, expressa pelo valor semântico de vocábulos que pertencem a uma mesma categoria.

De acordo com Vanin (2012), um conceito como o de RAIVA, ou de FELICIDADE, por exemplo, pode pertencer ao nível básico de uma categoria. Tais categorias poderiam formar outros conceitos com propriedades semelhantes – e, portanto, para dado momento comunicativo uma expressão linguística ligada a uma emoção pode associar-se categorialmente a outra. No caso da FELICIDADE, por exemplo, podemos, segundo Vanin,

associar os conceitos de ALEGRIA, CONTENTAMENTO, SATISFAÇÃO, entre outros tantos que poderiam surgir no curso da comunicação, os quais, conforme a autora, direcionam e delimitam a compreensão do conceito de FELICIDADE para certo indivíduo em certo contexto discursivo.

Dessa forma, explica a autora, um conceito relacionado ao item lexical FELICIDADE pode ter significados múltiplos, devido ao fato de a sua inserção em uma categoria poder denotar sentidos diversos em relação ao mesmo tópico emocional em dado momento. A autora, contrariando uma visão objetivista, afirma que a rede lexical formada não é apenas um repositório de conceitos que variam sobre um significado central e literal, mas é um construto motivado por princípios cognitivos estruturadores. Por isso, as categorias que formamos para uma emoção são constituídas dinamicamente e são totalmente dependentes do contexto. Uma expressão como ‘transbordar de alegria’ mapeia o nosso conhecimento de situações em um dado conteúdo passa para além dos limites do seu contentor, segundo Vanin.

A linguagem das emoções, portanto, pode ser via diferentes pontos de partida, influenciada pelas experiências corpóreas de quem sente, de quem vive as emoções. Vale lembrar que muitas vezes as metáforas são a única forma de descrever alguma emoção e de compreendê-la. As emoções fazem parte da família dos conceitos abstratos por precisarem ser explicados em termos de outros conceitos. RAIVA, MEDO são exemplos de conceitos abstratos relacionados à EMOÇÃO. Neste caso, conforme já foi visto, a relação é estreita com o conceito VIOLÊNCIA, que também é abstrato, com contorno esfumado, pois é um conceito que se relaciona com muitos.

Conforme foi descrito anteriormente, Kövesces (2000) elabora um cenário prototípico do conceito RAIVA, em que o CORPO é um RECIPIENTE PARA EMOÇÕES. Ao dizer “está saindo fumaça pelas orelhas”, a metáfora é percebida. Ao dizer “estou fervendo”, pode-se estabelecer uma relação do corpo como RECIPIENTE e da raiva como FLUIDO QUENTE. Os efeitos fisiológicos provocados no corpo, afeta na nossa conceptualização de RAIVA.

Lakoff cria um cenário prototípico para RAIVA, que tem relação com o corpo também, assim como aponta Kövesces. O cenário é dividido em cinco estágios e está descrito em Feltes (2007):

ESTÁGIO I- EVENTO OFENSIVO: Há um evento ofensivo que desagrade uma pessoa X. Y, intencional e injustamente, fez algo diretamente para X. Y está enganado, e X é inocente. A injustiça produz raiva em X. A escala de justiça só pode ser equilibrada por um ato

de retribuição rigorosamente igual, em intensidade, ao ato ofensivo.

ESTÁGIO II- RAIVA: Ao se tornar muito intensa, a raiva exerce uma força sobre X, que experencia efeitos fisiológicos, tais como aumento da temperatura corporal, pressão interna e agitação física, além da interferência na percepção e na vermelhidão do rosto. Ao se tornar muito intensa, a raiva exerce força sobre X, para que realize a retribuição a Y. Por serem danosos e/ ou socialmente inaceitáveis, X tenta controlar sua raiva.

ESTÁGIO III- TENTATIVA DE CONTROLE: X tenta controlar sua raiva.

ESTÁGIO IV- PERDA DE CONTROLE: As pessoas têm limites de tolerância no controle da raiva. Se X ultrapassa seu limite, passa a exibir comportamento raivoso. Fora de controle X não é responsável por suas ações.

ESTÁGIO V- ATO DE RETRIBUIÇÃO; X realiza o ato de retribuição sobre Y, em igual intensidade à ofensa, equilibrando a escala de justiça. A intensidade da raiva cai a zero.

Segundo Feltes, o modelo é radial, pois não existe um núcleo apenas de raiva, mas tipos de raiva que formam semelhanças em família. Seguem, então os casos não-prototípicos apontados pela autora:

- a) RAIVA INSATISFEITA: No estágio V a intensidade da raiva não diminui.
- b) RAIVA FRUSTRADA: Quando não consegue retribuir o ato ofensivo, a raiva é direcionada a si.
- c) RAIVA REDIRECIONADA: Em vez de direcionar a raiva para Y, X direciona-a para uma pessoa ou uma coisa.
- d) RESPOSTA EXAGERADA: A reação é exagerada em relação ao ato ofensivo.
- e) RESPOSTA CONTROLADA: Manter-se sob controle para não chegar ao ato de retribuição.
- f) INTERRUPTÃO ESPONTÂNEA: Antes de perder o controle, a raiva desaparece.
- g) EXPLOSÃO IMEDIATA: X sente raiva e, de uma vez, perde o controle.
- h) RAIVA RESFRIADA: Não há efeitos fisiológicos, e X permanece controlado.

Analisando tais estágios no contexto da tese, podemos fazer algumas observações:

- Os estudos sobre as emoções morais, sobre a construção da moralidade- o desenvolvimento do comportamento social- e sobre a empatia são relevantes para entender como se dá cada estágio aqui apresentado. O que se percebe analisando o contexto social e cultural dos jovens infratores e dos moradores de uma comunidade inserida numa região dominada pelo tráfico de drogas é que a ideia de JUSTIÇA é diferente da ideia de JUSTIÇA dos adolescentes de classe econômica alta. No próprio

exemplo de estágio apontado por Feltes, a conceptualização de JUSTIÇA parece autorizar o ato de violência. Pensar que para acabar com a violência é preciso usar violência parece não ser tão absurdo ao ler que a injustiça provoca raiva, que por sua vez provoca ato de violência. O que é uma injustiça é um questionamento a ser feito: para os infratores alguém ter um tênis melhor já desagrada, soa como ofensivo e injusto. Então, ratifica-se que a experiência corpórea influencia na tomada de decisão, no sentimento de raiva.

- Muitos infratores parecem não ter passado pelo estágio III, de acordo com as conversas informais anteriores ao questionário ser realizado. Por conseguinte, a explosão se fez imediata e o ato de violência é entendido como justo, pois o outro o mereceu. Culpa não parece presente nos entrevistados.
- Estudos biológicos mostram a relação entre psicopatia e violência. Quando se trata de transtornos de personalidade, não há reação fisiológica. A raiva é resfriada.
- Outra emoção em jogo na conceptualização de VIOLÊNCIA é o MEDO, que também pode apresentar um cenário prototípico, a partir das estruturas de domínio-fonte e de domínio-alvo em algumas metáforas conceituais, conforme aponta Kovesces (2000), apresentado em Sage (2010):
  - A) MEDO É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER: “tô gelada”
  - b) MEDO É UM INIMIGO ESCONDIDO: “O medo tomou conta dele”
  - c) MEDO É UMA DOENÇA: “Ele ficou todo debilitado por causa do medo”
  - d) MEDO É UM SELF DIVIDIDO: “Tô morrendo de medo”
  - e) etc

Interessante observar que o MEDO se fez presente apenas entre os entrevistados de escola privada quando nas conversas informais. Se há MEDO por trás da conceptualização de VIOLÊNCIA dos adolescentes do outro grupo de entrevista, está muito implícito, não sendo possível captar pela tarefa solicitada, diferentemente da RAIVA que é percebida em muitas falas, mesmo quando via inferências.

A tese prontifica-se a citar alguns dizeres sobre conceitos abstratos porque a intenção é apresentar a relação das emoções com a forma de conceptualizar VIOLÊNCIA. A linguagem perpassa pelas experiências e vice-versa. E as experiências perpassam pelas emoções e vice-versa.

Emoção, pelo que foi visto até então, pode ser definida então com um estado afetivo, produzido pelas respostas fisiológicas e avaliações cognitivas que motivam uma ação.

Damásio (2004) classifica sentimentos e emoções. Há sentimentos de fundo,

emoções primárias e emoções sociais. Os sentimentos de fundo dependem de manifestações sutis, como o perfil dos movimentos dos membros e/ou do corpo inteiro para que sejam diagnosticados. Exemplo: lassidão, entusiasmo, mal-estar e ansiedade. As emoções primárias se compõem do medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza, felicidade. São chamadas primárias, ou básicas, por serem rapidamente identificadas interculturalmente e em todas as espécies. As circunstâncias que causam as emoções primárias e os comportamentos que as definem são consistentes em diversas culturas e espécies. Essa classificação fundamenta-se basicamente em padrões biopsicológicos, sendo que os rótulos linguísticos atribuídos a emoções ditas básicas podem variar. A classificação linguística de uma emoção básica depende da sua inserção em uma categoria construída no momento da interação que não é definida a priori. As emoções sociais formam um grupo composto por simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, indignação, entre outras emoções morais, que são reações regulatórias, dependem do convívio com o outro.

As emoções, segundo Vanin (2012), são construtos psicológicos e neurofisiológicos, produtos das relações intersubjetivas na cultura e na sociedade. Os sentimentos são modelados na e pela linguagem, através da qual se manifestam os modos como determinadas emoções são definidas significativamente e compartilhadas em uma sociedade. As emoções possuem um caráter universal: estão presentes em todas as culturas do mundo. Mas a conceptualização de uma emoção é organizada a partir de padrões e de aspectos reconhecidos pela cognição incorporada, de acordo com a autora.

As emoções servem para vivermos em sociedade, ditarmos comportamento, já que auxiliam a pessoa a distinguir características morais em contextos específicos; motivam comportamento moral e revelam valores. Vergonha e culpa, por exemplo, são emoções morais que surgem de discrepância entre o comportamento e as características da própria pessoa e seus modelos morais. São frequentemente confundidas, mas são respostas afetivas distintas a falhas pessoais e transgressões. Ambas referem-se a afetos negativos associados com a autoavaliação de que algo foi feito errado, interferindo com isso no próprio comportamento. Porém, a experiência de vergonha é direta sobre o indivíduo, já o sentimento de culpa é em cima da ação feita.

A culpa pode ser definida como uma emoção disfórica associada com o reconhecimento de uma violação moral ou de um modelo social; é uma emoção baseada na agitação, a pessoa experimenta medo, preocupação, ansiedade, tensão e desejo de reparação aos comportamentos percebidos como violações de modelos morais. A culpa envolve uma avaliação negativa de um comportamento específico, ou seja, as pessoas sentem remorso,

arrependimento. Tal sentimento é causado pela avaliação do prejuízo causado versus o benefício conseguido. A questão é que atualmente os atos violentos não são causadores de sentimento de culpa, pois muitos entendem como a forma correta para resolver os problemas. O julgamento moral difere em função do contexto e do tipo de transgressão. O que se pode concluir é que a emoção tem papel relevante na construção da moralidade. Embora as emoções sejam constantes e universais, as variações em suas expressões resultam do contexto histórico e cultural.

As crianças adquirem moralidade através da família, da sociedade, da cultura. Os pais têm papel fundamental no desenvolvimento moral, pois a primeira regulação social se dá pela família. As emoções dos pais, portanto, regem as regras de comunicação com os filhos. No entanto, quando a criança não tem esse olhar, não tem essa construção inicial de regulação moral na família, o quadro pode ser diferente no que concerne à expressão de emoções morais dessa criança.

Uma vez que os adolescentes testemunham, participam de voluntariamente ou não a atos de violência na sua comunidade e na família, os valores morais se modificam. Os adolescentes podem se tornar os autores da violência, à medida que transgridem as normas de convivências na sociedade. Para persuadir, ameaçar e punir, o agressor utiliza mecanismos de controle que são carregados de hostilidade e agressividade. A vida cotidiana das crianças que se transformam nesses adolescentes está cercada de contextos em que leis e regras são transgredidas diariamente, inclusive para garantir o sustento, a sobrevivência da família. Como um adolescente pode pensar que traficar drogas é ruim, imoral, se a sua família depende disso para sobreviver? Quando um traficante mata um policial, portanto, ele está se defendendo, é vítima, na opinião de quem sofre a ação (o mesmo quando o policial mata um traficante; para muitos, é o correto, “um bandido a menos”).

É de supor, portanto, que existem diferenças entre emoções morais sentidas pelos adolescentes em situação constante de violência e adolescentes crescendo sob autoridade adulta, cercada em muros, longe do “perigo”.

Diferentes regiões do cérebro são ativadas com diferentes emoções e decisões. Estudos de imagem mostram que muitas áreas são ativadas quando o cérebro está sendo forçado a tomar uma decisão. Uma grande contribuição das pesquisas de desenvolvimento moral tem sido mostrar a importância de examinar reações, intenções, motivos nas crianças. A pesquisa tem mostrado que o mesmo julgamento moral pode ser justificado por várias razões, e que essas trocam de acordo com a idade e com o desenvolvimento. A maioria das emoções morais, como vergonha, empatia, envolve cognição. Poucas reações emocionais são

puramente instintos, a maioria envolve reflexão e análise.

Diferentes emoções são associadas com diferentes tipos de agressão. Durante a infância, por exemplo, eventos morais são avaliados como negativos, enquanto outros tipos de violação de normas, como transgressão convencional, são vistas como neutra. Isso ocorre devido ao julgamento moral e suas consequências.

Em estudo realizado por Greene et al (2001, apud Flores, 2002) foram utilizados métodos da neurociência cognitiva para estudar o julgamento moral. Utilizando dois grupos distintos de dilemas: o dilema interpessoal, que implica uma maior distância pessoal para quem julga a ação e o dilema pessoal em que o sujeito se encontra envolvido pessoalmente. No primeiro caso, foi utilizado o dilema moral interpessoal no qual era exposto que um trem sem controle poderia matar cinco pessoas se mantivesse seu trajeto. No entanto, um sujeito situado em um local distante dos fatos poderia desviá-lo para o outro lado, onde mataria uma pessoa apenas. Era questionado aos participantes se seria correto puxar o gatilho do trem pra outra direção. O segundo caso, pessoal, seguiu uma proposta parecida, com a diferença de que agora o sujeito está situado em uma ponte sobre a estrada e tem ao seu lado uma pessoa estranha. Para salvar as cinco pessoas que seriam atropeladas, o sujeito poderia empurrar o estranho, matando-o, mas salvando os outros. A atitude foi questionada se correta ou não. A maioria dos participantes aceitou desviar o trem no primeiro caso, mas no segundo não foi a maioria que decidiu jogar um estranho no trilho. Esses dilemas variam na extensão que os sujeitos estão engajados emocionalmente, pois isso interfere no julgamento moral. As culturas desenvolvem virtudes relacionadas à justiça e equidade, por esse motivo a equidade é um excelente candidato para valor universal enquanto a igualdade de direitos não.

Como podemos notar, emoções também estão envolvidas na construção de conceitos, que sofre interferência do meio, da cultura, das experiências.

Este capítulo serviu de embasamento teórico para nortear a pesquisa empírica, visto esta ser um modelo de aplicação da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Tal teoria, descrita no capítulo, surge a partir dos estudos semânticos da Linguística Cognitiva da segunda geração que, diferentemente da primeira geração, trata de estudar aspectos do significado com base na relação mente-corpo. Para a Linguística Cognitiva não há separação entre mente e corpo e todas nossas experiências são base para nossa forma de estruturar conceitos. Estes, por sua vez, podem se organizar via modelos cognitivos idealizados, que não precisam necessariamente se ajustar ao mundo real, precisando fazer sentido para os interlocutores de forma online. A categorização é base dessa teoria corporificada, que defende que há em nossa forma de estruturar conceitos modelos de esquema de imagens, modelos

proposicionais, modelos metafóricos, metonímicos, simbólicos. São estes modelos, influenciados pela cultura, pelas nossas experiências corpóreas que facilitam nosso entendimento acerca de nossas emoções e ações.

Vimos também nesta subseção que emoções são universais, embora a forma de percepção e de atuação seja diferente entre grupos culturais, que sofrem influência do meio, do contexto cultural. Como bem sabemos, a VIOLÊNCIA está conectada com diferentes emoções; estas, por sua vez, podem fazer parte de uma rede metafórica que envolve julgamento, juízo de valor. Então, sobre isso, discorreremos na seção seguinte.

Na sequência, buscaremos perceber a VIOLÊNCIA nas linhas de um texto, de uma fala, de uma imagem, recorrendo à Linguística Cognitiva, já que esta se propõe a tratar de descrever conceitos abstratos a partir de experiências corpóreas. Segue-se então um breve estudo teórico sobre as possibilidades de análise de VIOLÊNCIA, desde seu conceito extralinguístico até sua análise conceptual, relacionando-a com as emoções que estão em jogo em sua definição, para em seguida apresentar a metodologia e a descrição e análise dos dados.

## 2 VIOLÊNCIA: UM OLHAR SEMÂNTICO-COGNITIVO

Conforme já foi explicitado anteriormente, este trabalho propõe-se a verificar a existência (ou não) de diferenças de caráter intracultural na definição de VIOLÊNCIA, buscando encontrar os pontos onde isso ocorre, pois se acredita que há diferença na forma de entender a categoria de acordo com o estilo individual e social dos indivíduos entrevistados. Pensar nisso é tentar entender como os fatores sociais, culturais influenciam e moldam as experiências emocionais através da linguagem, é tentar entender como as emoções são organizadas conceitualmente.

Além disso, pensar sobre VIOLÊNCIA é pensar além de um estudo da categoria linguística, pois estamos lidando com um fenômeno social, que se extravaza em palavras, interferindo no cotidiano das pessoas, já que produz CAUSA- EFEITO. A fim de entendermos um pouco sobre a violência como fenômeno bio-psicosociocultural, segue-se agora com uma breve explanação teórica, mais social do que linguística, sobre o tema, pois não podemos negar tal relação.

### 2.1 VIOLÊNCIA

Como citamos, violência é um fenômeno social, mas também biológico e psicológico. Tal tema é relevante ser estudado na medida em que interfere nas relações sociais, ocasionando prejuízos pessoais. Esta seção trata justamente dessa relação entre sociedade, pessoa e violência.

Vivemos atualmente repartidos em dois mundos: o de dentro das grades e o de fora. Mas aqui não se fala das grades de prisão, como logo se infere ao ouvir tal expressão; estamos falando de muros. Hoje, condomínios luxuosos oferecem todos os serviços aos clientes, a fim de evitar que esses precisem romper seus muros e adentrar no mundo real, no qual há os indivíduos que estão à margem da sociedade (conforme apontamos anteriormente na descrição do esquema CENTRO-PERIFERIA). Conhecer a realidade do “favelado”, bem como aproximar-se da história de quem já cumpriu condenação, pode causar impacto, já que é uma realidade “afastada” da sociedade. O adolescente “favelado” ou o já condenado por algum delito é estigmatizado, vivendo sob o rótulo de “marginal”, não apenas no sentido real de ser excluído, de viver à margem, mas no sentido simbólico que tal denominação ganhou nas representações cognitivo-sociais. O seu mundo é diferente do que o do adolescente

inserido em outro contexto. Guerra do tráfico, conflito armado são componentes diários na rotina do “favelado” e são elementos que fazem parte da construção do conceito VIOLÊNCIA. Crê-se que é diferente, por exemplo, pensar sobre o tráfico de drogas e viver o tráfico de drogas; portanto, parece improvável que o adolescente distante da favela compreenda o fenômeno “violência” da mesma forma de quem sente isso “à flor da pele”. Emoções, portanto, entram em jogo nas conceptualizações individuais e coletivas.

Estudar as questões de violência é perpassar pelo problema social que enfrentamos; e não há como pensar em medo, raiva, empatia, se não pensarmos no sujeito que comete o ato de violência e no sujeito que o sofre. Vale lembrar que aqui não temos dados para afirmar que o pobre é violento e o rico não, até porque muitos ricos mostram-se mais agressivos do que os pobres. Porém, observa-se nos discursos da sociedade que o “marginal” é considerado causador da violência e o sujeito que mora no condomínio luxuoso é a vítima- aproveitando as explicações sobre estereótipos, de Lakoff (1999). Coincidência ou não, a maioria dos entrevistados aqui que fazem parte da escola municipal, inserida em uma região muito carente de recursos, é negra; e a totalidade dos entrevistados da escola privada é de raça branca. Poderíamos, assim, ir até mais longe na reflexão estabelecida por Lakoff sobre os estereótipos, pensando no bandido, que geralmente é o negro, que, por sua vez, também é o pobre, e na vítima, que é branca... Opta-se em encerrar a reflexão, pois seria longa e envolveria um estudo muito mais social do que o aqui proposto. Tenta-se não entrar profundamente no campo sociológico, porque o objetivo é compreender a relação entre linguagem, emoção e cognição, muito mais para demonstrar a aplicabilidade da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados em pesquisas empíricas. Porém, mesmo que essa reflexão sugerida não ganhe espaço específico no trabalho, fica presente nas entrelinhas o tempo todo. É impossível estudar um fenômeno social sem olhar de perto a sociedade. Fica estabelecido, portanto, que toda formulação aqui apresentada sofre também interferência social, cultural, afetiva, na medida em que são estes fatores os que permeiam nossos pensamentos, que se refletem nas nossas conceptualizações e, por consequência, em nossas expressões linguísticas. Como se vê, não há como pensar em VIOLÊNCIA, sem entrar em jogo categorização, estereótipos, frames, etc, que têm relação direta com cultura, emoção e sociedade.

O presente trabalho pensa em um estudo mais do que teórico e empírico restrito: pensa em um estudo útil à sociedade. É preciso entender os processos de construção conceptual do “marginal” e da “vítima” para compreender quão complexo é o fenômeno da violência. O objetivo aqui é revelar como a violência é percebida por quem está nas prisões dos condomínios fechados. A própria contradição dos frames, em que os considerados

“inocentes”, “vítimas” estão encarcerados em suas casas e carros, enquanto os “agressores”, “culpados” estão soltos, nos leva a pensar no assunto.

Entretanto, também é objetivo do trabalho tentar entender o que ocorre quando as “vítimas”, que não são as estereotipadas, não têm para onde fugir, escapar, se esconder. E quando as “vítimas”, ratificando, que não são as estereotipadas, sofrem com tiroteios, mortes de parentes e amigos, no meio da guerra do tráfico, atuando como participantes, observadores, por não terem muros, cercas elétricas, carros blindados. Como estes adolescentes percebem a violência? Será com medo? Com raiva? Com empatia por ser muitas vezes o meio de sobrevivência de parentes? Os adolescentes inseridos na região da guerra urbana possuem as mesmas ansiedades, raivas, frustrações do que os que estão “longe” do problema? Em suma, noção de justiça, impotência, caos, desesperança são percebidas pelos grupos sociais aqui citados, cada um com seu ponto de vista, a partir de experiências corpóreas. A novidade não está no argumento, mas na aplicação de um modelo teórico na busca por essa constatação.

Lakoff com seu realismo corpóreo auxilia na categorização do conceito VIOLÊNCIA destes adolescentes aqui escolhidos para análise. A grande meta que talvez norteie o trabalho é questionar: Qual o sentimento de quem convive com atos violentos? Como este sujeito manifesta seu sofrimento, suas emoções em relação a violência? Como ele se difere do sujeito que passa longe dos problemas vivenciados em relação a violência? Por isso a relevância de se estudar as manifestações linguísticas que expressam violência: as emoções vividas/sentidas perpassam a linguagem!

A literatura científica tem mostrado que, na etiologia do problema violência, fatores biológicos, neurológicos, psicológicos, sociais, econômicos e culturais estão interligados. A conduta agressiva é considerada multifatorial, estando, juntamente com a impulsividade, relacionada à violência de nossa sociedade.

Quando os sujeitos moram na rua, ou passam a maior parte de seu tempo nela, são forçados a vivenciar privações e maus-tratos, que geralmente assemelham-se com o que é enfrentado em suas casas, antes de saírem. Muitos tentam fugir das dores, emoções, seja com negação, seja com agressão. A busca pela droga é parte da engrenagem da violência, pois ao mesmo tempo em que serve para se escapar do mundo violento em que vive, serve também para provocar atos violentos pela sua busca. O crack, por exemplo, afeta diretamente o sistema límbico, o sistema inibidor, causando liberdade dos impulsos, o que deterioriza relações sociais, que são compostas por regras de conduta. Alguns entrevistados aqui são usuários da droga, ou são vendedores desta.

O papel da vítima aqui na tese é atribuído àquele indivíduo que tem pouca

possibilidade de escapar de seus agressores; também se pensa aqui na vítima que é testemunha, observadora, pois mesmo que não participe ativamente do processo da vitimização, está envolvida, ou consciente, do que está acontecendo. A assunção dos papéis de vítima, agressor e testemunha não são excludentes e podem ocorrer de forma simultânea no cotidiano da população dos adolescentes que estão inseridos no meio violento. Em qualquer um dos papéis, os aspectos psicológicos, neurológicos, sociais interferem diretamente na conceptualização de VIOLÊNCIA e na forma de atuação frente ao problema.

A palavra “violência” tornou-se de tal modo familiar que parece desnecessário defini-la. Porém, em suas entranhas, há muita complexidade, o que a torna objeto de estudo de diferentes campos teóricos.

“Violência” deriva do latim “violentia”, significando a qualidade de violento, qualidade daquele que atua com força ou grande ímpeto, empregando a ação violenta, opressão ou tirania, ou mesmo qualquer força contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa. Pode significar, ainda, “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem” (Ferreira, 1999). Violento, por sua vez, é “um adjetivo que indica aquilo que ocorre com uma força extrema ou uma enorme intensidade” (Houaiss et al., 2001).

Deparamo-nos, como afirma Gondim (2012), com a violência em qualquer lugar, em grandes ou pequenas dimensões, em nível nacional ou internacional. Ela pode ocorrer, de acordo com Jamison (2012, apud GONDIM, 2012), em espaços sociais como violência apolítica (na família, escola, nas ruas, espaços públicos, contra idosos, crianças, mulheres, etc.), como um crime violento (variando de homicídio a crime organizado), ou ainda como extensões de violência politicamente motivadas (terrorismo, torturas, perseguições). A violência faz parte, inclusive, de nosso momento de lazer, de nosso entretenimento (histórias infantis, literatura mundial, indústria de filmes). Como então conceituá-la é a grande questão norteadora desta tese.

De todo modo, para efeito de definição é essencial delinear limites daquilo que constitui um ato de violência, mesmo que não seja fácil entrar em um consenso. Imbusch (2003, apud GONDIM, 2012) explica que o conflito conceitual de violência deve-se ao fato de percebermos certos fenômenos de violência como sua própria essência, como é o caso de guerras, assassinatos, homicídio culposo, agressões físicas e outras ofensas criminais. Esse processo percebe-se problemático, pois tais associações materializam o conceito de violência, ao considerar uma forma de violência como representante do fenômeno como um todo.

A ambiguidade e a complexidade do conceito de violência acabam dificultando a estruturação de uma concepção com limites precisos e bem definidos, por isso, pensar sob um viés aristotélico é inviável.

Gondim (2012) destaca a importância de classificar tipologicamente as ambiguidades do conceito, assim como suas diferentes conexões, a fim de obter uma visão mais geral sobre as suas diversas aplicações. Imbusch (2003, apud Gondim, 2012) descreve os *conceitos metafóricos de violência* como um dos seus níveis de aplicação do conceito, que ocorre em sentido figurado em uma multiplicidade de sentidos metafóricos e formas ritualizadas. Entretanto, para o autor, nas palavras de Gondim, é necessário diferenciarmos o conceito metafórico do conceito central de violência, pois, segundo ele, no primeiro não há a prática real da violência, apenas uma descrição ou definição gráfica do fenômeno (por exemplo, *violência da paixão: paixão avassaladora; força da natureza: chuva destruidora*, etc.).

Segundo Gondim (2012), sabemos que dentro da perspectiva da Linguística Cognitiva, há diversas metáforas que estruturam o conceito de violência na nossa atividade linguístico-cognitiva e de modo mais direto, como, por exemplo, as metáforas, baseadas em Feltes (2007): *VIOLÊNCIA É UM COISA (a violência precisa ser **destruída**; É preciso **olhar** para a violência de modo crítico)* ou *VIOLÊNCIA É UMA DOENÇA (a violência deve ser **prevenida**; É preciso que **curemos** a sociedade desse **mal**)* (FELTES, 2007, p. 266). Por esse prisma, defende-se que esses conceitos metafóricos de violência não são meras aplicações do conceito, mas reflexos de nosso aparato cognitivo que conceptualiza a violência por meio de nossas experiências perceptivas e sensório-motoras, como defende Gondim.

A violência física direta, segundo Imbusch (2003, apud Gondim, 2012), posiciona-se ao centro de toda a questão relacionada à violência, e tem como objetivo machucar, ferir ou matar outra pessoa, sendo manifestada quase sempre de modo intencional. Parrillo (2008, apud GONDIM, 2012) subdivide a violência física em três grupos: a) violência autodirecionada (ex. automutilação, suicídio) b) violência interpessoal (ex. intrafamiliar, doméstica, conjugal) c) violência coletiva (ex. terrorismo, conflitos armados entre estados, genocídio).

A violência psicológica é aquela que atinge a mente, a alma e a psique da vítima. Ela está baseada, principalmente, em palavras, gestos, imagens, símbolos ou na privação de necessidades vitais no intuito de forçar à submissão, através da intimidação, medo e certas “recompensas”. Ao contrário da violência física, cujos efeitos são visíveis, na violência

psicológica as consequências são, muitas vezes, indetectáveis, embora não sejam menos prejudiciais do que as outras.

A violência institucional, ainda de acordo com Imbusch (2003), transcende a violência pessoal direta na medida em que não apenas descreve uma modalidade de comportamento social, mas também é direcionada a relações de dependência e submissão. Seria, portanto, a violência com função regulamentar praticada por serviços de segurança do estado (polícia, serviços secretos) ou organizações estatais (ex. o exército).

Martinez (2008, apud GONDIM, 2012) define de maneira mais simples a violência institucional, sendo percebida como aquela praticada nas instituições prestadoras de serviços públicos como hospitais, postos de saúde, escolas, delegacias, judiciário, serviços sócio assistenciais, entre outros.

Formulada por Johan Galtung (1975 *apud* GONDIM, 2012), a violência estrutural abrange todos os tipos de violência resultantes de estruturas sistêmicas, cujos reflexos consistem nas mais variadas formas de empobrecimento em massa e na morte de indivíduos no mundo devido à desigualdade de oportunidades básicas. Esse tipo de violência, segundo Gondim, refere-se, portanto, a estruturas econômicas e políticas que reprimem a aptidão humana. Pode ser chamada também como: a violência da fome, pobreza e humilhação.

A ideia de violência cultural ou simbólica tem relação com elementos da cultura. Segundo Imbusch (2003, apud Gondim, 2012), os aspectos culturais podem ser usados para justificar ou legitimar a violência direta, institucional (ou estrutural) e ilegítima. Essa ideia acarreta a noção de que há violência justa e injusta. Entram aqui as ideias de que um estuprador deve ser também violentado, linchado; ou que podemos fazer justiça com nossas próprias mãos- surgindo com isso questionamentos como legalização da arma para todos, por exemplo.

Imbusch, segundo Gondim, compara a violência cultural a um dispositivo que liga ou desliga as conotações morais de uma ação, transformando ações erradas em certas, ou, pelo menos, mais aceitáveis e menos questionáveis. Além disso, conforme a autora, a violência simbólica também é compreendida por meio do simbolismo do exercício do poder, a qual concebe violência como linguagem ou expressividade cultural.

Gondim acrescenta que a violência simbólica, transmitida linguisticamente, significa atos mentais de violência e palavras faladas, por exemplo, que consistem em gritar, insultar, ofender, difamar, caluniar, desacreditar, humilhar, desprezar, denegrir, ignorar e fazer alguém de bobo, incluindo humilhação e assassinato de caráter.

Pensando ainda sobre a violência física, podemos relacioná-la com os conceitos formados sobre “agressão”. Conforme Niehoff (1999, apud FLORES, 2002), a agressão é um comportamento adaptativo entendido como a utilização de força física ou verbal em reação a uma percepção de ameaça. Por sua vez, a violência é um comportamento mal-adaptativo, que consiste em uma agressão direcionada ao alvo errado, no lugar errado, no tempo errado e com a intensidade errada. Operacionalmente, o comportamento agressivo é “uma categoria que engloba atos que variam de acordo com manifestações típicas para cada idade, severidade e escolha do oponente ou vítima” (Loeber & Hay, 1997, apud FLORES, 2002). Distintamente, a violência é “uma característica de algumas formas de agressão com o objetivo de causar dano extremo entre co-específicos de uma espécie bem particular: seres humanos” (Loeber & Hay, 1997, apud FLORES, 2002).

Há inúmeras reflexões filosóficas sobre o potencial agressivo e violento do ser humano. Rousseau, em diferentes estudos, afirma existir uma certa bondade natural do indivíduo, e se este comete algum ato violento é por culpa da sociedade que o corrompe. Thomas Hobbes, por outro lado, acredita que é condição inata do ser humano ser cruel, e que a sociedade é que modela este instinto, através dos mecanismos de coerção e gratificação (valores). Afinal, como classificamos, então, a violência em nossa sociedade? Parece-nos que a agressão fica indissociável da violência em uma análise mais detalhada da questão.

Alguns teóricos da época de Darwin acreditam na existência de instintos agressivos, de violência, como um contribuinte da preservação e organização da vida. Outros, seguindo a linha biológica da evolução, diferenciam o comportamento agressivo em predatório, territorial, inter-machos, defensivo, induzido pelo medo.

Para além da Biologia, Freud, com sua Psicanálise, percebe a relevância de tal tema em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1989), que apresenta a ideia de que na fase sádico-anal a criança desenvolve um componente de crueldade da pulsão sexual. Essa crueldade não teria por objetivo o sofrimento alheio, mas simplesmente não o levaria em conta. Apesar disso, essa crueldade seria um traço normal da infância, e a trava, que seria o que limita a pulsão de dominação, fazendo com que a criança se detenha diante da dor do próximo, se desenvolveria tardiamente. Com isso, Freud conclui que a agressividade começa a se formar junto ao desenvolvimento do indivíduo.

Em *O mal-estar na civilização* (1930/1989), Freud assinala que a agressão é o maior impedimento à civilização. A inclinação que os homens têm para a agressão constitui o fator que perturba os relacionamentos com o próximo. Por outro lado, afirma que sem a agressão o homem não se sente confortável. Em carta enviada a Albert Einstein, indagado sobre o que

poderia ser feito para proteger a humanidade da maldição da guerra, Freud escreve que o instinto agressivo natural do homem é um atraso para a evolução da civilização e seria inútil tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens, pois esta é uma característica psicológica da civilização.

Todavia, Freud não especifica em seus estudos se a energia psíquica trata-se de uma energia real, ou metafórica. Caso ela seja metafórica, não pode ser medida, logo, não há como provar que a energia aumenta com a frustração, ou se dissipa com a catarse (expressão da agressividade). Baseados nesta crítica, alguns estudiosos mais tarde procuraram desenvolver a hipótese da frustração-agressão. Frustração passa a ser definida como um ato ou evento que impede alguém de atingir um objetivo, seja isto uma barreira física, social (regras, leis), ou uma simples interrupção. A frustração produz energia agressiva e esta, por sua vez, instiga o comportamento violento. É importante notar que a frustração não conduz, inevitavelmente, à ocorrência da agressão, podendo produzir diferentes tipos de respostas. A intensidade da resposta varia de acordo com diversos fatores: a força com que se tenta chegar a um objetivo, o valor atribuído a este e o grau de interferência.

Sob um enfoque diferente, Albert Bandura (1973, citado em Berkowitz, 1998) desenvolve a teoria da aprendizagem social. Para ele, a maior causa da agressão é o incentivo e as recompensas oferecidas pelo ato. A pessoa, frente a uma situação identificada, pesa os benefícios e os custos potenciais em expressar um comportamento agressivo. Caso os benefícios sejam maiores, ela optará pela agressão, a fim de atingir os seus objetivos.

Bandura não concorda com a existência de um impulso inato de agressão diante de um estímulo aversivo. Ele afirma que os atos extremamente violentos não podem ser espontâneos, mas precisam ser aprendidos e treinados para que sejam executados. Além disto, eles são aprendidos lentamente e necessitam de modelos que os pratiquem (família, sociedade ou ídolos), que demonstrem tipos de ações que são recompensadoras ou passíveis de punição. A aprendizagem da agressividade através da modelação, regulação envolve quatro processos interligados, segundo Bandura: 1) o indivíduo deve estar atento às dicas ou pistas que lhe são dadas; 2) as observações devem ser codificadas de alguma forma, a fim de serem representadas na memória; 3) estas representações são transformadas em padrões de imitação de comportamento; e 4) são necessários incentivos apropriados à atuação pessoal. Ao selecionar o tipo de modelo a ser seguido, a pessoa é mais inclinada a utilizar critérios como inteligência e status, sendo mais provável que alguém que ocupe uma posição mais alta que a dela na hierarquia social seja o modelo eleito.

Em um experimento clássico, Bandura demonstra a forte influência da modelação no

comportamento agressivo em crianças. Uma vez aprendido o comportamento agressivo, basta haver uma situação apropriada para que ele se manifeste. O sujeito passa então a fazer uma antecipação da recompensa ou punição resultante do ato; conforme o resultado desta avaliação cognitiva, o comportamento agressivo será expresso.

É interessante observar que nem sempre a punição evita a continuidade do comportamento agressivo. De acordo com Bandura, a punição física em crianças, ao contrário do que se pensava, leva-as a mais envolvimento em brigas, servindo como um reforço do modelo agressivo. O estudo feito pelo autor e citado aqui é relevante para a pesquisa desta tese, na medida em que os adolescentes considerados vitimizados, em conversas extraoficiais, relataram o “poder” dos traficantes no bairro em que vivem, alegando que todos têm os melhores celulares, carros, roupas. O “patrão” da vila é exemplo, portanto, para ser seguido, a fim de se obter “sucesso”. E, mesmo que eles sejam pegos pela polícia, ou apanhem em casa, muitos jovens do local querem também ter essa “boa vida” dos seus patrões.

Bandura atribui um papel secundário aos aspectos biológicos. Não que esses sejam ignorados, mas o ponto central é que essa aprendizagem comportamental só pode ser compreendida em um contexto social, e baseia-se na crença da importância causal da cognição. Para Bandura, o comportamento é determinado reciprocamente pelas influências pessoais e forças ambientais.

Imbusch (2003, apud Flores, 2002) identifica que o conceito de *poder* sobrepõe-se de forma mais significativa ao conceito de *violência*, pelo menos historicamente. Ao concebermos o conceito de *poder* objetivamente em termos de “possibilidade”, ou “habilidade”, e enfatizarmos sua proximidade aos conceitos de “força” e “energia”, damos-lhe uma definição sociologicamente amórfica. De acordo com a explicação, ter poder significa ter chances de conseguir aquilo que se almeja dentro de um contexto social, embora haja resistência. Contudo, se uma pessoa tiver qualidades e uma disposição de fatores favoráveis, ela também pode conseguir aquilo que deseja em uma dada situação. Imbusch avalia, portanto, que violência não é a única forma de conseguir o que se ambiciona, mas, enquanto força, ela funciona como um instrumento eficiente de poder, visto que impõe obediência e supera a resistência. Talvez, por essa razão, os adolescentes inseridos na região dominada pela guerra do tráfico pensem sobre o tema de forma mais sobre o tráfico, na medida em que pode ser uma via de acesso ao poder.

Huesmann (1988, apud Flores, 2002) oferece inicialmente um modelo centrado na aprendizagem observacional. Posteriormente, Huesmann propõe o modelo unificado de processamento de informação para a agressão. Um conceito chave na sua abordagem é o de

script mental. Um script mental sugere, ao indivíduo, que eventos que aconteceram num determinado ambiente podem se repetir, gerando estratégias de como a pessoa deveria se comportar e reagir a essas repetições de eventos e quais seriam os resultados mais prováveis dos seus comportamentos. Por isso, fantasias e expectativas sobre a agressão estão fortemente correlacionadas com a expressão de muitos tipos de comportamento agressivo em ambos os sexos. Estas cognições se desenvolvem na infância e, uma vez cristalizadas, tornam-se resistentes à mudança.

No modelo unificado de Huesmann, o processamento de informação social envolve quatro partes: a primeira refere-se à percepção de hostilidade frente a situações ambíguas. Por exemplo, crianças agressivas são mais propensas a interpretar atos ambíguos praticados por outros como hostis, ainda que estes não o sejam. A segunda parte consiste na aquisição, permanência e recuperação de scripts e esquemas mentais para o comportamento social. As primeiras experiências de aprendizado de uma criança têm um papel fundamental na aquisição destes esquemas, que são compostos pela interação de diferenças biológicas e ambientais, e moldarão tanto o mecanismo do processamento cognitivo, como o comportamento apresentado pela pessoa. Outro fator importante na obtenção e estabelecimento de esquemas mentais consiste em observar certos comportamentos, bem como a obtenção de reforço. Quanto à ativação de esquemas mentais, a memória de ações recentemente observadas, assim como o estado emocional em que a pessoa se encontra, exercem grande influência sobre a manifestação de determinados comportamentos. Já a permanência de um script dependerá de quanto o seu uso produzirá as consequências desejadas pelo sujeito, fator este que constitui a chamada aprendizagem instrumental.

A terceira parte trata da avaliação e seleção do script, que uma vez ativado, poderá não ser empregado, caso seja avaliado negativamente. Já a quarta parte, fundamenta-se na interpretação que o indivíduo faz das respostas oferecidas pelo ambiente à suas ações. A interpretação destas consequências - sejam elas compensadoras ou punitivas - influenciará a permanência ou não do script, uma vez que nem sempre o sujeito irá atribuir, por exemplo, uma resposta negativa da sociedade diretamente ao ato agressivo que cometeu.

Na perspectiva do interacionismo social desenvolvida por James T. Tedeschi e Richard B. Felson (1994, apud FLORES, 2002), a principal questão é compreender porque os indivíduos escolhem realizar comportamentos agressivos. Aqui, é utilizado um modelo de decisão no qual o indivíduo examina meios alternativos para chegar a um objetivo ou, mais especificamente, a um dos seguintes três objetivos: controlar comportamento de outros, restaurar justiça e assegurar e proteger identidades. Na busca destes objetivos, se tem as

escolhas direcionadas pelas recompensas esperadas, custos e probabilidades de resultados.

O modelo geral de agressão de Anderson & Bushman (2002, apud FLORES, 2002) representa uma das mais recentes tentativas de integração teórica sobre a agressão humana. Nos fundamentos deste modelo, como percebemos, encontram-se estruturas de conhecimento para percepção, interpretação, tomada de decisão e ação. Especificamente, três subtipos de estruturas são enfatizados: esquemas perceptuais, esquemas pessoais e scripts comportamentais. Estas estruturas, que se desenvolvem a partir da experiência dos sujeitos, acabam por influenciar as percepções em diferentes níveis. Na medida em que vão sendo utilizadas, tendem a se tornar automatizadas, mantendo-se associadas com estados afetivos e orientando a resposta comportamental do sujeito frente às demandas ambientais.

Conforme os autores, o modelo focaliza a pessoa na situação, chamada de um episódio, consistindo em um ciclo de uma interação social continuada. Esta argumentação encontra sustento na Psicologia Social, especialmente na vertente representada por Higgins (1990, apud FLORES, 2002). Para ele, os padrões e o conhecimento social (crenças pessoais), que são uma função tanto da pessoa quanto da situação, são determinantes básicos da significância psicológica dos eventos (ou episódios), influenciando assim na reação das pessoas aos eventos.

O modelo geral de agressão baseado em estruturas do conhecimento pode ser empregado na compreensão de atos agressivos que envolvam múltiplos motivos, servindo, então, como uma tentativa de ligação entre a agressão instrumental e a reativa. Três aspectos são centrais neste modelo: a) inputs referentes à pessoa (traços, sexo, crenças, atitudes, valores, objetivos e scripts) e à situação (incentivos, frustração, provocação, drogas, dor e desconforto e dicas agressivas), b) rotas do estado interno atual (cognição, afeto, excitação) e c) resultados decorrentes dos processos de avaliação (imediate ou automática e "secundária" ou controlada) e decisão.

Baseado em Coady (1986), Bufacchi (2005, apud GONDIM, 2012) esclarece que o entendimento normal e comum de violência envolve atos de força interpessoal, que compreendem o dano físico, por isso essa relação com a agressão. Essa concepção sugere que violência não pode ser compreendida independente do conceito de força. Inclusive, o autor mostra que o *Oxford English Dictionary* ratifica essa concepção, ao definir violência como: "o exercício da força física, a fim de causar ferimentos em, ou causar danos a pessoas ou bens" ..

Entretanto, Bufacchi (2005, apud GONDIM, 2012) defende que nem todo ato de força é violento (por exemplo, resgatar alguém que está se afogando ou impedir que alguém se machuque pode exigir um ato de força), assim como nem todos os atos de violência

implicam o uso de força (por exemplo, pode-se envenenar alguém sem usar força). Baseado em Dewey (1980), Bufacchi esclarece, nas palavras de Gondim, que apenas quando a força tem caráter destrutivo, prejudicial e intencional é que ela se torna um ato de violência. E esclarece ainda que força trata-se de um conceito disposicional, ou seja, refere-se à habilidade ou potencialidade. Por outro lado, VIOLÊNCIA refere-se ao ato em si, ou algo que já está feito a algo ou a alguém.

Além da afinidade com o conceito de força, Bufacchi, segundo Gondim, expõe que violência também se assemelha à violação no sentido de infringir, transgredir ou exceder limites ou normas. Ele esclarece que, nesse caso, a natureza dos direitos violados precisa ser esclarecida, visto que existem, pelo menos três maneiras distintas de conceptualizar os direitos que são violados em um ato de violência: (a) a violação de direitos pessoais, ou aqueles essenciais à personalidade, como corpo ou dignidade pessoal; (b) violação dos direitos próprios, endossada pela tese de autopropriedade; (c) violação de direitos humanos, amplamente definida como a imposição de obstáculos ou impedimentos para a satisfação e realização de necessidades básicas.

Esses dois aspectos de abordar a violência- físico e violação- conduzem a dois tipos de conceitos de violência: um mais restrito e outro mais amplo. Segundo Gondim (2012), o conceito mais restrito diz respeito ao exercício de uma força física e destrutiva, que causa sofrimento ou dano físico ou psicológico, praticado a animais, pessoas ou propriedades. É importante ressaltar que essa concepção de violência repercute, principalmente na violência interpessoal, cujo dano psicológico constitui um dos principais elementos da violência doméstica, intrafamiliar e conjugal. Há ainda, conforme a autora, a violência estrutural e institucional, nas quais o prejuízo é exercido a partir de uma estrutura com demonstrações de poder desiguais e chances de vida igualmente assimétricas, com abusos psicológicos de natureza mais vaga e subjetiva. Essa abordagem é ampla demais, visto envolver critérios subjetivos de violação social, política, econômica. Sempre que envolvemos juízo de valor, critério subjetivo, tornamos qualquer objeto em análise mais complexo.

Atualmente, o que mais percebemos são mudanças de juízos de valor em relação à violência; o cumprimento às regras sociais parece estar sendo cada vez mais ignorado. A sociedade atual, líquida, está vivendo seus prazeres de forma fugaz, evidenciando muitas vezes um comportamento agressivo como consequência de ganância e egoísmo. Parecemos muito mais “instinto” do que “razão”. Estudos antropológicos afirmam que o século vinte e um é marcado pela busca do desejo e prazer imediato, acima de qualquer relação. Então, fica mais complicado definir com exatidão se o comportamento agressivo é fruto da personalidade

genética, individual ou desta personalidade (identidade) social criada no contexto atual em que estamos inseridos.

A criminalidade moderna, que envolve escolares, ideológicos, religiosos e outros, exige o desenvolvimento de outros modelos criminais, indo além dos aspectos genéticos, afinal, questões filosófico culturais aparecem em cena. A discussão continua sendo válida sobre o papel do meio no comportamento. Nada é estável, como se vê, em relação ao fenômeno violência. Alguns autores da Antropologia afirmam não existir diferenças de personalidade entre delinquentes e não delinquentes, o que descartaria a ideia de traços de personalidade determinantes de uma conduta criminoso. O que se alega é que há interação entre determinados contextos e situações do meio, juntamente com um conjunto de processos cognitivos pessoais, afetivos e vivenciais, os quais acabariam por levar a pessoa a interpretar a situação de uma forma particular e a agir (criminosamente ou não) de acordo com o sentido que lhe atribui.

Atualmente é difícil defender a existência de uma personalidade tipicamente violenta, composta por traços imutáveis e pré-definidos. Defende-se sim a existência de diferentes formas de organização e estruturação da personalidade, de diferentes maneiras de integrar os estímulos do meio e os processos psíquicos e de diferentes maneiras de relação com o mundo exterior. Essa estruturação típica e própria da personalidade é que produz diferentes representações da realidade nas diferentes pessoas e, em função dessa personalidade, as pessoas definem também suas diferentes formas de agir e de se relacionar com os outros e com o mundo.

Acredita-se que os comportamentos transgressivos, considerados violentos, não resultam da incapacidade para agir de outra forma que não a violenta, como pretendiam os positivistas, nem de uma determinação biológica para só agir desta forma, como acreditavam os deterministas. Os atos, delituosos ou não, danosos ou não, estão relacionados com processos da personalidade ao nível da construção de significados e de valores da realidade, bem como com as opções de relacionamento da pessoa com essa realidade. Tal conceito implica na existência de uma estrutura da personalidade que determina certos padrões de ação e certos padrões de inter-relação particular do indivíduo com a realidade, fazendo com que ela aja em conformidade com a visão pessoal que tem da realidade.

Por tudo o que foi citado, percebemos que o conceito de violência consiste em um dos mais complexos e difíceis das ciências sociais. Imbusch (2003,apud Gondim, 2012) aponta em seus estudos que as pesquisas de opinião pública revelam que o conceito é extremamente difuso, variando de danos físicos e psicológicos a formas específicas de crime e

comportamentos impolidos nas ruas ou nos esportes, inclusive discriminação social. Afinal, como questiona Jamison (2012, apud GONDIM, 2012): Será a violência uma arbitrariedade ou uma necessidade? Uma inimiga à liberdade e à ordem social ou um de seus pilares indispensáveis? Ela é meio racional ou instrumento de autofrustração? É a resposta de um aprendizado pervertido ou um instinto normal? A violência é uma forma patológica de comportamento ou uma maneira voluntaria pela qual seus agentes carregam toda responsabilidade? A sociedade pode prevenir sua ocorrência ou precisamos renunciar a uma ordem que a inclua? A resposta para todas estas questões é que não temos respostas.

Concluindo: cada pessoa processa de um jeito a violência, e somos “muitas pessoas” / “muitas mentes”. Por sabermos que é impossível padronizar pensamentos, percebemos que continuamos sem resposta ao problema suscitado. É parte de nossa existência e relação. E por isso buscamos sempre reflexão sobre os problemas relacionados à violência. E nossa linguagem reflete tal processamento. Por ser de entendimento diferente, de acordo com as vivências individuais, apontam-se os conceitos de resiliência e empatia, na medida em que servem para explicar a aceitação ou não do que é considerado VIOLÊNCIA, servem de aporte para a construção conceitual da categoria, dos grupos aqui selecionados para o corpus.

Resiliência pode ser entendida com um processo dinâmico envolvendo uma adaptação positiva frente a situações de adversidade significativa. Entretanto, quando focalizado em adolescentes que vivem em situação de violência, resiliência parece inatingível. Embora o termo seja utilizado há muito tempo pela Física e Engenharia, ainda é um construto teórico novo na área da Psicologia. Originalmente, referia-se à propriedade pela qual a energia armazenada em corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação elástica. Na Psicologia, o estudo desse fenômeno é descrito como a habilidade do indivíduo de superar as adversidades. Vários fatores podem influenciar no processo. Mas algo é certo: a resiliência só surge quando há o risco, pois é este que tem um potencial para predispor pessoas a resultados negativos. Para haver um fator de risco definido, é preciso que o indivíduo sinta fragilidade ou vulnerabilidade que o prejudiquem em seu desenvolvimento. Na presença do risco emerge a ação de fatores protetivos. Tais fatores de proteção são características que diminuem a probabilidade de um resultado negativo acontecer na presença de um fator de risco, reduzindo a sua incidência e gravidade. Os fatores de proteção podem modificar os efeitos do risco através da interação com eles. Podem ser, portanto: a coesão e afetividade da família, o apoio afetivo de alguém, o apoio social externo. Estes fatores de proteção têm a função de auxiliar o indivíduo a interagir com os eventos da vida e atingir resultados positivos para seu desenvolvimento, incrementando, com isso, o processo de

resiliência. O grande problema atual é que os fatores de proteção estão falhando em algumas situações de vida de adolescentes.

O estudo do desenvolvimento humano com ênfase nos processos evolutivos saudáveis que caracterizam a resiliência vem sendo o foco central no campo das pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento. Dentro de uma perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996, apud PALUDO, 2002) o desenvolvimento é considerado com um envolvimento dinâmico de interações entre homens e ambiente. Há aspectos do meio ambiente que devem ser levados em conta no entendimento do ser humano e seu comportamento. A pobreza, por exemplo, é um fator que influencia no bem-estar e na calma, na medida em que faltam recursos de apoio e o risco é aumentado, causando assim vulnerabilidade. Há contextos em que a violência acaba constituindo-se como atuante principal, porque muitas vezes é o meio de sobrevivência: a partir de assaltos, de tráfico, é que geram mortes, agressões, mas também geram sustento familiar. Ao enfrentar situações de risco, os adolescentes apresentam distúrbios sociais, emocionais e até problemas de conduta. Porém, nem todos passam por isso. Há crianças que se adaptam ao meio, não sendo corrompidos por este, superando suas dificuldades e demonstrando competência social, conforme aponta Ceconello (1999, apud PALUDO, 2002). Essas crianças são chamadas de resilientes.

Kliewer (1991, apud PALUDO, 2002) utiliza o termo “competência social” como um entendimento de quais comportamentos são apropriados para determinar circunstâncias e um esforço no sentido de adequar o comportamento à situação negativa. Para o autor, as crianças e adolescentes socialmente competentes são hábeis para entenderem as normas sociais, para a interação com os pares e com adultos, e hábeis para regular suas emoções, especialmente as emoções negativas.

Uma pessoa socialmente competente é capaz de ser empática com seus pares. A empatia é definida como uma resposta emocional que deriva da percepção do estado ou condição de outra pessoa, sendo congruente com essa situação ( Eisenberg & Strayer, 1987, apud PALUDO, 2002). Empatia consiste em compartilhar uma emoção percebida de outras pessoas, sentindo o mesmo do que o outro. É um sentimento diferente de simpatia e de angústia pessoal, apesar de estarem intimamente ligados. Simpatia refere-se a uma intensa preocupação com o sofrimento de outra pessoa. É sentir por outra pessoa e geralmente refere-se à tristeza ou lamento. A angústia pessoal, por outro lado, refere-se à experiência de um estado aversivo, como ansiedade ou preocupação, que não é congruente com o estado de outra pessoa e que leva a uma relação auto-orientada e egoísta, segundo Eisenberg. Assim, a empatia é diferente da angústia, pois não é em sua essência uma resposta egoísta nem

orientada para os outros, e da simpatia, que envolve uma clara orientação para terceiros.

O desenvolvimento da empatia é considerado por alguns autores com relacionado à expressividade emocional. Empatia está associada com a habilidade para experienciar e expressar tanto emoções positivas como negativas. Crianças que experienciaram emoções como medo, tristeza e felicidade, que reconhecem e aceitam esses sentimentos, e que conseguem manejar sua própria raiva durante as interações sociais, tendem a ser mais empáticas.

A socialização das emoções é um aspecto central para a expressividade emocional e empatia. A partir das experiências afetivas das crianças com seus pais, familiares, estas costumam lidar melhor com seus sentimentos.

Eventos de risco podem afetar ou influenciar o desenvolvimento moral e emocional dessa população. As emoções morais como culpa, vergonha, orgulho são constantes universais. Mas as variações em seu conteúdo moral resultam da interação com o contexto histórico, social, cultural. Pensa-se que adolescentes expressam suas emoções em relação à violência refletindo suas vivências cotidianas. Meninos e meninas que tem experiências com violência, seja como atuantes ou observadores, apresentam respostas diferentes aos meninos e meninas que apenas são alertados sobre o fenômeno. E é nisso que o trabalho aqui presente se baseia. As organizações das expressões afetivas e emocionais são diferentes, construídas nas experiências sociais, incluindo maltrato, violência e vitimização. A percepção do adolescente sobre ações certas e erradas partem de modelos vivenciados que mostram o certo e o errado. O exemplo é determinante na definição de conceitos. A percepção das crianças sobre as ações certas ou erradas é uma forma inicial de moralidade, é quando as regras são internalizadas e tomam lugar na definição dos conceitos. Os componentes básicos de moralidade são os afetivos, cognitivos e comportamentais.

As teorias psicanalíticas enfatizam os aspectos emocionais do desenvolvimento moral, à medida que assumem que o tipo de relação emocional da criança com seus pais determinará a sua disposição para internalizar os padrões parentais de certo e errado. Freud sugere que o senso moral desenvolve-se como resultado de uma forte identificação parental. Os traços comportamentais, pessoais, as motivações, as normas, os valores, proibições são regidos pelos pais. Em contraste, a teoria da aprendizagem social, já apresentada no trabalho, propõe uma doutrina da especificidade, ou seja, acreditam que o raciocínio moral e o comportamento moral dependem mais da situação do que da internalização de princípios morais. De acordo com a teoria sociocognitiva, as crianças adquirem regras e padrões internos por meio de imitação de modelos e pela compreensão das explicações de agentes

socializadores sobre a moralidade e significado social. Conforme já vimos, há “comportamento moral”, ou “regulação social”, como uma classe de respostas socialmente aceitas, que são autorreforçadas ou instrumentadas para evitar culpa, ansiedade ou punição. As respostas morais específicas ou hábitos são adquiridos da mesma forma que qualquer outro comportamento social- através da aprendizagem. As crianças devem alcançar um certo nível de cognição antes de compreenderem certos tipos de raciocínio moral, como admite Piaget (1997). Assim à medida que as crianças crescem, tornam-se mais hábeis e competentes.

Piaget foi o primeiro a investigar a moralidade sob uma perspectiva cognitiva e do desenvolvimento. Dedicou-se à análise do desenvolvimento das regras em jogos infantis, buscando compreender o comportamento das crianças diante de um sistema de regras. Segundo o autor, toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras.

Piaget propôs dois estágios de desenvolvimento do raciocínio moral: heteronomia e autonomia. O estágio primeiro caracteriza-se pelo predomínio do respeito unilateral, do realismo moral e da responsabilidade objetiva. Nessa fase, a criança possui uma concepção de regra como algo exterior à consciência e imposta pelo adulto. As ações são julgadas em função da responsabilidade sobre a gravidade ou o prejuízo causado, desconsiderando as intenções e os motivos. A partir dos oito anos de idade, inicia a fase autônoma, na qual as crianças começam a intensificar os julgamentos de acordo com as intenções e não somente pelas consequências. Nessa fase, emerge a cooperação, possibilitadora do surgimento do respeito mútuo e da responsabilidade subjetiva.

Kohlberg (1969, 1976, PALUDO,2002) propõe que o crescimento moral progride em uma sequência invariante de três níveis morais, pois depende do desenvolvimento de habilidades cognitivas. A evolução do pensamento lógico, a consolidação das operações formais são condições necessárias para a emergência do desenvolvimento moral. O interessante disso na prática é que os adolescentes com rótulo de violentos apresentam dificuldades de aprendizagem, não possuem coesão familiar. O exemplo parental é negativo, consolidado na reprodução cotidiana de seus atos. Se os adultos ou figuras de autoridade não transmitem regras e normas diretamente, a moralidade da criança é autoconstruída a partir da cultura que a cerca. Nucci e Turiel (1983, apud PALUDO,2002) afirmam que as crianças julgam os aspectos morais e os convencionais baseados no prejuízo causado. As ações que causam prejuízos intrínsecos para outros são reconhecidos como errados, mas não para todos adolescentes.

A partir de 1980, crescem os estudos sobre as emoções no desenvolvimento humano

moral. Shweder e colaboradores (1987, apud PALUDO,2002) propõem uma “teoria da comunicação social”, para o desenvolvimento moral, na qual os pais apresentam o que é moralmente importante à criança através de suas reações emocionais. As crianças prestam atenção às falas, à expressão e ao tipo de situação nas quais os adultos demonstram suas emoções. A partir dessas pistas emocionais, as crianças determinam o domínio da moralidade e as respostas apropriadas às violações morais. Os autores sugerem que o domínio da moral varia de cultura para cultura: não é universal. Agressão como punição pode, por exemplo, ser internalizado como sistema de justiça (“apanhou porque mereceu”).

Nojo, repulsa, raiva ou empatia variam de acordo com o convívio familiar e social. Ou seja: há relação direta entre atos, comportamento moral, emoções. Entram em jogo vários fatores na definição do conceito aqui proposto para análise, por isso se diz tratar de um conceito abstrato, de uma categoria radial.

As expressões emergentes dos discursos sobre VIOLÊNCIA já que não podem definir precisamente o conceito em questão, podem ser descritas a partir da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, por esta explicar a dinâmica construtiva dos aspectos cognitivos e culturais na formulação do conceito em questão.

Pensando em tais aspectos, torna-se pertinente apontar na seção seguinte a relação entre algumas metáforas e VIOLÊNCIA, na tentativa de explicar o conceito; e na sequência, ilustra-se também uma possibilidade de análise da categoria, a partir dos estudos de Feltes (2007), para assim apresentar como VIOLÊNCIA emerge dos discursos dos adolescentes selecionados como corpus de análise para esta tese.

## 2.2 LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA: METÁFORAS PARA EXPRESSAR VIOLÊNCIA E SUAS EMOÇÕES

Como vimos, definir violência é complexo, pois envolve diferentes relações, contextos, entendimentos. Apresenta-se agora uma explicação sobre as metáforas que expressam VIOLÊNCIA e suas emoções. Objetiva-se mostrar a relação entre cultura, emoção, linguagem, a partir de estudos sobre METÁFORA DO SISTEMA MORAL, METÁFORA DA VIDA INTERIOR.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999) a moralidade tem relação com o bem-estar do homem. As ideias morais de JUSTIÇA, COMPAIXÃO, TOLERÂNCIA, VIRTUDE, LIBERDADE, DIREITOS surgem da preocupação do ser humano com o seu bem viver.

Interessante observar que os domínios-fonte das metáforas envolvendo moralidade derivam de experiências percebidas em diferentes culturas que contribuem com o ser humano. Por exemplo: “é melhor ter saúde do que ser doente”, “melhor ser puro do que ser contaminado”.

Os autores demonstram que esses domínios direcionam as metáforas relacionadas à moralidade. Analisando o contexto da tese, pode-se pensar que: “se faz bem ter poder, então vale a pena lutar por ele”; “se o tráfico traz poder, então o tráfico é bom para o bem-estar”. A imoralidade, nesse sentido, não deve ser interpretada então como algo contagioso que se espalha sem controle, prejudicando o bem-estar e a saúde. Ao contrário, pode ser vista como fonte de renda, gerador de saúde, dinheiro, bem-estar, o tráfico não combina com o imoral. A Moralidade envolve controle, equilíbrio, força, proteção, etc. Se o tráfico garante tudo isso, então como ele se torna imoral?

Precisamos então entender assim a moralidade: nossas construções conceptuais farão sempre relação entre ganho e perda, na hora de tomarmos decisões. Justamente nesse ponto que a cultura, a intracultura pode ganhar espaço, pois os conceitos de perda e ganho são variáveis.

Segundo Lakoff e Johnson (1987), a ideia básica é de que fazendo algo bom metaforicamente valorizamos a pessoa; fazendo algo ruim, desvalorizamos. É possível pensar em uma metáfora de transação financeira: é moral pagar seus créditos; é imoral não pagá-los. O mesmo com débitos morais e créditos morais. Por exemplo, se alguém faz o bem para nós, ficamos “devendo” para a pessoa; se alguém faz algo ruim, podemos nos vingar ou revidar, já que a pessoa está em débito e isso equilibraria a relação. É a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL.

Explicando melhor a diferença entre retribuição e vingança: retribuição é quando alguém de autoridade legitimada “pune” quem fez algo danoso a outros. Vingança é quando essa punição não segue padrões estabelecidos pela sociedade como legitimados. Mas e quando o chefe do tráfico é a autoridade legitimada da região em que vive? A própria definição, portanto, de Lei, pode variar entre subculturas.

Os autores também apontam a ideia de altruísmo, vinculada à METÁFORA DO SISTEMA MORAL: “Se A faz algo positivo para B, a sensação de bem-estar é provocada. B, ao ficar em débito com A, e não precisar pagar a dívida, gera ainda mais crédito positivo para quem fez a boa ação.

Os autores também trazem para esse conceito de metáfora a noção budista de *kharma*.

Retomando a noção de JUSTIÇA, podemos pensar que esta envolve, segundo Lakoff

e Johnson, um conjunto de fatores que resultam em equilíbrio moral. JUSTIÇA é entendida como merecimento. E essa noção pode variar entre culturas e subculturas. Por exemplo: faz parte da ideia de justiça a igualdade de distribuição, igualdade de oportunidades, etc; a Constituição Brasileira, inclusive, é escrita com base nesses preceitos. Assim, um adolescente pode considerar “injusto” não ter as mesmas chances de outro e por isso acabar roubando.

Podemos pensar, então, que muitos podem ter a noção do que é moral e do que não é, mas mesmo assim, praticarem o que é imoral; podem não ter habilidade para fazer o que é moral. Sem esse força suficiente, não terá um sistema moral com a mesma construção conceptual de alguém com força e retidão.

A ideia proposta por Lakoff e Johnson é de que SER MORAL É ESTAR ACIMA e SER IMORAL É ESTAR ABAIXO. Assim: FAZER O MAL É FALHAR, CAIR. Exemplo: “Você caiu no meu conceito depois do que fez”.

TER RETIDÃO MORAL é estar em equilíbrio, é não ficar balançando: “Ele está no limite da linha do bem”. A pessoa desequilibrada, balançando, não é considerada como forte, e é mais propensa a não conseguir fazer o que é bom.

O segundo aspecto da METÁFORA DA FORÇA MORAL consiste no controle de si e sobre o Mal. O Mal é uma força, seja interna ou externa, que pode fazer o ser humano cair, perder o controle, cometer imoralidade. Assim, podemos ter a metáfora: MAL É UMA FORÇA

O Mal externo é entendido metaforicamente como uma pessoa que luta com o ser humano pelo controle ou como uma força da natureza que atua sobre o corpo humano.

O Mal interno é a força interna do corpo, envolve desejo, pode ser metaforicamente pensado como uma pessoa, um animal, ou uma força da natureza, como em “fogo da paixão”. A Moralidade consiste em vencer essa força, esse animal. As pessoas não nascem fortes; isso se constrói, pois requer disciplina, autocontrole, autopunição ( a Igreja Católica, por exemplo, assegura que a dor garante a recompensa- A morte é a passagem para o paraíso). Como consequência dessa ideia, a punição é aceitável, sendo positiva para a disciplina moral. O que podemos pensar é que atualmente não há muita punição para esses adolescentes que estão construindo seu sistema moral. Pela lógica da METÁFORA DO SISTEMA MORAL, a fraqueza moral é uma forma de imoralidade. Uma pessoa imoral portanto, é fraca, podendo cair, sendo vencida pelo Mal.

Sistematizando as ideias de Lakoff e Johnson (1987), podemos representar a METÁFORA DA FORÇA MORAL como:

SER MORAL É TER RETIDÃO

SER IMORAL É SER INFERIOR

O MAL É UMA FORÇA NEGATIVA

A MORALIDADE É UMA FORÇA POSITIVA

O grande problema norteador dessa tese é que muitos adolescentes entendem o Mal como uma força positiva, gerando com isso, possíveis metáforas diferentes das propostas pelos autores:

TER PODER É SER FORTE

O MAL É UMA FORÇA

TER O MAL É SER FORTE

Na esfera moral, a autoridade é metaforicamente representada pela dominância. O poder de um pai sobre o filho, por exemplo, envolve o comando do adulto sobre a criança. O pai tem autoridade e capacidade para definir os princípios morais que governam a família- vem daí o termo “paternalismo”.

Os filhos, quando jovens, conforme já foi apresentado no trabalho anteriormente, precisam receber instruções, exemplos do que é certo e do que é errado fazer. Aprendem que não se deve fazer o mal ou machucar os outros. Os pais têm a responsabilidade de proteger e cuidar dos filhos, ensinando o que é moral e o que é imoral, construindo assim a ideia de que SER FORTE É TER MORAL. Entretanto, na tese defendida, alguns adolescentes não possuem a estrutura familiar defendida como a ideal- a partir dos protótipos cognitivo-culturais. Os adolescentes infratores entrevistados em sua maioria não possuem a figura paterna como símbolo de retidão. Muitos nem conhecem o pai. Outros têm o pai preso, por “imoralidades”. Na falta desta autoridade, entra em campo o poder do chefe do tráfico, que se transforma no protetor, cuidador, na medida em que sustenta, em que manda na comunidade. O poder então está com o Mal, que, como vimos, é uma Força. Como a moralidade não foi positivamente construída, o adolescente não consegue discernir com clareza o que é certo do que é errado, reforçando a definição de Bandura, apresentada anteriormente, que afirma que o exemplo visto e o comportamento copiado são os elementos-chave que formam a personalidade.

Assim, pensando na seguinte metáfora: AUTORIDADE MORAL É AUTORIDADE PATERNAL, teríamos o seguinte esquema, conforma apontam Lakoff e Johnson (1987):

UMA FIGURA DE AUTORIDADE É UM PAI

UM AGENTE DA MORAL É UMA CRIANÇA

MORALIDADE É OBEDIÊNCIA

Porém, pensando no contexto analisado na tese, podemos elaborar a seguinte

metáfora: AUTORIDADE PATERNAL É O MAL

Uma Figura de Autoridade é um Criminoso

Um Agente de Moral é Uma Criança

Moralidade é Obediência

Mal é Uma Força Negativa

Mal vence Moralidade

Mal é imoral

Obedecer o Mal é ser imoral

Aqui, podemos pensar que a criança ou o adolescente que é criado por um criminoso segue outros exemplos, que não são positivos. A criança vê no traficante o símbolo paterno-uma figura de autoridade. Assim, se o traficante é a autoridade, obedecer a ele é fazer o Mal. O Mal é uma força que compete com a Moralidade, derrubando-a. Assim, a criança não desenvolve a noção do que é moral ou imoral.

Lakoff e Johnson seguem exemplificando outras possíveis metáforas relacionadas à moralidade. De acordo com a Teoria das Essências, os objetos têm natureza, definida por um conjunto de propriedade que determina seus comportamentos. Assim, ocorre com as pessoas. Cada pessoa, segundo os autores, tem uma essência moral que determina seu comportamento. Essa essência moral é chamada de “caráter”.

De acordo com a MORAL DA ESSÊNCIA, as pessoas nascem com ou desenvolve no começo de sua vida, propriedades morais e hábitos que permanecem com elas por toda a vida. Essas propriedades são chamadas de “virtudes”, quando são hábitos considerados positivos, ou de “vícios”, quando são hábitos considerados negativos. Hábitos aqui se referem às propriedades morais. Quando alguém diz “ ele é podre por dentro”, por exemplo, está se referindo à METÁFORA DA ESSÊNCIA.

De acordo com os linguistas, a METÁFORA DA ESSÊNCIA MORAL tem três enlaçamentos:

- Se você sabe como uma pessoa tem agido, você sabe como é o caráter dessa pessoa.
- Se você sabe como é um caráter de uma pessoa, você sabe como ela agirá.
- Um caráter básico da pessoa é formado até sua fase adulta.

Pensando nesse último enlaçamento, é possível defender a Constituição Brasileira que define o menor de idade como incapaz de responder criminalmente por seus atos, por não ter formação completa de caráter. Entretanto, muitos acreditam que essa formação ocorre ainda quando jovem, e se não adquiriu caráter até a maioridade, não adquire mais. Há uma discussão sobre maioridade penal nestes termos.

A noção de Essência Moral pode levar ao entendimento dos problemas de imoralidade. Por exemplo, em uma comunidade onde o chefe do tráfico é visto como *herói*- pois distribui dinheiro aos mais necessitados, garante proteção às famílias- como então condená-lo? Os heróis são conceptualizados como sendo boas pessoas. Se são bons, não podem fazer o Mal. Essa ideia de herói faz com que muitos apaguem no seu imaginário outras propriedades de caráter do traficante. Muitos não pensam sobre os seus assassinatos, por exemplo, para não conflitar com a METÁFORA DE ESSÊNCIA MORAL.

Lakoff e Johnson apontam também a Pureza Moral como parte do Sistema de Moralidade.

Segundo os autores, uma substância é pura quando não é misturada com outra. Algo impuro é algo sujo. As substâncias puras são limpas, claras, nítidas. PUREZA É CLARIDADE; MORALIDADE É CLARIDADE.

“Ele foi sujo comigo”- mostra imoralidade.

Porém, retomando a ideia de que os conceitos são construídos culturalmente e o contexto online influencia nas concepções, pode-se ter outra análise da expressão “sujou”:

Quando se ouve na comunidade envolvida na guerra do tráfico a expressão “sujou”- tem-se a ideia de que algo contaminou o ambiente. Interessante observar que a imoralidade, vista como impura, suja, conforme apontam os linguistas, é aqui a parte “limpa”- a sujeira passa a ser nesse contexto a própria moral (definindo-se que polícia tem vinculação com o correto, com o moral- seria a FORÇA DO BEM para a maioria da sociedade, mas aqui é FORÇA DO MAL- a comunidade em questão não gosta de policiais e não os enxerga, em sua maioria, como heróis, como seria pelo seu estereótipo). O que se pode pensar a esse respeito é que a polícia invadindo o espaço da comunidade pode ocasionar mortes, que é algo negativo para os moradores do conflito. Portanto, a Polícia sujará o ambiente (de sangue?), ou sendo considerada mesmo como uma parte limpa, limpará o ambiente ( eliminando a sujeira- que seria o Mal- porém trazendo tristeza para quem depende dele em sua sobrevivência. O que percebemos é que as emoções definem nossas construções metafóricas e são diferentes em contextos reais diversos).

A Empatia Moral é a capacidade de se colocar no lugar do outro, sentindo o que o outro sente. Obviamente, é uma construção metafórica “se colocar no lugar do outro”. A lógica da Empatia Moral é sentir o que o outro sente, é fazer com os outros o que gostaria que fizessem consigo. As pessoas nem sempre são empáticas porque muitas vezes não conseguem concordar com alguns atos cometidos pelos outros, considerados inapropriados ou imorais.

Outra metáfora importante que auxilia no entendimento da categorização semântica

de VIOLÊNCIA é a METÁFORA DA VIDA INTERIOR. Tal metáfora é fundamental nesses estudos, pois, conforme aponta Sage (2011), VIOLÊNCIA em suas diversas formas (tipos de atos de violência, tipos de causas, de agentes, de danos...) afeta muitas inferências analíticas a partir dos envolvidos. Ainda segundo a autora, os elementos envolvidos na maioria dos atos envolvem pessoas, cujos planos físico, social, mental são relevantes à análise. Feltes (2007) aponta então, como será visto mais adiante, a necessidade de criar um MODELO PSÍQUICO, PLANO MENTAL para constituir o conceito PESSOA, a que Lakoff e Johnson (2009) chamam de VIDA INTERIOR. É no Sujeito que estão a razão, o desejo, o julgamento, segundo Kovecses (2005). Ainda segundo o autor, é no Self- proposto por Lakoff e Johnson, que se encontram os aspectos das pessoas que correspondem ao corpo, às emoções, às ações. O Self ( ou Selves) é, portanto, visto como uma outra pessoa, um lugar, um objeto, como aponta Sage.

Estudar a mente é ir além: é tentar entender o que é o pensar, o que são os pensamentos, o que são os pensadores. Lakoff e Johnson (1999), ao explicar sobre nossas experiências, afirmam que elas envolvem caminhos por quais tentamos controlar nossos corpos, e caminhos por quais perdemos o controle. Há casos em que nossos valores conflitam com os valores implícitos de nossos comportamentos. Há disparate entre o que sabemos e acreditamos sobre nós mesmos e entre o que as outras pessoas pensam a nosso respeito. Há experiências que seguimos por imitação dos outros, ou quando tentamos ver o mundo sob a ótica de outros, e há ainda experiências em que nos engajamos em formas de diálogo e monitoramento interior.

Para Lakoff e Johnson, o Sujeito é o lócus da consciência, experiência subjetiva, razão, vontade, e nosso Self (Essência) é o que faz nós sermos nós: nossos corpos, nossos papéis sociais, nossas histórias, etc. Não há uma única distinção entre Sujeito- Self- são várias; e não há consistência através das distinções. As noções multifacetadas de Sujeito e de Self não são arbitrárias, na medida em que expressam aparentemente experiências universais de uma “vida interior”. As metáforas para conceptualizar nossa vida interior são construídas em outras experiências aparentemente universais. Cada metáfora conceptualiza o Sujeito como alguém personificado, com existência independente do Self. O Self, como já foi apontado, pode ser visto também como uma pessoa, um objeto ou um lugar.

Segundo os autores, nossa concepção metafórica de “vida interior” tem uma estrutura hierárquica. No nível mais alto há a metáfora Sujeito- Self, que conceptualiza uma pessoa como alguém bifurcado. A natureza específica dessa bifurcação está em um nível mais abaixo, onde há cinco instâncias específicas de metáfora.

Os cinco casos especiais de metáfora SUJEITO-SELF estão embasadas em quatro tipos de experiências diárias: manipulação de objetos; ser localizado no espaço; pertencer a relações sociais; e projeção empática- conceptualmente projetando si mesmo em outro alguém, quando como uma criança imita a mãe. O quinto caso especial vem da Teoria Popular da Essência: Cada pessoa é vista como tendo uma Essência, conforme foi visto anteriormente. Essa Essência é parte do Sujeito. A pessoa pode ter mais que um Self, mas somente um dos Selves é compatível com aquela Essência. Este é chamado de Self verdadeiro, real.

Resumindo: de acordo com Lakoff e Johnson, uma pessoa é dividida em um ou mais Self e um Sujeito. O Sujeito (domínio-alvo) metaforicamente é conceptualizado como Pessoa (domínio-fonte).

O esquema básico da metáfora SUJEITO- SELF é apresentado por Lakoff e Johnson da seguinte maneira:

**Quadro 3: Esquema básico da metáfora Sujeito Self**

<u>Pessoas e entidades</u>		<u>A Pessoa como um Todo</u>
Uma Pessoa	→	O Sujeito
Uma Pessoa ou Coisa	→	Um Self
Uma Relação	→	A Relação Sujeito-Self

Fonte: LAKOFF E JOHNSON (1987)

Segurar e manipular objetos é uma das coisas que aprendemos desde cedo. Controlar objetos tem relação com a metáfora de nossa “vida interior”. Para controlar objetos, precisamos controlar nosso corpo. Assim, autocontrole e controle de objetos parecem estar relacionados com nossas experiências de vida. É com base nisso que Lakoff e Johnson apresentam a metáfora CONTROLAR O SELF É CONTROLAR OBJETOS:

**Quadro 4: Esquema básico da metáfora Controlar o Self é Controlar Objeto**

Uma Pessoa	→	O Sujeito
Um Objeto	→	O Self
Controle	→	Controle do Self pelo Sujeito
Não-controle	→	Não-controle do Self pelo Sujeito

Fonte: LAKOFF E JOHNSON (1987)

Outras metáforas que não necessitam de explicação:

O CONTROLE DO SELF É O MOVIMENTO FORÇADO DE UM OBJETO: “Esta pronta para a briga, mas me segurei”.

O CONTROLE DO CORPO É O MOVIMENTO FORÇADO DE UM OBJETO: “Afastei minha mão para não dar um tapa”

LEVAR O SELF A AGIR É MOVIMENTO FORÇADO DE UM OBJETO: “ Se eu me esforçar, conseguirei tomar a decisão certa”.

A metáfora CONTROLE DO SELF É POSSE DE OBJETO caracteriza a noção de “se perder”. Pode-se pensar em perda de controle por causa de emoções negativas, quando, por exemplo, há ansiedade, medo. Pode-se fazer mais do que se pretendia fazer, com possíveis consequências negativas. Esta falta de controle pode ser entendida quando alguém sente que está sem controle de si, que alguém está fazendo por ela, como um “Espírito do Mal”. Essa metáfora é interessante para entendermos expressões como “ estava falando e perdi minha linha de raciocínio”, ou então: TIRAR O CONTROLE DE UM SELF É TIRAR A POSSE DE OUTRO: “perdi o controle, por isso agi mal”, ou “ estava descontrolada, agiu por impulso”, “não sei o que deu nele, acho que algum santo baixou”...

As pessoas tipicamente sentem-se mais no controle quando estão em seu habitat, em seu ambiente. Quando estão em ambientes diferentes, estranhos, o controle parece não ser tão forte. Daí vem a metáfora CONTROLAR SI MESMO É ESTAR EM UM LUGAR NORMAL. Quando o adolescente infrator é colocado no plano do adolescente de classe alta sem registro de infração, ou de violência cometida, percebemos a situação descrita. O mesmo quando um jovem considerado pela sociedade como vítima apresenta medo quando exposto a um lugar fora de seu contexto, pois perde o controle de si. Por isso, há tanto medo em ir em favelas à noite, por exemplo. Pensando em expressões, podemos citar como exemplo: “ fica na tua”, “ mantive-me em meu lugar”.

Outra metáfora bastante utilizada é O SELF COMO CONTAINER: “Estava fora de si, por isso fez o que fez”. “ Volta para casinha”...”

METÁFORA DO PONTO DE VISTA OBJETIVO: “ Estava me analisando, preciso mudar”; “ Te enxerga”....

Lakoff e Johnson apresentam a possibilidade do Sujeito e do Self serem compreendidos como adversários:

SUJEITO E SELF COMO ADVERSÁRIOS: “ Eu estava em crise comigo”.

As metáforas a respeito de Sujeito e Self que aqui foram destacadas são importantes para a análise das entrevistas, já que falar em emoções, acaba provocando emoções, que têm ligação direta com nossa vida interior.

Feltes ( 2007), ao abordar conceitos abstratos, ressalta a relevância de se estudar sobre PESSOA em três níveis: ESPIRITUAL, MENTAL E FÍSICO. Tais níveis influenciam os Modelos Cognitivos Idealizados, na medida em que os limites de conceptualização variam de pessoa para pessoa, de acordo com suas experiências de mundo e interiorização dos modelos culturais.

Pensando sobre o conceito VIOLÊNCIA, podemos afirmar que entram em jogo os três níveis de PESSOA, na expressão linguística da categoria:

PLANO ESPIRITUAL: “Ele derrubou todas minhas esperanças”.

PLANO MENTAL: “ Você derrubou todos meus planos”. ( o PLANO MENTAL engloba, para a tese, o PLANO PSÍQUICO).

PLANO FÍSICO: “Para quê derrubar o colega?!”

A partir dos exemplos, pode-se afirmar que o conceito de PESSOA é estruturado por um esquema de imagem do tipo PARTE-TODO: a pessoa é composta por espírito, mente, corpo; e por um mapeamento metonímico, a PESSOA é entendida como um CORPO, salientando com isso seu plano físico.

Visto as possíveis metáforas implicadas nas expressões relacionadas à VIOLÊNCIA, seguimos agora com um ensaio produzido por Feltes ( 2007), acerca do tema, para no capítulo seguinte, apresentarmos nosso estudo empírico, como tentativa de aplicação real das suposições apresentadas pela autora.

### 3 DESCRIÇÃO LINGUÍSTICO-COGNITIVA DA CATEGORIA VIOLÊNCIA: ESTUDO PRELIMINAR

Como vimos até o momento, os conceitos são construídos em interação: corpo-mundo. Vimos também que as emoções são percebidas nas ações, na linguagem, entrando em cena as metáforas conceptuais que são utilizados para explicar um conceito em termos de outro.. Notamos que o conceito escolhido para esta tese é complexo, pois não possui traços essenciais, definidos, bem limitados; é uma categoria radial, já que há conceitos mais semelhantes entre si, mais perto de um possível central, e há mais distantes. É uma categoria com contorno esfumado- fuzzy; e aqui defendemos ter diferenças de estrutura entre adolescentes de classe social alta e adolescentes moradores de região dominada pela guerra do tráfico de drogas. A hipótese que norteia o trabalho, de que as construções variam conforme experiências corpóreas, não é uma hipótese complexa para se provar, porém, é produtiva para fins de pesquisa, na medida em que corrobora com a afirmação de que este trabalho serve para mostrar a aplicabilidade, a eficácia de Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados em pesquisas empíricas que envolvam realidades sócio-culturais distintas.. O trabalho agora se encaminha para a tarefa empírica.

Conforme vimos até aqui, o conceito violência configura-se como relativo, difuso e arduo, por envolver fenômenos variados da experiência humana. Vale ainda mostrar algumas definições e conceitos retirados de diversos dicionários sobre o verbete *violência*, que de certa forma consolida a relatividade apresentada por esse conceito. Vejamos algumas definições:

a) **violência** vi. o. lên. cia *sf* (*lat. violentia*) **1.** Qualidade de violento. **2.** Qualidade do que atua com **força** ou grande impulso; ímpeto, impetuosidade. **3.** Ação violenta **4.** Opressão, tirania. **5.** Intensidade. **6.** Veemência. **7.** Irrascibilidade. **8.** Qualquer **força** empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa. **9.** Constrangimento físico ou moral, exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter à vontade de outrem; coação. *Anton.* (acepção 7): doçura, brandura. (MICHAELIS MODERNO-DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2004, 414);

b) **violência** **1.** Nome feminino, **2.** Qualidade ou estado do que é violento **3.** **Força** empregada contra o direito natural de outrem **4.** Ação em que se faz uso de **força** bruta;crueldade, **5.** **Força**; intensidade, **6.** Veemência, **7.** Prepotência; tirania; coação (Do *lat. Violentia*). (INFOPEDIA, 2003, s/n) ;

c) **Violência 1.** Qualidade de violento. **2.** Ato de violentar. (MINIAURÉLIO ESCOLAR, 2007, p. 784);

d) **Violência 1.** Qualidade de violento **2.** Ato violento**3.** Constrangimento físico ou moral; coação. (MINIDICIONÁRIO RUTH ROCHA, 2001, p.698);

e) **Violência 1.** Extreme **force** in action or feeling, *esp. that causes damage, unrest, etc. The Wind blew with great violence 2. The violence of his words alarmed her. 3. Rough statement, use of physical force on others, esp. to hurt or harm illegally. Because of his frustration with the situation, he resorted to violence.* (LONGMAN, 1992, p. 1392).

Com base nas definições conceituais discutidas acima, descritas também em Gondim (2012), percebemos, principalmente, a presença do conceito FORÇA em quase todas as acepções de violência mencionadas. Do mesmo modo que a autora, observamos que outros conceitos também são tratados como atos de violência, como, coação, intensidade, constrangimento, revelando, assim, sobreposições parciais de propriedades entre os conceitos subordinados à violência.

Sob o ponto de vista da Linguística Cognitiva, concordamos com Feltes, quando afirma que o conceito violência deve ser visto como um fenômeno que não é inerente a determinadas ações, mas um “produto de uma determinada experiência biopsicossociocultural” (FELTES, 2007, p. 259). Em outros termos, os modelos cognitivos culturais, que atuam como condições de pano de fundo para as estruturas conceituais, restringem o conceito violência. Por exemplo, em uma cultura como a muçulmana se a mulher que comete adultério é apedrejada até a morte os indivíduos do local não a entendem como vítima, mas como uma violadora das normas daquela sociedade, e devendo, portanto, ser punida. Desse modo, na cultura muçulmana, o pano de fundo pré-estabelecido não é violado. Porém, se o mesmo acontecesse em nossa sociedade este ato iria, certamente, ser tratado como um ato de crueldade, logo uma violência e uma violação ao nosso pano de fundo.

A caracterização de um ato como violento, ou não, portanto, depende do papel de cada um desses elementos dentro de um determinado cenário (pano de fundo). Ao ler ou ouvir sobre uma notícia de violência, o receptor também ativa informações internas e cognitivas oriundas da nossa experiência, as quais se estruturam como modelos, os chamados MCI.

Feltes (2007) esboça uma análise do conceito abstrato VIOLENCIA, a fim de verificar a funcionalidade da TMCI. Sua análise é feita de maneira intuitiva, não empírica, como se propõe este trabalho. De qualquer forma, dá uma ideia de como se pode fazer a pesquisa qualitativa.

A autora afirma que a expressão linguística é um *meio* para alcançar o modo como os indivíduos organizam e significam seu universo discursivo-conceptual. Os significados linguísticos são relações ou mapeamentos entre conceptualização linguística e expressão linguística. Ainda segundo a autora, a abordagem dos Modelos Cognitivos Idealizados pode ser incrementada com recursos da análise da Semântica de Frames, utilizando **descritores** do tipo **papéis semânticos**. Para Feltes,

[...]a explicitação dessas relações pode dar conta de fenômenos de indeterminância polissêmica e de incompletude das estruturas léxico-gramaticais (com ancoragem em *frames* ou modelos cognitivos idealizados e modelos-dependentes da cultura na geração de processos inferenciais); de fenômenos relativos à hiperonímia, taxonomia e meronímia (*e.g.*, CROFT; CRUSE, 2004) de um ponto de vista conceptual;... e da dependência conceptual em modelos semânticos baseados no uso.

A autora segue Fillmore (1968) com a definição de *Frames* como esquemas estruturados para a modelagem conceptual do mundo, que representam situações, eventos e ações complexas, de forma que os papéis semânticos descrevam de uma forma genérica, os componentes conceptuais numa situação, independentemente de sua realização gramatical.

No mesmo artigo, Feltes cita Alwood (1998), em sua ideia de que as relações epistêmicas são apoiadas por mecanismos linguísticos. Baseando-se nos autores citados, Feltes defende a utilização de categorias/relações semânticas (-epistêmicas) para apoiar análises conceituais, como explica Sage (2011).

O emprego dos termos “papéis semânticos”, “papéis temáticos”, “relações temáticas” implica, para Feltes, justificar o modelo teórico em que passam a ser empregados. Além disso, ressalta Feltes, justificam o valor descritivo-explanatório que têm no modelo. E explicitam o modelo de “gramática” com que se opera. A autora destaca a importância dessa separação de termos para não haver confusão metodológica, filosófica, ontológica.

A proposta dela, apresentada no trabalho de Sage (2011), parte das quinze categorias/relações semânticas utilizadas como **descritores**:

AGENTE: realiza a ação.

EXPERENCIADOR: Recebe input sensorial ou experiencial.

TEMA: Sofre a ação, mas não muda de estado.

PACIENTE: Sofre a ação e muda de estado.

INSTRUMENTO: Usa-se para realizar a ação.

FORÇA OU CAUSA NATURAL: Um evento natural que tem uma ação não intencional.

LOCALIZAÇÃO: Onde a ação ocorre.

DIREÇÃO OU OBJETIVO/ALVO: “Para onde a ação é direcionada”.

RECIPIENTE: Alvo associado a verbos que expressam mudanças de propriedade ou posse.

FONTE OU ORIGEM: De onde a ação se originou.

TEMPO: Tempo em que a ação ocorre.

BENEFICIÁRIO: Que se beneficia com a ação.

MANEIRA: Modo como a ação ocorre.

PROPÓSITO: Razão pela qual a ação é realizada.

CAUSA: O que causou a ocorrência da ação em primeiro lugar.

Tais papéis temáticos têm como função principal a indexação semântica (descritores) dos elementos linguísticos em relação a operações cognitivas.

Como exemplo de exploração do uso de descritores semânticos, a autora mostra o seguinte:

- A) ENTIDADE ----EXPERENCIADOR-----PESSOA----VÍTIMA
- B) PESSOA-----PLANO FÍSICO, PLANO MENTAL OU PLANO ESPIRITUAL OU SELF ( Seguindo a METÁFORA DA VIDA INTERIOR)
- C) AÇÃO-----RESULTADO-----DANO
- D) DANO-----ou MATERIAL, OU FÍSICO, OU MENTAL, OU MORAL

(Fonte:SAGE,2011)

Feltes também apresenta a possibilidade de analisar o conceito VIOLÊNCIA em termos de gradação, o que é extremamente relevante, na medida em que culturalmente apresentamos expressões e conceitos como “mais violento”, “menos violento”. Esta gradação da gravidade de um ato violento pode ser verificada com o uso dos papéis semânticos, a partir de um dado contexto cultural.

Conforme apresenta Sage (2011), uma análise do conceito VIOLÊNCIA precisa levar em conta os papéis semânticos relevantes em cada modelo cognitivo, pois as variações do mesmo possibilita uma gradação da categoria. De acordo com Feltes (2007), a gravidade de um ato de violência pode depender de um DANO, do AGENTE, do INSTRUMENTO, do PACIENTE. A gradação destes papéis semânticos tem relação direta com quem está conceitualizando, pois depende do contexto cultural e social do individuo de uma determinada cultura, subcultura, grupo social.

Seguindo Feltes, pode-se afirmar que VIOLÊNCIA forma-se a partir de uma categoria radial, numa estrutura graduada, já que há muitas propriedades de análise por ter tipos de atos de violência, as experiências sociais, culturais, corporais, biológicas influenciam na construção semântica do conceito, fazendo com que este seja pensado e julgado de forma individual e diferente. É isso que torna VIOLÊNCIA uma categoria superordenada de caráter esfumado (*fuzzy*).

E essa diversidade provoca uma rede de acarretamentos metonímicos e metafóricos. Os submodelos da categoria podem também ser analisados através de metáforas ontológicas e acarretamento metonímico ou polissêmico; criando, segundo Sage (2011) hipóteses de que, provavelmente, eles terão correlação estruturada através das propriedades em comum que os tipos de atos de violência podem gerar, tendo como critérios o modo como são feitos, quem os faz e quem os atingem. Sage, baseando-se em Feltes (2007), afirma que a representação gráfica das áreas de interseção dos conceitos, com a diversidade de conceitos a serem elaborados, acarretaria em uma configuração em cachos, típica das relações conceituais por semelhanças de família.

Há uma modificação do grau de prototipicidade conforme o levantamento dos tipos de ação e sobreposições prototípicas que são geradas. Isso ocorre devido à característica do conceito: VIOLÊNCIA é um conceito abstrato, motivado por experiências corpóreas, culturais, sociais, biológicas. Isso faz com que a categoria não seja definida por aspectos opostos aos radicais; mas seja modulada gradualmente, seguindo, de acordo com Feltes (2007), uma estrutura proposicional radical, em que as extensões são formadas a partir de propriedades importantes, ou seja, feixe de traços em comum de um modelo.

Feltes elabora um esquema mostrando os conceitos em relação de interseção e suas propriedades comuns. Neste esquema, a DEPREDACÃO e o LINCHAMENTO estão em relação, possuindo as seguintes propriedades em comum: AGENTE COLETIVO PERCEPTÍVEL, AÇÃO DIRETA, EMPREGO DA FORÇA FÍSICA, DANO OBSERVÁVEL. Seguindo ainda as relações de interseção, Feltes, aponta DEPREDACÃO vinculada à ASSALTO, por possuírem propriedades em comum: AGENTE PERCEPTÍVEL, AÇÃO DIRETA, EMPREGO DA FORÇA FÍSICA, DANO MATERIAL. Conceitos trazidos à tona nas entrevistas semiestruturadas também são apontados por Feltes com relação à VIOLÊNCIA. Alguns entrevistados relacionaram em conversas informais o racismo como forma de praticar violência. A autora, assim como os entrevistados, também aponta o ESTUPRO como parte da rede semântica. E estabelece os seguintes vínculos: ESTUPRO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL, que possuem em comum o DANO PSÍQUICO e

o PACIENTE HUMANO. ESTUPRO também apresenta relação com TORTURA FÍSICA; AGENTE PERCEPTÍVEL, EMPREGO DA FORÇA FÍSICA, AÇÃO DIRETA, DANO FÍSICO, DANO PSÍQUICO MORAL, PACIENTE HUMANO. Outra relação é entre ESTUPRO e ESPANCAMENTO. Há em ambos: AGENTE PERCEPTÍVEL, AÇÃO DIRETA, EMPREGO DA FORÇA FÍSICA, DANO FÍSICO, DANO PSÍQUICO, PACIENTE HUMANO. Os entrevistados da escola municipal, inserida na região do tráfico, mostram ESTUPRO várias vezes conectado à VIOLÊNCIA. Inclusive, alguns o tratam como mais violento do que ASSASSINATO. Este último conceito se relaciona, segundo Feltes, com ESTUPRO, por possuir as seguintes propriedades em comum: AGENTE PERCEPTÍVEL, AÇÃO DIRETA, PACIENTE HUMANO, DANO FÍSICO. ASSASSINATO pode ter interseção com ESPANCAMENTO. Em ambos, há AGENTE PERCEPTÍVEL, AÇÃO DIRETA, PACIENTE HUMANO, DANO FÍSICO.

Feltes apresenta os conceitos como propriedades interacionais baseadas na percepção humana. Nesse sentido, as diferentes subculturas influenciam na construção semântica de VIOLÊNCIA.

Feltes (2007), com alguns exemplos, mostra que VIOLÊNCIA envolve o exercício da força física, seja o caso da ação sobre um objeto que acarreta dano material, seja sobre a ação de um indivíduo sobre outro que acarreta dano físico. O ponto é que a imagem de FORÇA parece básica nessa ocorrência.

A autora traz também com exemplos a possibilidade de um nível mais abstrato de construção conceitual da violência, envolvendo convicções e desejos, num plano psíquico. Deste modo, segundo a autora, a COAÇÃO remete a uma espécie de expressão de FORÇA, não necessariamente física.

Outra relação que a autora faz com o conceito VIOLÊNCIA é com DESNUTRIÇÃO, DESEMPREGO, que não são ligados em COAÇÃO ou FORÇA FÍSICA, mas também podem ser vistos como instâncias de VIOLÊNCIA. Isso prova que a categoria parece envolver variados fenômenos da experiência humana, o que causa uma grande relatividade semântica, que se deve, sobretudo, segundo Feltes, aos diferentes critérios que estruturam o conceito. Com isso, a autora levanta a hipótese, que segue sustentada neste trabalho, de VIOLÊNCIA ser uma categoria superordenada de caráter fuzzy, ou seja, com contornos esfumados. Não há como defender a categoria como um conjunto de condições necessárias e suficientes que pudesse vir a constituir o núcleo semântico comum a todos os conceitos subordinados. Desse modo, Feltes, afirma que a TMCI poderia elucidar o mecanismo de estruturação semântico-conceitual de VIOLÊNCIA pela via da prototipicidade.

A primeira hipótese que a autora levanta é a de que se diferentes critérios concorrem para a definição dos conceitos que podem vir a constituir a categoria VIOLÊNCIA, sua estruturação em termos de modelos cognitivos é, no mínimo, adequada, já que suas propriedades como categoria têm um caráter contextual: dizer o que constitui um ato violento depende do que uma determinada cultura, subcultura, grupo social ou mesmo um indivíduo entende como tal. Entra aí a questão abordada anteriormente sobre a relação dos diferentes contextos com a violência.

Feltes relaciona a VIOLÊNCIA com outros conceitos como JUSTIÇA, DIREITOS, DEVERES, baseada na ideia de que a violência é fruto de uma determinada experiência biopsicocultural. O que ela aponta é que alguns conceitos envolvem modelos cognitivos. Em uma cultura matar pode ser crime, noutra pode ser justiça, por exemplo. Assim, há restrições cognitivo-culturais quanto ao conceito VÍTIMA. Aliás, falar em justiça, e em injustiça, envolve abordar o Sistema da Moralidade, explorado na tese.

Feltes afirma que a categoria VIOLÊNCIA tem uma estrutura por semelhanças de família, não havendo um núcleo comum semântico a todos os membros e por isso havendo sobreposições parciais de propriedades entre os conceitos subordinados fazendo com que, de algum modo, todos estivessem ligados entre si, dando a configuração de categoria VIOLÊNCIA. Ou seja: se teria como resultado uma estrutura radial de grande extensão.

A autora compara o conceito com a análise do conceito de VIDA-MORTE para tentar verificar se há algum esquema de imagem que possa estar atuando como fundamento diretamente significativo na estruturação da categoria. Sua hipótese é de que FORÇA (especificamente FÍSICA) possa ser a base pré-conceitual da categoria, já que é um dos aspectos mais salientes da categoria. O esquema sinestésico de FORÇA pode ser responsável pela construção de modelos cognitivos proposicionais que passam a ser tomados como fontes de julgamentos de representatividade de algum ato como pertencendo à categoria VIOLÊNCIA.

Entendendo que atos violentos são dirigidos a algo ou alguém, Feltes afirma que é possível então que o esquema ORIGEM-PERCURSO-META possa estar presente como princípio da categoria. Um agente seria a origem, a ação seria o percurso e o paciente/vítima/objeto seria a meta. Além desses esquemas sinestésicos, o modelo pode, segundo Feltes, incorporar o de CONTATO, já que havendo FORÇA FÍSICA haveria CONTATO.

Então, a categoria está estruturada em termos radiais. No centro, estaria um modelo estruturado em termos de FORÇA FÍSICA que, através de alguns princípios de extensão,

motivaria, segundo a autora, outros modelos cognitivos que regulariam a presença de outros conceitos-membros à categoria.

O sub-modelo central se definiria para Feltes como um cenário proposicional estruturalmente definido em termos dos esquemas de imagens FORÇA, ORIGEM-PERCURSO-META E CONTATO, pela suposição de um AGENTE (que pode ser único ou coletivo, perceptível ou não), pela suposição de uma AÇÃO, que pode ser DIRETA, INDIRETA, GRADUAL, NÃO-GRADUAL, pela suposição de um PACIENTE, que pode ser ANIMADO, INANIMADO, SINGULAR, COLETIVO e pela suposição de um DANO, que pode ser FÍSICO, CORPORAL, MATERIAL, perceptível ou não.

Num sub-modelo integrante da estrutura radial, tomando-se um PACIENTE ANIMADO HUMANO, Feltes afirma que se deve considerá-lo apenas em uma de suas dimensões: a dimensão FÍSICO-CORPORAL, percebendo PESSOA como estruturado por um esquema de imagem do tipo TODO- PARTE, (uma pessoa pode ser definida em dimensão física, psíquica e até espiritual). Por um mapeamento metonímico, PESSOA é tomado apenas como CORPO FÍSICO, na dimensão FÍSICA. Assim, ao dizer “Pedro sofreu uma violência”, significa dizer que seu corpo físico foi violentado.

Mas a autora também apresenta outros submodelos possíveis, como a PESSOA compreendendo um TODO. Uma metáfora ontológica: A MENTE É UM ORGANISMO (como tal, pode ser violentada). Um acarretamento: CONTEÚDOS PSÍQUICOS SÃO PARTES DO ORGANISMO, portanto, podem ser violentados. FORÇA FÍSICA DIRETA pode causar DANO FÍSICO E DANO PSÍQUICO, ESPIRITUAL. Quaisquer atos que causem DANO FÍSICO, PSÍQUICO são atos violentos. O ato pode ser direto ou indireto e o DANO pode ser gradual ou não gradual. Os modelos gerados por esses princípios hipotetizados é que relacionam ESTUPRO, DESEMPREGO, CHANTAGEM, DITADURA, FOME, DESNUTRIÇÃO, TORTURA PSICOLÓGICA com VIOLÊNCIA.

Feltes afirma que algumas propriedades inventariadas não são de aceitação pacífica, pois envolve contexto, cultura, envolve uma serie de critérios individuais, socioculturais. O julgamento de prototipicidade de algum conceito pode ser influenciado por um modelo cognitivo metonímico do tipo exemplo saliente. A autora comenta que se um ato violento hediondo é cometido numa determinada época, numa dada comunidade local, esse exemplo pode ser tomado metonimicamente como um representante prototípico da categoria por um certo tempo, devido à sua saliência cognitiva na memória (operacional, de curto, médio ou longo prazo).

VIOLÊNCIA não é uma categoria que se define por um julgamento do tipo “tudo ou

nada”. Trata-se, como defende Feltes, de uma categoria graduada. O mais ou menos violento vai depender dos critérios fornecidos pelos modelos cognitivos em questão. De acordo com isso, a metáfora A MENTE É UM ORGANISMO desempenha um papel importante na estruturação radial da categoria VIOLÊNCIA, segundo Feltes., bem como outras metáforas usadas no dia-a-dia, como as ontológicas VIOLÊNCIA É UMA COISA, VIOLÊNCIA É UM SER ANIMADO, VIOLÊNCIA É UMA DOENÇA. Usamos essas metáforas diariamente ao falarmos: “a violência precisa ser combatida”, “é preciso matar a violência antes que ela nos mate”, “a violência é um mal na sociedade”,... Os noticiários, os jornais estão cheios dessas frases.

Este estudo segue a trilha esboçada por Feltes para a análise da categoria VIOLÊNCIA, iniciando com um estudo empírico sobre os modelos proposicionais que atuam em sua estruturação cognitiva.

Concordando com a pesquisadora, pode-se pensar que a TMCI propicia certa recursividade operacional, na medida em que certos mecanismos estão constantemente atuando em algum nível de estrutura conceptual de um conceito ou entre conceitos.

A tarefa mais instigante deste trabalho é construir de forma específica e detalhada os modelos proposicionais culturalmente motivados, com uma análise empírica, sobre o comportamento desse conceito em questão.

O que se pode concluir com essa explanação sobre a Semântica Cognitiva, sobre a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposta por Lakoff, e sobre sua possível aplicação a partir do conceito VIOLÊNCIA, é que tal linha de pesquisa é importante para compreensão de uma cultura ou subcultura através da relação entre linguagem e estruturas conceptuais. A Semântica Cognitiva é particularmente ideal para a aplicação mais consistente de “modelos culturais”. A metodologia aqui escolhida serve para ratificar a eficácia de aplicação da teoria defendida.

Segue-se, então com a metodologia escolhida a ser aplicado neste estudo.

## **4 A VIOLÊNCIA NO DISCURSO DO ADOLESCENTE: UMA ABORDAGEM COGNITIVA- METODOLOGIA**

Vimos até agora o que é Linguística Cognitiva e como tal área de pesquisa explora a relação mente-corpo-mundo na definição de conceitos. Discorremos sobre o papel das emoções na construção de um conceito e chegamos à categoria VIOLÊNCIA, apontando quão complexa é, e como há conceitos diversos envolvidos em sua estrutura, o que potencializa o modelo teórico assumido aqui para aplicação, que se constitui de crenças, valores, experiências para estruturar a expressão linguística de um conceito. Apresentamos, então, neste capítulo que se segue, a justificativa que norteia a tese, desde a escolha do tema até a escolha do corpus e dos instrumentos de análise.

### **4.1 JUSTIFICATIVA**

Tentar entender como se relaciona a violência com as experiências sociais, psicológicas, culturais do ser humano é o primeiro passo para combater este problema social que tanto nos afeta atualmente, e, quiçá, prevenir sua ocorrência.

Violência, tomada como ato de agressão, verbal ou não verbal, causadora de dor, é uma ação, uma (re) ação frequente do ser humano. O maior desafio aqui não é discorrer sobre o tema da violência, porque para tal já há muitos espaços destinados. A mídia diariamente comenta sobre temas violentos, como guerras, mortes, brigas. Revistas especializadas e não-especializadas falam do assunto como parte do cotidiano- o que de fato é. O desafio aqui é entender de forma objetiva como a linguagem expressa essa experiência biopsicossociocultural; como a violência é descrita por diferentes adolescentes, de diferentes grupos sociais e culturais. É oportuno compreender como o ser humano define as coisas, para assim aprender a lidar com as diferenças e pensa-se aqui em analisar adolescentes por estarem estes em processo de aprendizagem, e por ainda não serem considerados “adultos”, “maduros” pela Lei, o que facilitaria a entrada no mundo violento (entendendo aqui o crime e as drogas como parte do mundo da violência).

É evidente também que o conceito VIOLÊNCIA é desafiador para uma tese, por não ser nítido. É problemático, complexo, com diferentes perspectivas para outras discussões. Tal conceito também pode ser visto também a partir de sua relação com outros conceitos, como a METÁFORA DA VIDA INTERIOR, assim como a METÁFORA DO SISTEMA MORAL,

ambas de Lakoff e Johnson, o que comprova seu caráter interdisciplinar. O tema “violência” é complexo de ser compreendido, apesar de seu conceito o ser; por tal razão produz interesse em uma análise cultural (aqui se leva em consideração o âmbito social, o político, o religioso, etc.), além de servir para explorar praticamente todos os modelos cognitivos idealizados por Lakoff (e Johnson), como defende Feltes (2007) em seus estudos.

Dadas as justificativas, seguimos agora com a explicação sobre a escolha do corpus.

#### **4.1.2 Escolha do corpus**

Tal estudo é feito a partir da análise de questionários respondidos e de textos produzidos por adolescentes da zona urbana de Porto Alegre, que por questões de interesse específico foram separados em dois grupos: 1) adolescentes, sem histórico de vivências violentas, moradores de zona nobre, que estudam em escola privada, de zona central da cidade, com mensalidade de alto custo e sem registro de problemas relacionados à violência; e 2) adolescentes vitimizados (vítimas, viventes, observadores, participantes de situações envolvendo violência social, urbana, familiar), estudantes de escola pública localizada em uma região dominada pela guerra do tráfico de drogas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, sob a inscrição número 16732913.7.0000.5336, e autorizada pelos responsáveis legais dos adolescentes participantes. Opta-se em selecionar de cada grupo participante 12 questionários e textos produzidos.

A escolha do corpus dá-se pela crença de que o meio interfere nas construções conceituais. A escola onde o primeiro grupo de sujeitos dos textos analisados estuda está inserida num contexto violento. O tráfico de drogas impera na região. Muitos alunos da escola trabalham para traficantes e muitos já perderam familiares nessa guerra entre o tráfico e a polícia. Os familiares fazem parte deste núcleo em que impera a ilegalidade e a criminalidade.

Ao conversar com alunos já atuantes no tráfico de drogas, percebemos nitidamente que para estes não há nada errado na “profissão” escolhida, já que dá sustento, luxo até. Aliás, a ideia de morrer e de matar também parece não ser a mesma de outros adolescentes, em especial, daqueles que nunca presenciaram tal situação. Mesmo que compreendam de forma diferente, ambos os grupos consideram MORTE como VIOLÊNCIA. Aqui se tenta perceber essas suposições dos adolescentes também nas suas escritas, verificando se a opinião quando expressa na forma de texto é a mesma da opinião dita informalmente; ou se o aluno, sabendo que na sociedade há scripts culturais, se adéqua ao que supõe ser mais aceito como dito.

A grande razão norteadora para tal interesse da pesquisa é por conviver diariamente com esses jovens oriundos do mundo do tráfico, violento, por conseguinte. Nosso interesse é na verdade saber o posicionamento dos alunos do “morro” sobre o tema “violência”, pois, lembrando, nas favelas, além do traficante, do bandido, há o pobre, que, mesmo não sendo bandido, muitas vezes é rotulado como tal, sendo tratado de forma violenta. Designações como “maloqueiro”, “marginal”, “chinelão”, “vileiro” são comuns no cotidiano desse aluno do “morro”. Além de sofrer esse tipo de violência (o preconceito), ele ainda precisa lidar com a violência do tráfico, já que mora em zona de enfrentamento entre bandidos e policiais. Por isso, há três caminhos a serem seguidos nessa situação real, que nos interessa saber: aderir ao tráfico, conviver com este de forma resiliente ou esquivar-se deste.

O que percebemos nos estudos acadêmicos lidos na área da Linguística Cognitiva até então, sobre a construção conceptual do tema, foi uma certa preocupação com a vítima, em perceber como esta expressa, percebe, sente a violência. Também se observa a vítima sempre apresentada como o morador de zona urbana de classe média ou alta. Estudos acerca do tema, realizados por Luciane Ferreira (UFMG) e pelo grupo coordenado por Ana Pelosi (UFCE) são exemplos disso.

É muito bem definido na sociedade, através da mídia e do discurso majoritário, o papel da vítima e do bandido; e aqui queremos verificar se realmente este bandido é tão bandido assim e quem são as outras vítimas que estão envolvidas nessa violência a que nos deparamos atualmente. Nos estudos citados, há situações descritivas dadas como exemplos para reflexão, sobre “abrir ou não o vidro do carro para o pedinte”, mas não há a posição do pedinte acerca do tema, pois este já está categorizado como causador da violência. Nos estudos de Cameron (2011), sobre a empatia em relação à violência, há referência sobre o terrorismo e de como as pessoas que experienciaram na forma de paciente o percebem. Essa visão estereotipada de “agente violento X vítima” é o que motiva um estudo mais detalhado, mostrando os dois prismas, pois o que para um- para o pai do adolescente do condomínio luxuoso, por exemplo- é violência; para outro- o traficante- pode não ser, e vice-versa.

A grande contribuição desta tese é propiciar esses dois pontos de vista sobre o conceito VIOLÊNCIA, a fim de este ser melhor compreendido nas práticas sociais. É compreendendo a forma como diferentes meios lidam com o fenômeno violência que poderemos pensar em soluções práticas sociais para seu término. Obviamente, muitos estudos sociais já apontam essa relação aqui apresentada, porém, no âmbito da Semântica Cognitiva, tal abordagem é inédita. Não há estudos que relacionam: violência, linguagem, cultura, cognição, modelo cognitivo idealizado, questionário semiestruturado e produção textual. É

uma nova possibilidade de explorar os conceitos propostos por Lakoff e seguidores. Seguimos então com a explicação de como é organizada a pesquisa aqui proposta.

#### 4.2 CATEGORIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA: DESCRIÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Como vimos, o tema proposto nesta tese é justificado por seu caráter inédito e por sua relevância em estudos culturais, sociais, linguísticos e cognitivos. Seguimos agora com a aplicação da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados num contexto real. Para se chegar à confirmação de nossa hipótese, são aplicadas duas atividades (Atividade A; Atividade B) com metodologias de análise, objetivos e discussões de resultados semelhantes, cujos interesses são atender aos objetivos geral e específicos da pesquisa. Uma proposta semelhante, com outra metodologia de análise, foi apresentada em um estudo linguístico sobre o conceito EDUCAÇÃO (BARRETO, 2011), porém, não tendo ainda sido realizada para fins de compreender como o conceito VIOLÊNCIA emerge no discurso dos adolescentes.

As atividades solicitadas aos alunos distinguem-se, basicamente, na constituição dos instrumentos metodológicos, pois na Atividade A, o instrumento de coleta do *corpus* é um questionário, cuja análise foca a categorização e destaca dados quantitativos para fundamentar os efeitos prototípicos estudados, enquanto na Atividade B, o *corpus* é formado por uma produção textual, elaborada pela indicação de uma única proposta, em que a análise dos segmentos destacados em cada texto possui valor qualitativo, e o foco da análise é a identificação de modelos cognitivos contextualizados no discurso da modalidade escrita.

Lakoff (1987) demonstra, em seus estudos de caso, com o sentimento RAIVA, o potencial descritivo e explanatório da análise em Semântica Cognitiva. Feltes (2007), como vimos, também apresenta estudos de caso, e reforça a plausibilidade de aplicação da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados para uma análise semântica conforme o potencial dos procedimentos. No entanto, a autora, observado em BARRETO (2011), faz um alerta importante para os que desejam seguir com os empreendimentos da Semântica Cognitiva, pois se deve ter a clareza de que não se busca apenas identificar metáforas, metonímias e seus acarretamentos, levantar proposições, construir estruturas radiais ou revelar outras formas de organização cognitiva. Trata-se também, segundo Feltes, de identificar as formas de construção de conceitos e de categorias de conceitos como estruturas cognitivas, as quais permitem reconstruir modelos-cognitivos culturais compartilhados, os quais podem ser

acessados, em diferentes graus de explicitude/implicitude, a partir do modo como os indivíduos expressam seus pontos de vista e experiência. (FELTES, 2007, p. 278).

Nas demonstrações de Lakoff e Johnson (1980) e de Feltes (2007), as metáforas foram trabalhadas de forma mais segmentada, com expressões descontextualizadas, isoladas de uma prática real discursiva. Aqui, notamos que os fragmentos são selecionados a partir de um corpus vivo; e, por isso, entram em cena as interpretações também contextuais, por vezes, subjetiva.

Além da quantificação de palavras, de termos, é feita uma análise qualitativa das respostas, a fim de verificar a presença de uma estrutura seguindo um modelo cognitivo idealizado, de verificar se há metáforas, metonímias, esquemas de imagens, descritores semânticos, na expressão de opiniões sobre o conceito em questão. Este olhar, no entanto, é muito mais focado na Atividade B, já que a produção é mais “livre” ( entre aspas, pois conforme citamos ao falar em script cultural, qualquer produção orientada não é livre de fato). Nas produções de texto, são analisados os segmentos em um contexto comunicativo discursivo, com o intuito de explorar dados vinculados a uma produção situada e estabelecer as devidas compreensões advindas dessa condição.

Ressalva-se que predominam, nas análises, as inferências realizadas pelo pesquisador, portanto, não há o posicionamento de se confirmar uma única interpretação a ser definida pelos dados, inclusive reconhecendo-se que há outros aspectos e fatores que poderiam ser analisados, mas que podem ter sido ignorados, dadas as limitações do modelo e dos propósitos estabelecidos nesta tese. Passa-se a conhecer os procedimentos adotados em cada atividade e suas respectivas análises:

Julga-se adequado o uso de questionário para coletar respostas a fim de demonstrar os tipos de modelos cognitivos idealizados acessados na representação do conceito VIOLÊNCIA porque possibilita a coleta de uma amostragem ampla, suficiente para fornecer dados quantitativos e permitir a consideração dos registros escritos às questões solicitadas, auxiliando, assim, a averiguação do que é comum ao grupo e às abordagens qualitativas, como ocorreu com o estudo acerca de EDUCAÇÃO, proposto por Barreto (2011).

A primeira atividade se destina a auxiliar a identificar quais palavras estão diretamente relacionadas ao conceito de VIOLÊNCIA. São acessadas as relações abstratas e concretas de maior relevo na memória do participante. As palavras indicadas auxiliam no reconhecimento da aplicação abrangente do termo VIOLÊNCIA e dos diversos contextos em que ele se insere, bem como com o fornecimento dos dados mais objetivos para o estudo da categorização e do(s) exemplar(es) prototípico(s). Também é útil para pensarmos na hipótese

apresentada de que grupos de diferentes contextos sociais conceituam a categoria estudada de forma diferente, o que também influencia na gradação de tal conceito. Acredita-se que os adolescentes da escola pública selecionada têm empatia por agentes considerados pela Lei como violentos, pois fazem parte do mesmo grupo social e cultural. Além disso, pretende-se colocar em evidência associações semânticas de palavras que se agrupam e emergem do conjunto de experiências e atribuições de sentidos que se pode captar, ainda que em nível básico, como é possível observar:

### Quadro 5: Instrumento A

- |   |
|---|
| A-Cite cinco palavras que vêm à sua mente quando se fala em VIOLÊNCIA                                   |
| B-Das palavras que citou, escolha duas que você indicaria como as que mais se relacionam com VIOLÊNCIA. |
| C-Por que você considera que essas duas palavras são as que mais se relacionam com VIOLÊNCIA?           |
| D-Escreva em ordem crescente, de 1 a 5, o que é mais violento e o que é menos violento em sua opinião:  |
| E-Explique o que é VIOLÊNCIA:   |
| F-Com o que VIOLÊNCIA pode ser comparada?   |
| G-Que sentimentos se relacionam com quem pratica VIOLÊNCIA?   |
| H-Destes sentimentos, qual você considera mais importante?  |
| I-Que sentimentos se relacionam com quem sofre a  |
| J-Destes sentimentos, qual você considera mais importante?  |
| K-Que tipo de violência é possível perdoar?   |
| L- Por quê?   |
| M-Que tipo de violência não é possível perdoar?   |
| N- Por quê?   |
| O-O que você tem a dizer sobre violência?   |

Fonte: a autora (2013)

É possível perceber, portanto, que as perguntas elaboradas contemplam os objetivos de pesquisa propostos na tese, já que abordam prototipicidade, gradação e sentimentos envolvidos no conceito /empatia (a categoria VIOLÊNCIA é complexa, como já foi afirmado anteriormente, o que faz que outros conceitos como EMOÇÕES se relacionem na rede conceitual).

Quando necessário marcar algum trecho, alguma sequência considerada importante, a atividade A será analisada da seguinte forma: A letra em maiúscula (A) corresponde à atividade A. O número ao seu lado corresponde ao número de identificação do adolescente e a letra em minúscula que completa o símbolo é referente à letra da questão proposta.

As palavras indicadas nas respostas são distribuídas em categorias, definidas a partir da saliência do que caracteriza a composição em conjunto. O primeiro passo para determinar o critério de saliência é a contabilização das ocorrências das palavras citadas por mais participantes, formando assim gráficos com o registro de maiores ocorrências, divididos em dois campos: perguntas sobre VIOLÊNCIA e perguntas sobre EMOÇÕES, relacionadas à

VIOLÊNCIA- a fim de verificar as relações conceituais de EMOÇÃO envolvidas no conceito estudado pela tese, para confirmar se há empatia entre o grupo de classe social de baixa renda e o agente da violência. Ressalta-se que os conceitos relacionados à EMOÇÃO fazem parte da categoria VIOLÊNCIA, como aponta um estudo de Feltes (2007).

Todas as palavras marcadas são registradas por ser uma escolha do participante, palavras que lhe vem à mente de modo espontâneo, portanto, cada palavra marcada possuirá uma relevância maior para o participante, o que auxilia a traçar o que possui maior teor significativo na memória e nos conceitos associados à categoria VIOLÊNCIA.

Com esses registros, são formados grupos semânticos contextuais, assumindo como melhores exemplos da categoria e tratados como centrais, relacionando-os as demais palavras citadas a esses centros. Esses grupos semânticos são formados dividindo as palavras escolhidas pelos participantes por afinidade semântica. Para os casos que apresentam citação de palavras que se enquadram em categorias diferentes, a proximidade semântica das palavras define em qual categoria o conjunto de vocábulos será incluído.

A definição da categoria se dá a partir do levantamento quantitativo das ocorrências das palavras e de suas indicações como as mais representativas, como se pode visualizar pelos dados dos gráficos. Apresentamos uma interpretação hipotética para propor explicações para a associação de palavras citadas pelos participantes da pesquisa quando induzidos a refletir sobre VIOLÊNCIA. Empenha-se, como fez Barreto (2011), a empreender justificativas de cunho intuitivo com base na tipologia estrutural dos MCIs para a formação conceitual cognitiva a fim de responder a questões despertadas pelas associações de palavras vinculadas à categoria VIOLÊNCIA, bem como reconhecer sentidos que explicam as associações aparentemente desvinculadas semanticamente entre as que compõem o conjunto solicitado de cinco palavras. Acreditamos que a categoria em questão é radial, estabelecendo conexão entre diferentes conceitos, tendo um centro prototípico (exemplo mais saliente).

A abordagem dos MCIs é desenvolvida com recursos de análise da Semântica de *Frame*, utilizando-se descritores do tipo papéis semânticos, conforme apresenta Feltes (2010). Segundo a autora, como já explicado anteriormente, Fillmore define frames como esquemas estruturados para a modelagem conceptual do mundo, que representam situações, eventos e ações complexas, de modo que os papéis semânticos (temáticos) descrevem, de uma forma genérica, os componentes conceptuais numa situação, independentemente de sua realização gramatical.

Os descritores mais comuns são o AGENTE (agente que realiza a ação deliberadamente); TEMA (entidade que sofre a ação, mas não muda seu estado);

PACIENTE(entidade que sofre a ação e que muda de estado; INSTRUMENTO(o que se usa para realizar a ação); LOCALIZAÇÃO(aonde a ação ocorre); MANEIRA(modos como a ação ocorre); PROPÓSITO(motivo pelo qual a ação é realizada); CONSEQUÊNCIA (resultado da ação), dentre outros.

Após o levantamento da ocorrência de todas as palavras, das marcações de destaque dadas pelo participante e dos conjuntos formados de exemplos da categoria, parte-se para a análise das produções escritas dos alunos sobre o conceito em estudo.

Bauer e Gaskell (2008, apud BARRETO, 2011) destacam que, da mesma maneira que as pessoas se expressam falando, também escrevem motivadas pelos mais diversos interesses. Os textos escritos, da mesma forma que a fala, revelam sentimentos, memórias, pensamentos etc. Acrescentam ainda Bauer e Gaskell, que “os pesquisadores sociais têm a tendência de subestimar materiais textuais como dados” (2008, p. 189, apud BARRETO,2011). Na argumentação dos autores, características sintáticas e semânticas, presentes em um *corpus* de texto, possibilitam ao pesquisador fazer inferências sobre “os valores, atitudes, estereótipos, símbolos e cosmo visões de um texto sobre o qual pouco se sabe” (2008, p. 193). Com a obtenção e análise das produções de texto, tenciona-se endossar essa premissa. As pesquisas de Linguística Cognitiva apresentam vários exemplos de coleta de dados a partir da entrevista, de discussão em grupo focais, mas ainda foram identificados, até o momento, poucos trabalhos com investigações de análise de TMCI em *corpus* formados por textos dissertativos escritos.

A proposta da produção do texto na modalidade escrita lançada neste trabalho tem como objetivo oferecer instruções para a elaboração de um texto de caráter dissertativo, por se julgar esse gênero de discurso propício para exposições das representações reflexivas do indivíduo e as possíveis influências do contexto sociocultural. A proposta também se interessa por deixar evidente o tema centrado na definição e reflexões do aluno sobre VIOLÊNCIA para evitar possíveis fugas de tema e digressões, como se pode conferir:

#### **Quadro 6: instrumento b**

ESCREVA UM TEXTO SOBRE VIOLÊNCIA. APRESENTE O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ VIOLÊNCIA, E CONTE POR QUE VOCÊ ACHA QUE TAL FENÔMENO OCORRE, APONTANDO AS CAUSAS, OS MOTIVOS; O QUE ACONTECE DURANTE UM ATO DE VIOLÊNCIA, QUAL A CONSEQUÊNCIA, ETC:
--

FONTE: A autora (2013)

Vale destacar que o participante tem ciência de que seu texto não está sendo utilizado para correção de ordem ortográfica ou gramatical, a fim de minimizar possíveis ansiedades, bloqueios, cuidados excessivos com a forma de composição, causados pela sensação de estarem sob o jugo avaliativo. A digitação mantém o registro conforme o original, ignorando qualquer correção que altere a forma empregada pelo participante. Porém, para facilitação da análise, os trechos escolhidos serão descritos na norma considerada padrão.

O tratamento qualitativo define o caráter de análise desse experimento, por se assumir uma postura de análise interpretativa baseada na intuição da pesquisadora, seguindo as propostas de Lakoff(1987) e Feltes (2007), de modo que a pesquisa se apresenta como descritiva e explicativa. É descritiva porque almeja demonstrar como funcionam as metáforas adjacentes ao conceito de VIOLÊNCIA presentes no discurso do adolescente registrado nas produções. Os dados estatísticos são ignorados nesse momento.

A pesquisa qualitativa em Semântica Cognitiva, como se sabe, é apropriada devido às suas características, fundamentalmente interpretativas, e suas estratégias diversificadas (estudo de caso, história de vida, entrevistas, textos, produções culturais etc.). Conforme Creswell (2007, apud BARRETO, 2011), a pesquisa qualitativa inclui o desenvolvimento da descrição dos atores e do cenário e a análise de dados para identificar temas ou categorias e, por fim tirar, conclusões sobre seu significado.

Contudo, explica Barreto (2011) que encontram-se em Bauer, Gaskell e Allum (2002, apud BARRETO, 2002) os atributos mais exemplares para se entender as dimensões da pesquisa qualitativa na investigação social: a) o delineamento da pesquisa baseado, por exemplo, em levantamento por amostragem, observação participante, experimentos e estudos de caso; b) os métodos de coleta de dados (entrevistas, busca de documentos e observação); c) o tratamento analítico que é dispensado aos dados. Isso envolve, entre outras coisas, a análise do discurso, a análise de conteúdo e a análise retórica.

Quando necessária, a notação criada para a análise dos segmentos selecionados em cada texto, na Atividade B, é indicada em parênteses no fim de cada passagem, na escrita do participante. A letra em maiúscula (B) indica que esse texto pertence ao *corpus* da Atividade B, ou seja, às produções escritas. A numeração 1, 2 e 3 se refere ao código do participante da produção escrita. As letras minúsculas mantêm a ordem alfabética (a, b, c, d, e...) para indicar a ordem de análise de cada segmento selecionado dentro do texto. Exemplo da notação de referência: (B1a); (B1b); (B2a); (B2b); (B3a). A marcação em sublinhada informa a passagem que foi selecionada.

O método PIM, de acordo com Barreto (2011) se mostra útil quando adaptado aos métodos e objetivos adotados. Assim, quando necessário, também é utilizada sua metodologia de análise; o foco da tese é mais ensaístico, portanto, com análise mais qualitativa arbitrária, mas, mesmo assim, é preciso entender o método citado, para compreender em que contextos é necessário. Portanto, para entendê-lo melhor, segue a explicação:

Os passos desenvolvidos pelo grupo Pragglejaz mostram, primeiramente, que cada uma das fontes deve ser lida pelo pesquisador do corpus; é preciso “o texto-discurso integral para que se estabeleça uma compreensão geral do significado” (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007, p.3). Em seguida, deve-se dividir o texto em suas unidades lexicais e, para cada uma delas, estabelecer-se seu significado contextual. Logo após essa etapa, verifica-se se a unidade lexical possui um significado mais básico e, nesse caso, decide-se se o seu significado contextual é contrastante com o básico e se há a possibilidade de ser entendido em relação a ele. Nesse caso, considera-se que aquela unidade lexical está sendo usada metaforicamente no texto-discurso. (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007,p. 3). Veja-se, na continuidade, o quadro que resume os procedimentos e explicação desse método, adaptado de Barreto (2011).

#### **Quadro 7: Procedimento Método PIN**

##### **PROCEDIMENTO E EXPLICAÇÃO**

1. Leia todo o texto/discurso para estabelecer um entendimento geral do seu significado.
2. Defina as unidades lexicais de texto/discurso.
3. (a) para cada unidade lexical do texto, determine o seu significado no contexto, isto é, como ele se refere a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Leve em conta o que antecede e o que precede a unidade lexical.  
(b) Para cada unidade lexical, determine se há um significado atual mais básico em outros contextos do que no contexto em questão. Para nossos propósitos, significados mais básicos tendem a ser:
  - mais concretos (o que evocam é mais fácil de imaginar, ver , ouvir, sentir, cheirar e sentir o gosto);
  - relacionados ao funcionamento do corpo;
  - mais precisos (em oposição a vagos);
  - historicamente mais antigos;Significados básicos não são necessariamente os mais frequentes da unidade lexical.
- (c) Se a unidade lexical tem um significado atual/contemporâneo mais básico em outros contextos do que o no contexto em questão, decida se o significado contextual se opõe ao significado básico, mas se pode ser entendido em comparação a ele.
4. Se sim, marque a unidade lexical como metafórica

Fonte: PRAGGLEJAZ GROUP. In Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 25, jul-dez, 2009, p.77-120).

Um procedimento importante é fazer o levantamento dos dados do texto para definir o que for possível seu contexto de produção e decisões tomadas para suas análises. Para as análises nos textos das produções escritas, construímos um resumo de acordo com o modelo do PIM para apresentar as informações necessárias sobre os textos em estudo.

## Quadro 8: procedimento método pin-parte 2

### Informações sobre o texto e tomadas de decisão-PIM

(a) **Detalhes do texto:** produção de texto de gênero dissertativo-expositivo por adolescentes, redação induzida para a produção livre de ideias, sem caráter avaliativo e corretivo nos aspectos da língua (ortografia, morfologia, sintaxe, estilística etc.) Aspectos da variante formal culta própria da estruturação escrita, mas com recorrentes marcas da variante oral da linguagem.

(b) **Público-alvo:** sem um público definido, o público considerado pelo aluno foi a requerente da pesquisa.

(c) **Decisões acerca das unidades lexicais:** (1) analisar advérbios ou adjetivos de forma isolada quando sinaliza para uma possível identificação do protótipo por estar relacionado sintaticamente à palavra violência em um período que apresenta sua definição.(2) analisar substantivos simples, isto é, excluir a análise de substantivos compostos ou de expressões idiomáticas.

(d) **Recursos utilizados:** dicionário Houaiss e, para verificações adicionais, o dicionário de sinônimos e antônimos.

(e) **Decisões de análise:** As decisões sobre o significado contextual, do significado básico e de sua relação entre ambos são definidas pela informação verificadas nos dicionários e pela interpretação da pesquisadora.

Fonte: PRAGGLEJAZ GROUP. In Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 25, jul-dez, 2009, p.77-120).

O objetivo da metodologia aplicada é verificar se as relações semânticas, se a construção conceitual de VIOLÊNCIA são semelhantes nas duas atividades. O foco de análise da atividade A será o mesmo no instrumento B, ou seja, verificamos os exemplos típicos, os elementos mais salientes da memória, a prototipicidade, os modelos cognitivos, as metáforas presentes, enfim, toda a conjuntura semântica será analisada, de forma qualitativa, a fim de fechar os resultados, comparando os instrumentos e apresentando o quadro conclusivo dos dados coletados e analisados.

Objetiva-se comentar, a partir dos dados obtidos, sobre formação da rede conceitual de VIOLÊNCIA, que conterà os exemplos mais salientes, os mais periféricos, os outros conceitos relacionados, etc. Esse aporte serve como uma reflexão sobre como os adolescentes pensam a respeito do assunto proposto, bem como uma reflexão acerca da aplicabilidade da Teoria dos Modelos Cognitivos em estudos que relacionam cultura, cognição e linguagem, com temas sociais tão relevantes de serem explorados, como VIOLÊNCIA. Seguimos então com o estudo empírico.

### 4.3 ANÁLISE COMPARATIVA DOS DADOS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DOS GRUPOS PESQUISADOS

Apresentamos agora a análise dos dados coletados. Primeiramente serão descritos todos os resultados, para na sequência ser feita uma abordagem teórica qualitativa de dados.

### 4.3.1 Análise dos resultados da atividade A

A primeira questão do questionário é para coletar quantitativamente palavras que se referem à violência- as cinco primeiras que vêm à mente do participante. Já na segunda questão, há um afunilamento, para as duas principais da seleção da resposta anterior, já com o intuito de perceber as palavras que são mais relevantes para o adolescente no que diz respeito à relação com VIOLÊNCIA. A proposta da terceira questão é verificar como é expressa a opinião do adolescente acerca de sua escolha de duas palavras que mais se relacionam com VIOLÊNCIA. Objetiva-se, na verdade, verificar a argumentação e os elementos constituintes do discurso que possam revelar pistas sobre como foi decidida sua escolha, sobre como é categorizado o conceito em questão; que possam revelar elementos metafóricos, ou alguma estrutura que direcione a um modelo cognitivo idealizado; e que, acima de tudo, possam dar pistas indicando a importância do contexto social na formação do conceito.

Na quarta questão, ainda com preocupação quantitativa, mas também envolvendo uma interpretação qualitativa, é solicitado que o adolescente gradue o conceito, definindo o que é mais e o que é menos violento, dentro de cinco graus. Objetiva-se aqui perceber a prototipicidade da categoria em questão.

Em uma busca de definição objetiva do conceito VIOLÊNCIA, a quinta questão é proposta a fim de compreender como tal conceito emerge no discurso do adolescente quando este precisa defini-lo. Este aspecto que aqui é pincelado é mais focado na Atividade B. Pensando em conceptualização via metáforas, metonímias, a sexta questão solicita uma comparação do conceito com outro, para perceber como o adolescente consegue explicar o domínio alvo utilizando um domínio fonte.

As questões que seguem na Atividade A são referentes aos sentimentos, pois se quer comparar quais emoções estão envolvidas na construção do conceito por adolescentes que estão distante do fenômeno violência, com as emoções que estão envolvidas na construção do conceito por adolescentes que vivenciam diariamente o problema. Mesmo sabendo nitidamente da distinção entre SENTIMENTO, SENSACÃO, EMOÇÃO, já explicada no corpo da tese, opta-se em tratar sob a mesma linha os três conceitos, já que para os adolescentes é difícil distinguir cada um, todos se entrelaçam na forma de expressar-se linguisticamente. Para fins de análise e de organização, sempre que estiver envolvido ou SENTIMENTO, ou SENSACÃO, ou EMOÇÃO, a descrição será feita como única. Por exemplo: ao destacarmos a emoção RAIVA, selecionaremos como pertencente ao núcleo SENTIMENTOS-SENSAÇÕES-EMOÇÕES. O mesmo com DOR, ÓDIO, VINGANÇA,

MEDO, FRIO NA BARRIGA, EXPLODINDO DE RAIVA, INFERNO, ...

O objetivo de analisar tais ocorrências é encontrar dados que comprovem que os alunos que estão imersos na região dominada pela violência têm mais empatia com quem é considerado violento, do que os adolescentes que não convivem com tal situação. As emoções que estão em jogo em um contexto de violência são, por hipótese, influenciadas pelo meio. Então, de forma quantitativa, é solicitado no item G que o adolescente liste cinco palavras que vêm à mente quando pensa em alguém que pratica violência, para no item seguinte, destacar a mais relevante- que seria o exemplo mais saliente. Na questão I, a pergunta é também de ordem quantitativa, mas focando em quem sofre a violência, destacando na questão seguinte a mais relevante das citadas, para efeitos de prototipicidade; para verificar se há, na concepção dos adolescentes, diferença entre sentimentos, e quais emoções estão envolvidas neste jogo.

A fim de ainda buscar pistas sobre a empatia dos jovens em relação a quem pratica violência, a questão K solicita qual tipo de violência é possível perdoar; na questão seguinte, é solicitada a justificativa da resposta, para verificação de dados sobre como o adolescente expressa a empatia em relação ao fenômeno. Sob esse prisma, as questões M e N seguem a mesma estrutura, porém solicitando qual tipo de violência não é perdoável- para verificar aqui se há algum tipo em que é impossível ter empatia. O objetivo da pergunta da letra O é verificar como o adolescente percebe o problema em questão e como propõe a solução, a fim de ter pistas que apontem que a “punição” tem relação com a empatia e com a forma que conceptualiza VIOLÊNCIA.

Na verdade, muito se ouve de que é necessário acabar com a VIOLÊNCIA, mas também quando uma solução é proposta, muitas vezes é com o uso de FORÇA, que aqui se hipotetiza como estruturante do conceito VIOLÊNCIA, ou com atos que envolvam danos aos direitos humanos- como pena de morte no nosso país-, ou seja: acredita-se que há uma estrutura conceitual contextual que permite o uso da violência para combater violência, já que se pensa que se justifica um ato pelo outro, mesmo ambos sendo considerados violentos, direcionando a uma lógica em que há o mais e o menos aceitável em relação ao tema, e que esta gradação depende exclusivamente de nossa posição na situação- se é vítima, quer justiça- mesmo que com violência ( pena de morte, linchamento, ...) Mas se é o autor da ação, quer empatia.

A última questão é proposta apenas para ratificar como o adolescente expressa o conceito, para, baseando-se em um relato escrito de experiência, ou de exemplos de situações envolvendo VIOLÊNCIA, a Atividade-B apurar melhor a forma, o percurso que o adolescente realiza na tentativa de expressar o conceito VIOLÊNCIA.

Segue-se então com as análises da Atividade A, com primeiramente uma análise das respostas de cada participante, para na sequência uma análise mais quantitativa.

Assim, temos no primeiro grupo de adolescentes (estudantes de escola com mensalidade de valor elevado, moradores de zona nobre da capital sem registros de vivências de violência) os seguintes aspectos observados:

### **Participante 1:**

Na questão A, o participante lista as palavras “agressão”, “raiva”, “briga”, “bullying” e “sangue” como as que vêm à mente quando pensa no conceito VIOLÊNCIA. Percebe-se aqui que há em suas referências atos de violência, misturados com produtos e com emoções. Na questão B, os termos destacados dentre os cinco citados na questão anterior são “agressão” e “raiva”. O conceito AGRESSÃO é destacado talvez por englobar BRIGA e BULLYING, já que estes também envolvem um AGENTE, um PACIENTE. O interessante é que na lista de mais salientes esteja o sentimento RAIVA- comprovando que as emoções são indissociáveis do conceito abstrato em questão.

No terceiro item, ao explicar o porquê de suas escolhas, o participante cita: “Normalmente quando as pessoas estão com raiva elas praticam violência, no caso, agressão”. A emoção em jogo é referente a quem pratica a ação, não a quem sofre. Aqui também fica a pista de que o adolescente considera VIOLÊNCIA o mesmo que AGRESSÃO, através do uso da expressão “no caso”: RAIVA É ORIGEM DA VIOLÊNCIA.

Em uma escala de prototipicidade, analisando a quarta questão, temos: “tortura”, “assassinato”, “estupro”, “briga”, “xingamento”. Aparecem aqui outros conceitos não listados anteriormente, mas que demonstram que o ATO é para o adolescente mais relevante quando se pensa em VIOLÊNCIA. Em suas escolhas, há o AGENTE e o PACIENTE; e apenas na última- e menos violenta para o adolescente- é que não há uso da FORÇA, no restante, esta é elemento-chave, estruturante de sua forma de conceptualização. A afirmação anterior é reforçada na questão E, pela sentença escrita para explicar o que é VIOLÊNCIA: “Quando se usa da força ou de palavras pra causar o mal a alguém”. Há a FORÇA como estruturante, como base, há o AGENTE e há o PACIENTE, que na construção da sentença parece ser ALVO, já que há um objetivo de causar mal.

O adolescente 1 compara, na questão F, VIOLÊNCIA com FALTA DE CONTROLE, remetendo à ideia de RECIPIENTE, de EQUILIBRIO, parece que ao controlar, segurar o recipiente, se mantém o equilíbrio. Retoma-se aqui a menção de RAIVA citada anteriormente pelo adolescente, na medida em que se o corpo é um recipiente, cheio de raiva, não consegue

controlar a pressão, o que o leva ao desequilíbrio, “estourando”. Se há falta de controle interno, como se medisse nossa temperatura, explodimos, e essa reação seria então com violência, já que há pressurização, portanto, FORÇA.

Pensando na emoção relacionada com a ação, o adolescente aponta como sentimentos que mais se relacionam com quem pratica a ação os seguintes: NOJO, RAIVA, IRRITAÇÃO, PENA, DESPREZO. Na questão H, o aluno destaca DESPREZO como a mais relevante. Percebemos que a RAIVA não está aqui como primeiro nome a ser lembrado quando se pensa em sentimento. Tal notação pode ser interpretada aqui como um olhar sob os sentimentos que o causador da violência provoca no adolescente que está respondendo o questionário; não soa como os sentimentos do autor da violência, mas de quem o percebe como o AGENTE. RAIVA e IRRITAÇÃO são emoções básicas, enquanto NOJO e DESPREZO envolve relação com exterior, é num nível mais moral ou social. Poderíamos citar aqui que PENA poderia indicar uma empatia para com quem comete ato violento, que contradiria com as outras referências citadas de sentimentos, pois, como Vanin (2012) afirma, as emoções podem se misturar, podemos ao mesmo tempo sentir ódio e amor pela mesma pessoa e é isso que nos torna seres complexos e que dificulta uma linguagem objetiva da emoção.

Além disso, é possível também pensar em PENA sem considerá-la como emoção de empatia, já que o participante ao sentir pena, mostra-se em posição superior do AGENTE (dignos de piedade são os fracos, indefesos). No entanto, ao pensar que SER FRACO É RUIM, podemos associar uma certa empatia com quem se encontra em tal condição, na medida em que se coloca em seu lugar.

Na questão seguinte, em que se pede para destacar dentre as palavras citadas, a mais importante, o adolescente opta por DESPREZO, e se analisarmos sob o senso comum de que o contrário do AMOR não é o ÓDIO, mas a INDIFERENÇA, e pensando em DESPREZO como sentimento de repulsa, de exclusão, é possível afirmar que o AGENTE da violência é, numa relação de CENTRO-PERIFERIA, a PERIFERIA, o que está na marginalidade, combinando exatamente com a relação que a sociedade faz do criminoso, por exemplo. Se há desprezo, há repulsa, há exclusão, há marginalidade. DESPREZO, portanto, demarca a posição CENTRO-PERIFERIA.

Na questão I, o adolescente mostra certa empatia para com quem sofre a violência, sendo os sentimentos PENA, COMPADECIMENTO, COMPREENSÃO, TRISTEZA e AFETO todos relacionados à aproximação e à simpatia, por conseguinte, à empatia. O sujeito declara empatia quando cita TRISTEZA. Os outros sentimentos denotam que o sofredor da

violência é alguém que está em posição de desvantagem, inferior, haja vista que há COMPADECIMENTO, PENA. Só sentimos PENA, ou COMPADECIMENTO quando nos consideramos superiores a outrem, conforme já citamos, e ressaltamos que quando essa PENA, esse COMPADECIMENTO, for relacionado à emoção de “colocar-se no lugar do outro” até pode ser uma empatia, também percebida pela palavra COMPREENSÃO. Em A1j, o adolescente reforça estar em uma posição acima de quem sofreu a violência, ao destacar COMPADECIMENTO, como o mais importante dos sentimentos despertados neste contexto citado. O adolescente afirma que nenhum ato de violência é perdoável, já que tudo pode ser resolvido na conversa. Isso evidencia então que o adolescente não tem empatia pelo AGENTE.

Na questão seguinte, em que há a explicação da resposta anterior, o participante cita que “qualquer situação pode ser resolvida com uma conversa, ou algum gesto, sem precisar partir para a violência”. Notamos então que a VIOLÊNCIA para o adolescente é apresentada como o DESTINO DE UM CAMINHO MAL PERCORRIDO, quando os problemas não são solucionáveis. Podemos pensar em AMOR/AMIZADE É UMA VIAGEM, como paralela de CONVERSAR É RESOLVER PROBLEMAS. Na primeira metáfora, há o COMEÇO DA VIAGEM- PONTO DE PARTIDA, há PERCURSO, CHEGADA, envolvendo VIAJANTES- pessoas na relação, que não precisa ser no sentido romântico, apenas interpessoal- porém:

SE HÁ UM OBSTÁCULO NO CAMINHO, PODE-SE PERDER O RUMO, ou seja,  
AO DESVIAR O CAMINHO NÃO É MAIS A MESMA VIAGEM ( AMOR)  
SE NÃO É MAIS AMOR (e sabendo que AMOR É BOM), O QUE SEGUE É RUIM.

Se:

O OBSTÁCULO É PROBLEMA:

PROBLEMA PODE SER RESOLVIDO COM CONVERSA

PROBLEMA RESOLVIDO TIRA OBSTÁCULO DO CAMINHO

Assim,

AMOR SEGUE O SEU CAMINHO, pois

O PROBLEMA É RESOLVIDO

Mas:

SE NÃO TEM CONVERSA, NÃO RESOLVE PROBLEMAS

SE NÃO RESOLVE PROBLEMA, NÃO DESVIA DO OBSTÁCULO

SE NÃO DESVIA DO OBSTÁCULO, INTERROMPE A VIAGEM

INTERROMPER A VIAGEM É INTERROMPER O AMOR

INTERROMPER O AMOR É INTERROMPER O QUE É BOM

Afirmamos tudo isso devido a frase citada pelo adolescente em uma de suas respostas: “qualquer situação pode ser resolvida com uma conversa, ou algum gesto, sem precisar partir para a violência”, evidenciando VIOLÊNCIA como DESTINO NÃO PROGRAMADO NA VIAGEM, que tem como ORIGEM uma situação desagradável, como PERCURSO um encaminhamento sem diálogo, sem conversa (ou podemos até mesmo pensar em um cenário tendo uma FALTA DE PERCURSO- indo diretamente para a META, para o PONTO DE PARTIDA, o DESTINO, que é a VIOLÊNCIA).

Concluindo, podemos supor que:

CONVERSA RESOLVE PROBLEMAS

CONVERSA É AMOR

AMOR É UMA VIAGEM

CONVERSA SEGUE UMA VIAGEM

FALTA DE CONVERSA NÃO RESOLVE OS PROBLEMAS

FALTA DE CONVERSA É OBSTÁCULO DA VIAGEM

FALTA DE CONVERSA É FALTA DE AMOR

VIOLÊNCIA É FALTA DE CONVERSA

VIOLÊNCIA NÃO RESOLVE PROBLEMAS

VIOLÊNCIA É OBSTÁCULO DE VIAGEM

VIOLÊNCIA É FALTA DE AMOR

FALTA DE CONVERSA LEVA À FALTA DE AMOR

FALTA DE AMOR TEM COMO DESTINO VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA É FIM DO CAMINHO

Como o autor não defende o perdão de nenhum tipo de violência, a questão M apenas reforça dentre tantos tipos qual o mais imperdoável segundo quem responde. Aqui é citado TORTURA e a explicação para tal é interessante, na medida em que defende que TORTURA É PIOR DO QUE MORTE: “Quando alguém é torturado e morto, a pessoa fica em “paz” depois. Quando é só tortura, a pessoa tem que viver com aquilo depois, além de ser submetido a situações extremamente desagradáveis”. TORTURA é representada como fisicamente existente, já que a pessoa “conviverá com isso depois”. Pode ser compreendido também tal conceito como um FLUIDO QUE SE ALOJA NO RECIPIENTE- NO NOSSO CORPO. Interessante que MORRER é visto como ATINGIR A PAZ, sendo melhor do que apenas ser torturado.

Finalizando a análise, podemos pensar, por sua última questão respondida, que VIOLÊNCIA está relacionada com AGRESSÃO, e as emoções MEDO e RESPEITO

aparecem como se contrapondo uma da outra. A AGRESSÃO é vista aqui como um AGENTE, já que impõe sobre outro, e MEDO NÃO PROPORCIONA RESPEITO. Com essa resposta, podemos inferir que:

AGRESSÃO GERA MEDO

MEDO NÃO É RESPEITO

AGRESSÃO NÃO É RESPEITO

A fim de corroborar as afirmações e as hipóteses acerca da construção categorial de VIOLÊNCIA deste participante, passamos para a análise dos trechos do seu texto. A marcação, conforme já foi descrita anteriormente, é B- instrumento B-, seguido do número do participante e da letra de análise. A seguir, então, o texto do participante:

*A violência é um modo de se impor para mostrar quem é “que manda”(a). Mas quem usa a violência mostra que não merece o respeito que quer (b). Se é pra agredir a pessoa (verbal ou fisicamente) de algum jeito ou de outro (c) o tiro vai sair pela culatra (d) e pode gerar outra demonstração de violência, dando continuidade ao ciclo (e). Na ditadura, por exemplo, quando pessoas eram torturas e agredidas por serem contrárias à ideologia do governo. Isso só deu mais força ao movimento contrário. Reprimir as pessoas as deixam com mais vontade de fazer o que é considerado “errado” e elas não aprendem o que é “certo” (teoricamente), apenas passam a sentir medo (f).*

Analisando qualitativamente, sob o ponto de vista da organizadora (o que torna um estudo hipotético, “luz de uma interpretação dentre tantas possíveis”), podemos pensar nas seguintes constatações:

O participante 1 em B1a cita que “Violência é um modo de se impor para mostrar quem é ‘que manda’”. Neste trecho, concebemos VIOLÊNCIA como MODO. E há em jogo a metáfora COMPREENDER É VER, pensando na CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA, na META DA VIOLÊNCIA como um OBJETO (“será visto quem manda”- será compreendido quem manda).

COMPREENDER é VER é uma das metáforas baseadas em metonímias apresentadas nos pressupostos teóricos desta tese, quando citamos a relação entre essas duas figuras de pensamento. Segundo Radden (2003, apud FELTES, 2007) “metáfora baseada em metonímia é um mapeamento envolvendo dois domínios conceptuais que são fundados em, ou podem ser tratados de volta para, um domínio conceptual”. Ou seja, há uma base experiencial ligada ao sentido de visão, pois na maioria das vezes, o que vemos tomamos

como verdadeiro. Conhecemos diferentes provérbios que demonstram essa nossa construção, como: “só acredito vendo”, “o que os olhos não veem o coração não sente”, e podemos pensar até na história bíblica sobre São Tomé, que ficou conhecido por essa relação metafórica- de só acreditar vendo. Como um evento em sequência, ou seja, um processo em contiguidade, de forma simultânea, ou sucessiva, podemos inferir os seguintes acarretamentos para o segmento fornecido pelo participante, anteriormente exposto:

O QUE É VISTO É OBJETO

QUEM MANDA É VISTO

QUEM MANDA É OBJETO

META DA VIOLÊNCIA É MOSTRAR QUEM MANDA

META DA VIOLÊNCIA É MOSTRAR UM OBJETO

COMPREENDER É VER

VER QUEM MANDA É COMPREENDER QUEM MANDA

Se é para ser visto quem manda, então VIOLÊNCIA está associada com a ideia de VER e COMPREENDER, como vimos, na medida em que sofrer a violência é ver quem manda.

Na sequência, no trecho B1b, em que o adolescente cita: “mas quem usa violência mostra que não merece o respeito que quer,” há novamente referência do que foi destacado, e o que já foi percebido no questionário do participante: MEDO NÃO É RESPEITO. Pensando na metáfora CONTABILIDADE MORAL, é possível fazer os seguintes acarretamentos sobre “merecer respeito”. Assim:

TER RESPEITO É TER MORAL

VIOLÊNCIA NÃO TRAZ RESPEITO

VIOLÊNCIA NÃO É TER MORAL

TODOS QUEREM RESPEITO

RESPEITO É CONQUISTA

CONQUISTA RESPEITO QUEM TEM MORAL

CAUSAR MEDO NÃO TRAZ RESPEITO

CAUSAR MEDO NÃO É TER MORAL

CAUSAR MEDO É VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA NÃO MERECE RESPEITO

VIOLÊNCIA ainda aparece metaforicamente como OBJETO e agora UTILIZÁVEL, é de fato um INSTRUMENTO, representado pelo autor do texto como físico, ocorrendo novamente a relação metafórica COMPREENDER É VER, ainda sobre RESPEITO ( **quem**

*usa a violência mostra* que não merece respeito).

No segmento B1c, a sentença Se é para agredir a pessoa (verbal ou fisicamente) de algum jeito ou de outro o tiro vai sair pela culatra evidencia que o uso do condicional ‘se’ já demonstra uma hipótese. A palavra “agressão”, relacionada com “violência”, aqui é classificada como ‘verbal ou física’, ou seja, causa dano de qualquer forma.

Com a utilização da expressão ‘de algum jeito ou de outro’, JEITO pode ser pensado em INSTRUMENTO ou CAMINHO, PERCURSO, possibilitando aqui um esquema ORIGEM- PERCURSO- META:

ORIGEM: agente

PERCURSO ( ou INSTRUMENTO): jeito

META: agredir verbal ou fisicamente alguém.

DANO : físico e moral.

TIPO DE VIOLÊNCIA: física e moral

Em B1d: o tiro vai sair pela culatra, há uma metáfora linguística, mas que se relaciona com o tema violência- já que tem a palavra “tiro”, que num modelo proposicional faz parte do cenário de violência. Tal item lexical em um frame envolvendo VIOLÊNCIA precisa de um AGENTE, INSTRUMENTO, ALVO, tendo um PERCURSO. Aqui, metaforicamente, o que ocorre é que há um AGENTE, que com o USO do revolver dispara um tiro que teria como ALVO alguém, ou algo, e não a culatra. Como foi para culatra, foi errado, mal sucedido- por isso a expressão é considerada uma META NÃO ATINGIDA. Conclui-se então com o período analisado que VIOLÊNCIA NÃO ATINGE METAS.

A ideia é reforçada no segmento seguinte: B1e: pode gerar outra demonstração de violência. VIOLÊNCIA É OBJETO (pode ser visto- demonstrado) e VIOLÊNCIA É ALIMENTADORA-GERADORA, já que se reproduz, dando ideia de infinitude. Tal ponto é ratificado quando percebe a VIOLÊNCIA como CICLO, em: dando continuidade ao ciclo.

Em B1f , o autor cita : “na ditadura...quando pessoas eram torturadas e agredidas por serem contrárias à ideologia do governo”; a partir disso podemos pensar em um cenário típico de ditadura, em que há:

AGENTE- ditador

PACIENTE- a vítima,

OBJETIVO, META DA VIOLÊNCIA- respeitar o governo

Há também a ideia de um PERCURSO que deveria ser seguido, além de uma ideia sobre o governo ditador, pensando que:

TER AUTORIDADE É TER MORAL

GOVERNO É AUTORIDADE

GOVERNO TEM MORAL

SEGUIR AS IDEIAS DO GOVERNO É TER MORAL

QUEM NÃO SEGUE NÃO TEM MORAL

AUTORIDADE TEM MORAL

AUTORIDADE PUNE QUEM NÃO TEM MORAL

GOVERNO PUNE QUEM NÃO O SEGUE

AUTORIDADE aqui é assumida então como QUEM PODE PUNIR, ou seja:

A VIOLÊNCIA, PRATICADA POR QUEM É CONSIDERADO COMO POSSUIDOR DA RAZÃO, TENDO MORAL, É JUSTIFICADA.

É como se pudesse pensar que a punição, o castigo, o merecimento podem ser decididos pela autoridade, por esta ter moral

Como vimos, tais análises nos levam a pensar em CONTABILIDADE MORAL:

SE NÃO TEM MORAL, NÃO MERECE RESPEITO

SE NÃO TEM MORAL MERECE PUNIÇÃO

Entretanto, o produtor do texto questiona esse poder de autoridade ao afirmar: isso só deu mais força ao movimento contrário. Ou seja:

HÁ UM PERCURSO HÁ SER SEGUIDO, UM CAMINHO

QUANDO DESVIAMOS DESTE CAMINHO NÃO É POSITIVO, MAS ÀS VEZES É NECESSÁRIO

No caso,

O CAMINHO DA DITADURA É NEGATIVO PORQUE IMPÕE MEDO

CAUSAR MEDO NÃO É OBTER RESPEITO

CAUSAR MEDO É VIOLÊNCIA

AS PESSOAS NÃO QUEREM SEGUIR O PERCURSO PROPOSTO PELA AUTORIDADE DITADORA

AS PESSOAS NÃO QUEREM SENTIR MEDO

HÁ OUTRO CAMINHO POSSÍVEL DE SER SEGUIDO

É PRECISO FORÇA PARA ENFRENTAR OS OBSTÁCULOS DO DESVIO DO CAMINHO

A palavra FORÇA como referência a movimento de ação, de imposição, parece direcionar o PERCURSO. É como se pela FORÇA, fossem empurrados para outro PERCURSO.

O autor apresenta a REPRESSÃO como UM FLUIDO QUENTE e o ser humano

como RECIPIENTE, pois pode ser feita a leitura de que ao ser reprimido fica com todo líquido- fica fechado, e isso “pode estourar”. Também pode ser pensado em PRESSÃO DE CONTATO, o RECIPIENTE ao ser pressionado, sente aperto e precisa escapar. A ideia de ESCAPAR associa-se aqui com NÃO SEGUIR O CAMINHO IMPOSTO. Aqui há também uma aproximação da EDUCAÇÃO com o GOVERNO, dois conceitos que se interligam numa categoria radial: há a noção de “certo e errado”, como se fosse uma prova, e a noção de “aprender e não aprender”. No caso:

AGENTE- professor- é o governo

PACIENTE- aluno- é o cidadão

AGENTE É AUTORIDADE

AUTORIDADE TEM MORAL

CERTO QUEM DECIDE É AUTORIDADE

ALUNO DEVE APRENDER O QUE É CERTO

ALUNO É DISCIPLINADO PELA AUTORIDADE

ALUNO NÃO TEM AUTORIDADE

O autor parece acreditar que não “ensinando certo”, “não se aprende o que se deve”, ou seja, concorda com a ideia de que:

AUTORIDADE É EXEMPLO

GOVERNO É AUTORIDADE

GOVERNO É EXEMPLO

AUTORIDADE ENSINA, POVO OBEDECE

Vem à tona aqui (além da noção de que há quem é superior e que manda e há quem deve seguir seu exemplo) a noção também de *comportamento social* proposta no trabalho, no capítulo sobre VIOLÊNCIA, em que citamos modelos de comportamento, de o que culturalmente é certo ou culturalmente errado. Está tão impregnada essa noção de regulação social que o texto aqui lido deixa essa pista.

Na sequência final, o autor retoma o que já havia defendido em seu questionário de que RESPEITO é diferente de MEDO, embora possam ser relacionados. É possível pensarmos em:

RESPEITO NÃO É MEDO

VIOLENCIA GERA MEDO

VIOLENCIA NÃO GERA RESPEITO

Assim, percebemos que o participante é contra a imposição da ditadura. Além disso, também é possível afirmar que o adolescente, com suas respostas e seu texto, demonstra

pensar em VIOLÊNCIA como FALTA DE RESPEITO (DANO EMOCIONAL, MORAL,PSIQUICO), ATO, OBJETO-INSTRUMENTO. Também relaciona VIOLÊNCIA com RAIVA, como esta sendo FLUIDO QUENTE, PRESSURIZADO, CONTIDO. E que quando explode, vai ao sentido contrário do que seria considerado “certo” pela AUTORIDADE.

VIOLÊNCIA É FALTA DE CONTROLE. Também é descrita pelo participante como ato de alguém INFERIOR, que está abaixo de quem é moralmente elevado, já que provoca DESPREZO, reforçando assim, pela relação CENTRO-PERIFERIA, a ideia de VIOLÊNCIA com MARGINILIDADE.

Quem sofre violência, para este participante, também está em posição inferior, e mesmo visto nesta relação de CENTRO-PERIFERIA, também é percebido com COMPADECIMENTO, o que relacionamos com EMPATIA.

MORTE É PAZ, para este adolescente; TORTURA É IMPERDOÁVEL, pois como o ser humano é um RECIPIENTE, a TORTURA, como se fosse LIQUIDO, fica dentro, fazendo PRESSÃO o tempo todo.

Por fim, destacamos que este participante demonstra pensar que QUEM PRATICA VIOLÊNCIA NÃO TEM MORAL, na medida em que VIOLÊNCIA GERA MEDO. MEDO NÃO É RESPEITO. RESPEITO É MORAL.

## **Participante 2:**

Ao escrever sobre o que vem à mente quando pensa em VIOLÊNCIA, o adolescente elenca: “morte”, “tráfico”, “polícia”, “maconha”, “crime”. Vale lembrar que para esta tese acreditamos que as primeiras referências são de fato as mais destacadas, salientes na memória. Percebemos que DROGA está relacionada com VIOLÊNCIA para o entrevistado 2, na medida em que se traçarmos o esquema ORIGEM-PRECURSO-META para explicarmos o caminho das drogas em nossa sociedade, obteremos: MACONHA – TRÁFICO- CRIME- MORTE- POLÍCIA, ou ainda, a POLÍCIA pode se encontrar antes de CRIME e MORTE. A questão é que podemos supor que para o adolescente:

A MACONHA LEVA AO TRÁFICO

TRÁFICO LEVA AO CRIME

CRIME LEVA À MORTE

Há aí uma relação de EFEITO- CAUSA, que se reforça na segunda questão respondida, quando o adolescente destaca “morte” e “polícia” como as palavras mais representativas que se relacionam com VIOLÊNCIA. Ou seja: POLÍCIA aparece não como

COMBATENTE (SOLUÇÃO-EFEITO) da VIOLÊNCIA, mas também como AGENTE (CAUSA) desta.

Este ponto merece uma análise crítica, pois demonstra que valores morais estão se dissipando em nosso país. Seguindo a metáfora de PAI É CUIDADOR, AUTORIDADE É PAI, AUTORIDADE É RESPEITO, a POLÍCIA como AUTORIDADE não está representando este papel de “cuidadora”, pelo olhar dos jovens, supondo tal afirmação a partir da leitura dos instrumentos coletados e das conversas informais que precederam a pesquisa. Isso é um problema, pois se não há confiança na autoridade, não respeito.

Assim, como em TER RETIDÃO É SER MORAL: se a POLÍCIA é enquadrada semanticamente no contexto de AGENTE de VIOLÊNCIA, ela não está cumprindo seu papel, não está sendo RETA, tampouco RESPEITADA, já que ainda pela metáfora, concebemos que AUTORIDADE É RESPEITO. Isso pode justificar o descaso com o cumprimento de regras, já que quem deve cobrá-las não as segue; e como nos baseamos em modelos- exemplos- vindo novamente à tona a teoria do *comportamento social*, fica fácil entender por que há desmoralização de valores outrora inquestionáveis.

Tal afirmação se concretiza com a explicação dada na resposta seguinte, de que a MORTE é o que mais se relaciona com VIOLÊNCIA- já que é o FIM DO PERCURSO, é a CONSEQUÊNCIA, o PRODUTO da VIOLÊNCIA (ainda que a POLÍCIA também é destacada por seu **abuso** de autoridade).

Na quarta questão, ao pensar sobre o que é MAIS VIOLENTO e MENOS VIOLENTO, em escala de gradação semântica, o adolescente 2 aponta apenas ATOS, com danos a alguém (exceto o último elemento citado, que entendemos como o que considera nada violento). Elencando: “estupro”, “chacina”, “assalto”, “assassinato”, “andar”. A hipótese de que para este participante o fato de causar dano físico a alguém é o mais relevante, é sustentada pela resposta seguinte, quando há a explicação do que ele pensa ser VIOLÊNCIA: “É o ato de violar a lei, ela pode ser contra uma pessoa”. Aqui VIOLÊNCIA é AÇÃO, é ATO, envolvendo VIOLAÇÃO DE LEI, tendo como o ALVO uma PESSOA.

E é por isso que o POLICIAL é condenado no discurso, pois este seria REPRESENTANTE DA LEI, portanto, não poderia causar DANO FÍSICO. E há aqui o contrassenso de nossa sociedade: a violência quando cometida pela autoridade, para muitos cidadãos é legítima, pois DEFENDE A MORAL.

Em A2f, o adolescente compara VIOLÊNCIA com SOCO, CHUTE, TIRO, MORTE, PORRADA, sempre tendo uma pessoa como alvo e um ato que causa dano físico a esse alvo. VIOLÊNCIA É ATO, PRODUTO.

Em A2g, os sentimentos listados que se relacionam, para o adolescente entrevistado, com quem pratica violência são: DROGAS, LOUCURA, VONTADE, NECESSIDADE, NATUREZA HUMANA. Já começamos a notar aqui o que citamos anteriormente: há uma mistura entre os conceitos, sendo por isso colocados no mesmo núcleo; os atos e instrumentos que levam a sentimentos, sensações, emoções, são constatados como resposta para tal questão na forma de substantivos abstratos, substantivos concretos, adjetivos e verbos até. Por isso justifica-se não fechar o núcleo como exclusivo ou de SENTIMENTO ou de EMOÇÃO.

Voltando à análise dos dados, já com essa ressalva estabelecida, é interessante percebermos que novamente o adolescente retoma a questão da droga como causadora de violência, já que encabeça sua lista, mesmo não sendo sentimento, sensação, emoção. Falando nestes, LOUCURA, VONTADE, NECESSIDADE parecem também ter relação direta com DROGA, ou seja, LOUCURA, VONTADE, por estar drogado, fora de si ou por querer estar. NECESSIDADE por comprar mais drogas, podemos pensar.

E ganha relevo aqui a NATUREZA HUMANA, que também não é sentimento, mas que abarca várias emoções. Hipotetiza-se que o ser humano é instintivo, por ser de origem animal, e, portanto, é de sua evolução a VIOLÊNCIA. Mesmo que instintivamente haja NECESSIDADE, o adolescente aponta que a VONTADE é o sentimento mais importante a ser destacado, citando que mais do que NECESSIDADE é VONTADE; o que nos faz interpretar VIOLÊNCIA como ATO CONSCIENTE, pois VONTADE envolve QUERER, e para tal, é necessária ciência do que se quer, é necessário a RAZÃO. Pensando assim, podemos supor que VIOLÊNCIA NÃO É INSTINTIVA- IMPULSIVA, pois é produzida propositadamente, contradizendo a ideia de ser inerente ao ser humano como ato animal irracional. Se é, portanto, ATO RACIONAL, mesmo que própria da condição humana, o adolescente parece não justificar o ATO como aceitável. Em sua escolha lexical não é possível perceber traços de empatia com o praticante de violência.

INSEGURANÇA, MEDO, ANGÚSTIA, IMPUNIDADE, RAIVA são os sentimentos, sensações, emoções descritos pelo adolescente para expressar como ele acredita que se sente quem sofre a VIOLÊNCIA. Nota-se que sua escolha lexical remete à falta de segurança em nossa sociedade, causada pela impunidade, e a consequência disso é o medo, a angústia e a raiva. Seguindo a relação CAUSA-EFEITO podemos perceber que é a IMPUNIDADE que gera o MEDO, a ANGÚSTIA e a RAIVA- que aparece por último na escala, dando a impressão de ser o sentimento mais último, quando se passou por todos os anteriores. Pela ordem de acarretamentos:

IMPUNIDADE GERA INSEGURANÇA

INSEGURANÇA GERA MEDO

MEDO GERA ANGÚSTIA

ANGÚSTIA GERA RAIVA

Ou ainda:

VIOLÊNCIA GERA IMPUNIDADE- IMPUNIDADE GERA VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA GERA INSEGURANÇA

VIOLÊNCIA GERA MEDO

VIOLÊNCIA GERA ANGÚSTIA

VIOLÊNCIA GERA RAIVA

A escolha dos itens lexicais propicia pensarmos que para o adolescente o problema parece estar mais relacionado às desorganizações sociais, políticas e culturais de nosso país do que um sentimento de empatia para com quem sofre a ação. E, podemos até pensar em uma crítica do participante ao governo, por sua associação com falta de moral nos setores da sociedade- policiais vistos como agentes de violência, falta de punição a quem comete atos violentos ( assumimos como exemplos: crimes, falta de fiscalização, de monitoramento nas ruas).

Na questão seguinte, MEDO recebe destaque, pois como explicado, há uma relação entre IMPUNIDADE e CRIMINALIDADE, e isso gera como primeiro sentimento o MEDO, pois é este, fruto da INSEGURANÇA, que gera a ANGÚSTIA, e por fim a RAIVA. CAUSA- CONSEQUÊNCIA/ EFEITO- CAUSA (lembrando que RAIVA PODE JUSTIFICAR VIOLÊNCIA, na medida em que é um FLUIDO QUE FAZ PRESSÃO ATÉ EXPLODIR)

De acordo com a resposta da questão H, “briga entre amigos por motivo fútil” é considerado perdoável. Dois conceitos são chaves para esta definição: AMIGOS e MOTIVO FÚTIL. Embora a noção de FÚTIL varie conforme contexto, é possível afirmamos que FÚTIL NÃO É GRAVE; assim, brigar por algo pequeno e entre pessoas que se dão bem- já que são amigos- não é grave, na medida em que por terem laços e por saberem que o motivo não é sério (GRAVE É SÉRIO), a briga não ganha, por hipótese, contornos maiores. Interessante destacar que a frase do entrevistado pode gerar uma interpretação de que se não fosse motivo fútil o desentendimento, a briga, seria pior, e não perdoável.

Na questão seguinte é reforçada a ideia de que se a desavença é por motivo banal daí não vale sustentar (como se VIOLÊNCIA fosse um PESO); o participante não perdoa ESTUPRO, usando de taxonomia para explicar, como se ESTUPRO fosse maior do que tudo, sem necessidade de explicação. Há a FORÇA, O DANO FÍSICO, DANO MORAL, AGENTE, PACIENTE, sendo, portanto, um conceito bem representativo da categoria,

seguindo critério de descritores semânticos. “Estupro é estupro, sem mais comentários” deixa claro que o item lexical por si é explicativo, para o participante, e é, pois temos o *frame* bem constituído em nossa memória.

Analisando a última resposta do questionário em que o participante define VIOLÊNCIA como “ algo da natureza humana, todos somos violentos no momento que esse sentimento toma nossa cabeça...a violência não leva a nada”, percebemos que o conceito do ATO é visto como conceito de EMOÇÃO- DE SENTIMENTO- DE SENSAÇÃO. VIOLÊNCIA também parece ser um INSTRUMENTO- um transporte- que nos levaria para algum DESTINO; ou, ainda, seria também um PERCURSO- por onde se anda. O DESTINO, neste caso, seria NADA, como se percorresse um caminho sem paradas. Novamente, a relação com o inatismo aparece aqui na tese, pois este participante, como o anterior, explica que violência é da natureza humana, que todos somos violentos. E também a relação da VIOLÊNCIA com o FIM DO CAMINHO.

Se VIOLÊNCIA for pensada como uma ENTIDADE QUE TOMA NOSSA CABEÇA temos novamente, além da ideia da FALTA DE CONTROLE DO SELF, também a ideia de LOUCURA, pois associamos CABEÇA com RAZÃO, e a VIOLÊNCIA seria a FALTA DE RAZÃO, ou seja:

CABEÇA É UM RECIPIENTE

RAZÃO É UM OBJETO (OU FLUIDO)

RAZÃO FICA DENTRO DA CABEÇA

SE A RAZÃO NÃO OCUPA ESPAÇO NA CABEÇA, ESTA TEM ESPAÇO SOBRANDO

VIOLÊNCIA PODE OCUPAR ESPAÇO NA CABEÇA

VIOLÊNCIA SUBSTITUI RAZÃO

VIOLÊNCIA É UM OBJETO (OU FLUIDO) QUE FICA DENTRO DA CABEÇA

A impressão que se tem é que somos RECIPIENTES menores e a VIOLÊNCIA é algo externo que “entra” dentro da gente, nos consome, se alimentando de nossas forças. Mas que, assim como a RAIVA, precisamos controlar, para não entrar em ebulição, e o melhor meio de fazer isso é através da conversa. Aqui, com a frase citada do participante de que “temos que conversar”, novamente percebemos que CONVERSAR É RESOLVER PROBLEMAS se evidencia, levando-nos a pensar na estrutura apresentada anteriormente de que:

CONVERSA RESOLVE PROBLEMAS

CONVERSA É AMOR

AMOR É UMA VIAGEM  
FALTA DE CONVERSA NÃO RESOLVE OS PROBLEMAS  
FALTA DE CONVERSA É FALTA DE AMOR  
FALTA DE CONVERSA É OBSTÁCULO DA VIAGEM  
VIOLÊNCIA É FALTA DE CONVERSA  
VIOLÊNCIA NÃO RESOLVE PROBLEMAS  
VIOLÊNCIA É OBSTÁCULO DE VIAGEM  
VIOLÊNCIA É FIM DO CAMINHO

Partindo agora para análise do texto, do instrumento B, eis o período que o participante escreveu:

*Estava com meus amigos quando tentaram me assaltar, aí eu peguei minha barra de ferro e o matei sem pena, a consequência foi a impunidade e o motivo foi simples: ou era eu ou ele*

Como notamos, trata-se de um período fictício. Acreditamos nisso já que antes do trabalho, ainda em fase de escolha de corpus, para seleção coerente com a hipótese proposta na tese, conversamos informalmente com os participantes sobre suas experiências com violência e este grupo afirmou que não tinha experiências como vítimas diretas, testemunhas ou como atores de violência.

Há no texto do participante um cenário em que o papel de AGENTE é trocado por PACIENTE e vice-versa. O PACIENTE sofre a ação, então, por CONTABILIDADE MORAL, resolve se defender, para retornar o EQUILIBRIO MORAL. O PACIENTE vira AGENTE, que vira o PACIENTE, para ser feita a JUSTIÇA MORAL e ele sofrer a PUNIÇÃO. Assim, acreditamos que este período demonstra o que o participante pensa a respeito de VIOLÊNCIA, corroborando com o que já havia sido pincelado em suas respostas anteriores:

TER RESPEITO É TER MORAL  
DESRESPEITO É INJUSTIÇA  
INJUSTIÇA É IMORAL  
VIOLÊNCIA É ATAQUE  
VIOLÊNCIA QUANDO ATAQUE É INJUSTA  
VIOLÊNCIA QUANDO ATAQUE É IMORAL  
SOFRER VIOLÊNCIA É PERDER RESPEITO

SOFRER VIOLÊNCIA É PERDER MORAL  
DEFENDER-SE É RECUPERAR RESPEITO  
TER RESPEITO É TER JUSTIÇA  
DEFESA É JUSTA  
DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA  
IMORALIDADE MERECE DEFESA  
ATAQUE QUANDO É DEFESA É MORAL

Com estas construções citadas, e com suas respostas do instrumento A, é possível perceber que o participante 2 percebe VIOLÊNCIA como ATO- ataque, como POLÍTICA- problemas sociais e impunidade, e como DEFESA- instinto, moral. A metáfora da CONTABILIDADE MORAL é coerente com suas escolhas lexicais.

### **Participante 3:**

Para o participante 3, “morte”, “perigo”, “sangue”, “inferno” e “pessoas” são as palavras citadas na questão A que vêm à mente quando ele pensa em VIOLÊNCIA. Em seus itens lexicais escolhidos há VIOLÊNCIA vista como: PESSOAS, ATOS, SITUAÇÕES, PRODUTO.

MORTE e SANGUE podem ser pensados como PRODUTOS DE UM ATO; PERIGO e INFERNO descrevem SITUAÇÕES, SENSACIONES. Em A3b, o participante destaca MORTE e SANGUE, evidenciando relacionar VIOLÊNCIA com PRODUTO.

O adolescente na questão seguinte explica que toda violência tem sangue e que a maior parte leva à morte, dando a entender que a MORTE É O DESTINO DA VIOLÊNCIA, enquanto SANGUE é PRODUTO.

Percebe-se que, para o participante, a VIOLÊNCIA, em seus exemplos mais típicos de categoria, realmente tem forte ligação com SANGUE, como notamos na questão D, em que ele aponta na sua gradação: MASSACRE (tem sangue), ATROPELAMENTO (tem sangue), MORTE A MÃO ARMADA (tem sangue), BULLYING ( não tem sangue) e BRIGAS DE RUA (nem sempre tem sangue)- nota-se que os mais violentos são os que envolvem mais sangue.

Já na questão E, ao tentar explicar o que é VIOLÊNCIA, o participante cita ser um ATO QUE CAUSA DANO A ALGUÉM, porém, este ATO pode ser VERBAL: “é um ato feito por uma pessoa para agredir verbalmente ou fisicamente outro”, ou seja, não envolve apenas CONTATO FÍSICO, há o DANO MORAL em jogo.

VIOLÊNCIA para o participante pode ser comparada com MORTE, ou seja, sua definição pode ser seu próprio PRODUTO, seu PONTO DE CHEGADA.

Os itens lexicais escolhidos como sentimentos relacionados a quem pratica violência para o participante são: BURRICE, LOUCURA, FALTA DE EDUCAÇÃO, FALTA DE AMOR, ÓDIO, mostrando se tratarem mais de condições do que realmente sensações, emoções. BURRICE tem relação cultural com baixa capacidade cognitiva, aproximando assim o ser humano a um animal (irracional). LOUCURA, que já apareceu anteriormente como possível sequela da droga, aqui aparece como falta de juízo, de discernimento, e, por conseguinte, falta de racionalidade, ratificando a escolha de “burrice”. FALTA DE EDUCAÇÃO, reforça as posições apontadas sobre regras de convívio, de comportamento social, de aprendizagem, que apontamos quando citamos Bandura. Não ter educação é estar desprovido de conhecimento, do ensinamento social de que VIOLÊNCIA não deve ser cometida. E AMOR parece neutralizar vontade de ser violento, na medida em que é apenas com sua falta que a VIOLÊNCIA surge, como é possível interpretar pela leitura da resposta do participante. O ÓDIO, visto como sentimento à parte da FALTA DE AMOR mostra que é mais forte em termos de definições, pois FALTA DE AMOR pode causar INDIFERENÇA, TRISTEZA, etc. ÓDIO parece, “corporeamente pensando”, ir para além disso. Este item lexical, aliás, é o destacado como mais importante para o participante. Não há traços de empatia, portanto, para com o praticante, embora constate que:

AMOR É BOM

QUEM TEM AMOR NÃO TEM VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA É RUIM

FALTA DE AMOR É RUIM

FALTA DE AMOR GERA VIOLÊNCIA

Mesmo que considera ruim não ter amor, parece que o participante destaca mais o raciocínio crítico- ou sua falta- como culpada pela violência, sendo, portanto, mais um ato racional (ou irracional) do que emotivo. Vale citar que sempre quando explicamos sentimentos, emoções tentamos racionalizá-los, como se fossem duas áreas distintas de nosso corpo: razão e emoção. Embora saibamos que não são separadas tais áreas e que construímos conceitos via experiências corpóreas, é mais fácil concretizar em palavras os sentimentos quando nos colocamos teoricamente de forma dualista. No entanto, fica evidente o tempo todo nesta tese a defesa de que somos seres emocionais, neurais e constituídos culturalmente. Como a empatia- nesta separação de razão e emoção- está mais ligada ao sentimento, à emoção, aqui nas respostas do participante 3 não podemos ter essa ideia de que há empatia

para com o agressor. Podemos cogitar uma superioridade do participante, ao pensar que o ser que pratica violência é desprovido de inteligência- o que em nossa sociedade é valorizado. Isso afasta o AGENTE da violência do grupo principal, que são os inteligentes, o afasta do CENTRO, tornando PERIFERIA, portanto, desvalorizado, à margem: MARGINAL.

O MEDO aparece como principal sentimento que o participante acredita que quem sofre violência sente. INSEGURANÇA também aparece, reforçando a questão social novamente. Aqui aparecem também DEPRESSÃO, PRECONCEITO e ÓDIO. Estes podem ser pensados como CONSEQUÊNCIAS DO SOFRIMENTO.

DEPRESSÃO É SOFRIMENTO. E tal sentimento é uma REAÇÃO:

VIOLÊNCIA CAUSA MEDO

MEDO CAUSA DOR

DOR CAUSA DEPRESSÃO

DEPRESSÃO É SOFRIMENTO

QUEM SOFRE DANO GUARDA RANCOR

QUEM GUARDA RANCOR DEPOSITA NO OUTRO A CULPA DE SUA DOR

QUEM CULPA O OUTRO POR SUA DOR SENTE ÓDIO

ÓDIO PODE LEVAR À VIOLÊNCIA

Ou seja: a DEPRESSÃO que surge como CONSEQUÊNCIA DO MEDO, pode ser sentida como ÓDIO e ser a CAUSA DA VIOLÊNCIA.

Podemos pensar também no ÓDIO como CONSEQUÊNCIA DA INSEGURANÇA, e tal emoção pode gerar DESPREZO, que por sua vez pode ser demonstrado como PRECONCEITO, reforçando a ideia anteriormente apontada de que quem comete ato violento é MARGINAL, se é MARGINAL, é PERIFERIA, e como sabemos, tudo que é PERIFERIA, MARGINAL sofre preconceito por não estar no CENTRO.

(Aproveitamos para refletir um pouco sobre o que a sociedade considera MARGINAL, colocando em jogo também o estereótipo social do AGENTE de violência, para entender sua relação com PRECONCEITO: Quando pensamos em assalto, furto, pensamos em: NEGRO, POBRE, MAL VESTIDO, DROGADO. Quando pensam em VIOLÊNCIA, no seu *frame*, poucos colocam na cena um rapaz loiro de olho azul como bandido. O estereótipo social já é bem definido, por isso, o PRECONCEITO. Vale observar que o segundo grupo entrevistado, que serve de corpus para esta tese, é em sua maioria negra, ou com pais negros, já neste primeiro grupo todos são brancos).

Para o participante, nenhum tipo de violência é perdoável, e há a defesa de que QUEM COMETE O ATO NÃO DEVE SER PERDOADO para não repetir novamente a ação.

Fica possível interpretar que é preciso PUNIÇÃO e não PERDÃO. E isso se ratifica na questão N em que é sugerido que a punição deve ocorrer e que não é merecida uma segunda chance. A forma expressa “todas as pessoas que praticam violência devem receber uma punição” deixa entender que com o “receber”, embora seja evocada uma ideia positiva (receber dinheiro, receber presente), há aqui uma ideia de castigo. O “lado positivo” de “receber” é apenas para quem quer que essa punição ocorra- é um “dar” no sentido de “dar lição”, “ensinar”, o que retoma novamente o comportamento social e sua regulação via exemplos. O participante segue citando que “não podem ser perdoados, que esse tipo de pessoa não merece segunda chance”. Podemos interpretar que há mais de um tipo de pessoa: o que comete violência e o que não comete, e que os que cometem violência não merecem segunda chance, trazendo a ideia de merecimento e prêmio apenas para o outro tipo, que seria o justo.

Seu texto produzido é o seguinte período:

*Violência é uma briga verbal ou física (a). Como no caso do menino que sofria bullying por um ano. Chegou num ponto(b) que não aguentou e bateu no colega, nesse caso os dois praticaram violência.*

Em B3a, o autor define VIOLÊNCIA como BRIGA VERBAL OU FISICA e essa forma de conceituar segue nas sentenças com seu relato. VIOLÊNCIA É BULLYING (visto como DANO FISICO E MORAL, QUE CAUSA SOFRIMENTO). BRIGA É VIOLÊNCIA: ATO É EFEITO.

A VIOLÊNCIA é descrita como se seguisse um CAMINHO, com PONTO CERTO DE CHEGADA, como evidente em B3b: “ a violência chegou num ponto”- porém, como se seguisse um caminho e parasse, retomando a ideia de que VIOLÊNCIA É O FIM DO CAMINHO.

A ideia de CONTABILIDADE MORAL é também retomada: VINGANÇA É RETRIBUIÇÃO MORAL. É como se a pressão do *bullying* fosse um FLUIDO QUENTE DENTRO DO RECIPIENTE, que um momento explode e FALTA CONTROLE DO SELF.

Está presente aqui o que já citamos sobre Self. Feltes (2007) explica que pela metáfora geral do Sujeito-Self, há a pessoa, que está dividida em um Sujeito e um ou mais de um Self. Metaforicamente, Sujeito (domínio-alvo) é sempre conceptualizado como Pessoa (domínio-fonte). O Sujeito seria, para a autora, o locus da razão, da vontade, do julgamento. Sujeito seria o lócus da Essência da pessoa, em que Essência está pelas coisas duradouras que

nos fazem ser o que somos. Self seria a parte que não é escolhida pelo Sujeito: o corpo, os papéis sociais, os estados passados e ações no mundo. Feltes ainda distingue Self- pessoa, Self-objeto e Self-lugar. Assim, a autora apresenta o esquema básico da Metáfora SELF-SUJEITO, já mostrado no corpo da tese:

Pessoas e Entidades	A Pessoa como um Todo
A pessoa	O Sujeito
A pessoa ou Coisa	Um Self
A Relação	A Relação Sujeito-Self

Trazemos de volta tal definição para explicarmos novamente a metáfora SELF COMO RECIPIENTE, para justificar por que BULLYING PODE PROVOCAR VINGANÇA, como se alguém de tanto ser agredido moralmente, acaba explodindo, saindo do lugar que ocupa:

Uma Pessoa	O Sujeito
Um Recipiente	O Self
Localizado no recipiente	Controle do Sujeito pelo self
Não localizado no recipiente	Fora do Controle do Self

Resumindo então a posição do participante 3 sobre o conceito VIOLÊNCIA, podemos considerar por tudo que foi exposto que VIOLÊNCIA É ATO, PRODUTO, que há relação de CAUSA-EFEITO/EFEITO-CAUSA: morte- violência; sangue, inferno. Na verdade, podemos hipotetizar num esquema ORIGEM- PERCURSO- META, contendo ainda uma possível cena, que pode ser representada em sequência até, como INICIO, MEIO E FIM, CAUSA- CONSEQUÊNCIA, da seguinte forma:

AGENTE- pessoas

SITUAÇÃO DE ORIGEM: perigo

ATO:briga, bullying

PRODUTO: sangue

CONSEQUÊNCIA- META: morte

DESTINO: inferno

Interessante a escolha da palavra “inferno”, pois esta seria uma palavra para representar uma emoção. Seria o que Kövecses (2005) chama de palavras descritivas.

Para o participante, o PRODUTO SANGUE é parte do conceito VIOLÊNCIA, numa relação metonímica de CAUSA-EFEITO.

Ainda de acordo com o adolescente, VIOLÊNCIA É ATO INFERIOR. AGENTE DA VIOLÊNCIA É LIMITADO INTELECTUALMENTE, portanto desconsiderado do CENTRO, sendo assim PERIFERIA, MARGINAL.

O sentimento de ÓDIO é justificado como CAUSA-EFEITO para quem pratica violência e INSEGURANÇA, DEPRESSÃO é o que sente quem sofre violência. O PRECONCEITO é percebido como CONSEQUÊNCIA para quem sofre uma ação violenta, e pode ser interpretado como parte da crença de que o AGENTE DA VIOLÊNCIA É MARGINAL. VIOLÊNCIA COMO PUNIÇÃO É JUSTA para o participante, é como ALIVIAR UM FLUIDO PRESSURIZADO NO RECIPIENTE (sentimento dentro do corpo), é por efeito de CONTABILIDADE MORAL uma forma de EQUILÍBRIO, embora, o participante afirme que é VIOLÊNCIA também, porém, aqui pode ser pensada como JUSTA CAUSA: MORAL.

#### **Participante 4:**

“Agressão”, “bullying”, “violência verbal”, “violência física”, “autoviolência-mutilação”: O participante 4 compreende VIOLÊNCIA como ATO e tem como base o uso da FORÇA, exceto em BULLYING e VIOLÊNCIA VERBAL, em que a PALAVRA é causadora da violência. A MUTILAÇÃO aparece como AUTOVIOLÊNCIA, e mesmo sendo feita por e em si, não parece ser aceita. Há um dano físico a alguém. O AGENTE É O PRÓPRIO PACIENTE.

O DANO FÍSICO causado nos outros e em si (VIOLÊNCIA FÍSICA e AUTOVIOLÊNCIA) são os destaques de A4b, como os que mais se relacionam com VIOLÊNCIA. O participante considera FORÇA e CONTATO elementos estruturantes do conceito VIOLÊNCIA, e deixa isso expresso na resposta questão seguinte: “porque as duas tem contato, mas em aspectos diferentes. A primeira alguém pratica contra alguma pessoa e a outra é com ela mesma”.

Em ordem crescente de mais violento a menos violento, evidencia-se novamente a FORÇA em primeiro plano. Mas aqui há uma separação curiosa: embora a VIOLÊNCIA FÍSICA esteja no topo da ordem, a MUTILAÇÃO está no fim, ficando abaixo inclusive da VIOLÊNCIA VERBAL, do BULLYING. É como se o fato de CAUSAR DANO FÍSICO A SI É MENOS GRAVE DO QUE CAUSAR A OUTROS.

Em A4e, o participante define VIOLÊNCIA como uma situação, um tempo, já que a traduz com “quando”, e há na expressão contraditória “se submete a ser superior” a ideia de que para ser superior precisa se esforçar, ou seja, TER FORÇA, porém, aqui pensando em

PRAZER e PODER, o MENOS É PARA MAIS, ou seja, MENOS PRAZER PARA MAIS PODER, é o fazer algo contra o agrado (submissão), por isso que para tal, usam-se meios agressivos.

VIOLÊNCIA é comparada com FALTA DE RESPEITO E EDUCAÇÃO- o ser humano parece ser provido de educação, de respeito e quando não tem, utiliza meios irracionais, como já explicamos anteriormente- a EDUCAÇÃO tem relação com a CULTURA- regula o comportamento social, produzindo respeito, e com a EVOLUÇÃO, com a INTELIGÊNCIA.

Quando não se tem educação, não se sabe agir em sociedade- que é culturalmente “domesticada”, “educada”, “treinada”-, assim acabamos sendo comparado, portanto, a animal, estando, portanto ainda na SELVAGERIA, que tem relação com VIOLÊNCIA, por envolver instinto, irracionalidade, impulso (como visto nos pressupostos teóricos, impulso tem relação com agressividade e educação tem relação com modelo a ser seguido, regulação).

Os sentimentos que se relacionam com quem pratica a violência, para o adolescente em questão, são SUPERIORIDADE, RAIVA, PRECONCEITO. O item lexical “superioridade” soa mais como condição, como a sensação de estar no TOPO, de estar EM CIMA, essa sim tem relação com a VIOLÊNCIA, na medida em que o causador disso mede forças com quem sofre a ação, e se vence, sua força será considerada maior, aumentando assim seu ego, sendo aqui MAIS É PARA CIMA. Também podemos associar a ideia de que PODER É CONTROLE.

Novamente, PRECONCEITO aparece e podemos pensar aqui sob um ângulo diferente do explanado anteriormente, pois agora é outro o contexto de produção, sendo de quem comete e não quem recebe ato violento. Neste caso em que se cita tal item lexical, podemos até pensar para além da tese. Hoje, está em voga uma campanha contra homofobia na mídia, que mostra inúmeros casos de homossexuais sendo agredidos por sua escolha sexual. Retomamos que o que é CENTRAL é IMPORTANTE, e o que fica no centro é definido por quem está no centro, assim, o homossexualismo, considerado “errado” por quem definiu os valores da sociedade não está no centro, portanto, é PERIFERIA, é MARGINAL, excluído. E:

SE É MARGINAL, TEM QUE SER PUNIDO. VIOLÊNCIA COMO PUNIÇÃO É JUSTA.

Assim, se justificaria a afirmação: VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAL É JUSTA

Fortalecendo esta lógica, também citamos os casos de mendigos sendo queimados,

como se não merecessem respeito por não fazerem parte do núcleo central. Então, podemos atribuir a ideia de PRECONCEITO nestes contextos como EXCLUSÃO (ELIMINAÇÃO DO “MAL”, que pode sujar a sociedade, pensando que o que consideramos moral é “limpo”; o imoral é “sujo”- e ninguém quer sujeira). E aí, a VIOLÊNCIA POR PRECONCEITO utiliza a FORÇA como base, pois É A FORÇA QUE EMPURRA, e o empurrar aqui ou seria para o caminho certo – o central-, ou para fora do caminho, para não sujar o caminho central, ou seja, ou se segue o que é considerado certo ou se é excluído, numa relação de CAUSA-CONSEQUÊNCIA e VIOLÊNCIA.

A RAIVA, sendo um fluido quente, pressurizado, dentro de RECIPIENTES-NOSSOS CORPOS, também pode EXPLODIR, causando FORÇA, VIOLÊNCIA. RAIVA É PARTE DO PRECONCEITO, talvez, seu elemento estruturante, pois nos incomoda aquilo que não está no “lugar certo”, ou que “está sujo”.

A partir da resposta da questão I ( quem sofre violência sente impotência, medo,dor, angústia), mesclando-a com a resposta da questão anterior ( superioridade é um sentimento de quem é agente da violência), podemos definir AGRESSÃO como ATO DE SUPERIORIDADE, PELO USO DA FORÇA, já que o ser humano que sofre a violência fica em desvantagem até no contexto espacial, pois geralmente QUEM AGRIDE ESTÁ POR CIMA E QUEM APANHA ESTÁ POR BAIXO. É essa posição que causa impotência, pois se perde força quando se está por baixo. Causa dor, que pode ser física ou moral. Que causa angústia, por se sentir impotente, por ter medo, contido. E novamente podemos ir para a interpretação de que esses sentimentos citados, envolvidos por quem sofre a ação, também têm relação com IMPUNIDADE, pois a impotência de não poder fazer nada para combater é a palavra em destaque como mais importante sentimento de quem sofre a violência.

Este participante demonstra empatia quando mostra a possibilidade de perdoar, desde que haja lamento. Segundo o adolescente, todos merecem perdão. Este é uma ação divina, que sempre nos foi passada como superior, vale então ressaltar: PERDOAR É ATO DIVINO. Ainda seguindo um prisma religioso, ao descrever sobre violência, em A4o, o participante cita que todos somos iguais, tendo certos defeitos- remetendo á ideia cristã de que somos irmãos, que devemos nos tratar como iguais.

Seguimos então com a análise de seu texto:

*Violência é um dos grandes problemas mundiais (a). Ele é praticado de várias maneiras, tanto física quanto sentimental (b). Um filme que retrata sobre um tipo de violência ele se chama Bullying Virtual (c). Onde uma jovem americana é violenciada na internet por*

Percebemos presente a relação BULLYING-VIOLÊNCIA neste grupo de participantes, aparecendo em mais de um questionário respondido, sendo um dos exemplares típicos da categoria, numa tentativa de estruturá-la.

Para a participante, de acordo com a sequência B4a, VIOLÊNCIA É PROBLEMA, é como VIOLÊNCIA É EPIDEMIA, já que é mundial. Por ser EPIDEMIA, logo, é DOENÇA, já que pode ser evitada. Também podemos considerar a hipótese de Feltes (2007) de que VIOLÊNCIA É COISA, como se fosse possível ver (e aí COMPREENDER É VER), ou conter, conforme já apontamos na tese.

Pela leitura da sequência B4b, é possível uma interpretação de relação entre ATO e VIOLÊNCIA, mostrada anteriormente. Pensar em ATO FÍSICO ou ATO EMOCIONAL caracteriza que VIOLÊNCIA É PRATICADA, portanto, tem AGENTE, PACIENTE, e atinge física ou emocionalmente: CAUSA DANO FÍSICO E DANO MORAL

O participante segue sua descrição sobre “um filme que retrata”, como se filme fosse sequência de retratos, de fotografias ( justificando-se o uso da palavra “retrato”- trazendo uma ideia de fidelidade à realidade, já que é seu retrato, seu reflexo) . E é interessante, ao pensarmos na sequência B4c, que há vários tipos de violência e dentre eles BULLYING VIRTUAL, reforçando que DANO MORAL é VIOLÊNCIA, mesmo quando o PACIENTE é atingido indiretamente. A relação de agressão embora não seja no plano real por ser virtual, é descrita como um frame real, onde um AGENTE ATACA UM PACIENTE, CAUSA DANO.

Resumindo então o instrumento respondido, podemos perceber que a participante 4 relaciona VIOLÊNCIA com AGRESSÃO, ATO COM DANO ( FÍSICO OU MENTAL). VIOLÊNCIA envolve CONTATO, FORÇA, mesmo que seja contra si, embora quando contra outro é considerado, numa escala, como ato mais violento. Há, para o participante a ideia de que quem agride está POR CIMA e quem é agredido está POR BAIXO, o que torna o primeiro SUPERIOR, e o último IMPOTENTE. Mas, mesmo assim, se quem está POR CIMA, se redimir, se colocando na mesma posição, pode ser perdoado. O participante demonstra empatia por quem comete ato violento, quando há seu arrependimento.

### **Participante 5:**

“Sangue”, “armas”, “esquartejamento”, “fogo”, “cirurgia” são as palavras que vêm à mente quando o participante 5 pensa em VIOLÊNCIA. Podemos enquadrar SANGUE e FOGO como PARTES, PRODUTOS DA CENA DO ATO DE VIOLÊNCIA, e ARMAS

como INSTRUMENTO (FOGO também pode ser visto como INSTRUMENTO- seriam ambos CAUSA E EFEITO).

Podemos enquadrar em uma mesma esfera ESQUARTEJAMENTO e CIRURGIA, pois pensando em espaços mentais, espaços de mescla, ambos são relacionados, envolvendo cortes especiais do corpo humano. ESQUARTEJAMENTO está na segunda resposta como que mais se relaciona com VIOLÊNCIA (portanto, poderíamos pensar em CIRURGIA também, mas esta remeta à cura, enquanto o ESQUARTEJAMENTO remete à morte). O SANGUE é o outro item escolhido como mais relevante dos citados quando pensa em VIOLÊNCIA. E a explicação para a escolha é a mesma já fornecida aqui: é PRODUTO da VIOLÊNCIA. O ESQUARTEJAMENTO e o SANGUE são vistos pelo participante como RESULTADO DA VIOLÊNCIA, ou seja, o ESQUARTEJAMENTO mesmo sendo ação também é o resultado. E é tão estreita a linha entre este item com CIRURGIA, que na questão seguinte, em que se pede para graduar do mais violento até o menos violento, CIRURGIA aparece em primeiro na escala; em segundo, ESQUARTEJAMENTO, tendo na sequência FOGO, ARMAS, SANGUE.

A VIOLÊNCIA é percebida como uma COISA, ou ENTIDADE: “é algo que machuca as pessoas, animais, quebra coisas”- ou seja, parece ter vida própria. Ao mesmo tempo, sai de dentro do ser humano: “é um impulso ou muito bem planejado e com fins..que podem ou não ser efetivos (funcionarem)”, o que evidencia aqui que pode fazer parte de um plano- racional, portanto- e que para tal precisa ser executado e atingir seu objetivo- no caso, ser efetivo, bem planejado:

A VIOLÊNCIA COMO ATO PENSADO É EFETIVA

E

A VIOLÊNCIA COMO ATO IMPENSADO NÃO É EFETIVA.

A VIOLÊNCIA é comparada com CRIME, um ato, ou consequência, descreve o conceito; e aqui novamente aparece a POLÍCIA como CAUSADORA, AGENTE DE VIOLÊNCIA, mas que não deveria ser assim vista quando “está a serviço” (reforçado com a expressão “mesmo quando” em “mesmo quando a polícia bate em um ladrão, para mim, isto é crime”) A polícia é o “lado bom” e o ladrão é o “lado ruim” da moeda. Assim, para combater a violência do ladrão, poderia ser considerado legítimo o uso de violência- é novamente a discussão sobre “os fins justificam os meios”; mas a questão é: quando a violência é por boa causa é aceita? Aqui, o participante se coloca como contrário, mas possibilitando a interpretação de que isso é aceitável, pois há licença com a expressão “mesmo que seja um ladrão”.

O participante mostra pouca empatia para com o agente da violência na questão G, ao listar como sentimentos que se relacionam com quem pratica violência PENA, COMPAIXÃO, PATÉTICO, IGNORANTE, BURRO. Percebemos que há também (ou talvez apenas) sentimento de superioridade, pois quem sente pena ou compaixão é porque está em uma posição melhor do que o outro. Em vez de somente sentimentos, foram descritos adjetivos, que são utilizados para reforçarem a ideia de que o praticante de violência é inferior cognitivamente, sendo, portanto, marginal à sociedade, visto que esta cobra pessoas inteligentes, cultas; o sentimento de destaque reforça esse grau de superioridade: PENA. Há, portanto, pouca empatia, num sentido não de se colocar e entender o que o outro fez, mas num sentido de que o agente da violência é inferior, é um coitado, portanto, está abaixo, é desconsiderado, de qualquer forma, é PERIFERIA, MARGINAL. Essa noção de superioridade é percebida na resposta da questão “k”, em que o participante afirma que quase todos tipos de violência podem ser perdoados, “pois pessoas ignorantes não deviam ser levadas a sério”.

Ao descrever palavras que se relacionam com sentimentos de quem sofre violência, o participante cita: “injustiça”, “vingança (não física)”, “compreensão ( de uma certa forma)”, “pena”, “raiva (um pouco)”. Com INJUSTIÇA podemos pensar novamente que caímos no campo semântico da IMPUNIDADE. Até agora é nítido que todos entendem que quem pratica violência precisa ser punido. O interessante nesse participante é que a PUNIÇÃO, a VINGANÇA, é sugerida de forma não violenta, sendo destacada a COMPREENSÃO, mostrando que:

QUEM COMPREENDE ACEITA

QUEM ACEITA RELEVA

QUEM RELEVA PERDOA

QUANDO PERDOAMOS QUITAMOS A DÍVIDA, O ÔNUS DA VIOLÊNCIA

Não é perdoável para o participante apenas o que realmente foi sem motivo (ou seja: se há motivo, pode haver violência). A ideia de VIOLÊNCIA relacionada com IGNORÂNCIA aparece novamente na última resposta do participante, que afirma que “as pessoas apenas são ignorantes para se acalmar e cuidar de situações de modo que não machuque ninguém”. CALMA é para os providos de inteligência, que sabem resolver problemas sem machucar. Os ignorantes não conseguem, segundo o participante.

Sua produção textual, para a atividade B, segue aqui:

*Numa favela, policiais estão em um tiroteio com traficantes. Na minha opinião isso é*

*gasto de dinheiro. Armas de fogo não devem parar na mão de pessoas. 1º porque são impulsivas(b). 2º porque não tem como provar se são ou não ignorantes até já ser tarde demais (a). Os traficantes estão se protegendo ao comprar armas, e os policiais pensam que também estão. Mas quem começou com isso? Quem foi a pessoa que não teve fé em seu cérebro e inventou uma arma (c)? Quem viu utilidade para algo que (na hora) não havia. Porque ele queria atirar em alguém que não tem uma arma?(d)*

Novamente, em destaque a noção de CENTRO-PERIFERIA e de MARGINAL, como ALGUÉM LONGE DO CENTRO. Aliás, quem está dentro deste é que tem poder de decisão, percebido isso na sequência B5a: não tem como provar se são ou não ignorantes até já ser tarde demais, que dá a entender, além da relação de que violência envolve tempo, além de espaço, que o CENTRO- os inteligentes, superiores- é que testa, comprova a ignorância dos outros. Aliás, IGNORÂNCIA é relativa à VIOLÊNCIA de novo. A afirmação pode ser corroborada com a sequência B5b: 1º porque são impulsivas e com a sequência B5c: Quem foi a pessoa que não teve fé em seu cérebro e inventou uma arma?. É possível afirmar, portanto, que o participante considera que VIOLÊNCIA É FALTA DE INTELIGÊNCIA.

O cenário da violência proposto para este participante, de acordo com a interpretação de sua escolha lexical, envolve:

LOCAL: favela

AGENTE: traficantes e policiais

INSTRUMENTO: armas

DANO: físico

PACIENTE: traficantes e policiais

A ideia de VIOLÊNCIA COMO DEFESA prepondera tanto na sequência citada, como na sequência B5c: Porque ele queria atirar em alguém que não tem uma arma?

Para o participante, há em jogo POLÍTICA também quando se questiona gasto de verba pública, ou razão para a criação de armas.

Parece que a CAUSA da VIOLÊNCIA é também seu INSTRUMENTO, na medida em que podemos entender que a ARMA- que é utilizada em um cenário de violência como instrumento- é a causa da violência também, pois é utilizada como proteção, e se ninguém a usasse, não ocorreria DANOS. A ideia do participante é de que não deveriam existir armas, para não se propiciar um cenário de violência, com papéis misturados, já que o AGENTE pode ser PACIENTE, pelo risco de usar ARMA de forma errada, por impulso. O participante ao citar que quem usa arma é ignorante, impulsivo e ao citar que armas não devem parar na

mão de pessoas, acaba generalizando estas que usam como todas ignorantes, impulsivas.

Resumindo a posição deste participante, podemos supor que VIOLÊNCIA É ATO-PRODUTO. VIOLÊNCIA É UM OBJETO QUE SEGUE UM PERCURSO. Violência é provocada por ignorantes, portanto, longe do CENTRO, que é a inteligência humana, e perto da PERIFERIA, onde estão os MARGINAIS da sociedade. VIOLÊNCIA É IGNORÂNCIA domina o discurso deste participante, mostrando por isto certa empatia para com quem comete o ato violento, na medida em que este é um “coitado não- domesticado”.

### **Participante 6:**

“Agressão”, “bully”, “raiva”, “brutalidade”, “ignorância” são as palavras que vêm à mente do participante 6 quando ele pensa em VIOLÊNCIA. O conceito IGNORÂNCIA aparece novamente como relacionado com VIOLÊNCIA e é, inclusive, selecionado como destaque, juntamente com AGRESSÃO. A explicação é porque “quem agride é ignorante, as pessoas não tem culpa de serem ignorantes”.

Na escala de mais violento a menos, ESTUPRO está no topo, sendo seguido por TORTURA, ASSASSINATO, ESPANCAMENTO, AGRESSÃO, todos conceitos relacionados à ATOS, com DANOS FÍSICOS e uso da FORÇA.

O participante compara VIOLÊNCIA com RESULTADO, com INSTINTO, FADIGA DE ESTRESSE. Ou seja, só pratica violência que está com muito estresse, e aí seu instinto- já que é ignorante, portanto, mais irracional- toma posse e há uma exacerbação de reação, causando como resultado VIOLÊNCIA. É o STRESSE COMO DOENÇA que causa DANO MENTAL, ou o ESTRESSE COMO FLUIDO QUENTE QUE EXPLODE QUANDO PRESSURIZADO NO RECIPIENTE- no corpo.

Os sentimentos que o participante relaciona com quem pratica violência são: TRISTEZA (corroborando que há uma situação anterior, que pode ser o estressor, que causa tristeza), TIMIDEZ ( a violência pode ser um escape, uma forma de se mostrar forte), RAIVA, SOLIDÃO ( falta de companhia- companhia é amor, como já apontado), REVOLUÇÃO (não é um sentimento, mas pode ser uma sensação- difícil definir o que é emoção, sentimento, sensação, pois são conceitos abstratos relacionados, como vimos, mas podemos afirmar que REVOLUÇÃO é uma palavra que descreve uma emoção, que bem provável é de irritação, raiva, sensação de injustiça). VIOLÊNCIA aqui tomada como ATO DE REVOLUÇÃO parece remeter a causas sociais, políticas, e se assim é, fica mais fácil aceitar, pois é para EQUILIBRAR A JUSTIÇA MORAL-SOCIAL. Assim, parece haver empatia para com quem comete ato violento.

Quem sofre a violência sente RAIVA, TIMIDEZ, SOLIDÃO, FADIGA, DOR. Sensações, sentimentos considerados negativos. A timidez novamente aparece, levando a refletir por que sofrer violência causaria timidez- talvez, devido a vergonha de ter sido exposto, de ser o fraco- de estar por baixo.

Para o participante, podemos perdoar a violência desde que não haja sequelas e que o agressor se arrependa- é a segunda chance. Mas não é aceitável violência extrema sem propósitos. É possível inferir que com propósito pode, aliás, é possível retomar REVOLUÇÃO, na medida em que o participante permite entender que quando em benefício de mais gente, é aceito- ou seja, A REVOLUÇÃO É JUSTA (podemos puxar para cá a produção do participante 1 sobre ditadura). Quando é só para seu próprio benefício, segundo o participante, “é ‘mau-caratismo’ ou até psicose, virando doença, não mais justiça”. O adolescente defende em sua última resposta que é contra violência, mas que não deixará de usar se for para sobrepôr, para caso de opressão, vinculando a VIOLÊNCIA com questões políticas, econômicas e sociais, relacionando com MELHOR É PARA CIMA, quando cita que é preciso sobreposição, sair de BAIXO, que é condição INFERIOR, e que é sufocante, já que somos RECIPIENTES e este tipo de CONTATO, DE FORÇA GRAVITACIONAL nos oprime. Indo além, podemos lembrar a metáfora do Self, por ter aqui a percepção do Sujeito como Self e da importância do CONTROLE do SELF.

Passamos para análise de seu texto, então:

*Violência é qualquer ação que pode ferir alguém física ou psicologicamente(a). Já vi um vídeo na internet, da DeepWeb, a área perigosa da internet(b). Nele uma garota de 16 anos foi morta por um baboíno com os pelos depilados o vídeo é rela. Procure se informar. Outro que vi foi um adulto da 36 pedaços de pão com carne para um cachorro até que ele não aguenta mais. Banqueiros controlam boa parte do mundo. E agem violentamente com o poder deles, apenas para questões pessoais ou jetskis bobos.As vezes acho que violência é da natureza humana e que tentamos controlar tanto isso que as vezes “explodimos” de raiva e cometemos coisas que não queríamos. Como ficar bêbado e se arrepender depois.*

O texto do participante 6 é rico para exploração semântica. Começamos então pela sequência B6a: Violência é qualquer ação que pode ferir alguém física ou psicologicamente. Nesta sequência VIOLÊNCIA É ATO, CAUSA DANO FÍSICO E EMOCIONAL, tem AGENTE, PACIENTE. Na sequência B6b: a área perigosa da internet, o participante apresenta a internet como local físico, real, na medida em que a chama de “área”, e ao

qualificar como “perigosa” além de ratificar essa concretude do espaço virtual, também traz um conceito relacionado à VIOLÊNCIA.

A partir daí, o participante cita vários exemplos- casos (que são oriundos de internet, de uma área perigosa, o que podemos entender como proibida, incomum, assustadora, portanto, são casos não típicos, já que os casos que ele cita não seriam os exemplos mais comuns, mais salientes da categoria). O primeiro exemplo de situação, de cena é a de uma garota sendo morta por um babuíno. Aqui o ser irracional controla o racional, ficando numa posição superior, portanto, AGENTE da violência. Após, é descrito o contrário: o homem atuando como AGENTE, o racional é quem controla o irracional- o que torna chocante a descrição da cena, na medida em que inverte o papel lógico da natureza, apresentado no exemplo anterior, e, como vimos até agora, podemos concluir que para o participante VIOLÊNCIA É IGNORÂNCIA, ou seja, é IRRACIONAL, pois vendo um ser racional cometer ato tão violento contra quem é indefeso- irracional de fato, parece mais violento do que o contrário, pois é uma escolha por sadismo, não por um instinto. O animal aqui serviu de RECIPIENTE com a META de ser explodido.

Falando ainda em CONTROLE, temos a citação dos banqueiros, e aí vem de novo a relação de VIOLÊNCIA e POLÍTICA, numa mesma relação de poder, de controlar, por estar POR CIMA ( na nossa sociedade capitalista QUEM TEM DINHEIRO TEM PODER, QUEM TEM PODER ESTÁ ACIMA, QUEM ESTÁ POR CIMA, CONTROLA). O participante considera banqueiro AGENTE da violência, pois oprime quem está por baixo, causa dano, e de forma racional, por prazer, não instinto ( é citado até a compra de Jet ski, mostrando como motivo de violência benefício próprio).

Com esse balanço entre racional e irracional, o participante traz a ideia de que é da natureza humana ser violento, como é dos animais e que na verdade, por termos sido domesticados- de novo, comportamento social- acabamos contendo em nosso RECIPIENTE-CORPO, esse instinto, que tem, para o participante, ligação com RAIVA; porém, como é difícil o CONTROLE DO SELF, como a RAIVA É UM FLUIDO QUENTE PRESSURIZADO, acabamos por EXPLODIR, e se não com violência, por outros meios que também não são desejados (VIOLÊNCIA, POR SER CONTROLADA, É RUIM, NÃO DESEJADA). Entra aqui a associação da BEBIDA com VIOLÊNCIA:

BEBER É COMETER VIOLÊNCIA ( que pode ser contra si apenas, ou contra os outros, é como CAUSA-EFEITO, por isso é considerado errado pelos valores morais).

Resumindo as observações feitas, este participante mostra-nos que VIOLÊNCIA É IGNORÂNCIA e que atos violentos podem ser perdoados, mesmo causando DANO FISICO

ou MORAL, pois são frutos de nossa explosão enquanto seres contidos, enquanto RECIPIENTES CHEIOS DE RAIVA PRESSURIZADA, que tem seus instintos controlados por regulação cultural e social.

### **Participante 7:**

“Tristeza”, “ignorância”, “desrespeito”, “raiva”, “dor” são as palavras evocadas ao pensar em violência, para o participante 7. Repetem-se as já apresentadas: RAIVA, IGNORÂNCIA; mas como destaque ganha relevo TRISTEZA, DOR, ou seja, não são os atos que são mais remetidos aqui quando pensa em violência, mas os sentimentos. E a explicação é justamente nesta linha, de que há um DANO, mais muito mais MORAL do que FÍSICO. Tristeza e dor são definidos pelo participante como sentimentos que ninguém merece.

Na gradação de mais violento a menos violento estão citados: MORTE, TORTURA, ESTUPRO, ESPANCAR, PALAVRAS. Aqui, exceto o último conceito, todos são ATOS QUE CAUSAM DANO FÍSICO. Porém, o DANO MORAL é novamente ressaltado na questão E, quando o participante afirma que VIOLÊNCIA é quando uma pessoa é humilhada, machucada externa e internamente. E os sentimentos parecem ser mesmo o pano de fundo para o participante, ao pensar em violência, pois até na comparação com outro conceito, ele cita DESAMOR.

Os sentimentos relacionados a quem pratica VIOLÊNCIA são para o participante: NOJO, PENA, RAIVA, MEDO, PREOCUPAÇÃO. Estes dois últimos se enquadram na questão já apontada de IMPUNIDADE em nosso país. Há uma mistura de sentimentos aqui, em que PENA está junto com NOJO e com RAIVA. NOJO envolve regulação social, emoção moral. PENA cai dentro de EMPATIA novamente, mas como já explicamos uma empatia relativa, pois não se coloca no lugar do outro, e sim na posição de superioridade. Empatia, para lembrar, é quando sentimos o mesmo que o outro, quando nos colocamos na pele do outro. E PENA não é o que o outro de fato costuma sentir, mas quem está simpatizando com a cena. Simpatia, portanto, é diferente de empatia. Apenas aproximamos o conceito PENA com empatia, pois é uma tentativa de solidariedade com quem sofre a ação. No entanto, o destaque dado pelo participante acerca destes sentimentos de quem sofre a ação foi para PREOCUPAÇÃO, reforçando a IMPUNIDADE, pois nos preocupamos com aquilo que nos deixa inseguros, como a questão da violência, que pelo que percebemos está mais relacionada para este grupo com problemas sociais- assalto, tiroteio, tráfico, por exemplo, e podemos supor que IMPUNIDADE tenha relação com INSEGURANÇA e, por conseguinte, com PREOCUPAÇÃO ( preocupação em sair de casa, em estacionar o carro, em sair à noite, por

exemplo, são preocupações atuais na sociedade, principalmente no que concerne à classe média e à classe alta dos cidadãos. Os adolescentes deste grupo fazem parte deste todo citado).

Há empatia com quem sofre a violência, já que há PENA, VONTADE DE AJUDAR, AFLIÇÃO, AGONIA, TRISTEZA. O participante se coloca no lugar da vítima, pensando na AGONIA, AFLIÇÃO e na TRISTEZA.

O participante cita como não aceitável o marido que bate na mulher, expressando que esta não deve aceitar, embora afirme que nada é imperdoável. Para defender seu posicionamento, cita que perdoar não tem a ver com aceitar, com concordar ou relevar. Utiliza a palavra “acho” para apontar uma possibilidade de não perdoar agressão física, já que sabe, segundo sua resposta, que esta é causada pela RAIVA, mas que isso não dá o direito de ser CRUEL. Ou seja, parece que para o participante perdoar não significa aceitar e permitir que continue sofrendo violência, mas significa compreender o motivo, que talvez seja por aquele “fluido pressurizado dentro do recipiente corpo”, que acaba perdendo o controle e explodindo.

Ao definir VIOLÊNCIA, o participante a trata como um instrumento de movimento, que faz um trajeto de ORIGEM-PERCURSO-META, pois afirma que “violência não leva a nada nem ninguém a lugar algum”. Pensando em um veículo, que leva pessoas para algum lugar, e, que no caso, o destino é o nada. Há o uso de “arma” como metáfora para CARINHO ( “a maior e melhor “arma” do ser humano é o carinho), relacionando o item lexical com referência positiva, pois quando pensamos em ARMA, associamos com TIRO, MACHUCADO... A ideia pode ser pensada aqui não como instrumento para atingir uma meta ( não como instrumento para acertar um tiro em alguém, o que seria ruim), mas como instrumento para “encostar em alguém”, estabelecendo CONTATO.

ARMA É INSTRUMENTO

ARMA ENVOLVE AGENTE E PACIENTE

AGENTE FAZ CONTATO COM PACIENTE VIA ARMA

ARMA ATINGE PACIENTE

CARINHO É ARMA

CARINHO ENVOLVE AGENTE E PACIENTE

CARINHO FAZ CONTATO

CARINHO ATINGE PACIENTE

Seguimos, agora, à análise de seu texto:

*Violência só existe(a) porque as pessoas não tem paciência nem para entender, ou*

*procurar entender a si mesmo, muito menos o outro. E porque a falta de orientação é enorme.*

*Para mim, as pessoas precisam entender que não tem o direito de agredir o próximo. Entender que todos tem o direito de ter raiva mas isso não te dá o direito de ser cruel, e ser cruel não te acrescenta nada, bem pelo contrário.*

*Violências do tipo animais sendo torturados, meninas pequenas sendo estupradas, homens que batem em suas mulheres, episódios assim, que vemos na TV, me deixam triste. E desejo que um dia isso tudo acabe. Que as pessoas entendam sua maior e melhor “arma” é o carinho*

O seu texto apenas ratifica sua posição de que SENTIMENTOS são dominantes na estruturação do conceito VIOLÊNCIA. Novamente, a RAIVA aparece como a “combustão” para a “explosão” no comportamento, seria o elemento base do ato de violência.

VIOLÊNCIA, de acordo com a sequência B7a, existe no mundo, como se fosse OBJETO. A falta de paciência, de orientação, é que colabora para o problema. Aqui, há a metáfora COMPREENDER É VER em jogo, marcada pelo uso de “procurar” como se entender algo (no caso, “si mesmo”) fosse encontrar algo (a participante sugere “procurar entender”, ou seja, ainda não encontrou).

Pensando em “falta de orientação”, retomamos com a metáfora AMOR É UMA VIAGEM, aliada com FELICIDADE É O CAMINHO. Ao seguirmos um trajeto de forma tranquila, sem obstáculos, chegaremos ao destino que queremos, a FELICIDADE. Porém, para isso, há um percurso, e se não há orientação, bússola, nos perdemos no caminho, nos afastando assim da FELICIDADE, o que pode então nos levar à RAIVA, que por sua vez, desencadeia a VIOLÊNCIA. RAIVA parece, para o participante, sentimento inato, humano, mas que precisa ser contido e não “explodido” em outro, o que levaria à crueldade. CRUEL parece ser um sentimento, um OBJETO, que colocamos dentro de nosso RECIPIENTE, de nossa mente, de nosso corpo.

Se pensarmos pelo viés de MAIS É MELHOR, um OBJETO aumentaria o volume do recipiente, o nosso volume, deixando mais cheio nosso espaço. Como o participante cita que “não acrescenta em nada, bem pelo contrário”, fica evidente que o MAIS não é MELHOR, em relação à VIOLÊNCIA, mas PIOR, porque, nas vias de fato, VIOLÊNCIA não enche o recipiente, já que não acrescenta nada.

O participante cita na sequência de seu texto exemplos de cenas violentas, descrevendo AGENTES, PACIENTES, DANOS FÍSICOS, todos distantes dele- pois é visto na TV. O sentimento de tristeza aparece como CAUSA-EFEITO. E novamente, finalizando

seu texto, o participante reutiliza a metáfora do carinho como arma, já explanada anteriormente.

Podemos concluir então que este participante relaciona EMOÇÕES com VIOLÊNCIA, que somos cada um de nós um RECIPIENTE cheio de RAIVA, mas que não podemos explodir, pois atinge o outro, causando DANO FÍSICO e MORAL.

### **Participante 8:**

“Assassinato”, “morte”, “estupro”, “xenofobia”, “favela-tráfico” são as palavras que vêm à mente do participante 8 quando pensa em VIOLÊNCIA. “Tráfico” e “estupro” são consideradas as mais importantes, porque “tráfico gera violência, mortes, assassinatos. Estupro uma maneira de violentar, machucar e se abusar de outro indivíduo”. A relação entre TRÁFICO e MORTE e VIOLÊNCIA, como ORIGEM-PERCURSO-META já foi apontada anteriormente. ESTUPRO visto como abuso é remeter a DANO MORAL, além de FÍSICO e também já foram mostrados seus possíveis acarretamentos.

Na escala de gradação, ASSASSINATO é o primeiro, é o ato mais violento, seguido de ESTUPRO, GUERRAS-CONFLITOS, TRÁFICO, ABANDONO. Aqui, além das já citadas palavras, que remetem a ATO, há uma relação com problemas políticos e sociais (GUERRAS-CONFLITOS, ABANDONO).

Ao definir VIOLÊNCIA, o participante percebe o conceito como se estivesse em um CANAL (metáfora do canal): “Violência passa sentimentos ruins”. Crê-se que quem os recebe somos nós; há um receptor, uma origem, um percurso, e uma meta, um alvo. VIOLÊNCIA está relacionada a : “ATOS VIOLENTOS, ATOS QUE MACHUCAM, ATOS QUE VIOLAM A LEI”, estando em jogo DANOS FÍSICOS e DANOS MORAIS, relacionados a ATOS.

Para o participante 8, os sentimentos que se relacionam com quem pratica a violência são: RAIVA, ÓDIO, VINGANÇA, PODER- INDIVIDUALISMO, SOLIDÃO. A violência é percebida então como consequência, como reação. E, novamente, aparece a ideia de poder. E o participante coloca individualismo e solidão que podem ser remetidas ao citado anteriormente FALTA DE CONVERSA (o que conseguimos relacionar com VIOLÊNCIA anteriormente). RAIVA novamente é destaque aqui.

Já em relação a quem sofre violência, o participante lista os sentimentos MEDO, PARANOIA, VINGANÇA, BAIXA AUTOESTIMA, RECEIOS, todas como consequência, parece que há um receio de ocorrer novamente- o que reforça a ideia de IMPUNIDADE. Pela sua escolha lexical, parece haver empatia para com quem sofre violência, pois todos sentimentos são do PACIENTE, portanto, o participante está de fato se colocando no seu

lugar.

É possível, para o participante, perdoar a VIOLÊNCIA VERBAL, por considerar “todos um pouco violentos nos momentos ruins”; mas não é possível perdoar ASSASSINATO. O que o participante defende é que PALAVRAS AGRESSIVAS são diferentes, menos graves de ATOS, pois estes em forma extrema afasta a pessoa deste lugar em que vivemos, na relação LIGAÇÃO- CASAMENTO. É a SEPARAÇÃO, portanto, segundo seu comentário: “Por exemplo, se matam um familiar, ninguém vai trazer ele de volta, com o tempo tu vai superar, mas não vai esquecer nem perdoar”. É uma separação marcada pela distância física e contínua, sem nova aproximação.

Retomando com a questão de que para algumas pessoas violência justificada é aceita- daí paradoxalmente não é violência-, o participante aqui se posiciona na linha de que o agressor precisa ser castigado ( e aqui não está “punido”, e sim “castigado”- remetendo aos conceitos bíblicos) , mas a **pior** forma de castigo seria a pena de morte, explicando justamente essa dualidade de combater a violência com violência extrema, pois pior do que ATO, seria a EMOÇÃO envolvida, como se o sentimento, a emoção ruim causada pela violência fosse circular, ciclável: “ se tu matar, vai estar gerando mais sentimentos ruins e se igualando a ele”. O ATO é ligado ao SENTIMENTO. Além disso, ao citar “se igualando a ele”, é mostrado que quem pratica violência está num nível inferior, como já foi apontado nas outras análises.

Analisando seu texto:

*Violência significa agredir seja fisicamente, verbalmente, diretamente ou indiretamente. Violência está presente em todos os sentimentos que tem como objetivo machucar o outro(d). Episódio: na rua da minha casa tem um mendigo(b), e ele sempre me acompanha da esquina até a frente do prédio. Certo dia ,eu tava conversando com ele no portão (eu dentro e ele fora)(a) e chegou uma vizinha e enxotou ele com as seguintes palavras “xô,xô,xô”(c). Apenas porque ele estava atrapalhando a passagem dela. Fiquei sem reação na hora e ele agiu normalmente, chegando um pouco para o lado. No outro dia fiquei tão abalada com o fato que me senti na obrigação de ir pedir desculpas pela minha vizinha. Q que ele falou foi que estava tudo bem, não era para eu me preocupar, afinal ele já estava acostumado com este tipo de atitude em relação a ele(e).*

Este texto reflete a relação hipotética desta tese, de que há o CENTRO e a PERIFERIA, que é MARGINAL à sociedade. Essa relação entre MAIS CENTRAL- MAIS IMPORTANTE e MARGINAL-MENOS IMPORTANTE é permeada pelas grades e muros

que citamos já no trabalho. O frame aqui é nítido: há um muro que separa o “marginal” do cidadão central- do cidadão, melhor dizendo. A sequência B8a evidencia isso: eu tava conversando com ele no portão (eu dentro e ele fora). A pessoa que é considerada vítima pela sociedade é quem está presa, e o “marginal” é quem está solto. Aliás, pela sequência B8b, percebemos que o participante considera “mendigo” como melhor exemplo típico do estereótipo “marginal”, do que se fosse “menino de rua”, por exemplo, ou simplesmente “menino”. O estereótipo é utilizado para realmente marcar as posições de cada um nos papéis que lhes cabem nesse frame, pois o objetivo do participante é mostrar que o “marginal” é desconsiderado como “pessoa”, sendo retratado na cena metonimicamente como animal, como notamos na sequência b8c: chegou uma vizinha e enxotou ele com as seguintes palavras “xô,xô,xô”. A continuação do texto, explicando que era “apenas porque estava atrapalhando a passagem” reforça mais ainda a cena e o papel de cachorro. Há aqui uma possível utilização da referência feita sobre a intersecção entre metáfora e metonímia, se pensarmos que o cachorro, o animal, quando enxotado, sai com o rabo entre as pernas, demonstrando acanhamento. O menino de rua aqui parece estar nessa posição. E, como o participante mostrou em seu questionário, ele tem empatia para com este que é considerado AGENTE da violência pela sociedade. As relações estabelecidas pelo participante entre CAUSA e CONSEQUÊNCIA da VIOLÊNCIA são permeadas por EMOÇÕES. Os DANOS são MORAIS, além de FÍSICOS, sendo mais presente no discurso do participante o primeiro tipo de dano. Isso fica evidente na sequência B8d: Violência está presente em todos os sentimentos que tem como objetivo machucar o outro. Há a noção de que SENTIMENTOS SÃO RECIPIENTES, VIOLÊNCIA É FLUIDO. VIOLÊNCIA ESTÁ DENTRO DOS SENTIMENTOS. QUEM PRATICA VIOLÊNCIA TEM COMO META MACHUCAR, é encostar em alguém para causar dano- para QUEBRAR. O CONTATO é negativo, portanto, é pra derrubar, lembrando que RUIM É PARA BAIXO.

Pensando ainda em DANO MORAL, o participante sentiu empatia para com o morador de rua ao se colocar no lugar dele e por isso se sentiu na obrigação ( DISCIPLINA É RETIDÃO; SER RETO É SER MORAL) de pedir desculpas. A reação descrita pelo morador evidencia que ele também domina esse jogo social, em que seu papel é de MARGINAL na cena, conforme percebemos na sequência B8e, em que se diz “acostumado” com a situação: que ele falou foi que estava tudo bem, não era para eu me preocupar, afinal ele já estava acostumado com este tipo de atitude em relação a ele.

Como percebido, o participante 8 relaciona EMOÇÃO com VIOLÊNCIA. Todo seu

discurso permeia para essa aproximação entre DANO MORAL e AGRESSÃO INDIRETA.

Há marcada empatia para com quem sofre violência. E neste caso, o participante reconhece que aquele considerado VIOLENTO pela sociedade, por estereótipos sociais (MARGINAL é associado à VIOLENTO), também por vezes é PACIENTE da violência, sofrendo DANOS MORAIS.

O texto lido é significativo para tese, pois logo vem à tona a imagem do segundo grupo de participantes, que vive diariamente nesta condição de à parte do CENTRO. E, assim como o grupo em questão, o menino da história parece aceitar sua condição de “animal”, aceita ser enxotado, como se estivesse no caminho do “cidadão”. Já é de conformidade pela maioria do segundo grupo de participantes esse papel de “inferiores” na escala humana. Os que reagem a isso acabam optando pela ilegalidade a fim de chegarem mais rápido ao objetivo de se igualar aos que se consideram mais CENTRAIS. Numa sociedade em que medimos PESSOA com BENS, em que SER É TER, é compreensível de certa forma essa inserção no mundo do crime, do tráfico, pois é a única forma de “ganhar respeito”, quando se pensa que

TER ARMAS É PODER

TER PODER É SER AUTORIDADE

SER AUTORIDADE É TER RESPEITO.

Ao dizer que o menino sempre a acompanha, e que foi até ele para pedir desculpas, a entrevistada mostra sua RELAÇÃO ESPACIAL com o mendigo. Neste contexto, podemos pensar na forma positiva de EFEITO EMOCIONAL É CONTATO FÍSICO, indicando a metáfora: ESTADOS SÃO LUGARES. Como o objetivo da entrevistada era proteger, ajudar o menino, ela se posicionou para tal, mudando o seu lugar de origem, o que nos faz pensar também na metáfora AÇÕES SÃO MOVIMENTOS PARA UM DESTINO, já que ela saiu do seu espaço e foi em direção a outro, a fim de mostrar LIGAÇÃO.

O que notamos aqui é a possibilidade de conexão com o conceito AMOR, que é estruturado em termos do esquema de imagens de LIGAÇÃO, pois amar alguém é querer estar próximo. AMOR é entendido como RELAÇÃO.

O participante 8 traz, portanto, um dado político, social, cultural, mas principalmente sentimental-emocional que representa bem a distinção destes dois grupos selecionados: os que estão do lado de dentro do portão e os que estão do lado de fora.

### **Participante 9:**

“Injustiça”, “irritação”, “desrespeito”, “grosseria”, “agressão” são as palavras quem vêm à mente quando o participante 9 pensa em violência. Percebe-se que, exceto “agressão”,

os itens lexicais mencionados não se referem a ATOS FÍSICOS, mas DANOS MORAIS. Além disso, há o sentimento, a sensação de IRRITAÇÃO, que nos remete á RAIVA. O item INJUSTIÇA dá a ideia de DANO MORAL na medida em que alguém é prejudicado por outro. Mais do que ATO, o participante ao escolher palavras que mais se relacionam com VIOLÊNCIA, seleciona DESRESPEITO e GROSSERIA, reforçando a tese de que a VIOLÊNCIA VERBAL também é VIOLÊNCIA. A defesa para a escolha se dá porque, segundo o participante, “ todos os tipos de violência envolvem desrespeito e grosseria, de alguma maneira”. É tão marcante essa posição, que na gradação do que é mais violento e do que é menos violento, o DESRESPEITO impera: “DESRESPEITAR QUEM ESTÁ PRÓXIMO”, “DESRESPEITAR QUEM ESTÁ MAIS DISTANTE”, “PEQUENAS AGRESSÕES DIÁRIAS”, “AGRESSÕES FÍSICAS”, “ACREDITAR QUE TODOS SERES VIVOS SÃO IGUAIS”. É notável que o DANO MORAL se sobrepõe ao FÍSICO e que aquele ainda pode ser graduado, na medida em que quanto mais direta é a vítima, maior o dano, pela escala fornecida pelo participante.

Ao explicar o que é VIOLÊNCIA, o participante trata tal conceito como existente no mundo concreto, como um AGENTE: “qualquer coisa que agrida algo ou alguém é violência”- como AGREDIR envolve AGENTE e PACIENTE, fica entendido que VIOLÊNCIA aqui é AGENTE.

Novamente entra em cena a palavra IGNORÂNCIA ao se referir aos sentimentos de quem pratica a violência. A palavra INDIFERENÇA pode ser relacionada ao DESAMOR, FALTA DE AMOR, expressões citadas anteriormente, na medida em que o contrário de AMOR seria a INDIFERENÇA, pelo senso comum. O ÓDIO pode ser relacionado à RAIVA. E é interessante perceber que pela primeira vez aparece aqui a noção de DEFESA, o que pode aproximar de uma possível empatia, na medida em que se aceita que é defesa, é porque não se condena a ação. Mas o sentimento que ficou como destaque é TRISTEZA.

Para quem sofre a violência, o participante cita os sentimentos de RESENTIMENTO, MÁGOA, ÓDIO, IMPOTÊNCIA, SOLIDÃO. Tal escolha ratifica a relação VIOLÊNCIA – DANO MORAL. A impotência novamente aqui presente pode ser relacionada com nosso sistema judiciário que envolve IMPUNIDADE, além de representar também FRAQUEZA, já que é estar POR BAIXO.

Ao pensar em perdoar ou não algum ato, o participante relaciona a decisão com a intensidade do que ocorreu. Quando há reparo do dano moral, não há porque não perdoar. Já aquela violência que jamais será reparada é imperdoável, pois o ato em si é racional, segundo o participante, é possível pensar antes de fazer qualquer coisa, o que ratifica sua gradação de

danos morais e afasta a interpretação de outras feitas anteriormente de que é IRRACIONAL o ato violento.

Agora, seu texto:

*Violência, sendo encarada como qualquer tipo de agressão, está em quase tudo nos dias de hoje. Para mim, o simples fato de passar-se por uma porta diariamente sem cumprimentar o porteiro é uma violência(f). Há também a violência escondida, como se o que é visto não fosse real, como é o caso de quase todas as pessoas que aparentam ser “evoluídas”, “civilizadas”, “respeitosas”(a), porém colabora, com esta violência escondida, camuflada. Não se pode matar, ninguém sairia pela selva atrás de uma presa(c), porém quase todos compram e consomem pedaços de vidas que foram destruídas brutalmente (d). Seres evoluídos, os humanos(b), que comem outros animais como se estivessem no meio da selva, precisando disso para viver.(e) As consequências são vidas tristes. A violência, de qualquer tipo, sempre gera algum tipo de sofrimento.*

VIOLÊNCIA É AGRESSÃO já foi referida pelo participante em seu questionário respondido. Na sequência, contradizendo que o ato é pensado, o participante com sua afirmação, nos faz pensar que há relação entre VIOLÊNCIA e IRRACIONALIDADE, INSTINTO, na medida em que coloca em seu texto o ser humano como “aparentemente” pensante, racional, ou seja, alguém que não deveria cometer violência- que até se diz contrário a isso, como bom cidadão (sequências B9a e B9b). Ao usar “aparente” já deixa pistas de que não se trata de fato de serem o que dizem ser os humanos e é nessa brecha que o participante estabelece o humano como irracional, como animal, pois compara o primeiro com o segundo na atitude irracional de matar uma presa- traz até o cenário de selva para reforçar essa atividade predatória, como percebido nas sequências B9c, B9d e B9e. O que o participante parece querer dizer é que:

ANIMAIS SÃO IRRACIONAIS

IRRACIONALIDADE LEVA À VIOLÊNCIA

ANIMAIS PRECISAM COMER OUTROS ANIMAIS PARA SOBREVIVEREM

ANIMAIS VIVEM EM SELVA

SELVA É SOBREVIVÊNCIA

SER HUMANO É RACIONAL

SER HUMANO NÃO PRECISA COMER OUTROS ANIMAIS PARA SOBREVIVER

SER HUMANO VIVE EM SOCIEDADE

SOCIEDADE É EDUCAÇÃO

SER HUMANO MATA ANIMAIS

SER HUMANO É VIOLENTO

SER HUMANO É IRRACIONAL

SER HUMANO É ANIMAL

Acrescentamos aqui a importância dos scripts culturais que citamos no corpo da tese, pois é bem nítido os papéis sociais que o participante critica em seu texto: não é aceitável a hipocrisia do ser humano que se diz humano mas que age como animal.

Porém, agora queremos destacar outro papel social percebido aqui e de novo envolvendo CENTRO-PERIFERIA, em que CENTRAL É MAIS IMPORTANTE, PERIFERIA É INFERIOR, MENOS IMPORTANTE. Há uma superioridade marcada no primeiro frame de violência descrito pelo autor em seu texto, da sequência B9f: Para mim, o simples fato de passar-se por uma porta diariamente sem cumprimentar o porteiro é uma violência. O participante poderia ter citado o não cumprimento ao vizinho, ao colega, mas optou pelo porteiro, para destacar uma violência social: “é preciso ser gentil até com quem está numa posição inferior” é como soa a sentença. Pois: o porteiro é visto como à margem, essa posição inferior é associada com a do animal entre as pernas do texto anterior, e parece que o “ocupante da posição superior” tem como hábito de tratar quem está por baixo, por isso é descrito como VIOLÊNCIA, na medida em que

MORADOR ESTÁ ACIMA DO PORTEIRO

DESRESPEITO É PISAR MORALMENTE

PISAR É AGREDIR

ESTAR POR CIMA É FAZER PRESSÃO PARA BAIXO

ESTAR POR CIMA É PISAR

Como percebemos por tudo que foi exposto, o participante 9 considera GROSSERIA como VIOLÊNCIA, e a INJUSTIÇA é DESRESPEITO, que é GROSSERIA, VIOLÊNCIA. O DANO mais relevante para o participante é o moral, até mesmo quando cita sobre os homens comerem carne animal, já que sua referência é sobre a hipocrisia do ser humano e não o ato em si. Há pouca empatia para com quem comete ato violento, colocando-se o autor mais próximo de quem sofre a violência e numa posição de superioridade a quem comete atos violentos ou até a quem somente faz parte da PERIFERIA.

### **Participante 10:**

“Política”, “polícia”, “ladrões”, “assalto”, “Palestina” são as palavras que o participante 10 tem à mente quando pensa em violência. Percebe-se um olhar POLÍTICO, mais do que ATO, PRODUTO. A violência envolve pessoas, lugar e contexto. POLÍTICA e PALESTINA são palavras em destaque, pois, segundo o participante, “é a política que molda nossa sociedade (ou o governo) essa seria a raiz, não só no Brasil, mas também no mundo, por isso...Palestina”. POLÍTICA É A RAIZ DA SOCIEDADE, possibilitando os acarretamentos:

A RAÍZ PRECISA SER FORTE PARA SUSTENTAR SUA ESTRUTURA  
SOCIEDADE É UMA ESTRUTURA  
SOCIEDADE TEM RAIZ  
POLÍTICA É RAIZ DA SOCIEDADE  
POLITICA FRACA DERRUBA SOCIEDADE

A noção então de que POLÍTICA é mais central na categorização de VIOLÊNCIA é possível ser pensada, tendo como corroboração a resposta da letra E em que o participante elenca o que considera mais violento e menos violento, estando no topo da lista CRIMES DE GUERRA, OU CONTRA A HUMANIDADE, seguido de HOMICIDIO, ESTUPRO, ROUBO DE DINHEIRO PÚBLICO e, como menos violento, ROUBO POR NECESSIDADE.

VIOLÊNCIA é, para o participante, momento no qual interferimos no bem-estar de alguém, “ferindo” a liberdade dessa pessoa e prejudicando-a através de questões físicas ou morais, por exemplo”. Então, VIOLÊNCIA É MOMENTO, com se fosse TEMPO, tem a ver com “interferência no bem-estar do outro, ferindo a liberdade dessa pessoa”. Novamente, a noção de LIBERDADE envolve mais uma questão política. Os DANOS MORAIS também são apontados como parte de explicação do conceito. O participante destaca “ferir” com aspas para deixar claro se tratar de um metáfora, como se LIBERDADE fosse PESSOA, podendo ser ferida.

O participante compara VIOLÊNCIA com GOVERNO, tratando este como uma PESSOA, um AGENTE, que “nos agride de alguma maneira, direta ou indireta”. Os acarretamentos de GOVERNO É AUTORIDADE já foram mostrados na tese.

Ao pensar nos sentimentos que envolvem quem pratica violência, o participante destaca RAIVA, ANGÚSTICA, NECESSIDADE, PODER, INFÂNCIA, semelhante ao que já foi analisado até então. Destes sentimentos, a INFÂNCIA é tratada como prioridade no sentimento de quem comete a ação, bem como NECESSIDADE (que não são sentimentos mas estados). Há aqui empatia em suas respostas para com o AGENTE da violência, pois

parece tratá-la como reflexo de alguma situação ruim, o elemento estressor que pode explodir, conforme já mostramos, e a questão da NECESSIDADE, como condição de sobrevivência no meio selvagem, também já apontada.

Já para quem sofre violência, MEDO, TRISTEZA, IMPOTÊNCIA, REVOLTA, VINGANÇA são os sentimentos relacionados pelo participante. VINGANÇA não é explicada de que forma, mas traz à tona a ideia de JUSTIÇA, EQUILIBRIO MORAL, o que nos leva a crer que o participante tem empatia com quem sofre violência. A IMPOTÊNCIA é destaque aqui também. Para o participante, a violência é desencadeada pelo meio social e por isso seria necessário mais estruturas de atendimento, reformas. É “por não ser culpa do homem, mas da sociedade”, segundo o participante, que toda violência é possível perdoar. Ou seja: SOCIEDADE É ORGANIZAÇÃO, ESTRUTURA, que funcionaria numa relação TODO PELA PARTE, metonimicamente: SOCIEDADE SÃO PESSOAS; porém, conforme o participante, parece que a parte que forma a sociedade não é o ser humano, já que a sociedade parece ser autônoma. Pensando metaforicamente que a RAÍZ DA SOCIEDADE É A POLÍTICA, então quem faz política também não é o ser humano. Tal lógica é compreensível, pois vivemos em um mundo atual em que o público é de todos, mas é de ninguém.

É imperdoável não um ATO FÍSICO, envolvendo FORÇA, CONTATO, mas um ATO POLÍTICO. O participante cita como exemplo que não é possível perdoar crimes contra humanidade, por ser lavagem cerebral, “por induzir pessoas a fazer coisas ruins”. Hitler e Stalin são dois nomes mencionados que não poderiam ser perdoados. O PODER DA AUTORIDADE, AUTORIDADE COMO EXEMPLO é novamente presente. Ora, para respeitarmos, é preciso autoridade e esta é por respeito e não por medo, como os exemplos citados anteriormente conseguiram mostrar. Além do medo, a persuasão entra em jogo- a lavagem cerebral. E é aí que o participante aponta a VIOLÊNCIA como uma DOENÇA, como uma COISA QUE OCUPA NOSSO RECIPIENTE- NOSSA MENTE- tirando nossa razão.

LAVAR É LIMPAR

A MENTE É CHEIA DE RAZÃO

LAVAR A MENTE É LIMPAR A RAZÃO

LAVAGEM CEREBRAL É TIRAR RAZÃO.

Ainda podemos supor que VIOLÊNCIA É UMA MAZELA já que convive com a humanidade faz tempo. Os EUA com sua posição em relação ao Oriente são apontados pelo participante como violentos, o que não aparece comumente no discurso da maioria, que domina a mídia, que de certa forma também faz lavagem cerebral, comandando os pensares. A

noção de violência está muito mais atrelada ao TERRORISMO do que a DEFESA dos EUA sobre os ataques sofridos.

Analisemos então seu texto:

*A violência significa morte à liberdade e à vida(a), algo que fere intensamente esses dois aspectos(b) e isso acontece muito hoje em dia. O que mais me choca(c) é o mundo virando as costas para Palestina e para África e chorando porque 3 pessoas em Boston morreram(d). Também há a violência contra a liberdade de expressão praticada muito por governos(e), é triste, mas um dia as pessoas vão acordar e lutar contra isso(f).*

O texto do participante reforça o que foi escrito em suas respostas. Seu olhar é para VIOLÊNCIA COMO ATO POLÍTICO. Em seu discurso, “liberdade”, “vida”, “mundo”, “Palestina”, “África”, “liberdade de expressão” são descritos como seres animados. A violência é descrita como AGRESSÃO, MORTE, FERIMENTO a esses seres animados descritos. O “mundo” é AGENTE, e Palestina e África são PACIENTES, como se fossem pessoas numa relação metonímica. Também personificados, o governo é AGENTE e a liberdade de expressão é PACIENTE. A cena do mundo virando as costas é compreendida, como parte física, real, concreta e ativa o *frame da situação*. Também mostra que COMPREENDER É VER. O sujeito vê a cena, que o CHOCA, como se na relação de CONTATO ocorresse repulsão- choque.

Embora personifique os participantes de seu cenário violento, o participante descreve toda cena como irreal, como sonho ( ou pesadelo, já que é negativo), conforme percebemos na ultima sequência, quando descreve que as pessoas irão acordar, ou seja, por estarem ainda dormindo, não estão vendo o que está ocorrendo na vida real.

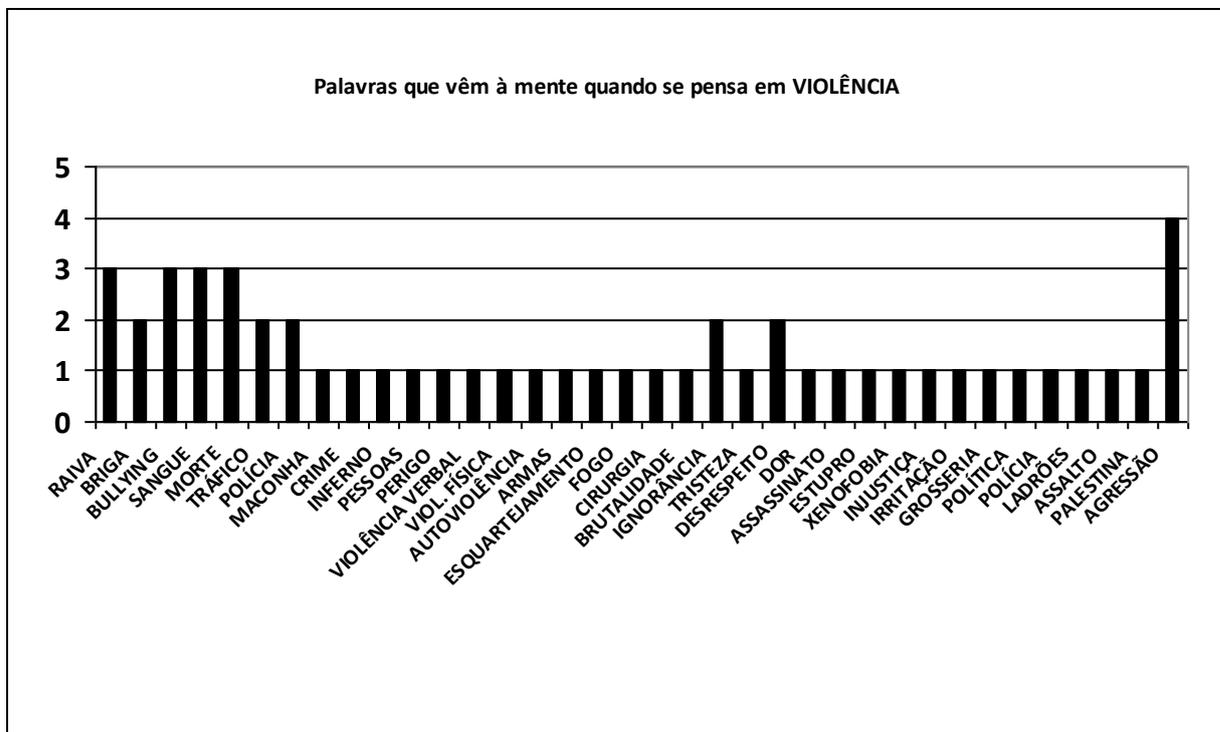
O último participante, conforme percebido pelas suas respostas e seu texto, reforça o que os outros também já haviam citado: VIOLÊNCIA COMO ATO POLÍTICO. A preocupação é no âmbito global do problema VIOLÊNCIA, não apenas como ATO FISICO.

Como percebido, o primeiro passo para a análise dos resultados foi analisar cada escrita, percebendo cada sequência discursiva, cada resposta dada, comparando citações e contabilizando o número de ocorrências das palavras citadas. A seguir, resumimos nos gráficos os dados obtidos.

Primeiro grupo: adolescentes de classe alta, sem registros legais relacionados à violência, moradores de regiões consideradas “nobres” da cidade, que estudam em uma escola

privada de alto custo, localizada em região central da capital:

**Gráfico 1: Palavras que vêm à mente quando se pensa em VIOLÊNCIA**



Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO,2013)

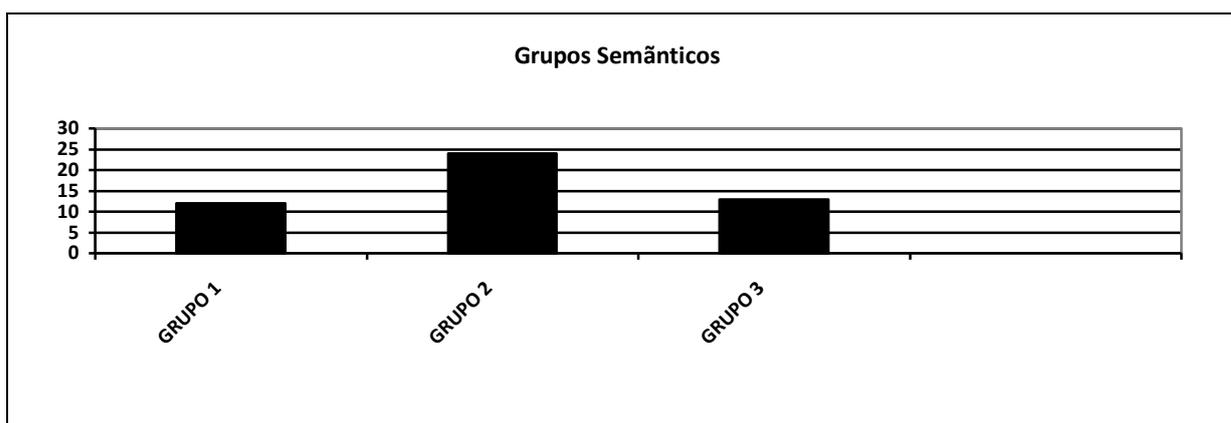
A palavra “agressão“ teve maior ocorrência. Entre dez questionários analisados, quatro deles citaram tal palavra. Na sequência, “morte”, “raiva”,”bullying” e “sangue” tiveram três ocorrências. As palavras “polícia”, “briga”, “desrespeito”, “tráfico”, “favela” e “ignorância” foram citadas duas vezes cada. As palavras “maconha”, “crime”, “inferno”, “pessoas”, “perigo”, “violência verbal”, “violência física”, “autoviolência-mutilação”, “armas”, “esquartejamento”, “fogo”,”cirurgia”,“brutalidade”,”tristeza”,“dor” “assassinato”, “estupro”, “xenofobia”, “injustiça”, “irritação”, “grosseria”, “política”, “ladrões”, “assalto” e “Palestina” ocorreram uma vez cada. Percebe-se no grupo analisado que há um leque de palavras associadas ao conceito aqui estudado. Esses dados já permitem inferir que as palavras evocadas na primeira instrução do questionário apontam para uma divisão de núcleos significativos possíveis pelos participantes.

A partir então desses núcleos, é possível a construção de outro gráfico, com separação por agrupamento semântico. As palavras indicadas nos gráficos a seguir foram então distribuídas em categorias, definidas a partir da saliência do que caracteriza a composição em conjunto. Considera-se que “Palestina”, “polícia”, “xenofobia”, “ladrões”,

“favela”, “tráfico”, “maconha”, “pessoas” e “política” fazem parte do grupo semântico POLÍTICA. As palavras “assalto”, “agressão”, “assassinato”, “morte”, “estupro”, “bullying”, “esquartejamento”, “mutilação”, “cirurgia”, “crime”, “fogo”, “violência física”, “sangue” e “briga” fazem parte do grupo semântico ATOS- PRODUTOS. As palavras “injustiça”, “irritação”, “desrespeito”, “grosseria”, “tristeza”, “ignorância”, “raiva”, “dor”, “perigo” e “inferno” foram associadas ao campo semântico de SENTIMENTOS-SENSAÇÕES-EMOÇÕES. Esta última divisão é com a ciência de que os três termos não são sinônimos, mas para a proposta da tese não faz diferença se tratamos de EMOÇÃO, de SENTIMENTO ou de SENSACÃO. A ideia é abordar conceitos relacionados ao sentir.

Realizando uma nova distribuição, com base nas saliências, na conjunção em ligações de núcleo significativo, hipotéticas, tem-se o seguinte gráfico:

**Gráfico 2: Grupos Semânticos:**



Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO, 2013)

Grupo 1: POLÍTICA: “Palestina”, “polícia” (2), “tráfico” (2), “maconha”, “xenofobia”, “ladrões”, “favela”(2), “pessoas” e “política”

Grupo 2: ATOS-PRODUTOS: “assalto”, “agressão” (4), “assassinato”, “morte” (3), “estupro”, “bullying” (3), “esquartejamento”, “mutilação”, “cirurgia”, “fogo”, “violência física”, “crime”, “sangue” (3) e “briga” (2)

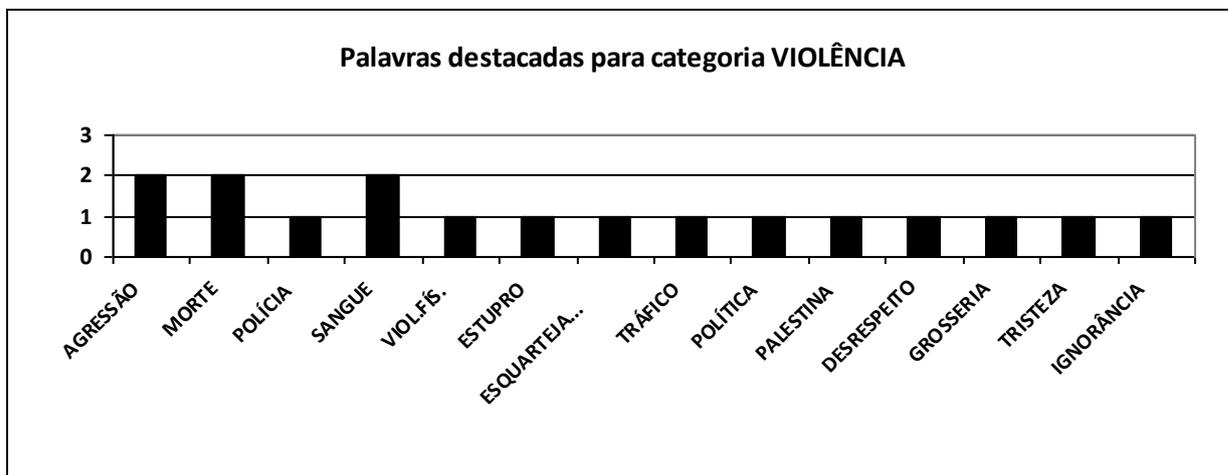
Grupo 3: SENTIMENTOS, SENSACÕES - EMOÇÕES: “injustiça”, “irritação”, “desrespeito”(2), “grosseria”, “tristeza”, “ignorância” (2), “raiva” (3), “dor” e “perigo”. As palavras “desrespeito” e “grosseria” aqui são consideradas no núcleo de SENTIMENTOS, SENSACÕES-EMOÇÕES, porque não envolvem ato físico, dano físico, embora se saiba que também é um dano e que também é um ato, mas, para fins de sistematização, ATOS estão

sendo considerados como ATOS FÍSICOS com a utilização de FORÇA, CONTATO, causando DANO FÍSICO (além de DANO MORAL).

Como podemos observar, VIOLÊNCIA está relacionada, para o grupo aqui analisado, mais como ato, como produto de uma ação. Seguindo a teoria de *frames*, com a elaboração dos papéis temáticos de Feltes (2012), podemos perceber que VIOLÊNCIA tem relação com ATO, o que infere um AGENTE, um PACIENTE, um INSTRUMENTO. E há forte associação do ATO com a EMOÇÃO, com o sentimento, na medida em que é alto o número de ocorrências associando VIOLÊNCIA com EMOÇÕES/SENSAÇÕES/SENTIMENTOS. Pode-se pensar que o ato e todo seu cenário geram emoções. Pensando no grupo POLÍTICA, é possível inferir que estes participantes por serem de um grupo de adolescentes com mais acesso à informação tem conhecimento de situações de outros países. Também traz à tona os problemas que ocorrem no país- e que envolvem o segundo grupo mais como vivente do que como expectador, ou seja, situações como assalto, tráfico, assassinato, é muito mais corriqueiro para o grupo morador da região dominada pela guerra do tráfico de drogas, do que para o grupo morador de zonas menos periféricas, que percebe mais “de longe” o problema, colocando-se na posição de vítima, na maioria das vezes.

Retomando, de início, têm-se as representações semânticas de POLÍTICA, ATOS-PRODUTOS E SENTIMENTOS,SENSAÇÕES-EMOÇÕES como as mais salientes até o momento. Devido à próxima instrução, podem-se identificar as palavras que os alunos associam à categoria VIOLÊNCIA de forma mais consciente devido à reflexão que promove a escolha solicitada no comando dessa instrução. O gráfico a seguir contabiliza as ocorrências das palavras escolhidas após a autoavaliação do participante:

**Gráfico 3: Palavras destacadas, pelos participantes, para categoria violência:**

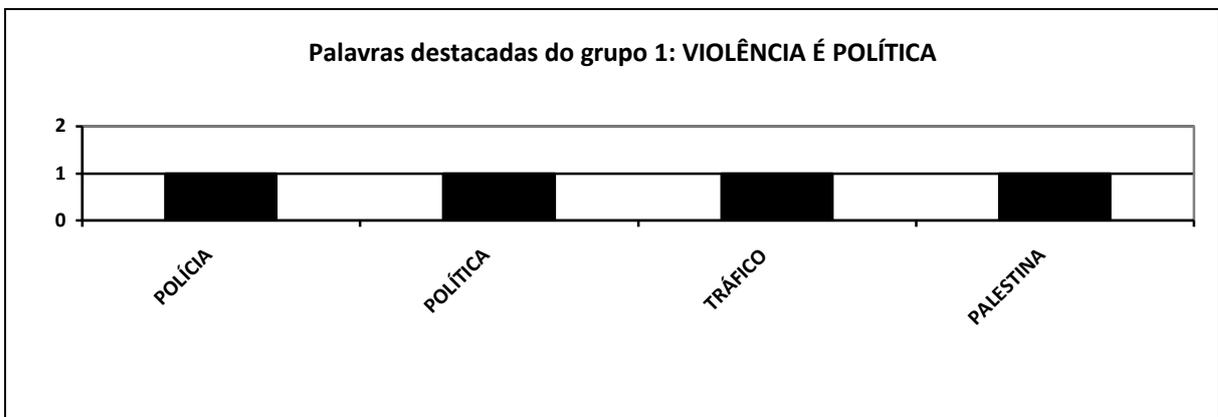




Fonte:Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Realizando novamente um agrupamento por associação semântica, percebe-se que predominam aqui as palavras do grupo 2 e do grupo 3. A associação por relevância de ocorrências pode ser estabelecida da seguinte forma, como mostra o gráfico a seguir:

**Gráfico 4: Palavras destacadas do GRUPO 1: VIOLÊNCIA É POLÍTICA**



Fonte:Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

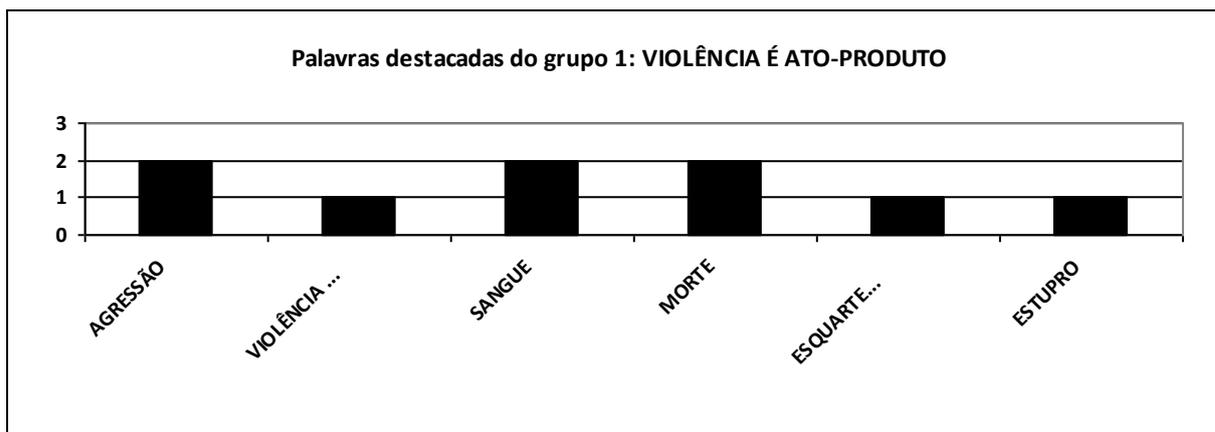
**GRUPO 1: POLÍTICA:** polícia, política, Palestina, tráfico

Nesse núcleo é interessante observar que não há exemplo saliente quando o adolescente se refere à violência; também é licenciado pensar na ideia de que o policial é visto também como agente da violência. E entramos aí no limiar da discussão, pois se é agente da violência, é violento; se é violento, é considerado bandido; mas é quem prende o bandido: assim, temos a violência que justifica a violência ?! Quem usa de violência para punir o bandido é bom e quem a usa sem ser por “causa nobre” é mau? Discussão complexa que mais uma vez aponta a importância deste estudo, na medida em que proporciona reflexão sobre o conceito VIOLÊNCIA e de como ele pode se moldar de acordo com nossos interesses.

Pensando nos estudos sobre terrorismo, vale uma análise sobre o tema: Os Estados Unidos ao invadirem outros países estão colaborando com a paz mundial, mesmo que utilize exércitos, bombas- este é o argumento: estão reestabelecendo o equilíbrio, a paz. Os fundamentalistas que atacam os Estados Unidos com atos terroristas não colaboram com a paz mundial, na visão do Ocidente, embora em sua visão fundamentalista, estão seguindo Alá. Ora: por que um é bom e outro não, se o ato, o produto, é o mesmo, e a consequência também? A resposta é porque a cultura influencia em nossa formação de conceitos. Se vivemos numa cultura ocidental, massificada midiaticamente, globalizando algumas formas exclusivas de pensar, é fácil aceitar como “certo” aquilo que nos ensinaram desde cedo. É a regulação social, o comportamento social baseado em exemplo que estrutura nossas experiências corpóreas e, por conseguinte, nossa forma de conceptualização.

Atualmente, um palestino para cruzar os ares precisa ser muito vigiado, enquanto um norte-americano tem liberdade de ir e vir sem ser observado. Nossa sociedade molda heróis e vilões; aqui não se quer dizer que há justificativa para violência, tampouco defender qualquer ato, mas pretende-se refletir sobre nossos pressupostos e de como o ser humano está intimamente relacionado com o que lhe é mais relevante, no seu contexto social. Um usuário esporádico de drogas não costuma se colocar como agente da violência, e em seu núcleo familiar, ou de amigos, é, no máximo, percebido como um doente. Entretanto, ao consumir um produto ilegal, gera venda irregular, que gera lucro, que gera disputa por lucro, que gera “guerra do tráfico”, que é uma das maiores causas da violência no nosso país. Esse usuário, no entanto, é o que também reclama da insegurança que sente nas ruas, do medo de ser assaltado, de ser atingido por violência. Isso o distancia do seu ato, pois, conforme já afirmado, é a relevância da informação, é o conceito experienciado em seu próprio mundo, suas relações, que faz a diferença. Este usuário pode, inclusive, criticar a violência do morro- local geralmente destinado ao tráfico de drogas, sem incluir-se no problema, como causa deste até. Quer se dizer então que tudo depende do ponto de vista, do contexto, do meio cultural e social. Esta é a defesa principal da tese. Seguimos então com o próximo gráfico.

## **Gráfico 5: Palavras destacadas do GRUPO 2 : VIOLÊNCIA É ATO-PRODUTO**



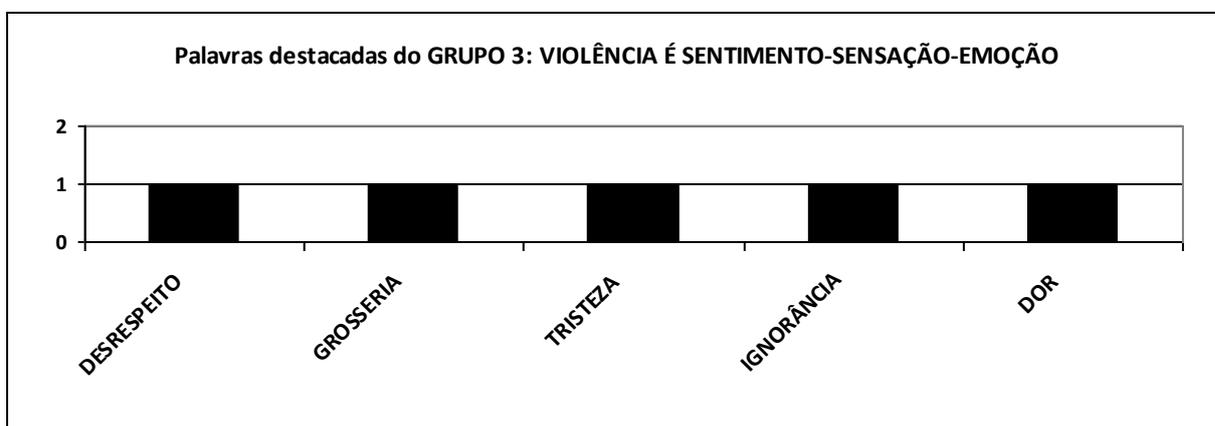
Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO, 2013)

GRUPO 2 : VIOLÊNCIA É ATO- PRODUTO: agressão (2), sangue(2), morte (2), esquartejamento, estupro e violência física

“Agressão”, “violência física”, “sangue” e “morte” são os verbetes mais salientes do núcleo ATO. Podemos pensar que AGRESSÃO e VIOLÊNCIA FÍSICA podem ser tratadas, como percebido em dicionários, como sinônimos, aumentando assim para três ocorrências, sendo, portanto, AGRESSÃO o verbete mais saliente do núcleo ATO. Este exerce papel dominante em outros verbetes. MORTE e SANGUE vêm na sequência de mais ocorrências, e podem ser tratados como consequência das ações, dos atos citados. É possível interpretar que AGRESSÃO gera SANGUE e MORTE, há um esquema de ORIGEM- PERCURSO-META aqui representado, além de termos um frame que nos mostra essa sequência de ações e seus participantes.

No núcleo SENTIMENTO, SENSACÕES- EMOÇÕES, temos tais ocorrências:

### Gráfico 6: Palavras destacadas do GRUPO 3: VIOLÊNCIA É SENTIMENTO-SENSAÇÃO-EMOÇÃO



Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO, 2013)

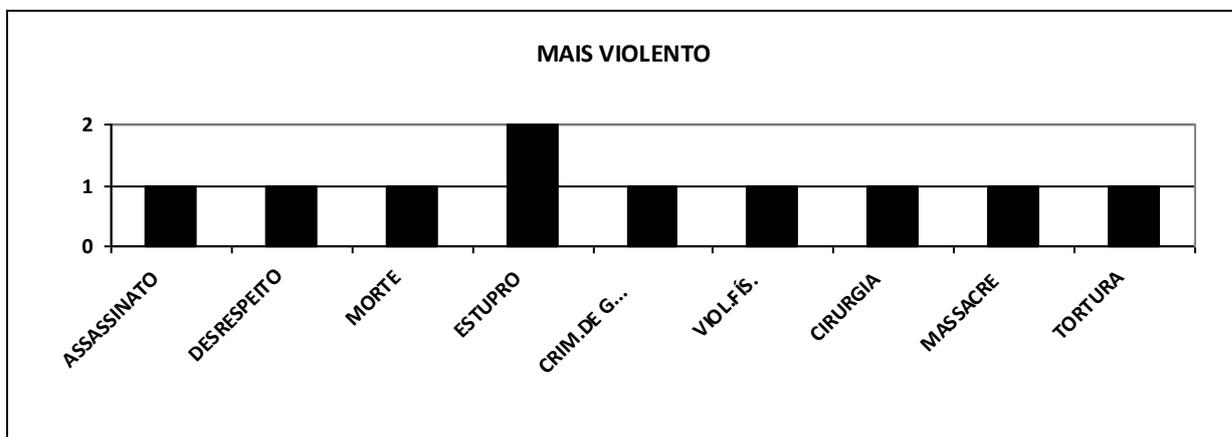
Também não há um exemplo saliente. Se considerarmos, por aproximação semântica DESRESPEITO e GROSSERIA como sinônimos, podemos pensar que seria então esses sentimentos, emoções, sensações, os mais relevantes.

E é interessante essa percepção na medida em que ambas as expressões se referem a um ATO- mesmo que não envolva FORÇA, pois há CONTATO, há um AGENTE e um PACIENTE, ou seja, há o frame que se aproxima de BRIGA, AGRESSÃO FÍSICA, reforçando com isso que os ATOS-PRODUTOS são mesmo os mais relevantes para os adolescentes deste grupo selecionado para conceptualizar VIOLÊNCIA, sendo esse núcleo semântico o que tem aspecto mais prototípico.

Consideramos, após análise dos gráficos, como melhores exemplares da categoria em questão: AGRESSÃO, MORTE e SANGUE.

Após as hipóteses apresentadas as análises do grupo 1, com suas relações semânticas e seus melhores exemplos da categoria VIOLÊNCIA, seguimos para uma análise do que o adolescente de classe econômica e social alta considera mais violento e do que considera menos violento, a fim de verificar a constatação anterior a respeito de exemplar típico de VIOLÊNCIA, pensando em prototipicidade e gradação:

**Gráfico 7: MAIS VIOLENTO:**

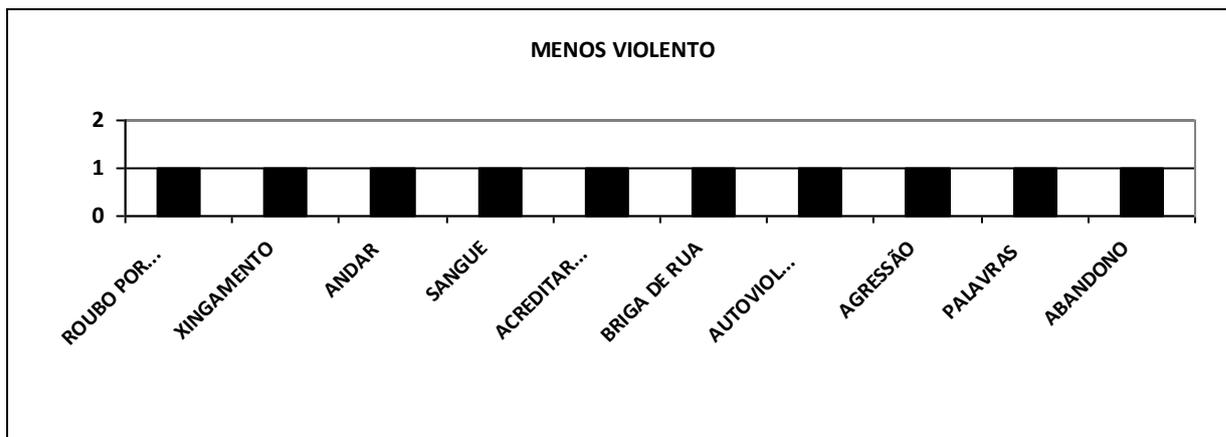


Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO, 2013)

Percebe-se aqui que VIOLÊNCIA é percebida mais como ATO-PRODUTO, com FORÇA na estrutura semântica dominante. O DANO considerado mais violento, portanto, é FÍSICO, para este grupo de adolescentes.

Já pensando no que se considera como menos violento, temos o seguinte gráfico de ocorrências:

**Gráfico 8- MENOS VIOLENTO:**

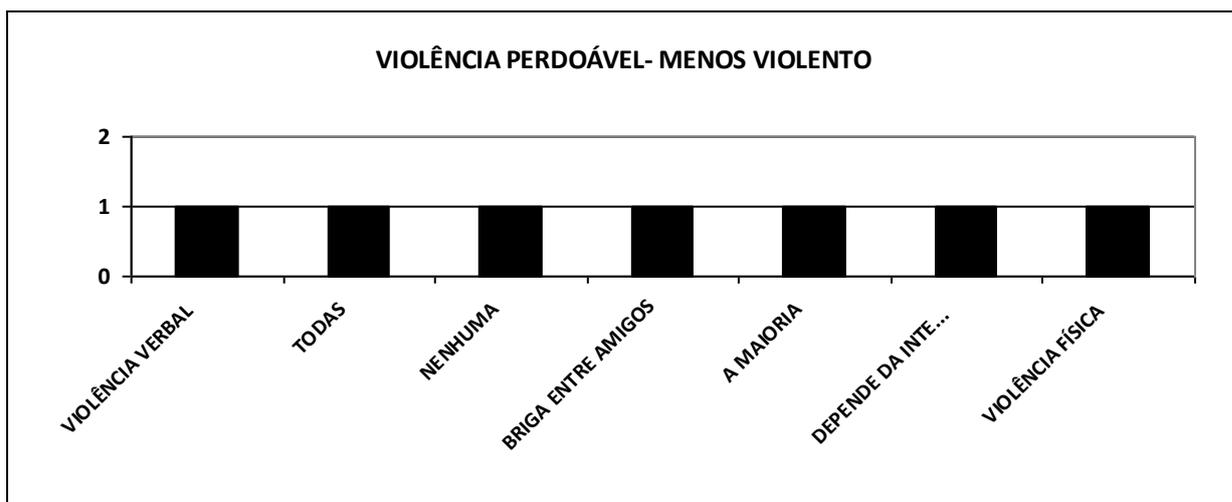


FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Como menos violento, percebemos que não há somente DANOS FÍSICOS, mas MORAIS em jogo, dominando até o número de ocorrências. Aqui, aparecem menos ATOS-PRODUTOS, com uso de FORÇA FÍSICA.

Para corroborar com a gradação semântica do conceito VIOLÊNCIA, foi questionado aos alunos que tipo de violência é possível perdoar e que tipo não é, a fim de pensar em mais ou menos violento. Analisando as respostas constatam-se os seguintes gráficos:

**Gráfico 9: VIOLÊNCIA PERDOÁVEL: Menos violento**



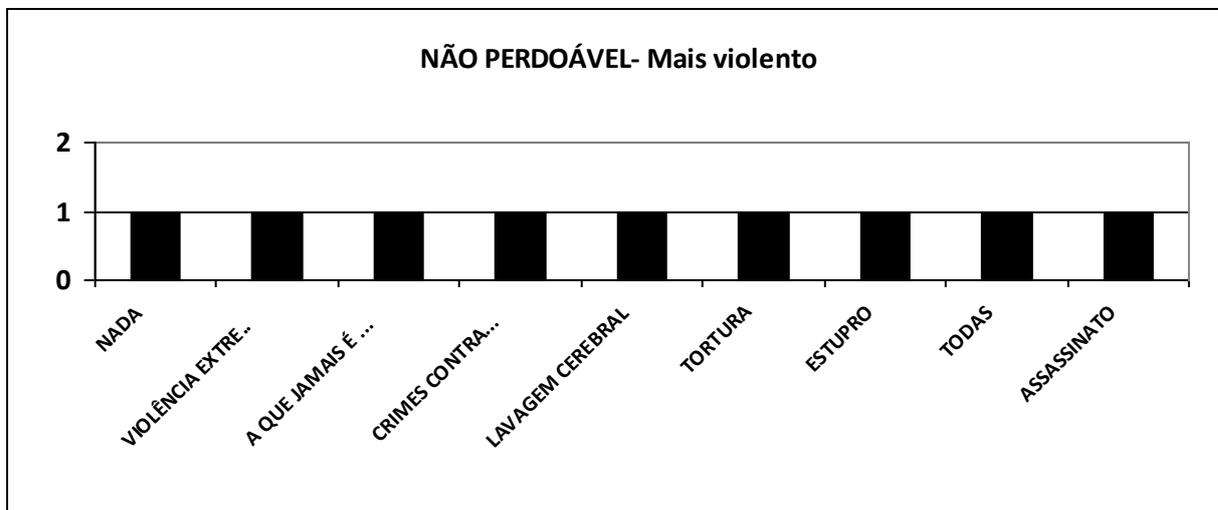
FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Percebemos que numa gradação, a violência verbal ( que pode ter palavras dentro de seu núcleo semântico) é a menos violenta.

Já analisando o que não é possível perdoar- como sendo então a violência mais grave,

na escala semântica, temos:

**Gráfico 10- NÃO PERDOÁVEL-Mais violento**



FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

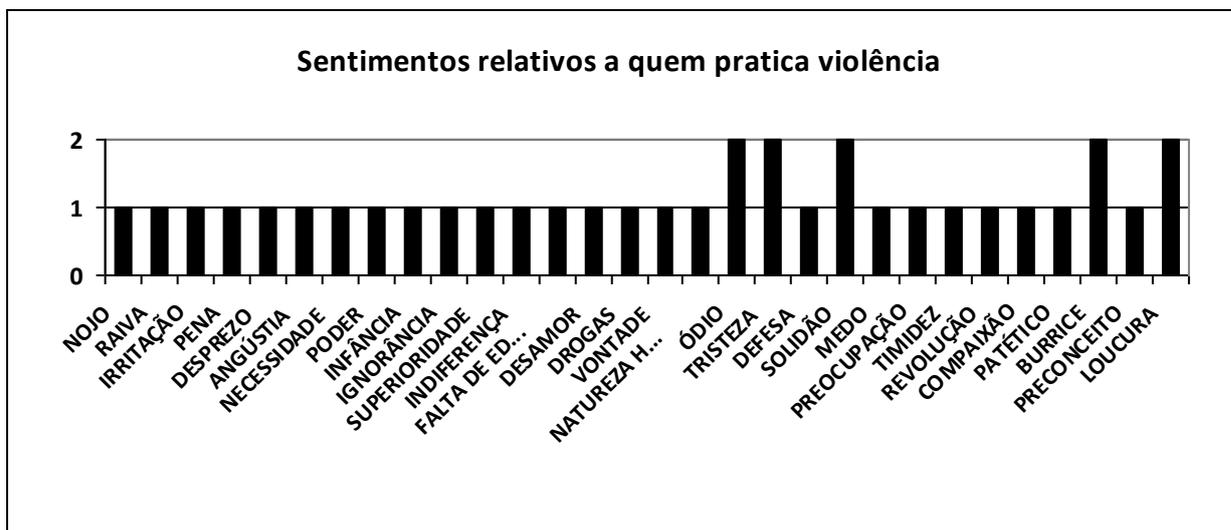
Comparando então esses dois últimos gráficos com o apresentado anteriormente, indicando explicitamente o que o participante considera mais e menos violento, como gradação semântica, podemos constatar que o ATO - DANO FÍSICO, envolvendo FORÇA é considerado mais violento do que DANO MORAL.

Na gradação de MAIS VIOLENTO, comparando dados, temos AGRESSÃO como exemplo saliente, e em MENOS VIOLENTO, temos o núcleo formado por AGRESSÕES VERBAIS. Ressalta-se que nas gradações intermediárias, ESTUPRO também foi dominante, reforçando-se como exemplo prototípico da categoria, conforme sugerido por Feltes (2007).

Já tendo ciência do melhor exemplo da categoria e de como esta se estrutura para este grupo, refletimos então sobre o outro objetivo da tese, de averiguar os sentimentos, as emoções que estão em jogo na conceptualização de VIOLÊNCIA. Ressalta-se que na tentativa de definir tal conceito, as emoções já se fizeram presentes neste grupo, restando agora apenas analisar como os adolescentes, conscientemente relacionam VIOLÊNCIA com EMOÇÕES. O propósito é verificar a existência de empatia, e, para tal, as perguntas se direcionam para a compreensão de o que este grupo de adolescentes pensa diretamente sobre as EMOÇÕES, diferentemente do proposto anteriormente, que direcionou para o conceito VIOLÊNCIA. Assim, utilizamos as questões da letra G até a letra N para analisarmos os dados referentes à EMOÇÕES quando acerca de VIOLÊNCIA.

Segue então o gráfico com os sentimentos, citados pelos participantes, relativos a quem pratica a violência, pelo número de ocorrências:

**Gráfico 11: Sentimentos relativos a quem pratica violência:**



FONTE: Pesquisa direta (ARAÚJO,2013)

Como se percebe, são muitas as emoções, relacionadas com quem pratica o ato de violência, de acordo com o grupo analisado. Destaca-se o conceito RAIVA como o mais frequente entre as respostas, e podemos pensar também em outros relacionados a este que formariam um número maior de ocorrências, por grupos semânticos: RAIVA, IRRITAÇÃO, ÓDIO podem ser enquadradas no núcleo RAIVA, por aproximação semântica. Seguindo esse critério de divisão semântica, outros núcleos podem ser formados:

- A) NOJO, DESPREZO, PRECONCEITO;
- B) PENA, COMPAIXÃO, PREOCUPAÇÃO;
- C) ANGÚSTIA, TRISTEZA, SOLIDÃO, TIMIDEZ, MEDO;
- D) NECESSIDADE, FALTA DE EDUCAÇÃO, VONTADE, LOUCURA, NATUREZA HUMANA, DROGAS;
- E) PODER, SUPERIORIDADE;
- F) DEFESA, VINGANÇA, REVOLUÇÃO;
- G) PATÉTICO, BURRICE.

Os núcleos assim foram constituídos por acreditarmos em uma escolha lexical relacionada aos sentimentos de empatia ou de afastamento emocional. Pelas ocorrências, é possível verificarmos que há aproximação com sentimentos de empatia os seguintes itens lexicais: PENA, COMPAIXÃO, PREOCUPAÇÃO, ANGÚSTIA, TRISTEZA, SOLIDÃO, TIMIDEZ, MEDO, NECESSIDADE, DEFESA. Já os itens NOJO, DESPREZO, PRECONCEITO, FALTA DE EDUCAÇÃO, VONTADE, LOUCURA, NATUREZA

HUMANA, DROGAS, PODER, SUPERIORIDADE, VINGANÇA, REVOLUÇÃO, PATÉTICO, BURRICE parecem estar mais distantes.

Dentre os sentimentos mais relacionados com quem pratica a violência, destacaram-se:

**Gráfico 12: Sentimentos mais relativos a quem pratica violência**

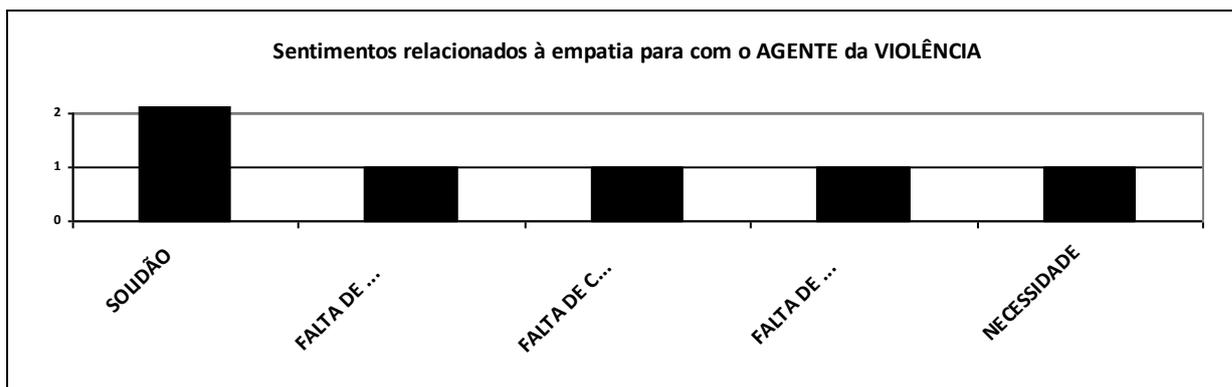


FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO, 2013)

Como se pode observar, não há repetição de sentimentos, o que dificulta em pensar no mais prototípico. Então, resumindo, há menos sentimentos de empatia aqui citados do que de afastamento, levando em conta ainda que PENA e COMPAIXÃO são mais relativos à simpatia do que à empatia.

Em resumo, podemos perceber que não há muita empatia entre o grupo de participantes para com os praticantes de violência, visto que os sentimentos descritos demonstram que estes estão numa posição inferior daqueles, por isso, muitas vezes podem ser dignos de pena, sendo poucos os sentimentos- embora presentes- que demonstrem que o participante coloca-se no lugar do agressor. Em forma gráfica, são estes:

**Gráfico 13: Sentimentos relacionados à empatia para com o AGENTE da violência:**





FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

O sentimento de solidão foi o mais citado em relação à empatia para com o agente da violência, o que nos leva a crer que

SOLIDÃO É FALTA DE CONVERSA

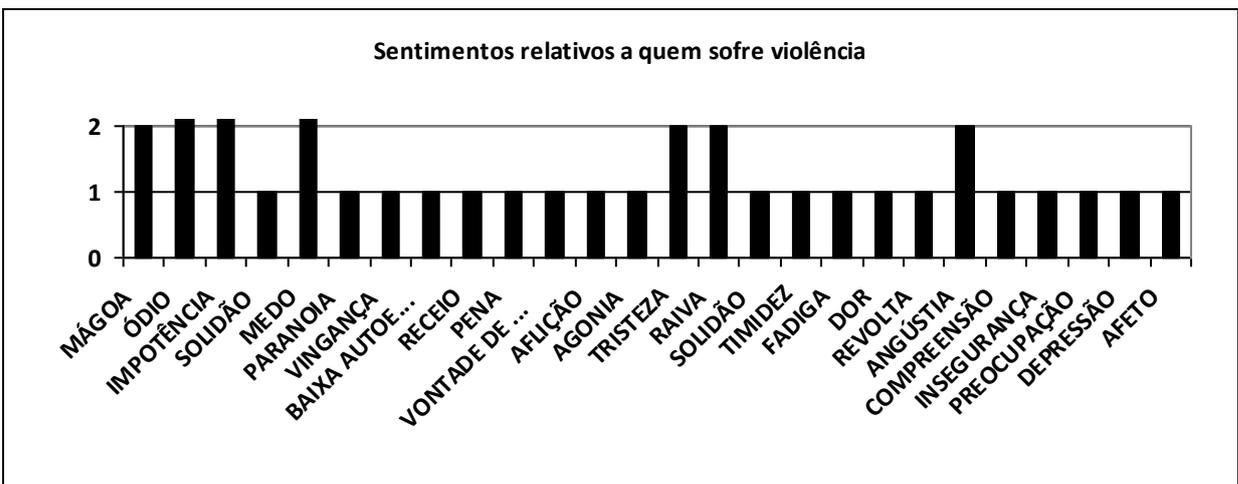
FALTA DE CONVERSA É FALTA DE RELAÇÕES

FALTA DE RELAÇÃO É FALTA DE AMOR

FALTA DE AMOR LEVA À VIOLÊNCIA

Tais acarretamentos já foram feitos em diferentes análises aqui mostradas. É importante comentar que mesmo que na escolha dos itens lexicais relacionados à emoções, sentimentos, sensações não esteja presente de forma significativa uma semântica mais relacionada à empatia, alguns participantes consideraram que se houver arrependimento, o AGENTE redime da CULPA; e é essa brecha que nos permite inferir que há empatia relativa, condicionada ao arrependimento.

**Gráfico 14: Sentimentos relativos a quem sofre violência:**



FONTE; Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Criando núcleos semânticos, por aproximação sinonímica, podemos supor a seguinte

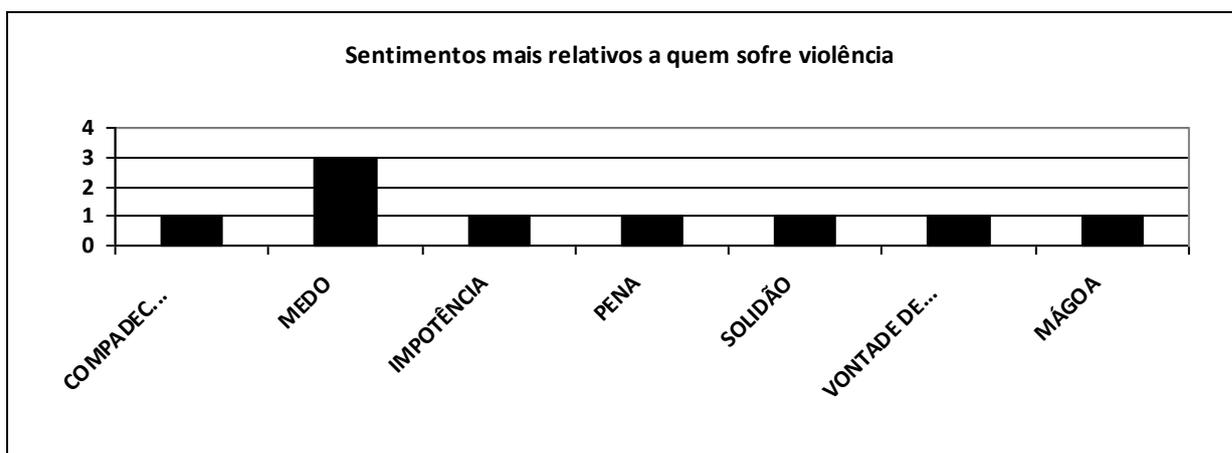
divisão:

- A) PENA-VONTADE DE AJUDAR- COMPREENSAO- AFETO
- B) SOLIDÃO- TIMIDEZ- BAIXA AUTOESTIMA
- C) MEDO- PARANOIA- RECEIO-IMPOTÊNCIA-INSEGURANÇA
- D) ÓDIO- RAIVA- VINGANÇA- REVOLTA- PRECONCEITO
- E) MÁGOA- AFLIÇÃO-TRISTEZA- DOR- FADIGA- ESTRESSE- DEPRESSÃO

O primeiro núcleo aponta para uma simpatia para com quem sofre violência, pois todos sentimentos colocam o participante como expectador do paciente da ação violenta. Os sentimentos, as emoções relacionadas ao estado mental de quem sofreu a ação também recebem destaque, pois tanto os sentimentos negativos, que fazem o paciente sofrer, como os sentimentos negativos voltados para sua reação indicam falta de controle emocional. Ou seja: VIOLÊNCIA DESEQUILIBRA.

Quando solicitado para descrever qual sentimento mais relativo a quem sofre a violência, as ocorrências foram:

**Gráfico 15: Sentimentos mais relativos a quem sofre violência**



Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO,2013)

Aqui, é reforçada a ideia de IMPUNIDADE, na medida em que o verbete que mais teve destaque foi “medo”, reforçando que a INSEGURANÇA, FRUTO DA IMPUNIDADE,

deixa a pessoa com MEDO, o que causa IMPOTÊNCIA.

O que percebemos é que há três expressões relacionadas à possível simpatia: PENA, COMPADECIMENTO e VONTADE DE AJUDAR, ou seja, são mais referentes ao participante do que propriamente do sofredor do ato violento. Já MEDO, IMPOTÊNCIA, SOLIDÃO e MÁGOA são referentes aos sentimentos causados em quem sofre a ação, aproximando o participante ao lugar do PACIENTE.

Os itens lexicais MEDO, IMPOTÊNCIA dão a ideia de que

VIOLÊNCIA é TERROR

VIOLÊNCIA É IMOBILIDADE

Já MÁGOA E SOLIDÃO pode nos levar a uma leitura de que VIOLÊNCIA É MÁGOA, num possível acarretamento de que SOLIDÃO GERA MÁGOA.

Resumindo as análises feitas até então, podemos afirmar que este primeiro grupo de participantes conceptualiza VIOLÊNCIA como ou o que eles assistem pela TV, ou o que leem pelos jornais, ou o que viram na internet, ou como o que eles presenciaram, mas no papel de expectador, não relacionando o conceito com fatos que eles vivenciaram. As respostas são estruturadas de forma que podemos pensar em:

OFENSA É VIOLÊNCIA

FORÇA FÍSICA é VIOLÊNCIA:

QUANDO O DANO é MORAL/PSÍQUICO/EMOCIONAL É VIOLÊNCIA

QUANDO O DANO É FÍSICO É VIOLÊNCIA

Há presente em diversas sequências analisadas o esquema ORIGEM- PERCURSO-META. A AÇÃO violenta pode ser o DESRESPEITO, que é a ORIGEM, a AGRESSÃO (FÍSICA OU MORAL) é o PERCURSO, sendo o ser humano tratado como um ALVO, UMA META

Também podemos pensar, a partir da análise dos dados coletados, que o SER HUMANO É RECIPIENTE, envolvendo também uma relação de BALANÇO (ao “atingir” alguém, este se balança).

Pensando na PESSOA em um PLANO MENTAL/ PSÍQUICO, podemos afirmar que sofrer desrespeito pode alterar seu estado mental, emocional. O AGENTE é o que desrespeita o PACIENTE (sendo vista em uma relação metonímica TODO-PARTE em uma DIMENSÃO PSÍQUICA, já que aqui o DANO é MORAL).

Podemos conceptualizar essa observação da seguinte maneira:

PESSOA ( FÍSICA, MORAL, ESPIRITUAL, PSICOLÓGICA) É RECIPIENTE

RECIPIENTE TEM EQUILIBRO

EQUILIBRIO É FORÇA

O MOVIMENTO BALANÇA O RECIPIENTE

O RECIPIENTE PERDE EQUILÍBRIO

DESRESPEITO MOVIMENTA-BALANÇA OS SENTIMENTOS

DESRESPEITO DESEQUILIBRA

DESRESPEITO TIRA FORÇA, CAUSA FRAGILIDADE

DESRESPEITO CAUSA DANO

Relacionando também com as metáforas orientacionais SAÚDE É PARA CIMA/ FELICIDADE É PARA CIMA, podemos pensar que se a PESSOA perde o EQUILÍBRIO, cai. Caindo, está PARA BAIXO. ESTAR PARA BAIXO É NÃO ESTAR SAUDÁVEL, FELIZ.

O esquema de imagens de FORÇA pode ser considerado a base pré-conceitual da categoria VIOLÊNCIA para este grupo de adolescentes. O uso da força física é recorrente nos atos de violência; tal força envolve o uso de energia dos músculos, tendões e articulações, como aponta Feltes (2007). A agressão aqui parece surgir como consequência do sentimento de RAIVA (emoção básica). Os cenários descritos mostram alguns estágios da RAIVA:

ESTÁGIO I- EVENTO OFENSIVO: aqui pode ser uma violência sofrida, uma situação de vida, considerada violenta, por trazer danos morais, etc.

ESTÁGIO II- RAIVA: Ao se tornar intensa, a RAIVA exerce força sobre, fazendo com que se perca o controle, ultrapassando limites e exibindo um comportamento raivoso.

Como “estar fora de controle” envolve “estar fora de si”, podemos afirmar que é um nível de violência não consciente, quando é uma REAÇÃO; podemos pensar que a RAIVA leva à irracionalidade, por isso VIOLÊNCIA é considerada como prática de ignorantes. Um possível cenário obtido das respostas dos entrevistados deste grupo seria este:

VIOLÊNCIA É OFENSA

VIOLÊNCIA É AGRESSÃO

VIOLÊNCIA É USO TRUCULENTO DE FORÇA

VIOLÊNCIA É REAÇÃO

Há todos os passos de um ato de violência que pode representar o seguinte roteiro, conforme aponta Sage (2010):

(1) há uma REAÇÃO de B em resposta da atitude de A;

(2) a reação de B gera ATITUDES IMPENSADAS;

(3) as ATITUDES IMPENSADAS de B provocam o USO TRUCULENTO DA

FORÇA contra A;

(4) o USO TRUCULENTO DA FORÇA resulta em AGRESSÃO.

O roteiro poderia ser sequencializado, já que pode ser circular:

(5) a AGRESSÃO gera REAÇÃO

(6) há uma REAÇÃO de A em resposta da atitude de B;

(7) as ATITUDES IMPENSADAS de A provocam o USO TRUCULENTO DA FORÇA contra B.

Neste contexto descrito, o AGENTE pode virar PACIENTE; o PACIENTE virar AGENTE.

Como percebido em várias sentenças analisadas, o papel da RAIVA e da OPRESSÃO geram a FALTA DE CONTROLE, que parece ser o exemplo mais representativo de CAUSA-EFEITO, podendo ser esquematizado da seguinte forma:

CONTROLE DO CORPO É MOVIMENTO DO OBJETO

Uma Pessoa	→	O Sujeito
Um Objeto Físico	→	O Corpo ( instância do Self)
Movimento Forçado	→	Controle do Corpo pelo Sujeito
Falta de Movimento Forçado	→	Não- Controle do Corpo pelo Sujeito

O movimento do corpo quando em contato com outro agride e desequilibra mostrando relação de BALANÇO, e de CIMA-BAIXO, em que ESTAR POR CIMA É MELHOR. ESTAR POR CIMA É ESTAR FELIZ, como já apontamos.

Os AGENTES/ PACIENTES são nítidos nas descrições, alguns apontam a CAUSA, o PROPÓSITO do ato de violência como fazer JUSTIÇA, na medida em que receber a ofensa, ou agressão é considerado como um ato de violência. O interessante é que o RESULTADO DA AÇÃO VIOLENTA, como vimos, é o próprio ATO DE VIOLÊNCIA, reforçando o pensamento cultural e social: VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA; e produzindo ao mesmo tempo, a ideia de “PARA ACABAR COM A VIOLÊNCIA, É PRECISO UTILIZAR VIOLÊNCIA”- ideia difundida em filmes, na mídia, que muitas vezes mostra como se faz “justiça com as próprias mãos”.

Podemos, baseando-se no que foi dito, apresentar a VIOLÊNCIA como um ato de defesa, mas dentro da metáfora CONTABILIDADE MORAL, em que o esquema básico seria a revanche, na forma de vingança:

**A** causa dano a **B**;

**B**, por revanche, também causa dano a **A**;

**B**, não sendo uma autoridade legitimada, pune **A**, moral ou imoralmente;

O que ocorre é que a VIOLÊNCIA pode ser vista também como INSTRUMENTO para acabar com a VIOLÊNCIA. Em uma escala de valores, a defesa seria menos violenta do que o ataque, pois a primeira ação serve para proteger a VÍTIMA, tornando-se mais “legítima” no contexto, pois tem PROPÓSITO.

Enfatizando a ideia de JUSTIÇA, parece que SER JUSTO (mesmo que use FORÇA) NÃO É SER VIOLENTO. Tal metáfora pode trazer os seguintes acarretamentos:

VIOLÊNCIA É ATAQUE  
CONTRA-ATAQUE É DEFESA  
DEFESA É JUSTIÇA  
JUSTIÇA NÃO É VIOLÊNCIA  
DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA

Ainda no campo da defesa, podemos supor que:

VIOLÊNCIA É AGRESSÃO  
VIOLÊNCIA É PROPOSITAL  
DEFESA É INSTANTÂNEO  
DEFESA NÃO É AGRESSÃO  
DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA

Quando a VIOLÊNCIA é descrita como DEFESA, ou IGNORÂNCIA, IRRACIONALIDADE, podemos inferir que VIOLÊNCIA É ATITUDES IMPENSADAS; é um modelo metonímico que se repete num cenário de violência, como aponta Sage (2010). Esse cenário é provocado pelos estágios já demonstrados da RAIVA, relacionados a um ato de violência. A violência parece ser compreendida quando ocorre por não conseguir controlar sua emoção. A sua razão não dominou a situação.

PESSOA É RAZÃO  
PESSOA É EMOÇÃO

É pensando nessa relação RAZÃO- EMOÇÃO, como duas vertentes separadas, que vale destacar o ESTUPRO, presente em muitas das respostas lidas, como exemplo de VIOLÊNCIA. O ESTUPRO é visto como relacionado à FORÇA FÍSICA- TORTURA FÍSICA, ESPANCAMENTO, além de ser relacionado com TORTURA PSICOLÓGICA.

A PESSOA é compreendida como um TODO, como já foi explicado anteriormente: há um PLANO PSÍQUICO, UM PLANO CORPORAL/ FÍSICO E UM PLANO ESPIRITUAL. O ESTUPRO parece entrar em todos os planos. É PSÍQUICO pois afeta o MORAL, o BEM-ESTAR; é FÍSICO porque envolve FORÇA; e é ESPIRITUAL porque envolve IMPUREZA ( ESSÊNCIA MORAL/ RELIGIÃO).

A FORÇA FÍSICA DIRETA causa DANOS e qualquer FORÇA FÍSICA que cause DANOS é considerada VIOLÊNCIA, portanto, ESTUPRO É VIOLÊNCIA.

Nos estudos de Feltes, ESTUPRO contempla várias estruturas (AGENTE, PACIENTE, AÇÃO, RESULTADO). Dos submodelos, parece ser o com maior número de propriedade. É o que tem mais prototipicidade, parecendo, até agora ser, o mais grave. Entretanto, não é o que mais ocorre neste grupo de participantes como exemplo saliente que vem à mente quando se pensa em VIOLÊNCIA.

A ideia de PERDÃO, presente até nas perguntas do instrumento A tem vinculação direta com RELIGIÃO, que metonimicamente se expressa através de RITUAIS que levam ao desenvolvimento da FORÇA MORAL, já vista anteriormente; a PUREZA MORAL, a ESSÊNCIA MORAL ou CONTABILIDADE MORAL são partes da estrutura radial de RELIGIÃO. Uma relação com DEUS, PADRE e outras figuras morais legitimadas propicia conexão radial com JULGAMENTO, PENITÊNCIA, PUNIÇÃO e PERDÃO, que, por sua vez, estão conectados à estrutura de PECADO. É, portanto, graduando a VIOLÊNCIA, de acordo com o AGENTE, com o PACIENTE, com o INSTRUMENTO, com a AÇÃO, que se pode pensar em JULGAMENTO, PUNIÇÃO e PERDÃO. A METÁFORA DO SISTEMA MORAL influencia na tomada de decisão, bem como as experiências corpóreas.

O conceito VIOLÊNCIA, como aponta Feltes pode ser visto em termos de PESSOA, COISA, DOENÇA. Ao dizer “ A violência agride o ser humano”, estamos corporificando-na. O que ocorre é que a pessoa quando é agente da violência é a violência. A PESSOA torna-se única, não é UMA COISA EM TERMOS DE OUTRA; parece ser UM AGENTE EM TERMOS DE FORÇA, podendo explorar a noção de VIOLÊNCIA como AGENTE. Aqui muitas vezes o indivíduo que é AGENTE é ao mesmo tempo o próprio conceito ( pois é quem agride, quem bate).

VIOLÊNCIA É UM OBJETO

PESSOA É UM OBJETO

PESSOA É VIOLÊNCIA

Assim, poderíamos provocar os seguintes acarretamentos:

VIOLÊNCIA É BATER

BATER É FORÇA FÍSICA

UM AGENTE ATUA SOBRE UM PACIENTE

HÁ DANO FÍSICO

O AGENTE BATE

O AGENTE É VIOLÊNCIA

Outra relação que aparece nas respostas é de VIOLÊNCIA com DROGAS. VIOLÊNCIA percebida como DROGAS, metonimicamente pode ser vista como exemplo típico:

DROGA É UM ORGANISMO

DROGA SE ALIMENTA

DROGA COME AS PESSOAS.

Por acarretamento:

VÍCIOS LEVAM A AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS, EMBORA JUSTIFICÁVEIS.

Pensando em termos de SUJEITO/SELF, a DROGA parece “possuir” o ser humano, por isso ele faz coisas impensadas.

DROGA é uma metáfora sobreposta a uma metonímia, no sentido em que DROGA é tomada aqui como CONSUMO DE DROGAS

Outra questão abordada no primeiro grupo diz respeito ao papel do GOVERNO, como AUTORIDADE LEGÍTIMA. Para ser AUTORIDADE, é preciso ESTAR ACIMA, em uma relação de ESPAÇO. Para ESTAR ACIMA, é preciso SER RETO, pois

RETIDÃO TRAZ FORÇA

SER FORTE É SER MORAL

SER AUTORIDADE LEGÍTIMA É SER MORAL.

Alguns adolescentes apontam que o Governo não é AUTORIDADE LEGÍTIMA, na medida em que faz ações consideradas inadequadas para seu papel.

Pensando na metáfora PUREZA MORAL, que dá origem a metáfora MORALIDADE É PUREZA, podemos dizer que IMORALIDADE É IMPUREZA, fazendo os seguintes acarretamentos:

IMPUREZA É SUJEIRA

LADRÃO É MORALMENTE IMPURO

O GOVERNO TEM A FUNÇÃO DE LIMPAR A SUJEIRA

O GOVERNO TEM A FUNÇÃO DE RETIRAR SUJEITOS MORALMENTE IMPUROS

O GOVERNO NÃO LIMPA A SUJEIRA

O GOVERNO NÃO LIMPA O IMPURO

O GOVERNO É LADRÃO

O GOVERNO É IMPURO

O GOVERNO É IMORAL

Este falha em seu propósito, que acarreta em IMORALIDADE, não permite, portanto que o GOVERNO seja vista como, AUTORIDADE PATERNA, como EXEMPLO.

A questão da NECESSIDADE, associada com VIOLÊNCIA, faz parte de uma estrutura baseada em SOBREVIVÊNCIA. É a LEI DA SOBREVIVÊNCIA EM MEIO SELVAGEM, pois a NECESSIDADE é entendida como uma SITUAÇÃO DIFÍCIL.

Se consta nos dados coletados a NECESSIDADE, parece então sensato envolver POBREZA. Assim, o pobre é visto como VÍTIMA da sociedade. Esta, por sua vez, é vista como um MEIO SELVAGEM, em que os mais fortes sobrevivem. Seguindo esta lógica, vale tudo para ser FORTE, para SOBREVIVER. A VÍTIMA aqui passa então a ser AGENTE DE ATOS VIOLENTOS, mas não como CULPADO, e sim como um sujeito que utiliza a violência como RECURSO de sobrevivência.

TRÁFICO está representando metonimicamente TRÁFICO DE DROGAS. Além disso, ao pensar que a solução achada para igualdade de condições é o tráfico, estabelece-se uma estrutura em que o TRÁFICO é visto como uma COISA, já que pode ser vista (solução achada: COMPREENDER É VER), POBREZA é conceptualizada em termos de PROBLEMA; TRÁFICO DE DROGAS é SOLUÇÃO PARA POBREZA.

Ainda sobre o TRÁFICO, podemos afirmar que pode ser metaforizado como um RECIPIENTE: as pessoas entram e saem- é um espaço ocupado. Indiretamente, podemos estabelecer a relação TRÁFICO DE DROGAS É ALIMENTO, na medida em que alimenta: as drogas alimentam os viciados e o dinheiro obtido de sua venda alimenta os familiares dos traficantes. Aqui, se fossemos avaliar a gravidade do ato de violência, o TRÁFICO, sendo um INSTRUMENTO para conseguir alimentos, para sobreviver, parece não ser tão grave. O traficante é a AUTORIDADE PATERNA, quem alimenta a família. Então, podemos pensar que:

CUIDAR, PROTEGER OS INOCENTES É SER MORAL

O TRAFICANTE É MORAL

O POLICIAL também é visto como AGENTE da VIOLÊNCIA, enquanto deveria ser apenas seu combatente. POLICIAL e TRAFICANTE aparecem em um possível único *frame*, em que utilizam ARMA, e esta é citada no instrumento respondido pelo primeiro grupo de adolescentes aqui analisados. É nesta cena que o PODER DE AUTORIDADE aparece:

TER ARMA É TER PODER

POLICIAL TEM ARMA

POLICIAL TEM PODER

POLICIAL É AUTORIDADE LEGÍTIMA

## POLICIAL PODE USAR ARMA

Porém, na mesma descrição de GOVERNO, os participantes colocam o POLICIAL em seus discursos como AGENTES da violência, portanto, imorais, conforme a representação feita para GOVERNO, pois ambos são AUTORIDADES LEGITIMAS e deveriam “ser puros”, deveriam TER MORAL.

A violência para este grupo também foi estruturada em termos de GUERRA, na medida em que são citados: PALESTINA, ÁFRICA, EUA, como situação de COMBATE.

Explicado então como o grupo 1 estrutura conceitualmente VIOLÊNCIA e as EMOÇÕES, seguimos com a análise qualitativa e quantitativa do segundo grupo.

GRUPO 2:adolescentes vitimizados (vítimas, viventes, observadores, participantes de situações envolvendo violência social, urbana, familiar), estudantes de escola pública localizada em uma região dominada pela guerra do tráfico de drogas

### **Participante 1:**

As cinco palavras que vem à mente para o participante 1 quando pensa em VIOLÊNCIA são: “Maria da Penha”, “briga”, “roubo”, “prisão”, “morte”. Nesta seleção de itens lexicais, temos dois que não apareceram nas escolhas lexicais do grupo 1: “prisão” e “Maria da Penha”. Este último interessante de constar, pois se trata de LEI, portanto, é JUSTIÇA, e agregada à ideia de VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA, como foi apontada no grupo 1, parece que MARIA DA PENHA não deveria ser VIOLÊNCIA, na medida em que MARIA DA PENHA É LEI (LEI É JUSTIÇA). Infere-se, portanto, que MARIA DA PENHA é CONSEQUÊNCIA do ATO, é RESULTADO da VIOLÊNCIA, pois é acionada quando a mulher apanha do marido, quando há, portanto, VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, um tipo de violência. Podemos inferir que MARIA DA PENHA É ENTIDADE, como se fosse animada, palpável, visível, e como esta relação metonímica envolve BRIGA, AGRESSÃO, SOCOS, TAPAS, etc., podemos dizer o conceito se enquadra também no núcleo ATO, embora aqui fique classificado como pertencente ao núcleo POLÍTICA, por sua relação com JUSTIÇA.

Além de MARIA DA PENHA o conceito PRISÃO também se conjectura no mesmo núcleo semântico de POLÍTICA, ainda que possa ser pensado em ESPAÇO, CENÁRIO de VIOLÊNCIA. PRISÃO tem relação com FALTA DE LIGAÇÃO (metáfora do CORDÃO UMBILICAL- rompido com a distância da família), com SOLIDÃO, com RAIVA, portanto, com VIOLÊNCIA. Explicamos:

PRISÃO GERA SUFOCAMENTO  
SUFOCAMENTO OPRIME RECIPIENTE  
CONTENÇÃO OPRIME RECIPIENTE  
SUFOCAMENTO GERA RAIVA  
RAIVA É UM FLUIDO QUENTE  
QUANDO O FLUIDO FERVE HÁ EXPLOSÃO  
EXPLOSÃO É VIOLÊNCIA  
RAIVA É VIOLÊNCIA

A metáfora AFEIÇÃO É CONTATO aparece na relação com a família.

ESTAR LONGE DA FAMÍLIA TRAZ DANOS  
SOFRER DANOS É VIOLÊNCIA  
ESTAR LONGE DA FAMÍLIA É VIOLÊNCIA  
ESTAR PRESO É ESTAR LONGE DA FAMÍLIA  
ESTAR PRESO PODE LEVAR À VIOLÊNCIA

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é ressaltada na resposta do item seguinte, quando o participante descreve “roubo” e “Maria da Penha” como as palavras que mais se relacionam com VIOLÊNCIA. E seu argumento, na resposta posterior é “porque são as mais vistas”, o que comprova que há mais vivência pessoal com o ATO, que aqui é descrito como OBJETO QUE SE VÊ, na relação metafórica COMPREENDER É VER, já diferindo dos participantes do grupo 1.

Ainda em sua resposta de justificativa de escolha, o participante cita que ROUBO e MARIA DA PENHA são atitudes mais violentas porque tem MORTE E ESPANCAMENTO (estes são os atos violentos que seguem os atos citados na sua escala, e são piores do que os próprios). E novamente é interessante pensarmos na CONSEQUÊNCIA, EFEITO DA VIOLÊNCIA. Retomando o que já apresentamos, o ATO DE VIOLÊNCIA É A VIOLÊNCIA:

VIOLÊNCIA É ESPANCAR

VIOLÊNCIA É MATAR

Mas aqui, o PRODUTO é o destaque:

VIOLÊNCIA É MORTE

VIOLÊNCIA É ESPANCAMENTO

Podemos, num cenário construído, descrever os movimentos em composição, tanto para ROUBO, como para VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (metonimicamente representada por MARIA DA PENHA ) apresentados na resposta do adolescente como mais salientes:

AGENTE: assaltante/ marido

PACIENTE: vítima/ esposa (indefesa)

META: roubar/ agredir

RESULTADO: morte /espancamento.

DANO: FÍSICO E MORAL

Num esquema de ORIGEM-PERCURSO-META, onde META é MORTE,

ESPANCAMENTO:

MARIDO USA FORÇA FÍSICA

MARIDO AGRIDE

MARIDO ESPANCA

MARIDO MATA

E o ROUBO aqui também pode ser pensado como levado à última consequência:

AGENTE ASSALTA

AGENTE ATACA

AGENTE AGRIDE

AGENTE ESPANCA

PACIENTE REAGE? (OU NÃO)

AGENTE MATA

É realmente presente essa questão da VIOLÊNCIA DOMÉSTICA na vida do participante 1, já que em sua gradação semântica de mais violento a menos violento está no topo novamente MARIA DA PENHA, seguido por: MORTE, ROUBO, BRIGA-DISSCUSSÃO. Ainda no esquema ORIGEM-PERCURSO-META, podemos juntar num cenário:

MARIDO E MULHER BRIGAM, DISCUTEM

MARIDO BATE

MARIDO AGRIDE

MARIDO ESPANCA

(quase todos os passos do ESTUPRO)

(ou ainda: MARIDO MATA)

PELA LEI MARIA DA PENHA, MARIDO É PUNIDO

MARIA DA PENHA É JUSTIÇA

( quando não efetiva, pode voltar o ciclo)

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ocorre a partir de um modelo cognitivo cultural paternalista e que é machista, em grande parte da sociedade. É possível perceber que VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é mais violento do que MORTE, pela aproximação afetiva da

vítima com o causador e deste com outra possível vítima. Nesse caso, a gradação de VIOLÊNCIA se dá na medida em que afeta mais de uma pessoa, variando o número de VÍTIMAS, que são de dois tipos: VITIMA DIRETA DE DANOS FISICOS E PSIQUICOS-MORAIS-EMOCIONAIS (mulher, tipicamente mais indefesa do que o homem) e VÍTIMA INDIRETA DE DANOS PSIQUICOS-MORAIS-EMOCIONAIS (criança, filho, tipicamente mais indefeso do que um adulto). Por isso, podemos pensar que por critérios VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é mesmo mais violento, já que atinge mais de uma vítima e causa mais de um dano.

Na sequência de mais violento, temos MORTE como PRODUTO da violência, ROUBO; e como menos violento temos DISCUSSAO-BRIGA, que causa menos DANOS na opinião do participante.

O adolescente descreve VIOLÊNCIA da seguinte forma: “Quando pessoas começam a brigar em luta corporal, ou até mesmo com armas de fogo ou facas, pedras, etc.”. Há uma cena envolvendo AGENTE, PACIENTE e ESCALAS DE GRAU DE INTENSIDADE, mostrando que luta corporal (CONTATO) é menos grave do que ARMAS DE FOGO, FACAS ou PEDRAS (a pista que nos indica isso é o uso da expressão “até mesmo”, como se os INSTRUMENTOS tornassem mais grave o ato de violência).

A relação de VIOLÊNCIA com LUTA CORPORAL é apresentada novamente na questão seguinte, quando é solicitado que compare VIOLÊNCIA com outro conceito. O adolescente cita LUTAS LIVRES, que envolve a mesma cena de LUTA CORPORAL. O acréscimo de “corporal” em “luta” dá um tom mais voltado ao TOQUE, ao CONTATO, ao EQUILIBRIO, pois parece direcionar a cena para os corpos- que são RECIPIENTES, que PERDEM EQUILIBRIO AO SEREM BALANÇADOS:

CONTATO CORPORAL, COM USO DA FORÇA BALANÇA RECIPIENTE,  
RECIPIENTE BALANÇANDO ENCONTRA-SE EM DESEQUILÍBRIO  
DESEQUILIBRIO PODE CAIR  
CAIR CAUSA DANO

Lembrando que ESTAR POR CIMA É MELHOR, acionamos o frame de LUTA LIVRE, em que numa competição oficial o ganhador é o que derruba o adversário, deixando-o no chão- POR BAIXO. Assim, podemos deduzir que para este adolescente FORÇA e CONTATO envolvem PODER e parecem ser elementos estruturantes do conceito VIOLÊNCIA, o que reforça sua citação de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, com o uso metonímico MARIA DA PENHA, que envolve também CONTATO e FORÇA, além dos DANOS já citados para marcar o PODER do marido sobre a esposa.

VIOLÊNCIA é até agora, então, ATO-PRODUTO, para este participante.

Ao elencar os sentimentos relacionados com quem pratica violência, o participante cita os seguintes itens lexicais: “ódio”, “raiva”, “tristeza”, “alegria”, “o mal”. Parece que o participante se coloca na posição de AGENTE da VIOLÊNCIA, quando escreve “alegria”, pois o sentimento destacado é destoante dos demais, fazendo-nos pensar que para o participante, o agente sente alegria em fazer algo violento. O MAL, que é reforçado como o mais relativo com quem comete violência, pode ter relação com AGENTE E PACIENTE, podendo o primeiro também sofrer deste, ou seja, o AGENTE É VÍTIMA TAMBÉM DA VIOLÊNCIA, na medida em O MAL ACARRETA VIOLÊNCIA, já que fica a impressão de que:

MAL É UM ENTIDADE

MAL É UMA DOENÇA QUE SE INFILTRA NO SER HUMANO

Parece uma FORÇA EXTERNA, que DOMINA A MENTE HUMANA, por isso é além da VONTADE. E, pensando na metáfora, VIDA É UM BEM, podemos concluir que VIOLÊNCIA É MORTE, pelo acarretamento de VIOLÊNCIA É UM MAL. Ainda é possível pensarmos em :

VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO QUE SE ALIMENTA

PESSOAS SÃO ALIMENTOS

VIOLÊNCIA COME AS PESSOAS

Destacando os sentimentos relacionados com quem sofre violência, o participante cita os seguintes itens lexicais: “rancor”, “tristeza”, “o mal”, “sofrimento”, “ódio”. Todos os sentimentos descritos demonstram empatia para com quem sofre, já que são reflexos de quem se coloca no lugar do outro, “sente pelo outro”. E aqui, novamente, O MAL aparece, porém, diferente do que citamos anteriormente, podemos pensar agora em MAL como VINGANÇA. Interessante destacar que poderia ser simplesmente MAL, como contrário de BEM, em “sentir-se bem”, porém, o participante opta por acrescentar o artigo definido “O” na posição anterior à palavra, para realmente destacá-la como ENTIDADE. Assim, sabendo que O MAL é RUIM, O MAL É VIOLÊNCIA, supõe-se aqui uma relação de VINGANÇA pelo modelo metonímico VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA, num ato contínuo de equilíbrio da CONTABILIDADE MORAL, em que se podem inferir aspectos do esquema de equidade que embora gerem EQUILIBRIO, no SISTEMA DE CONTABILIDADE MORAL ( fica “quite”), pode também gerar desacordos morais, a partir dos acarretamentos:

VITIMAS SOFREM VIOLÊNCIA

VITIMAS FICAM TRAUMATIZADAS

## VITIMAS TRAUMATIZADAS PODEM SE TORNAR VIOLENTAS

Reforçando a empatia também para com os que sofrem violência, o participante destaca como o sentimento mais relevante neste contexto o SOFRIMENTO, e aí, podemos “puxar” novamente VIOLÊNCIA DOMÉSTICA para a cena, pois o participante reforça que VIOLÊNCIA CAUSA DANO PSÍQUICO, EMOCIONAL, não somente FÍSICO, o que condiz com a VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (de todos os exemplos citados foi o citado que envolvia dano emocional também, que envolvia terceiros e causava DANOS a mais de uma vítima, gerando, portanto, maior sofrimento, na gradação semântica via descritores). Também podemos pensar em PRISÃO, como FALTA DE LIBERDADE (ou seja: PRIVAÇÃO DO DIREITO À VIDA), que também envolve DANO MORAL, PSÍQUICO, EMOCIONAL, porém, por PRISÃO ser vista como CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA (ATO, CAUSA E EFEITO), acreditamos que há mais elementos prototípicos de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA para SOFRIMENTO, do que PRISÃO (esta envolve apenas um PACIENTE, que também é AGENTE, por isso pode ser considerado MENOS VIOLENTO, na escala quando utilizamos critérios semânticos- descritores).

O participante considera perdoável uma discussão “por nada“, pois esta não guarda rancor ( “por nada”, pois quando tem razão, aí é guardado rancor, e pode gerar violência, o que não se enquadra aqui). Novamente, percebemos o DANO EMOCIONAL-PSÍQUICO, MORAL como mais dominante na sua gradação. E assim como participantes do grupo 1, podemos inferir por suas palavras escritas que o participante concorda que se o motivo não for banal, é permitido violência.

A MORTE, CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA, é imperdoável, pois, segundo o participante, “quem pratica (MORTE é resultado, mas descrita aqui como ato) isso acabou com uma vida e com uma família e isso é muito difícil de perdoar”. De novo, o DANO MORAL, EMOCIONAL, e, de novo, FAMÍLIA na cena. Percebemos que o participante tem preocupação com o AMOR FAMILIAR, com o LAÇO FAMILIAR, estabelecido pela metáfora de que FAMÍLIA É UM RECIPIENTE e que para este estar completo precisa de todos os membros, assim, mantendo EQUILÍBRIO para ficar em pé. Se um integrante do recipiente sai ( morre), o recipiente se desequilibra, fica mais vazio, causando fragilidade, dano.

O participante encerra seu questionário citando que VIOLÊNCIA É UM MAL e que SEGURANÇA PÚBLICA COMBATE O MAL. SEGURANÇA PÚBLICA É, portanto, AUTORIDADE LEGÍTIMA E MORAL.

Passemos agora à análise do texto:

Violência para mim significa ódio de alguém que guarda muito rancor e que se vingar(a) e vai Lá e faz um bestera(b).

*Que nem eu vi no jornal um homem esfaqueou a esposa e os filhos por causa de um aparelho celular.*

*E a esposa morreu ela e dois filhos o homem que comede o crime foi preso.*

*Tudo isso foi por causa de um bestera uma droga de um aparelho celular.(c)*

O primeiro ponto que merece observação é que o participante pediu para colocar o ocorrido como notícia de jornal, pois ficou com receio de dizer que conhecia a história de perto, pois a assistira (embora não disse ser sua própria vivência).

Neste texto, temos presente novamente VIOLÊNCIA DOMÉSTICA como estruturante do conceito VIOLÊNCIA- UM TIPO DE VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA ( ATO VIOLENTO É VIOLÊNCIA, e CONSEQUÊNCIA DO ATO VIOLENTO É VIOLÊNCIA, se pensarmos neste caso).

O participante ratifica em B1a que DANO EMOCIONAL, PSÍQUICO é o mais saliente quando é estruturado o conceito em questão, pois ressalta novamente que ÓDIO, RANCOR são CAUSAS E EFEITOS da VIOLÊNCIA. Aqui, a presença da CONTABILIDADE MORAL é percebida: VINGANÇA NÃO É VIOLÊNCIA, VINGANÇA É REBOTE- DEFESA. Há uma metáfora da TRANSAÇÃO FINANCEIRA: DANOS SÃO REPARADOS. É isso que leva ao EQUILÍBRIO MORAL. Pensando no motivo do ATO RETRIBUTIVO, da VINGANÇA, em B1b, o participante considera não ser RACIONAL, e o inclui numa relação em que LIMPO É PURO, VINGANÇA É SUJA, referindo-se à VIOLÊNCIA DA VINGANÇA como BESTEIRA, que é considerado “tudo que não presta, não tem serventia, portanto, lixo”.

BESTEIRA É LIXO

BESTEIRA É SUJO

BESTEIRA É IMORAL

VIOLÊNCIA É IMORAL

BESTEIRA É VIOLÊNCIA

O uso da expressão “vai lá”, mostra que para ocorrer o ATO é preciso CONTATO, APROXIMAÇÃO- como se o paciente estivesse distante do agente. Há, portanto, um PERCURSO e que o final dele é o LÁ, onde é possível fazer a ação. O CONTATO é percebido como útil para estabelecer o BALANÇO e o DESEQUILÍBRIO, e assim causar a VINGANÇA.

O participante relaciona APARELHO CELULAR com BESTEIRA, e adiante com DROGA, como percebemos na sequência B1a: *Tudo isso foi porcausa de um bestera uma droga de um aparelho celular.(c)*

Lembrando que DROGAS SE ALIMENTAM DOS SERES HUMANOS, podemos relacionar que se APARELHO CELULAR é DROGA, então, ALIMENTA-SE DO SER HUMANO, causando DANO, pois COME A ALMA e ESTAR SEM ALMA É ESTAR MORALMENTE FRACO.

Isso comprova que bens materiais- celular, por exemplo- não fazem bem para alma, deixam o ser humano fraco moralmente. Indo mais longe, pensamos que:

DROGAS ACARRETAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ACARRETA EM MORTE.

Por pensarmos que DROGAS é um PREJUÍZO DA ALMA, podemos supor que é um DANO MORAL-EMOCIONAL-PSIQUICO, reforçando então a ideia de que o participante 1 considera como saliente em VIOLÊNCIA o DANO PSIQUICO.

Como percebemos, a relação familiar é destaque nas afirmações do participante. Seus conceitos giram em torno da VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, o que torna mais próximo de si a forma de sentir a violência. Também vimos que para tal participante as drogas e os bens de consumo também acarretam em atos violentos, podendo ser sua origem. O participante acredita que a autoridade tem poder legal de acabar com a violência.

## **Participante 2:**

Linguisticamente, é importante citar que nestas e em várias outras sequências escritas deste grupo de participantes, seja por erro gramatical, ortográfico ou por marca talvez da oralidade, a letra “r”, como marca do infinitivo verbal é suprimida, portanto, ao ler palavras que indicam ação, leia-se com a marca de infinitivo, assim: BRIGA, BATE, LUTA, QUEBRA, ESPANCA : BRIGAR, BATER, LUTAR, QUEBRAR, ESPANCAR. Além desse desvio da norma, há outros que dificultam por vezes uma melhor compreensão. É por isso, então, que as formas alteradas, com a correção gramatical, serão as eleitas daqui em diante para a escrita das análises em que isso faça a diferença.

“Briga”, “bate”, “luta”, “quebra”, “espanca” (“brigar”, “bater”, “lutar”, “quebrar”, “espancar”) são as palavras que vem à mente do participante quando pensa em VIOLÊNCIA. Notamos aqui que VIOLÊNCIA É ATO. Reforça-se tal ideia com a resposta da questão seguinte, em que BRIGAR e ESPANCAR são citados como exemplos mais salientes.

Pensando em QUEBRAR, é possível citar a metáfora do SELF, já apresentada anteriormente, no grupo 1, na medida em que:

SELF É OBJETO FRÁGIL  
OBJETO FRÁGIL PODE SER QUEBRADO  
QUANDO QUEBRADO, OBJETO ACABA  
QUEBRAR OBJETO É VIOLÊNCIA  
AGENTE COMETE VIOLÊNCIA  
AGENTE PODE QUEBRAR UM OBJETO  
O SELF PODE SER QUEBRADO  
O SELF ACABA QUANDO SOFRE VIOLÊNCIA  
VIOLÊNCIA ACABA COM AS PESSOAS

Presente, então, a fragilidade humana nesse exemplo citado, notamos que o DANO é FÍSICO, tanto pelo uso de QUEBRAR, como das outras referências feitas. Analisando como sequência de ações ( ORIGEM-PERCURSO-META), é possível supor a cena nesta ordem:

Há PESSOAS: duas ou mais

Há CAUSA: começam a brigar

Há CONSEQUÊNCIA: um AGENTE bate no PACIENTE; começa então uma LUTA, em que há ESPANCAMENTO

Há AGENTE e PACIENTE

Há PRODUTO, CONSEQUÊNCIA: o PACIENTE se quebra

HÁ DANO FÍSICO

Apesar de pensarmos neste cenário, em que QUEBRA seria a consequência, o produto final, o participante considera QUEBRAR como menos violento, em sua graduação semântica. ESPANCAR é elencado como mais violento. E talvez aqui podemos remeter ao que um dos participantes do grupo 1 defendeu de que MORRER É MELHOR DO QUE SER TORTURADO, ou seja, se pensamos em QUEBRAR como QUEBRAR O SELF- ACABAR COM O SELF, pensamos que o SELF está morto, e se assim está, parou de sofrer. Já em ESPANCAR, o SELF continua sofrendo DOR, precisando manter o EQUILIBRIO, pois ainda não se despedaçou. Portanto, é MAIS VIOLENTO, pois envolve MAIS SOFRIMENTO, por esta lógica. E isso retoma o que o primeiro participante do grupo citou, de que SOFRIMENTO é o pior sentimento envolvendo VIOLENCIA.

A questão do DANO MORAL é destacada na conceptualização, pois, para o participante 2, violência é “uma coisa que quando as pessoas não gostam por exemplo que a pessoa disse e outra não gostou eles partem pra violência”. Ou seja:

VER O QUE NÃO GOSTA CAUSA SENSACÃO RUIM

SENSACÃO RUIM PODE CAUSAR VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA É OBJETO, ENTIDADE.

VIOLÊNCIA É VISTA

COMPREENDER É VER

VER VIOLÊNCIA É COMPREENDER VIOLÊNCIA

DANO MORAL TRAUMATIZA VITIMA

Pela CONTABILIDADE MORAL- TRANSAÇÃO FINANCEIRA:

VITIMA PODE COBRAR DANOS

COBRAR DANOS É JUSTO

VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA

COBRAR DANOS NÃO É VIOLÊNCIA

O participante afirma em suas respostas que a VIOLÊNCIA é o CAMINHO FINAL DO DESENTENDIMENTO, pois, como vimos já na tese, FALTA DE CONVERSA É DESVIO DO CAMINHO PARA A PAZ. Se os dois atores da cena não estão conseguindo estabelecer conversa, é porque não estão seguindo o caminho, a FALTA DE CONVERSA É OBSTÁCULO (em AMOR É CAMINHO), e acabam partindo então para outra rota, outro destino final que é VIOLÊNCIA. Para o participante, portanto, o ato em si não é a violência, sendo esta o efeito deste ato.

A LUTA, como AGRESSÃO FÍSICA, ATO FÍSICO, DANO FÍSICO é o exemplo saliente utilizado como comparativo à VIOLÊNCIA.

Quem pratica VIOLÊNCIA, de acordo com o adolescente, tem sentimento que indicam estar PARA BAIXO, ser MORALMENTE FRACO. “Ódio”, “estresse”, “irritado”, “brabo”, “magoado” são palavras que remetem também ao sentimento do outro, o que demonstra entendimento- COMPREENDER É VER. E ao se enxergar no lugar do outro, há empatia. E parece que o DANO MORAL é justificado como MOTIVO da violência, alicerçado na ideia de que DANO MORAL É VIOLÊNCIA, FAZ VÍTIMA; e VITIMA TRAUMATIZADA PODE COMETER VIOLÊNCIA, como já vimos. Defende-se isso, pois o participante escolheu MAGOADO como o sentimento mais relativo a quem pratica a violência, dando a entender que o praticante da ação sente mágoa. Este mesmo item lexical é escolhido para definir como se sente quem sofre a violência, dando margem a pensar que VINGANÇA é aceitável, na esfera da TRANSAÇÃO FINANCEIRA MORAL. E não só MAGOADO, mas REVOLTADO, ESTRESSADO, ÓDIO dão brechas para este pensar. Lembrando que alguém estressado, é alguém sob pressão; e um recipiente sob pressão pode

explodir.

Mesmo assim, o participante opta em escolher como mais saliente dos sentimentos de quem sofre violência a TRISTEZA, corroborando com a ideia de VIOLÊNCIA É DANO PSÍQUICO, MORAL, EMOCIONAL

Para o participante, a MORAL é mesmo importante, pois a VIOLÊNCIA É PERDOÁVEL QUANDO HÁ ARREPENDIMENTO, ou seja, há REPARAÇÃO DE DANOS, pensando em equilíbrio, na CONTABILIDADE MORAL, numa metáfora em que:

SER BOM É ESTAR EM EQUILIBRIO

SER BOM É SER MORALMENTE FORTE

ALGUÉM MORALMENTE FRACO PODE COMETER MALDADES

REPARAR A MALDADE PODE TRAZER EQUILIBRIO

EQUILIBRIO PODE TRAZER FORÇA

FORÇA É SER BOM

REPARAR O DANO É SER MORALMENTE FORTE

O DANO MORAL de HUMILHAÇÃO, que é “colocar o outro para baixo” pode ser pensado em ESTAR PARA BAIXO É RUIM, e o DANO FÍSICO, que envolve agressão (bater desequilibra) é imperdoável.

A violência, para o participante “não é uma coisa boa”, o que acarreta em VIOLÊNCIA É O MAL, já apresentado anteriormente. E a explicação é pautada em DANOS MORAIS, PSÍQUICOS, EMOCIONAIS: “choro”, “tristeza”, “sofrimento” (“a pessoa sofre e chora e fica triste”) VIOLÊNCIA, portanto, É EFEITO.

Seguimos com o seu texto:

*Para mim a violência é pior coisa para aceitar (a) quando vc se estressa melhor é conta ate 10.*

*Já vi um filme que mulher apanha do marido (b), não tem coragem(c) de ir ate policia e continua sofrendo com violência(d) quando o marido chegava batia nela sempre estava bebado (e) disse que se ela conta-se mataria os filhos dela ela cansou de apanha(f) foi ate a policia e contou a policia não foi la ai a mulher não tava mais segurando a violência do marido(g) e foi denovo e mostrou as marcas que o marido deixava nela(h) ai ela foi para casa aconteceu denovo ela foi napolicia ai ela um dia ligou por seu irmão ele ligou parapolicia a policia foi la a mulher sofreu vendo a cena mas foi melhor assim que sofrer violência(i).*

Ao ser solicitada a tarefa de escrever um texto, muitos perguntaram neste grupo se poderiam dizer que foi cena de filme, para não descobrirem o que escreveriam. Este participante é mais um dos que fizeram tal pedido. É interessante perceber o medo de ser revelarem como vítimas da situação (outros, como veremos, não tiveram tal receio, mas alguns não tiveram coragem de se expor). Em falas informais, muitos comentaram que não adiantaria ir ao Conselho Tutelar, que não adiantaria prestar queixa, pois só pioraria a situação, porque sempre há ameaças mais violentas nestes casos, por isso optam em não denunciar os problemas vivenciados. E é talvez fruto desse receio de serem “descobertas” as denúncias aqui presentes que muitos preferem citar que a cena é de um filme, de uma ficção, de um veículo de comunicação, quando, na conversa informal, revelaram os adolescentes serem experienciadores desta violência descrita. Assim como eles, muitas vítimas de violência se calam por medo, e acabam se tornando resilientes em nossa sociedade. Ponto para reflexão sobre IMPUNIDADE, INJUSTIÇA, VIOLÊNCIA FAMILIAR.

O primeiro ponto a ser analisado do texto é a primeira sentença, em que o participante escreve: “Para mim a violência é pior coisa para aceitar”, dando a entender que:

OBJETOS SÃO PRESENTEÁVEIS

PRESENTE É BOM DE ACEITAR

VIOLÊNCIA É OBJETO

VIOLÊNCIA É PRESENTE

VIOLÊNCIA NÃO É BOM DE ACEITAR

PRESENTE É ACEITÁVEL

VIOLÊNCIA É PRESENTE NÃO ACEITÁVEL

Esta associação é possível, a partir da metáfora COMPREENDER É VER:

COMPREENDER É VER

VIOLÊNCIA É OBJETO

OBJETO PODE SER VISTO

VIOLÊNCIA PODE SER VISTA

OBJETOS SÃO ACEITOS (COMO PRESENTES)

VIOLÊNCIA NÃO É ACEITA (COMO PRESENTE)

A metáfora CONTAR ATÉ DEZ traz uma relação entre RAZÃO E TEMPO, em que quanto mais tempo pensamos, mais razão adquirimos. E uma relação de proporção: MAIS É MELHOR. Quanto menos razão, portanto, como já vimos, mais irracionalidade; quanto mais irracionalidade, mais violência, quanto mais violência, mais raiva e o inverso. É a ideia de que precisamos controlar nossa raiva, vindo então o esquema proposto por Kovesces(2000), que

elabora um cenário prototípico do conceito RAIVA, em que o CORPO é um RECIPIENTE PARA EMOÇÕES, que já apresentamos no corpo da tese.

A metáfora CONTROLE DO SELF É POSSE DE OBJETO, que também já foi apresentada no trabalho, caracteriza a noção de “contar até dez” para não “se perder” não se descontrolar. Pode-se pensar em perda de controle por causa de emoções negativas, quando, por exemplo, há ansiedade, medo, raiva. Pode-se fazer mais do que se pretendia fazer, com possíveis consequências negativas. Esta falta de controle pode ser entendida quando alguém sente que está sem controle de si, que alguém está fazendo por ela, como um “Espírito do Mal”. Essa metáfora é interessante para entendermos expressões como “ estava falando e perdi minha linha de raciocínio”, ou então: TIRAR O CONTROLE DE UM SELF É TIRAR A POSSE DE OUTRO: “perdi o controle, por isso agi mal”, ou “ estava descontrolada, agiu por impulso”, “não sei o que deu nele, acho que algum santo baixou”...

E na descrição desta falta de controle, o adolescente traz um tipo de violência já citado por este grupo: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Aqui, a mulher apanha do marido. A solução é a polícia. Então, resgata-se a ideia de POLICIAL É AUTORIDADE MORAL. O medo é descrito aqui como PESO, a partir das inferências feitas com a leitura das sentenças B2c e B2d. E este peso prende o SELF, no caso, a esposa. O uso de “continua” em “continua sofrendo” mostra essa relação de PESO E TEMPO.

Assim, podemos pensar a partir da sentença B2c que:

A FALTA DE CORAGEM É FRAQUEZA  
SER FRACO É SER MORALMENTE FRACO  
SER FRACO É SOFRER.

Mas por “fraqueza moral”, podemos entender alguém que não tem controle de Self. Ou seja, que é dominado por uma entidade, no caso, a bebida parece desempenhar este papel em relação ao marido da vítima, que supostamente só causa maldade, só causa violência porque é moralmente fraco, pois:

BEBIDA É VÍCIO  
VÍCIO É UMA ENTIDADE QUE DOMINA A MENTE  
VÍCIO É DOENÇA  
VÍCIO DEIXA MENTE FRACA  
BEBER É ESTAR FRACO MORALMENTE  
SER FRACO MORALMENTE PODE COMETER MALDADE  
COMETER MALDADE É VIOLÊNCIA  
BEBIDA É VIOLÊNCIA

Pelo texto, podemos inferir também que essa relação de TEMPO não envolve somente a RAIVA, o CONTROLE, o PESO, mas o ATO, que é descrito como DURAÇÃO na sequência B2f, que mostra a esposa num contínuo de vítima. Assim:

AÇÕES REPETIDAS CANSAM  
APANHAR É ATO SEQUENCIAL  
SEQUÊNCIA É CONTINUIDADE  
CONTINUIDADE É QUANTIDADE  
QUANTO MAIS CONTÍNUO, MAIOR A QUANTIDADE  
QUANTO MAIS APANHA, MAIS CANSA  
APANHAR É VIOLÊNCIA  
APANHAR CANSA

E ao citar em B2g que “a mulher não tava mais segurando a violência do marido”, podemos inferir que o participante considera que VIOLÊNCIA É UMA COISA, VIOLÊNCIA PODE SER SEGURADA-CONTIDA; mas:

VIOLÊNCIA É PESO, e  
PESO É CARREGADO POR FORTES  
QUEM É FRACO, NÃO AGUENTA CARREGAR PESO  
MULHER É FRACA  
MULHER NÃO AGUENTA CARREGAR PESO  
MULHER NÃO AGUENTA APANHAR.

É possível, então, inferimos que esta relação não é a prototípica da FAMÍLIA, pois:

FAMÍLIA É AMOR  
AMOR É SALVAÇÃO  
FAMÍLIA É SALVAÇÃO

Mas:

COMPREENDER É VER  
VIOLÊNCIA É VISTA  
O QUE SE VÊ SE SENTE  
VIOLÊNCIA SE SENTE

O que é visto é visível, é marcado; aliás, as marcas do corpo que são visíveis são as cicatrizes da violência. Estas podem ser também pensadas como marcas na alma, já que traz sofrimento. O marido marcou a esposa no corpo e na mente.

Esta metáfora de VIOLÊNCIA É OBJETO serve para explicar também o sofrimento causado pela dor de ver o marido ser preso; é, na verdade, um sentimento contraditório, pois

tem ALÍVIO DO PESO, ao mesmo tempo em que DOR DA PERDA, DA SEPARAÇÃO, acarretando:

CASAMENTO É AMOR

CASAMENTO NÃO É VIOLÊNCIA

AMOR É O CAMINHO

VIOLÊNCIA É O FIM DO CAMINHO

MARCA É FÍSICA E CAUSA SOFRIMENTO

AMOR NÃO É SOFRER (neste contexto descrito, porém, é)

SOFRER É VIOLÊNCIA

SOFRER NÃO É AMOR

SOFRER NÃO É CASAMENTO

Finalmente, pensando na AUTORIDADE LEGÍTIMA, temos aqui a descrição de que demorou em a polícia agir, fazer seu papel de PROTETORA. POLÍCIA É LOCAL E AGENTE, numa relação metonímica. Mas, com todo o sofrimento apresentado, o texto nos leva a concluir com a sua sequência final que somente depois de insistir que a polícia tomou providências, descaracterizando seu papel de protetora preventiva.

O final do texto ainda deixa pistas de que CASAMENTO É POR AMOR, pois o adolescente cita que a esposa ainda amava o marido, porém precisou se desfazer dele em prol de si, o que não a impediu de sofrer, deixando-nos a mensagem de que SOFRER POR AMOR É MELHOR DO QUE SOFRER VIOLÊNCIA.

Temos em destaque novamente a relação FAMÍLIA, como LAÇO, LIGAÇÃO. Este participante, assim como primeiro deixa evidente a relação entre VIOLÊNCIA E CASAMENTO. Também como o primeiro, o participante aqui ressalta o papel da polícia como autoridade legal para punir. Sua forma de conceptualizar VIOLÊNCIA envolve ATO-PRODUTO, mas também EMOÇÃO.

### **Participante 3:**

Os itens lexicais “morte”, “agressão”, “estupro”, “discutir”, “bater” são os que o participante 3 pensa quando evocada a palavra VIOLÊNCIA. Todos os itens referem-se a DANO FÍSICO, ATO-PRODUTO, exceto DISCUTIR.

VIOLÊNCIA como ATO-PRODUTO é confirmado com sua segunda resposta em que MORTE E AGRESSÃO são as palavras mais destacadas quando pensa no conceito, tidas como certas de ocorrer em cenário violento, o que nos dá a ideia de que são os exemplos prototípicos da categoria para este participante. As mesmas palavras escolhidas no item A são

as que aparecem na escala de mais violento a menos violento, acrescentando-se OFENSAS como ato mais violento do que BATER e DISCUSSÃO, como mais violento do que AGRESSÃO, dando a entender que DANO MORAL é mais VIOLENTO do que DANO FÍSICO, mas menos do que PRODUTO, já que MORTE é produto e ESTUPRO assim pode ser visto também, pois há nele o ato de bater, de fazer sexo, de machucar, enfim, há uma sequência de atos que formam a noção de estupro, por isso além de ato, também é produto.

A argumentação de que o DANO MORAL é motivo para vingança, para reparo do equilíbrio também aparece na definição de VIOLÊNCIA deste participante, que afirma que “violência é uma coisa que da na hora de uma discussão, e acaba partindo para violência agressão física”

O participante compara VIOLÊNCIA com AGRESSÃO, reforçando que VIOLÊNCIA É ATO-PRODUTO.

Os sentimentos relacionados a quem comete violência, para o participante são: ÓDIO, RAIVA, SENTIMENTO, PENSAMENTO, RANCOR, evidenciando se colocar no lugar do outro de certa forma. Destaca-se, com já feito anteriormente, o ódio como o sentimento mais relacionado à VIOLÊNCIA:

ÓDIO É SENTIMENTO RUIM

SENTIMENTO RUIM GERA FRAQUEZA MORAL

SER FRACO MORALMENTE PODE CAUSAR VIOLÊNCIA

Ódio é como se a violência fosse para reparar o dano moral emocional que a pessoa sofreu, para reestabelecer seu equilíbrio. E essa noção também pode ser utilizada para justificar a escolha do mesmo item para relacionar com os sentimentos de quem sofre a violência. Além do ódio, há raiva e dor, que geram os mesmos acarretamentos. O participante cita além destas palavras, “machucar” e “perder”. Podemos pensar que:

QUEM SOFRE VIOLÊNCIA PERDE O CONTROLE

QUEM PERDE O CONTROLE, PERDE O SELF

PERDER O SELF É SOFRER DANO

MACHUCAR É SOFRER DANOS- QUE PODEM SER FÍSICOS E EMOCIONAIS-MORAIS

Machucar remete à dor que é o item destacado como o mais relevante sentimento de quem sofre violência:

DOR É EFEITO DA VIOLÊNCIA.

A DISCUSSÃO ao mesmo tempo em que é destacada como mais violenta do que ato de agressão, é também a mais perdoável para o participante em sua resposta da questão K,

pois mesmo que traga DANO MORAL, logo é esquecida, segundo sua explicação na sequência. O que não ocorre com o PRODUTO MORTE, que para o participante não é perdoável, pois é para o resto da vista de quem continua vivo- é como tirar o pedaço de alguém, vem de novo a relação de ligação, de parte de composição de elo, do cordão umbilical, e voltamos à noção de que PESSOA ocupa espaço do RECIPIENTE, numa relação metonímica, em que um sai, o resto de desestrutura.

Analisemos agora seu texto:

*Bom violência é um tipo de briga que envolve casais mãe pai filho tio vó vô que é muito agressiva e as vezes envolve muito as famílias. Quando estava na rua um homem bateu na mulher porque disse que ela estava no meio de homens e ele não gostou e deu nela no meio da rua.*

Novamente, temos VIOLÊNCIA DOMÉSTICA como exemplo saliente de VIOLÊNCIA e aqui mostrando que há mais de uma vítima desse tipo de violência. O participante escreve a cena que vivenciou mostrando O LOCAL DA VIOLÊNCIA, O AGENTE, O PACIENTE, O MOTIVO, A CONSEQUÊNCIA, O DANO. A ideia machista que ainda impera em nossa sociedade trata o MARIDO como AUTORIDADE. E vai mais além, pois há possibilidade em pensar que CASAMENTO É POSSE:

ESPOSA É DO MARIDO

Se o marido é dono, se a esposa é sua propriedade, sabemos que não podemos invadir propriedade dos outros, pois são territórios marcados. Assim, a esposa não pode ser cobiçada por outro homem, pois é ROUBO DE PROPRIEDADE:

ESPOSA É PROPRIEDADE

ROUBAR É VIOLÊNCIA

ROUBAR É ILEGAL

PROPRIEDADE PODE SER ROUBADA

ROUBAR PROPRIEDADE É VIOLÊNCIA

ROUBAR PROPRIEDADE É ILEGAL

PROTEGER PROPRIEDADE É LEGÍTIMA

DEFESA LEGÍTIMA NÃO É VIOLÊNCIA

Essa forma de conceptualizar ESPOSA COMO PROPRIEDADE dá o direito pela TRANSAÇÃO FINANCEIRA MORAL (já mostrada, de quitação de dívidas (DANOS), para equilíbrio da CONTABILIDADE MORAL) ao proprietário proteger sua propriedade.

PROTEGER NÃO É VIOLÊNCIA neste sentido; assim, “ao proteger sua esposa”, ao afastá-la da possibilidade de “roubo”, está garantindo, protegendo sua posse. Além disso, está também protegendo sua honra, pois por vivermos numa sociedade machista, o **HOMEM É MACHO, HOMEM MANDA, HOMEM É PROPRIETÁRIO, HOMEM É AUTORIDADE**. Se esse Self for destruído trará desequilíbrio, então, é preciso proteger. Assim, mais do que preocupado em proteger sua propriedade, o marido estaria também preocupado em proteger sua honra, e, por isso, utilizou a força, para ensinar a esposa como ela deve obedecê-lo, ficando apenas em sua propriedade. Aqui há de novo a relação já mostrada na tese de **VIOLÊNCIA É MEDO, MEDO NÃO É RESPEITO**. E pensando em “lição”- o conceito de escola, em que um **AGENTE COM AUTORIDADE ENSINA O QUE É CERTO**, e o **MAIS FRACO OBEDECE, APRENDE**. Mulher está aqui na posição de **MAIS FRACA**.

De acordo com o que podemos observar por suas respostas e por seu texto, o participante considera **DANO MORAL- EMOCIONAL-PSIQUICO** como **MAIS VIOLENTO**, sendo **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA** o exemplar típico de **VIOLÊNCIA**. Assim, o **ATO DE VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA, O EFEITO DA VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA**.

#### **Participante 4**

Para o participante 4 do grupo 2, as palavras “Injustiça, agressão, morte, rancor, raiva” são as que vêm à mente quando pensa em **VIOLÊNCIA**. Os **SENTIMENTOS** se destacam mais do que os **ATOS-PRODUTOS**. A palavra “Injustiça” traz a ideia já mostrada de **DESEQUILIBRIO**, portanto, supõe uma **VINGANÇA**, como **REEQUILIBRIO**, por isso, pode estar aqui presente como **VIOLÊNCIA**. Além disso, **INJUSTIÇA** remete à **INJUSTIÇA SOCIAL** também, o que pode acarretar em **LUTAR É CONQUISTAR**; assim, **LUTAR PELA JUSTIÇA NÃO É VIOLÊNCIA**.

Em sua segunda resposta, quando destaca as palavras mais referentes à **VIOLÊNCIA**, o **ATO** e o **PRODUTO** preponderam: “agressão” e “morte”. E num esquema de **ORIGEM PERCURSO META**, o **FIM DO CAMINHO** é a **MORTE**, e é essa explicação que o participante apresenta na questão em que justifica sua escolha lexical. Temos:

**AGRESSÃO É VIOLÊNCIA**

**VIOLÊNCIA LEVA Á MORTE**

**MORTE É UM LUGAR, UM DESTINO**

**AGRESSÃO É O INSTRUMENTO, O MEIO PARA SE CHEGAR NESSE LUGAR.**

E eis que na quarta questão, em que é solicitada uma escala de mais e menos

violento, a FAMÍLIA novamente aparece nas linhas deste grupo de análise. O MAIS VIOLENTO É MORTE, mas ao seu lado- com igual peso, pela posição espacial, está OFENSA CONTRA FAMÍLIA.

Percebemos que há ligação com FAMÍLIA neste grupo de entrevistados, sempre a relacionando com VIOLÊNCIA. No caso desta questão, a violência é a OFENSA, que não pode ser feita contra familiar, pois é pior na escala do que AGRESSÃO. É tão violento atingir a família, que em sua gradação, ele cita de 5 itens violentos, 3 relacionados à família- colocando-se como protetor dela, na medida em que podem falar mal dele, podem ofendê-lo, mas não sua família, segundo suas palavras (“ofensas contra você tudo bem até a gente aceita”). Ele é escudo da família:

FAMÍLIA É UM BEM

FAMÍLIA É SAGRADO

E por isso precisa ser afastada do MAL terreno.

E pensando nos princípios cristãos, aqui há HONRAR PAI E MÃE- defender sua honra é defender seus selves, é defender as pessoas que ama, suas propriedades ( AMAR É POSSUIR). DISCUSSÃO é o segundo ato mais violento em sua escala (lembrando que se formos pensar nos textos lidos, a discussão muitas vezes é dentro de casa, com familiares). Como menos violento está o BATE-BOCA ( numa metonímia PARTE PELO TODO, que é metafórica também). Estes itens demonstram que o menos violento não envolve FORÇA FÍSICA, DANO FÍSICO- e que o DANO EMOCIONAL, MORAL é mais violento para o participante, pela honra de sua família tão defendida nestas linhas.

Ao explicar o que é violência, na questão seguinte, o participante não destaca o DANO MORAL, mas a FORÇA como elemento estruturante, afirmando que violência é ”quando alguém te agride quando a pessoas te bate, te machuca”. Há a cena, o script: AGENTE, PACIENTE, ORIGEM, PERCURSO, META, DANO:

BATER É AGREDIR

AGREDIR MACHUCA

MACHUCADO É DANO FÍSICO.

Para o participante, CONVERSAR É SOLUÇÃO DE PROBLEMAS, ao propor que VIOLÊNCIA É DISCUSSÃO, na questão “f”, quando solicitada comparação do conceito com outro.

Os sentimentos relacionados com quem pratica violência são explicados da seguinte forma pelo participante: “Culpa, injustiça, que fez algo errado, que errou em fazer o que fez, que tem que pedir desculpas”. Percebemos que a CULPA e, por conseguinte, o

ARREPENDIMENTO (pois reconhece o erro e quer reparar o dano), são os sentimentos que denotam empatia para com o agente do ato violento. E retoma a questão de QUITAR A DIVIDA, REPARAR O DANO, na questão seguinte, quando afirma que o mais relevante destes sentimentos é “que deve pedir desculpas”- a palavra “deve” traz à tona DEVER MORAL.

Os sentimentos relacionados com quem sofre violência, para o participante são descritos assim: “raiva, não desculpar, fazer injustiça, porque a pessoa lhe agredia, o que fez de errado para sofrer agressão”. Aqui, há uma demonstração de empatia novamente para com quem comete a ação violenta, pois o PERDÃO como QUITAÇÃO DE DÍVIDA também é BEM, DEVER MORAL CRISTÃO. A questão do NÃO PERDOAR É PECADO é relevante, pois é a escolhida como destaque dos sentimentos de quem sofre a violência. E em sua escolha lexical, percebemos que a VINGANÇA é o núcleo base de seus itens lexicais, pois estes são relacionados à REAÇÃO. O participante critica a REAÇÃO, ao assumir que o AGENTE sabe que errou, mas se pediu desculpa não fez nada para ser agredido.

O participante considera perdoável o Bullying, pois é DANO EMOCIONAL, MORAL, e novamente traz a questão de que o ARREPENDIMENTO QUITA O DÉBITO, pois cita que é perdoável quando a pessoa se arrepende do que fez e pede desculpa e que se “deve perdoar sempre porque sempre alguém erra na vida”. VIDA É CIRCULO, VIDA É CICLO. Podemos hoje estar na posição de CIMA, amanhã na de BAIXO, por isso é importante o PERDÃO, pois um dia pode ser que precisemos disso.

Contraditoriamente, mesmo que se deva perdoar bullying, que é agressão verbal, ofensa, é dito como imperdoável a ofensa, a agressão, a morte; mas na justificativa do item seguinte, o participante cita que ofensa não dói, mas machuca os sentimentos:

SENTIMENTOS SÃO ORGANISMOS

ORGANISMOS SE MACHUCAM

ORGANISMOS SOFREM

OFENSA É ATO

OFENSA TOCA O ORGANISMO

OFENSA NÃO DÓI

Mas:

OFENSA TOCA ORGANISMO

OFENSA BALANÇA ORGANISMO

ORGANISMO SE DESEQUILIBRA

DESEQUILIBRIO CAUSA QUEDA

QUEDA MACHUCA  
OFENSA MACHUCA ORGANISMO  
MACHUCADO DOI  
DOR É DANO EMOCIONAL  
DANO EMOCIONAL É VIOLÊNCIA  
OFENSA DOI  
OFENSA É VIOLÊNCIA

Ao explicar o que tem a dizer sobre violência, o participa cita: “Violência é uma coisa (OBJETO- VISIVEL, portanto) muito errada (intensificador “muito”), deve resolve os erros conversando e não brigando com violência, mais sim com palavras”. Percebemos aqui que o participa retoma sua defesa de CONVERSA RESOLVE PROBLEMAS. PALAVRAS SÃO SOLUÇÕES DE PROBLEMAS.

Interessante a possibilidade de lermos VIOLÊNCIA como INSTRUMENTO da BRIGA, numa mesma posição de PALAVRAS, ou seja, há a BRIGA, que pode ocorrer com VIOLÊNCIA ou com PALAVRAS, dependendo do instrumento é ato violento ou não. BRIGA COM PALAVRAS NÃO É VIOLENTO. BRIGA COM VIOLÊNCIA É VIOLENTO (BRIGA vista então como VIOLÊNCIA: só é VIOLÊNCIA quando tem no instrumento o próprio ato). Passemos para seu texto:

*Parta mim violência é horrível é pessoas que não tem amor no coração(a). Teve uma vez que teve um casal na minha rua que estava numa festa e tinha bebido muito e depois começaram a discutir(b) e ele deu com o capacete na cara dela e ela deu um tapa nele e ele não gostou e começou a lhe bater na frente de todo mundo (c). Ele deu parte dele na Maria da Penha(d) e ele foi preso e só pode vim para casa La de vez em quando, ta certo, mulher que sofre violência não deve ficar quieta mas sim dá parte dele na Maria da Penha(e), violencia gera morte (f)*

Pela sequência (a), além de percebemos que para o participante VIOLÊNCIA é OBJETO, pois é horrível- adjetivo que descreve aparência, retomamos o que já foi explanado sobre FALTA DE AMOR É VIOLÊNCIA, pois:

FALTA DE AMOR É FALTA DE ESTRUTURA  
CORÇÃO É RECIPIENTE  
CORÇÃO SE ENCHE DE AMOR  
CORÇÃO VAZIO TEM FALTA DE ESTRUTURA

FALTA DE ESTRUTURA DERRUBA O RECIPIENTE  
CORÇÃO É PARTE DO TODO  
TODO É PESSOA  
RECIPIENTE É PESSOA  
FALTA DE AMOR DERRUBA PESSOA  
FALTA DE AMOR É ESTAR MORALMENTE FRACO  
ESTAR MORALMENTE FRACO PODE COMETER MALDADE  
FALTA DE AMOR PODE GERAR MALDADE  
MALDADE É VIOLÊNCIA.

E mais uma vez VIOLÊNCIA DOMÉSTICA aparece como vivenciada, experienciada neste grupo de participantes. O aluno descreve uma cena vista, indicando LOCAL, ORIGEM, PERCURSO E FIM. E como INSTRUMENTO da violência, é possível pensarmos no capacete, e na mão, citados na cena descrita na sequência B4c, além de ser possível pensarmos na bebida, que na sequência B4b é um INSTRUMENTO DE ORIGEM, pois é a partir dela que a VIOLÊNCIA começa. Além de INSTRUMENTO, a BEBIDA É VICIO, seguindo os acarretamentos já apresentados nesta tese:

BEBIDA É VÍCIO  
VÍCIO É O MAL  
O MAL LEVA Á PERDIÇÃO  
ESTAR EM PERDIÇÃO É FAZER COISAS ERRADAS  
BEBIDA TE LEVA A FAZER COISAS ERRADAS  
VÍCIO É DOENÇA  
BEBIDA É DOENÇA  
DOENÇA ALTERA EQUILIBRIO  
BEBIDA ALTERA EQUILIBRIO  
FALTA DE EQUILIBRIO É FALTA DE RAZÃO  
FALTA DE RAZÃO É ATO IMPENSADO  
BEBIDA JUSTIFICA ATO IMPENSADO  
VIOLÊNCIA É ATO IMPENSADO

A discussão, fruto do uso da bebida, gerou agressão física, que gerou reação, que gerou agressão. BEBIDA É AGRESSÃO; BEBIDA É VIOLÊNCIA.

A violência começa para o participante com o instrumento capacete, e é dada na parte do corpo. Após, a agressão da mulher também é na parte do corpo do marido, e é quando o participante descreve o todo como parte, sendo esta cena a mais importante da cena, ou seja,

“lhe bater” é que virou o ato-produto da violência, sendo o ato violento a violência. O local, também descrito de forma metonímica- frente de todo mundo, também torna a cena mais violenta, pois quanto mais presentes sem reação, mais grave é.

Ao citar na sequência B4e que a mulher deve “dar parte dele ( dar algo soa como se alguém ganhasse, e parte seria um pedaço do marido, ou seja, além de metafórica, a expressão é metonímica, de “PARTE PELO TODO”).

MARIA DA PENHA não é vista como VIOLÊNCIA DOMESTICA neste texto, contrapondo-se com os outros discursos analisados, mas sim como a AUTORIDADE LEGÍTIMA. MARIA DA PENHA É DELEGACIA FEMININA, aqui. O marido, na relação CENTRO-PERIFERIA, ao ser preso, se afasta de seu centro, que é sua casa. E aqui a PRISÃO serviu como PUNIÇÃO, para o preso QUITAR SUA DÍVIDA MORAL e FÍSICA. O participante afirma que mulher não deve ficar quieta, ou seja, deve denunciar quando é agredida. E finalizando seu texto VIOLÊNCIA é percebida, como já foi em outras análises, como CICLO, ALIMENTADORA DA MORTE, que é seu PRODUTO FINAL.

Notamos neste participante uma preocupação com a VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, e uma participação sua nessa cena descrita. Os DANOS MORAIS ganham espaço em suas escolhas lexicais, sendo a FAMÍLIA sua base para definir o que é MAIS VIOLENTO, MENOS VIOLENTO: quanto mais perto de si é agressão, quanto mais a família é vítima, mais grave é a violência. O perdão parece quitar a dívida moral, assim, o arrependimento é valorizado. Entretanto, quando a violência é entre marido e mulher, não é possível a mulher perdoar. Concluímos, portanto, que MÃE, ESPOSA é de fato quem mais precisa de defesa para o participante.

### **Participante 5-**

O participante cita as palavras “bate”, “agredir”, “matar”, “facadas” e “estupro” como as mais referentes à VIOLÊNCIA. ATOS-PRODUTOS, portanto, são destacados. O participante destaca as duas últimas palavras como as mais salientes de sua memória, e explica sua escolha por ser o que mais ocorre hoje em dia- mesmo que FACADAS não seja saliente em todos os exemplos citados no grupo 1, nesta comunidade tal ATO, e seu INSTRUMENTO, a FACA, estão presentes, até mesmo na escola. Por isso, aqui não se estranha ocorrer tal referência.

BATER é o ato mais violento, seguido de AGREDIR, ESTUPRO, SOCOS, TAPA. Podemos pensar que BATER está no topo da escala por ser o frame em questão, é o ATO em si ( ATO VIOLENTO É VIOLÊNCIA, sabemos, mas também é possível pensarmos que aqui

é tomado como ORIGEM, num esquema ORIGEM PERCURSO META). TAPA, parte do cenário de BATER parece ser menos violento, parece doer menos; e se dói menos, se causa menos danos, pode não aumentar a violência, talvez, por isso, seja o item menos violento da escala. O TAPA, assim como os SOCOS são o começo do BATER (ainda não são a violência), ou seja, a violência vai aumentando, até chegar em AGRESSÃO e por fim em ESTUPRO.

Ao explicar o que é violência, o participante cita: “É o que acontece muito com casal hoje em dia, tem muito casal se matando pela casa, nas ruas, nos bailes”. Novamente VIOLÊNCIA DOMÉSTICA como exemplo prototípico. E como consequência MORTE. Os locais citados são os frequentados pelo participante, corroborando com a ideia de que o meio interfere na conceptualização do conceito VIOLÊNCIA.

VIOLÊNCIA É MÓVEL, pois pode ocupar diferentes espaços (como ruas, bailes). E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA pode ter como origem o CIÚME, retomando a ideia de PROPRIEDADE e HONRA, já apresentada anteriormente.. Cogitamos essa origem a partir dos sentimentos que o participante escolheu para relacionar com quem pratica violência: ÓDIO, MALDADE, CIÚME, PENA. Até a PENA podemos estabelecer relação com CIUME, pois ao:

AO PERDER PROPRIEDADE, FICA SEM CHÃO  
ESTAR SEM CHÃO GERA PIEDADE.

O CIUME é, inclusive, a palavra destacada pelo participante, reforçando a defesa de que a CAUSA da VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é CIÚME.

O participante demonstra empatia por quem sofre a violência. Seus sentimentos relacionados são: DOR, AGONIA, APERTO, TRISTEZA, ÓDIO. Sendo DOR o destaque, que tanto pode ser DOR-DANO FÍSICO, DOR-DANO MORAL, EMOCIONAL, PSÍQUICO.

De acordo com o participante, nenhuma violência é perdoável, pois “Se a pessoa perdoar uma vez esse agressor vai querer praticar de novo”- o que nos remete ao cenário de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, da mulher que apanha do marido. E a relação HOMEM-MULHER e VIOLÊNCIA pode ser também percebida na resposta da questão seguinte, em que o participante diz não ser perdoável bater e estuprar. ( BATER novamente é colocado como exemplo saliente e, podemos relacionar com VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, pois MARIDO BATE NA ESPOSA. É reforçada essa ideia com a justificativa da escolha lexical do participante: “Se a pessoa aceita o primeiro tapa vai apanhar sempre”, ou seja, VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É UM CÍRCULO, ou se sai dele ou ficará sempre neste movimento de “apanhar”.

Ao dizer que “Estupro é uma coisa que na mente não sai mais”, temos a ideia de

ESTUPRO É UMA COISA  
ESTUPRO SE ALOJA EM MENTES  
ESTUPRO DOMINA A MENTE  
MENTE DOMINADA É MENTE FORA DE SI  
SELF FORA DE CONTROLE É DESEQUILIBRIDADO  
ESTAR EM DESEQUILIBRIO É ESTAR BALANÇANDO PARA BAIXO  
PARA BAIXO É RUIM  
ESTUPRO É RUIM

A ideia de VIOLÊNCIA com ROTINA, do CÍRCULO citado anteriormente ( o que remete à familiar, doméstica, por ser cotidiana) é retomada na última resposta do participante, quando este cita que “Violência é uma coisa que acontece hoje em dia com todo mais se pessoa deixa ne. No momento que a pessoa da um basta acaba com a violência”.

VIOLÊNCIA É UMA COISA  
VIOLÊNCIA PODE SER SEGURADA-CONTIDA  
VIOLÊNCIA É CONTROLÁVEL  
CONTENDO VIOLENCIA, ELA ACABA  
DEIXANDO SOLTA A VIOLÊNCIA, ELA ATUA  
VIOLÊNCIA TEM COMEÇO, MEIO E FIM  
NÃO ACEITAR VIOLÊNCIA É CHEGAR A SEU FIM

O texto do participante é um relato de vivência seu e que explica o porquê de, não somente ele, mas os participantes deste grupo, terem tão presente à mente VIOLÊNCIA DOMÉSTICA quando pensa em VIOLÊNCIA. Segue:

*Minha mãe sofria com a violência (a) meu pai batia nela todos os dias(b) até quando tava grávida de mim minha mãe sofria na mão do meu pai (c)mas quando eu nasci minha mãe foi embora. Porque ela tinha um basta na historia do casamento dele(d) e pediu divorcio do meu pai. Mais ele não queria aceitar. Agora minha mãe ta bem ta feliz com o marido dela e o meu pai ta com namorada.*

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA tem como cenário a casa do participante. O local em que este se encontrava no ocorrido era na barriga da mãe, caracterizando-se então não somente como VITIMA DE DANO EMOCIONAL, por saber desta história, mas VITIMA FISICA, pois foi agredido juntamente com a mãe, na relação PARTE-TODO, em que ela era os dois nos momentos de sofrer violência, conforme percebido na sequência B5c.

A mão do marido é metonimicamente representante do marido, que ao utilizar FORÇA, impõe MEDO. Há poder do marido sob a esposa, de acordo com a sequência B5c. Na sequência B5b a esposa é RECIPIENTE, SACO DE PANCADAS, e o marido usa força para derrubar. E todo dia, mostrando que VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É CIRCULAR.

E tudo o que o participante citou sobre “dar um basta, acabar, dar fim à violência” nas suas respostas é aqui referendado, pois foi o que sua mãe fez. Parece que a história do casamento, de cunho religioso, ou de conto de fadas, não seguiu por esse frame, pois deveria ser final feliz, e não estava sendo, então a mãe do participante “acabou de escrever a história”, escreveu seu fim, diferente do conto de fada. Ela pediu divórcio, rompendo laços, ligação. O nascimento do filho pode ter sido a origem da liberdade, pois VIDA É LIBERDADE, VIDA É AMOR, e um filho, um nascimento, deve trazer, pelos cenários típicos, felicidade, amor. Não agressão. Assim, a esposa rompendo o elo com seu marido; libertou-se.

O participante 5 percebe VIOLÊNCIA como ATO principalmente PRODUTO DO RELACIONAMENTO ENTRE UM CASAL. O CIÚME, descrito como o mais representativo dos sentimentos de quem comete violência corrobora com essa hipótese.

### **Participante 6**

O participante 6 cita “agredir”, “morte”, “bater”, “agressão física”, “facadas” como as palavras que vêm à mente quando pensa em VIOLÊNCIA. De todas, ressaltamos “facadas”, pois é uma das destacadas pelo participante, evidenciando que o instrumento FACA é presente mesmo na rotina do grupo. Sua escolha lexical é voltada a ATO-PRODUTO, e ao também citar AGRESSÃO, percebemos que esta pode ser MORAL PSÍQUICA, EMOCIONAL, já que vem distinguida de AGRESSÃO FÍSICA.

FACADAS é o tipo mais violento de violência para o participante, sendo seguido por: MORTE, SOCOS, TAPAS, XINGÕES. Este último conceito é o único que não é DANO FÍSICO, por isso talvez seja o MENOS VIOLENTO, estruturando então FORÇA e INSTRUMENTO (FACAS) como elementos-chave do conceito em questão.

O participante afirma que violência é “uma coisa que pessoas covardes fazem contra mulheres também e tem homens que brigam é horrível porque não gera nada violência”. Mais uma pincelada tem aqui de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

VIOLÊNCIA para o participante é comparada com MORTE. Ou seja: CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA.

Quando solicitado citar os sentimentos relativos a quem pratica violência o participante escolhe: RAIVA, ÓDIO, SOFRIMENTO, DOR, CHORO, mostrando empatia

para com o agente, na medida em que este SOFRE, se sofre, está POR BAIXO. SOFRIMENTO é, portanto, uma demonstração de empatia, sendo até escolhida esta palavra para destacar como o sentimento mais relevante.

SOFRER É VIVER ALGO QUE NÃO QUER  
AGREDIR É FAZER ALGO QUE NÃO QUER  
QUEM AGRIDE NÃO QUER AGREDIR  
QUEM AGRIDE SOFRE

O mesmo sentimento de sofrimento, de dano psíquico, emocional é apresentando por quem sofre violência, de acordo com o participante, mostrando com isso que há empatia pelo agente e pelo paciente. VONTADE DE NÃO VIVER MAIS é o sentimento mais relevante, entre CHORAR, VONTADE DE NÃO VIVER MAIS, DOR, SOFRIMENTO e DESPREZO. Isso nos mostra que VIOLÊNCIA PODE GERAR MORTE- até mesmo como CONSEQUÊNCIA DA CONSEQUÊNCIA.

Por tal razão, o participante não considera perdoável nenhuma violência. E acredita que FACADAS, como esperado, é um ato IMPERDOÁVEL, pois, segundo ele, deixa cicatriz, que tanto pode ser vista, como sentida. Há uma preocupação com imagem aqui, PARECER É SER, na medida em que todos sabem que ter uma marca de faca no corpo é sinal de que se sofreu violência, e se sofreu é porque foi paciente, portanto, foi o mais fraco, e é importante sempre sermos o mais forte, pois MAIS É MELHOR, MAIS É PARA CIMA. Facada marca a nossa pele como se fôssemos gado, mostra quem é a presa, quem é a vítima, quem é o fraco. Portanto, não é bom ter cicatriz. Se é preciso carregá-la (“cicatriz leva para toda vida”, segundo o participante), é PESO, e: DIFICULDADE SÃO PESOS. É difícil ter uma cicatriz de facada no corpo.

Passemos para seu texto:

*Eu acho que violencia não precisa ter em nosso Brasil porque a violência tem muito com casais e tem homens que é covarde mas tem mulheres que aceitam porque tem medo não precisa ter medo porque tem a Maria da Penha(a). Quando eu estava na barriga da minha mãe (b) diz que um dia o meu pai chegou de madrugada e ela tinha 8 meses de gestação e ela começou a discutir com ele e daí meu pai Justino estava bêbado e bateu nela(c), tocou ela na geladeira (d) quando vê a minha vizinha escutou(e) e foi La na minha casa e pegou minha mãe a levou no hospital, para ver se eu estava bem(f). Minha mãe que me diz ne. E me marcou muito essa historia (g)*

Ao citar que “porque a violência tem muito com casais”, na sequência B6a, o participante nos faz notar que seu texto é referente à VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, como já apareceu anteriormente neste grupo. Ainda nessa sequência, ao lermos que “... e tem homens que é covarde”, inferimos que VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É COVARDIA, e podemos pensar nisso para além do texto, porque a sociedade define como estereótipo a mulher como frágil e o homem como forte, mas também define que é preciso equilíbrio nas relações humanas, ou seja, é preciso JUSTIÇA MORAL, e se ao medir forças o homem derruba a mulher ele está sendo COVARDE, pois HOMEM VALENTE DEVE PROTEGER A ESPOSA, que é frágil. Ainda na sequência, o participante afirma: “mas tem mulheres que aceitam porque tem medo”, o que evidencia a relação entre MEDO E RESPEITO, e também de FRAGILIDADE da mulher, que, parece agora ter ganho um escudo para se proteger e assim lutar de igual para igual com o marido: agora a esposa tem MARIA DA PENHA, que é relatada por todos os participantes como COISA VISTA, OBJETO, INSTRUMENTO, LOCAL, AUTORIDADE, enfim, é vista e, portanto, compreendida. O participante explica então que com este escudo “não precisa ter medo”. Em “porque tem a Maria da Penha” há a solução para o problema.

Como percebido já em outros textos, novamente VIOLÊNCIA DOMÉSTICA entra em cena; e novamente MARIA DA PENHA É SOLUÇÃO PARA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Representamos então os acarretamentos possíveis dessa sequência citada:

TER MORAL É SER FORTE

SER FORTE É NÃO TER MEDO

TER MEDO É SER FRACO

SER FRACO É NÃO TER MORAL

COVARDIA É FALTA DE MORAL

Mas

MARIA DA PENHA É ENTIDADE

MARIA DA PENHA É FORTE

QUEM É FORTE PROTEGE

FRACOS PRECISAM DE PROTEÇÃO

MULHER É FRÁGIL

MULHER PRECISA TER FORÇA

MULHER PRECISA PROTEÇÃO

MULHER PROCURA FORÇA

MULHER PROCURA MARIA DA PENHA

MULHER FICA FORTE

Aqui, podemos pensar em LUZ DO FIM DO TÚNEL. A esposa está no CAMINHO RUIIM, para chegar à solução precisa chegar ao destino MARIA DA PENHA: MARIA DA PENHA É A LUZ DO FIM DO TÚNEL

Novamente, encontramos uma experiência relatada, e com o mesmo cenário. Em B6b, o LOCAL é o mesmo citado pelo participante anterior: a barriga da mãe: “Quando eu estava na barriga da minha mãe”. E, assim como no outro relato, a bebida novamente é pivô na cena: “diz que um dia o meu pai chegou de madrugada e ela tinha 8 meses de gestação e ela começou a discutir com ele e daí meu pai Justino estava bêbado e bateu nela, tocou ela na geladeira”. Nesta sequência podemos perceber que o CORPO É O RECIPIENTE, QUE PODE MANTER OUTRO CORPO DENTRO DE SI. Porém, sabemos que PARA UM RECIPIENTE CARREGAR OBJETOS DENTRO DE SI, PRECISA DE EQUILÍBRIO E FORÇA.

Num esquema de ORIGEM PERCURSO META, há a DISCUSSÃO, há o ATO- novamente relacionando com BEBIDA ( que é um mal, que domina a mente e incapacita o pensar) e há o BATER- VIOLÊNCIA SÃO ATITUDES IMPENSADAS. Como RECIPIENTE, o corpo ocupa um espaço e é móvel, assim sendo pode ser jogado. A geladeira foi o ALVO do arremesso. Quando se é jogado, perde-se o equilíbrio e balança, podendo cair; carregando outro peso no recipiente, mais pesado fica, tornando-se frágil, e até pode quebrar. O participante foi vítima direta e indireta do ato do pai. E esse papel de vítima é ressaltado em “a vizinha escutou e foi lá na minha casa e pegou minha mãe a levou no hospital, para ver se eu estava bem”. Aliás, podemos inferir que VIOLÊNCIA FAZ BARULHO por esta sentença. E também há a relação do CONTATO COMO LIGAÇÃO, COMO AMOR, pois a vizinha, ao se deslocar de seu espaço e ir a outro, o fez para aproximar-se da vítima. APROXIMAÇÃO É CALOR. CALOR É AFEIÇÃO.

Nas sequências finais: “Minha mãe que me diz ne. E me marcou muito essa historia”, podemos retomar a conceptualização de FACADA exposta anteriormente. Lembrando da referência feita na tese à facada e cicatriz, aqui temos novamente a presença de cicatriz, agora representada na palavra “marcou”:

CICATRIZ DEIXA MARCA NO CORPO

MARCAS SÃO NEGATIVAS

ALGUMAS HISTÓRIAS SAO CICATRIZES

ALGUMAS HISTÓRIAS MARCAM A MENTE

MARCAS NO CORPO MACHUCAM A MENTE

Podemos pensar duas possibilidades ao analisarmos a sequência B6g: a primeira diz

respeito à MENSAGEM. Aqui, associando aos estudos funcionalistas acerca da mensagem e ao exemplo apresentado por Feltes (2007), quando na explicação de metáfora ontológica, podemos seguir raciocinando sobre a história marcada na mente, transmitida via canal-mensagem, e hipotetizar que :

A MENTE É UM RECIPIENTE

IDEIAS SÃO COISAS (COLOCADAS EM RECIPIENTES)

IDEIAS FICAM NA MENTE

TUDO QUE FICA MARCA

Então, temos aqui mais um relato de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, de vivência do participante. Esse ato, que trouxe marcas ao participante- que não saem da mente- pode ser considerado, portanto, como MAIS VIOLENTO, na hierarquização do conceito em questão. FACADAS, parte da cena cotidiana dos moradores do local também ganha relevo na sua forma de estruturar VIOLÊNCIA. É ATO-PRODUTO e DANO FÍSICO E MORAL que predominam no discurso deste participante. E, talvez por ser vítima direta e indireta da violência, ele a conceptualiza como imperdoável, mostrando a relação da experiência corpórea com a gradação semântica de um conceito, com sua hierarquização.

### **Participante 7**

“Agressão”, “policiais”, “prisão”, “cárcere privado” e “Maria da Penha” são as palavras que vêm à mente do participante 7 quando pensa em VIOLÊNCIA. Aqui aparecem POLICIAIS, PRISÃO, CÁRCERE PRIVADO, que não haviam aparecido ainda neste grupo. POLICIAIS como AUTORIDADE LEGITIMA, AUTORIDADE MORAL (e como falta de) já foi explicado antes. AGRESSÃO E MARIA DA PENHA- metonimicamente representando VIOLÊNCIA DOMÉSTICA também. Assim, analisemos as escolhas PRISÃO e CÁRCERE PRIVADO para explorarmos melhor. Como Feltes (2007) aponta:

LIBERDADE É UMA COISA QUE SE PERDE

LIBERDADE É NÃO-LIGAÇÃO

LIBERDADE É AR

AR É VIDA

LIBERDADE É VIDA

Se VIOLÊNCIA é associada à MORTE,

VIOLÊNCIA É FALTA DE LIBERDADE

PRISÃO É FALTA DE LIBERDADE

CARCERE PRIVADO É FALTA DE LIBERDADE

PRISAO É VIOLÊNCIA

CARCERE PRIVADO É VIOLÊNCIA

E PRISÃO ainda parece menos violento do que CÁRCERE PRIVADO, pois a primeira se constitui como ATO DE VIOLÊNCIA, mas também como EFEITO DA VIOLÊNCIA, numa relação de QUITAÇÃO DE DIVIDA MORAL, quem vai preso é para pagar o que deve à sociedade. Já CÁRCERE PRIVADO não é imposto por AUTORIDADE LEGITIMA, portanto NÃO É MORAL, NÃO É QUITAÇÃO DE DIVIDA, É USO DA FORÇA CONTRA UMA VÍTIMA. Há a FORÇA, utilizada para COLOCAR OBJETO DENTRO DO RECIPIENTE (local), há o OBJETO (pessoa) e o AGENTE QUE USA FORÇA PAR AMANTER O OBJETO NO RECIPIENTE PRESSURIZADO ( pois está sob pressão, não solto). Neste, o PACIENTE, diferentemente do PACIENTE da PRISÃO, não necessariamente foi antes AGENTE de violência. O PACIENTE aqui é REFÉM, sendo possíveis os seguintes acarretamentos:

SEQUESTRADORES PRENDEM PESSOAS

PESSOAS SÃO REFÉNS

CÁRCERE PRIVADO TIRA LIBERDADE

REFÉNS NÃO TÊM LIBERDADE

LIBERDADE É ESTAR SOLTO

LIBERDADE É AR

AR É VIDA

LIBERDADE É VIDA

FALTA DE LIBERDADE É MORTE

MORTE É VIOLÊNCIA

CÁRCERE PRIVADO É FALTA DE LIBERDADE

CÁRCERE PRIVADO É VIOLÊNCIA

É interessante destacar que o participante cita o ABUSO SEXUAL COMO PARTE DA CENA DO CÁRCERE PRIVADO: “As pessoas que trancam ou traz pessoas em casa a abusa sexualmente de podeis mata; dar um tapa e não machucar”. Por isso, é considerado na gradação como MAIS VIOLENTO, corroborando com a tese de Feltes de que ESTUPRO é prototípico, por ter vários descritores que aproximam-se mais do conceito em estudo. No cenário descrito, há os passos, a sequência dos movimentos, mostrando a MORTE como CONSEQUÊNCIA da VIOLÊNCIA.

Ao definir VIOLÊNCIA, o participante explica que “Violência é que pensa sempre

em bater, matar”, portanto, pode ser relacionada sua expressão linguística com o cenário já apresentado.

A comparação que faz em A7f é entre VIOLÊNCIA e MÁGOA, mostrando que o DANO EMOCIONAL É VIOLÊNCIA. Dos sentimentos escolhidos para relacionar com quem pratica violência, apenas dois são mesmo sentimentos, emoções, os outros são verbos, atos de violência. Os sentimentos que aparecem são MÁGOA e ÓDIO, que é para o participante o mais relevante (embora na questão anterior relaciona apenas MÁGOA com VIOLÊNCIA e não ÓDIO).

Ao pensar que ÓDIO é fruto de algo externo, reação a algo, é fácil entender a escolha desta palavra para mais de um participante. ÓDIO É REAÇÃO e UMA REAÇÃO É OBTIDA QUANDO PERDEMOS O CONTROLE, seguindo os estágios da raiva já apresentados. Ao explodirmos, perdermos a noção, o que leva à irracionalidade citada lá no primeiro grupo. Daí, a empatia para com o agente da violência: parece que ele apenas reagiu a algo que o deixava em ebulição se pensarmos que quem sente o ódio é o praticante do ato; mas se pensarmos que o ódio é pelo praticante do ato, entra em jogo a CONTABILIDADE MORAL que já foi explicada anteriormente. O ódio, daí, seria justificado.

A ideia de reação também é apresentada nos sentimentos descritos pelo participante que se relacionam com quem sofre violência: “bater, devolver, ficar com ódio, ficar com dor, medo”. Dentre todos estes, há reação, Embora medo paralise. Daí não há reação com ato, mas com o sentimento consequente.

Um tapa, um soco, “uma colada” são atos perdoáveis de violência, pois, de acordo com o participante, “é coisa de aluno todos fazem isso, sempre fiquemos amigos”. Amigos brincam, e é parte de brincadeiras de homens as agressões físicas sem dano, guiadas pelos scripts culturais, pelos comportamentos regulados e modelos seguidos ( em que HOMEM É FORTE, FORÇA É AGRESSÃO, e que meninos não brincam de cuidar de boneca, mas de “lutinha”, já medindo forças). O que define VIOLÊNCIA para o participante é decidido pela intensidade do dano. Não é perdoável quando a briga é real, por motivo real. MATAR e BRIGAR “tira paciência”, de acordo com o participante.

Esses papéis sociais de homem forte, agressivo, autoridade, chefe, dominador, protetor; mulher frágil, que obedece, que é propriedade, que é indefesa (o que facilita frames com VIOLÊNCIA DOMÉSTICA) aparecem no texto do participante:

*Foi um mendigo ele não incomodava ninguém(a) ia de casa em casa sempre alegre e a busca de trabalhar(b) mais um dia ele pediu uma moeda para uma mulher e para*

comprar cigarro mas a mulher não deu e ela chegou em casa e mentiu pro marido que ele o morador de rua tinha roubado mas ele não roubou(c) e o marido dela foi la a noite e pegou uma pedra grande e bateu na cabeça do morador de rua matando ele e botou num carro e levou par ao mato e tocou fogo no morador de rua(e)

Na primeira sequência do texto, o participa escreve “Foi um mendigo ele não incomodava ninguém”. Aqui, a posição de mendigo estabelece papéis na sociedade. E podemos lembrar o relato extraído de um participante do primeiro grupo, sobre um mendigo que foi enxotado, pois novamente parece que MENDIGO É ANIMAL; ou MENDIGO É PEDRA NO CAMINHO; MENDIGO É ESTORVO, pois há associada a ideia de INCOMODAR- o “ninguém” (contrário de “todo mundo”) está aqui presente para marcar o CENTRO, na relação CENTRO-PERIFERIA ( ou seja: o mendigo não incomoda, não fica no caminho dos outros). E essa ideia de o mendigo não ser parte do CENTRO ( e aí pensando no esquema de LIGAÇÃO, PARTE-TODO, em que mendigo não é parte do todo, não está ligado, continua na sentença seguinte em “ia de casa em casa”.

Ao citar “sempre alegre e a busca de trabalhar”, o participante nos faz inferir que o mendigo não queria ser mais ser mendigo, ou seja, queria trabalhar, para ter dinheiro e assim ir para dentro do CENTRO, saindo da PERIFERIA. Também percebemos pela expressão que:

TRABALHAR É OBJETO QUE PROPORCIONA INTEGRAÇÃO AO CENTRO  
OBJETOS SÃO POSSUÍDOS POR UNS, NÃO POR OUTROS  
QUEM NÃO TEM OBJETO PRECISA ENCONTRAR  
TRABALHAR É UM OBJETO PARA ENCONTRAR

Na sequência “um dia ele pediu uma moeda para uma mulher e para comprar cigarro” percebemos que o trabalho não foi encontrado, e que ainda precisa de alguma forma de dinheiro. *MOEDA* aqui representando dinheiro está no papel de *INSTRUMENTO* para chegar à *META*, que é o *CIGARRO* (ou metonimicamente pensando, *FELICIDADE*, pois *CIGARRO DÁ PRAZER*, mas: *CIGARRO É VÍCIO*, *CIGARRO É NECESSIDADE* também pode ser pensado como *DROGA*, retomando a ideia de que *DROGAS INVADEM A MENTE*). A *ORIGEM* deste *CAMINHO* de *FELICIDADE* ou de *SOLUÇÃO PARA NECESSIDADE* seria a moeda, que quem possui era a mulher, mas que não a deu. A mulher mentiu que o mendigo a roubou, causando no marido estes possíveis acarretamentos:

ROUBAR É TIRAR BENS DO OUTRO DE FORMA IMORAL  
IMORALIDADE É FRAQUEZA  
FRAQUEZA É MAL

QUEM FAZ O MAL FICA EM DÉBITO MORAL  
QUEM ESTÁ EM DÉBITO PRECISA QUITAR DIVIDA  
DANO É DIVIDA  
QUEM FAZ O MAL PRECISA QUITAR DANO

E a sequência da história mostra o que já apontamos sobre a ideia de FIGURA MASCULINA É AUTORIDADE:

FIGURA MASCULINA É FORTE  
TER FORÇA É TER MORAL  
TER MORAL É AUTORIDADE  
HOMEM QUE USA FORÇA QUER MORAL  
HOMEM FORTE É AUTORIDADE.

E para evidenciar isso, o marido da mulher foi até o mendigo ( aqui, CONTATO, APROXIMAÇÃO NÃO É AFETO), e o agrediu- cena detalhada na sequência B7e: *o marido dela foi la a noite e pegou uma pedra grande e bateu na cabeça do morador de rua matando ele e botou num carro e levou par ao mato e tocou fogo no morador de rua.*

PEDRA É UM INSTRUMENTO PARA VIOLÊNCIA  
CORPO é RECIPIENTE, que pode ser jogado e queimado.  
VIOLÊNCIA É BATER  
VIOLÊNCIA É JOGAR PEDRA  
VIOLÊNCIA É ATEAR FOGO  
VIOLÊNCIA SÃO ATOS  
VIOLÊNCIA SÃO INSTRUMENTOS

Percebemos que para o participante o DANO FÍSICO tem relevo na conceptualização de VIOLÊNCIA, que parece ter FORÇA como elemento estruturante, tendo ATOS-PRODUTOS como exemplos típicos da categoria. Aqui, a VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ganhou outra roupa. O marido funcionou como o protetor e sua FORÇA foi direcionada para PROTEGER SUA PROPRIEDADE, não para causar danos à mesma. Porém, continua ainda presente a ideia de que MARIDOS SÃO VIOLENTOS, pois a cena mesmo que não seja contra a esposa, demonstra crueldade, atos violentos. Há um reforço do que foi citado sobre *scripts culturais* aqui neste contexto: o homem pode utilizar a FORÇA, desde que não seja para machucar seu próximo, na relação de proximidade (colegas, esposa).

### **Participante 8**

Para o participante 8, as palavras que vêm à mente quando pensa em violência são:

“morte”, “briga”, “rolo”, “arreganho”, “estádio de futebol”. Cenário do estádio de futebol, numa relação metonímica, é a primeira vez que aparece aqui como exemplo de violência. É cenário, é o todo pelas partes, pois no estádio há torcidas, há pessoas, há “rolos”, “arreganho”, “ofensas”, “brigas”, até “morte”. Estas duas últimas palavras são as destacadas pelo participante até quando explica o que é violência, evidenciando que ATO-PRODUTO é referente à violência. E está na relação ORIGEM- DESTINO: a briga leva à morte.

Na escala de mais violento está MORTE, seguido de BRIGAS, e como menos violento, o participante citou o ESTÁDIO DE FUTEBOL. Pensando nisso, a comparação de VIOLÊNCIA com MORTE e BRIGA é coesa, pois segundo o participante, esses atos geram a violência. ATOS VIOLENTOS SÃO VIOLÊNCIA, CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA.

Ao explicar os sentimentos relacionados a quem pratica violência, o participante demonstra empatia em sua escolha: “Ódio revoltado não ta pensando no que ta fazendo sem sentimento maluco” é uma referência novamente à irracionalidade. E a escolha de “revoltado” demonstra que violência pode ser REAÇÃO. O que se confirma com sua escolha de itens relacionados com quem sofre a violência, que são praticamente de mesma ordem semântica que os sentimentos de quem pratica o ato.

BRIGA e ARREGANHO são perdoáveis, pois remetem à brincadeira de amigos, o que se confirma com a resposta seguinte em que o aluno justifica a escolha: “Porque é com pessoa que você conversa”, mas, contraditoriamente, “brincadeira”, ao lado de “morte”, está na lista do que não é perdoável, porque “estão machucando as pessoas”, evidenciando que DANO MORAL É VIOLÊNCIA, o que possibilita pensarmos que o ROLO e o ARREGANHO são VIOLÊNCIA quando deixam de ser divertidos para os envolvidos, para o paciente, no caso.

Passemos à análise do seu texto:

Nos na sala em um maior arreganho(a) na rua quando nos passemos numa rua tinha uns guri com pau na mão procurando briga(b) quando eles viram nos eles se encarnaram so pra brigar com nos, mas nos não tava por briga com eles não(c) eles começaram a tocar pedras e pegou num de nos e nos começamos a ir atrás deles para dá neles(d) só que eles correram pra não apanhar de nós (e) porque nos tinha mais que eles (f) mais ele estavam pedindo briga e na briga correram(g)

Em B8a, o participante relata uma cena de sua vivência. “Nos na sala em um maior

arreganho” dá a ideia de QUE ARREGANHO É BOM pois está sendo praticado em um local em que há colegas,- colegas que são parceiros- marcado pelo uso de “nós”.

Já em B8b, ao escrever: “quando nos passemos numa rua tinha uns guri com pau na mão procurando briga”, o participante informa ao seu leitor que o local já não era mais aquele amistoso; e o cenário modificando, as cenas podem se alterar também. Os seguintes acarretamentos são possíveis a partir do contexto textual de BRIGA, destacada no trecho:

BRIGA É COISA  
COISAS SÃO PERDIDAS  
COISAS SÃO ACHADAS  
PARA ACHAR PRECISA PROCURAR  
PROCURAR BRIGA É ACHAR BRIGA  
BRIGA É VIOLÊNCIA  
PROCURAR BRIGA É VIOLÊNCIA  
PAU É INSTRUMENTO PARA VIOLÊNCIA

Num esquema de ORIGEM-PERCURSO-META, a META, o DESTINO é BRIGA, o percurso é ENCONTRO, o INSTRUMENTO é o PAU, a origem é PROVOCAÇÃO

O participante demonstra que DEFESA É JUSTIÇA, DEFESA NÃO È VIOLÊNCIA (como já foi percebido em outros participantes), mesmo que essa defesa seja HONRA, pois o que está em jogo aqui é desafio feito pelos adversários da turma de amigos do participante, que os “provocaram”, ou seja, mexeram com suas honras, SACUDIRAM O RECIPIENTE, CAUSARAM BALANÇO, o que GEROU DESEQUILIBRIO (tratando RECIPIENTE como o SELF). Na sequência 8Bc em “quando eles viram nos eles se encarnaram so pra brigar com nos, mas nos não tava por briga com eles não eles começaram a tocar pedras e pegou num de nos”, percebemos que a origem foi anterior à provocação, foi com o olhar. Como se OLHAR FOSSE VIOLÊNCIA. Assim, sendo tal ATO a ORIGEM, o resto segue na cena:

ENCARNAR É SE ALOJAR EM UM CORPO  
ENCARNAR EM ALGUÉM É GRUDAR EM ALGUÉM  
GRUDAR EM ALGUÉM É PESAR  
PESO É DIFICULDADE  
LIBERDADE É SE LIVRAR DO PESO  
USO DA FORÇA DERRUBA PESO  
PEDRA É INSTRUMENTO PARA DERRUBAR PESO

Em “Pegou num de nós”- o NÓS serve como metonímia para uma parte do corpo de um dos participantes. Pensando em conjunto, em união, em laço, em ESQUEMA DE

LIGAÇÃO, podemos supor que a relação do grupo de amigos é de amizade e assim sendo estão todos juntos no mesmo núcleo, LIGADOS PELO AFETO, se estão assim, há uma corrente, um elo, que ao ser quebrado se desmancha, portanto, precisa ter estrutura. A fim de manter a estrutura, todos precisam estar bem, pois:

SER FORTE É TER ESTRUTURA  
TER ESTRUTURA É TER EQUILIBRIO  
TER EQUILIBRIO É ESTAR POR CIMA  
ESTAR POR CIMA É ESTAR BEM.

Quando um dos pilares da estrutura cai, quando um amigo fica POR BAIXO, toda a estrutura se afeta, portanto, para a estrutura se reerguer precisa ser protegida, e como DEFESA É CONTRA-ATAQUE, o grupo ao se defender reage aos adversários, e por estarem em maior quantidade são considerados melhores, já que:

QUANTIDADE É QUALIDADE  
QUANTO MAIS MELHOR

E se pensarmos na estrutura, no grupo de amigos como um RECIPIENTE, em que quanto mais amigos, mais cheio fica, presente em B8f, com *“porque nos tinha mais que eles”*, é possível percebermos a cena como os amigos do participante levando vantagem na briga, já que:

QUANTO MAIS CHEIO O RECIPIENTE, MAIS PESADO ELE É  
QUANTO MAIS PESADO MAIS FORTE É

Ainda pensando na relação que MAIS É MELHOR, a noção de VELOCIDADE aqui também segue esse prisma, pois em *“só que eles correram pra não apanhar de nós”*, podemos supor que:

O PERIGO ESTÁ PERTO  
FOGE-SE DO PERIGO  
QUANTO MAIS RÁPIDO, MAIS DISTANTE  
QUANDO MAIS DISTANTE, MAIS SEGURO DO PERIGO

O uso de “só” na sequência expressa demonstra que a trajetória segue outra linha não prevista, pois “só” contradiz o esperado. Se os desconhecidos do participante queriam briga, não deveriam fugir dela, segundo sua opinião, que a confirma a partir da escrita: “mais ele estavam pedindo briga e na briga correram”.

Pelo questionário e pelo texto do participante 8, podemos supor que para ele VIOLÊNCIA é DANO MORAL, É DANO FÍSICO, É ATO-PRODUTO. Também podemos supor que DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA e que DEFENDER A HONRA É LEGÍTIMO.

## Participante 9

O participante 9 cita “morte” “agressão” “maus-tratos” “estupro com menores” “atentado ao pudor” como as palavras que vêm à mente quando pensa em VIOLÊNCIA, ou seja, para este adolescente VIOLÊNCIA É ATO-PRODUTO, e o DANO FÍSICO é principalmente em INDEFESOS. O exemplo mais típico, com mais descritores- ESTUPRO- é citado como o mais relevante em sua escolha, juntamente com MORTE, pois esta é a última consequência. E o estupro ocorrido em menores aumenta o grau de mais violento porque a vítima é indefesa e mais fraca.

Essa constatação é novamente percebida na resposta que se segue, de o que é mais violento e o que é menos, em que o participante escolhe AGRESSAO E ESTUPRO COM MENORES como mais violentos, e MORTE MORRIDA (natural) como menos violento (MORTE É VIOLÊNCIA, MESMO QUE NATURAL). O ESTUPRO tem relação com a escolha lexical “atentado ao pudor”, já que esta pode ser a ORIGEM DO ATO. Na questão seguinte em que explana sobre VIOLÊNCIA, faz relação entre VIOLÊNCIA e outros conceitos relacionados a ATO:

VIOLÊNCIA É AGREDIR

VIOLÊNCIA É MATAR

VIOLÊNCIA É VIOLENTAR

VIOLÊNCIA É ESTUPRO.

A VIOLÊNCIA é comparada com ÓDIO, VINGANÇA, DROGAS e BEBIDA. As duas primeiras palavras escolhidas remetem à REAÇÃO, ao DESCONTROLE, como já explicamos anteriormente. Mas juntando com as outras escolhas (DROGAS, BEBIDAS- que vimos levar à ATITUDE IMPENSADA, portanto não racional), é possível inferir que VIOLÊNCIA aqui é descrita como se o AGENTE não fosse responsável por tal, de forma consciente.

Se para o participante, conforme verificado na resposta F, o AGENTE não é responsável por seus atos violentos, pois a DROGA, A BEBIDA, O ÓDIO E A VINGANÇA são MALES QUE CEGAM A MENTE, proporcionando ATOS IMPENSADOS, é fácil perceber que o paciente tem empatia com o AGENTE da violência. E os sentimentos citados como relacionados a quem pratica violência, confirmam isso. São eles: ÓDIO, RAIVA ARREPENDIMENTO, DOR, SENTIMENTO, os dois primeiros sentimentos novamente remetendo à REAÇÃO e os outros como CONSEQUENTES DO ATO.

O sentimento de empatia também é presente para com quem sofre a violência: “Dor”,

“sentimento”, “ódio”, “raiva”, “mágoa” são as palavras citadas pelo participante para definir o que sente em relação ao paciente, à vítima do dano em questão.

Para o participante, DANO EMOCIONAL é marcante no que se refere à violência. VIOLÊNCIA É DANO PSÍQUICO- EMOCIONAL, e conforme lido em suas respostas não podemos perdoá-la, pois “ela é feita de tristeza e mágoa”, ou seja, traz consigo (como se fosse possível carregar) a tristeza e a mágoa, como se VIOLÊNCIA FOSSE FABRICAÇÃO-PRODUTO ( até um BOLO, por exemplo) e que para ser composta, precisaria de MÁGOA e TRISTEZA (INGREDIENTES, COMPONENTES). Sob esse ângulo, também é possível inferir que:

VIOLÊNCIA É ORGANISMO

VIOLÊNCIA É RECIPIENTE

DOR, TRISTEZA E MÁGOA SÃO COISAS QUE SE COLOCAM NO RECIPIENTE

DOR, TRISTEZA E MÁGOA SÃO CARREGADAS POR ORGANISMO

Como mais imperdoável (já que toda violência é imperdoável) encontramos novamente VIOLÊNCIA DOMÉSTICA e ESTUPRO. E a explicação coloca o participante na cena de um estupro como expectador, pois cita : “Porque é triste ver uma pessoa ser estuprada e não poder fazer nada”. O fato de ver, leva à compreensão do ato, como já percebemos, e tal ato descrito exige uma reação de quem pode ser SALVAÇÃO, quando a AUTORIDADE LEGÍTIMA não estiver presente. Espera-se fazer algo e quando isso não ocorre é triste. TRISTEZA É FRUSTRAÇÃO.

A explicação para a escolha de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA também como menos perdoável resume o que já apresentamos sobre VÍTIMAS DIRETAS E INDIRETAS. A ideia de família com ligação, como unida, atada, remete como central, forte, e que quando se desata, se solta, se afasta do núcleo, do centro, e tudo que não é central é periférico, ruim. É triste ver um afastamento. E a criança, INDEFESA, presenciando a briga do casal, na relação de COMPREENDER É VER, sofre, pois é VÍTIMA INDIRETA, indefesa e, por todos scripts culturais sobre FAMÍLIA, não deseja ver os seus pais de uma forma que não aquela estereotipada, de “propaganda de televisão”. O DANO é, sobretudo, PSÍQUICO-MORAL-EMOCIONAL.

Analisemos agora seu texto, que é um relato de alguém que vivenciou a VIOLÊNCIA como AGENTE e que se tornou PACIENTE pelo DANO MORAL que sofreu pela CONSEQUÊNCIA DE SUA AÇÃO:

*Eu passei por isso (a) eu fui para o Deca(b) foi muito ruim eu tirei que tirar sangue e fiz exame de urina e quando a gente chegou tinha um cara com um tiro na perna e foi muito ruim ver(c) aquilo mas ainda bem que deu tudo certo.*

Aqui, percebemos que VIOLÊNCIA É CANAL, porque ao ler a primeira sequência: “Eu passei por isso” é possível entender que VIOLÊNCIA É FÍSICO, VIOLÊNCIA É PERCEPTÍVEL, VIOLÊNCIA É CANAL POR ONDE SE PASSA. E ainda pensando em CANAL, que possui um TRAJETO, podemos pensar, conforme a sequência B9b, que seu DESTINO, seu PONTO DE CHEGADA, para quem é menor de idade, no caso, é DECA (numa relação metonímica para o espaço físico Delegacia Especial da Criança e do Adolescente). DECA é DESTINO DO CAMINHO DA VIOLÊNCIA. Por sabermos que DECA PODE GERAR PRISÃO, temos então presente a noção de PRISÃO É O DESTINO DA VIOLÊNCIA.

Pensando que nosso corpo humano tem as partes mais centrais e mais periféricas, e que na relação CENTRO-PERIFERIA já explicada SANGUE está na parte mais central, constata-se que é porque é a parte mais importante. Ainda pensando em nosso corpo como RECIPIENTE, afirmamos que SANGUE É A PARTE QUE COMPLETA NOSSO RECIPIENTE. Tirar uma parte que praticamente enche, que por conseguinte, sustenta nosso recipiente, pode causar desequilíbrio. E tudo isso é citado para justificar, numa cena em que COMPREENDER E VER, o desconforto do participante em ver sangue seu sendo tirado do corpo, para fins de análise. Além do sangue também foi coletado urina para verificação. Aqui não é citado qual objetivo do procedimento feito, mas por pressuposto e subentendido fica claro que se trata de exame para verificar uso de drogas, já que, DROGAS TEM RELAÇÃO COM VIOLÊNCIA (o participante estava no local por agressão com faca, conforme seu relato em conversa informal), por envolver PERDA DA RAZÃO, DOENÇA, como já mostramos anteriormente.

A relação de VIOLÊNCIA com SANGUE, com ferimento, reaparece na sequência B9c: “Tinha um cara com um tiro na perna”. A sequência nos possibilita pensar que o homem carregava consigo um tiro- produto de/e instrumento de violência. CARREGAR, desta forma, é DEIXAR CICATRIZ, que MARCA. E marca também para quem viu, na medida em que VER É COMPREENDER- ao ver, compreendeu o ATO-PRODUTO DA VIOLÊNCIA. O uso do “mas” contradiz a expectativa negativa, pois o texto se encerra com “deu tudo certo”, que se crê: tudo certo para si, nos deixando a pista que não foi presa, pois:

SER PRESO É RUIM

RUIM É ERRADO

DAR CERTO É BOM

DAR CERTO É NÃO SER PRESO

Se deu certo, é porque não ocorreu algo ruim.

Este participante mostra que VIOLÊNCIA É DANO FÍSICO, ATO-PRODUTO, e que tem CONSEQUÊNCIAS, podendo causar dano à vítima direta ou indiretamente. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA e ESTUPRO também são salientes em suas citações, podendo ser exemplares típicos da categoria.

### **Participante 10**

Para o participante 10, “briga”, “assalto”, “estupro”, “discussão” e “atentado” são as palavras que vêm à mente quando pensa em VIOLÊNCIA. Todas são ATOS-PRODUTOS, sendo BRIGA e DISCUSSÃO os mais significativos para ele. E sua justificativa tem relação com sua experiência corpórea, que novamente traz à tona VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: “Pela separação dos meus pais, teve muita discussão e briga”.

Na escala de mais violento a menos violento há as palavras: “estupro”, “assassinato”, “roubo”, “morte”, “roubo” e “sequestro”. O conceito ESTUPRO aparece outra vez como exemplo típico. Todos os itens lexicais envolvem ATO, que para o participante, de acordo com sua resposta da questão E, (em que explica o que é violência) são de covardia, remetendo à já apresentada noção de

SER FRACO É NÃO TER MORAL

NÃO TER MORAL É COMETER MALDADE

COMETER MALDADE É TER VIOLÊNCIA.

Ainda na questão E, o adolescente cita o uso do REVÓLVER, que sabemos ser um INSTRUMENTO utilizado por quem comete violência. Mas o que o participante afirma é que usar tal instrumento é ATO IMPENSANDO, pois o AGENTE não pensou duas vezes: QUANTO MAIS PENSAR, MELHOR É, na relação MAIS É MELHOR; e em questão de violência, de ATO-REAÇÃO, é preciso pensar mais para não praticar nenhum ato violento, é preciso o máximo de razão, por isso, é recomendado pensar muito antes de agir por impulso- colocando em jogo aqui o dualismo: EMOÇÃO X RAZÃO, já que quanto mais racional for, menos impulsivo o ato, como se fossem duas áreas distintas do ser humano.

As ATITUDES IMPENSADAS aparecem também na resposta em que o participante cita os sentimentos relativos a quem pratica violência: RAIVA, GANÂNCIA, VÍCIO, DESEPERO e ÓDIO. Os conceitos RAIVA e ÓDIO remetem à reação, como já vimos, mas é

interessante analisarmos as outras escolhas, por se tratarem de ATITUDES IMPENSADAS. VÍCIO, como já vimos:

ENTRA NA MENTE

MANIPULA O SUJEITO

ROUBA SEU PENSAMENTO

É UMA ENTIDADE QUE ROUBA O PENSAR

Assim, VIOLÊNCIA É ATO IMPENSADO. E o DESESPERO é justamente quando o sujeito tenta se livrar dessa entidade, quando sua mente o perturba demais, quando não há controle: O DESCONTROLE CEGA A PESSOA.

Falando em cegar, a GANÂNCIA também é uma entidade que exerce o mesmo papel do VÍCIO, pois pelos *scripts culturais* O DINHEIRO, O BEM MATERIAL, É O CAMINHO PARA CHEGAR AO PRAZER, assim como o VÍCIO (drogas e bens materiais- ou mesmo dinheiro para sustentar droga proporcionam a felicidade, pois liberam hormônios do prazer e atingem áreas cerebrais relacionadas à FELICIDADE). Essa busca frenética por prazer, impensada causa descontrole, e se:

A VIOLÊNCIA É CAMINHO CURTO, POIS CAUSA DANO LOGO (MORTE É O FIM)

A DROGA É CAMINHO CURTO PARA CAUSAR DANOS.

E ...

FELICIDADE É TER BENS MATERIAIS

GANÂNCIA TRAZ MAIS RÁPIDO BENS MATERIAIS

GANÂNCIA É CAMINHO CURTO PARA A FELICIDADE

Indo além,

A DROGA É CAMINHO CURTO PARA VIDA

DROGA CHEGA NO MESMO DESTINO QUE VIOLÊNCIA

MORTE É VIOLÊNCIA

DROGA É VIOLÊNCIA

GANÂNCIA É VIOLÊNCIA

Para satisfizer a GANÂNCIA, o DESTINO também é conhecido, ou seja, o SOFRIMENTO é tanto para o AGENTE como para o PACIENTE, pois o primeiro também sofrerá as consequências do ATO. Assim, a partir da leitura da resposta do adolescente, vimos que ao corrermos de forma impensada por um caminho, podemos perder o equilíbrio, errar o caminho, ou parar onde não queríamos.

Os sentimentos de quem sofre violência para o adolescente são mais relativos a sua

empatia do que os sentimento relativos aos que praticam o ato violento. Sendo aqueles os que aqui na tese já apareceram e foram explicados: MEDO, INSEGURANÇA, SOFRIMENTO, TRISTEZA E INCAPACIDADE. Nessa linha de análise podemos supor que:

MEDO É FRUTO DA INSEGURANÇA

MEDO É UM PESO QUE INVADIR NOSSO CORPO, NOSSA MENTE;

PESO É DIFÍCIL DE CARREGAR

DIFICULDADE DE CARREGAR LEVA À IMOBILIDADE

IMOBILIDADE LEVA Á INCAPACIDADE

INCAPACIDADE LEVA À FRAQUEZA, IMPOTÊNCIA

IMPOTÊNCIA TIRA MORAL

IMPOTÊNCIA LEVA A FICAR POR BAIXO

FICAR POR BAIXO LEVA À TRISTEZA E SOFRIMENTO

Podemos considerar esse esquema ORIGEM- PERCURSO- META originado na IMPUNIDADE, pois é por falta dela que cometem crimes (se não há punição, não há autoridade, não há a quem seguir, não há por que respeitar regras), que nos causam MEDO e INSEGURANÇA. Também podemos pensar na IMPUNIDADE como FORÇA MORAL:

AUTORIDADE É DO SUPERIOR

ESTAR POR CIMA É MELHOR

PARA SUBIR É PRECISO SE IMPOR

IMPOSIÇÃO É VIOLÊNCIA

QUEM COMETE VIOLÊNCIA CAUSA MEDO

QUEM SE IMPÕE FICA POR CIMA

QUEM SOFRE MEDO É FRACO

ESTAR POSTO EM CIMA É SER AUTORIDADE

QUEM SOFRE MEDO ESTÁ POR BAIXO

COMETER VIOLÊNCIA É IMPOR AUTORIDADE

É por essa lógica que o participante afirma que o ROUBO é perdoável, demonstrando em sua explicação uma empatia por quem comete tal tipo de violência: “Porque a pessoa não feriu ninguém e muitas vezes está roubando porque ela está desesperada para pagar uma dívida que se ela não pagar ela pode morrer”. Aqui, pensamos na questão da POBREZA, associada com VIOLÊNCIA, que faz parte de uma estrutura baseada em SOBREVIVÊNCIA. É a LEI DA SOBREVIVÊNCIA EM MEIO SELVAGEM, pois a POBREZA é entendida como uma SITUAÇÃO DIFÍCIL. A DÍVIDA pode ser da droga, já que os participantes disseram vivenciar isso. A DROGA É O QUE CONSOME E SE ALIMENTA DA VÍTIMA.

Entra aí o tráfico.

TRÁFICO está representando metonimicamente TRÁFICO DE DROGAS. Além disso, ao pensar nessa atividade ilegal, podemos afirmar que A SOLUÇÃO ACHADA PARA O FIM DA POBREZA TAMBÉM PODE SER O TRÁFICO, como já apontamos anteriormente. Assim como a DROGA É ALIMENTO de quem a consome, também é para quem a vende: TRÁFICO DE DROGAS É ALIMENTO, na medida em que alimenta os familiares dos traficantes.

Na resposta do participante em que demonstra que roubo por necessidade é perdoável, o pobre é visto como VÍTIMA da sociedade. A VÍTIMA aqui passa então a ser AGENTE DE ATOS VIOLENTOS, mas não como CULPADO, e sim como um sujeito que utiliza a violência como RECURSO de sobrevivência, para ficar FORTE.

Já VIOLÊNCIA POR ATO COMETIDO, POR VONTADE não é perdoável, e o participante justifica afirmando que ASSASSINATO é imperdoável “não por uma pessoa matar um parente hoje e vim pedir desculpa. há Estupro também invade a privacidade de uma pessoa e causou um trauma na vida dela não da ne”.

TRAUMA É MARCA, como vimos. A ideia da CONTABILIDADE MORAL é presente na resposta seguinte do participante quando ele afirma que “Quem pratica violência sabe que esta praticando tendo a consciência não adianta se arrepender então não faça para os outros hoje o que você não quer para você amanhã quem planta o bem colhe o bem”. Ou seja: VIDA É PLANTAÇÃO: Plantando sementes boas, teremos frutos bons, teremos alimentos, e:

ESTAR ALIMENTADO É ESTAR SAUDÁVEL

SER SAUDÁVEL É SER FELIZ.

Já plantando semente ruim, o fruto é ruim, não gerando alimentos saudáveis:

SEM ALIMENTAÇÃO NÃO HÁ SAÚDE

SEM SAÚDE NÃO HÁ FELICIDADE

Pensando assim na contabilidade:

QUANDO ATO DE VIOLÊNCIA É REPARAÇÃO DE DANOS, ELE É JUSTO.

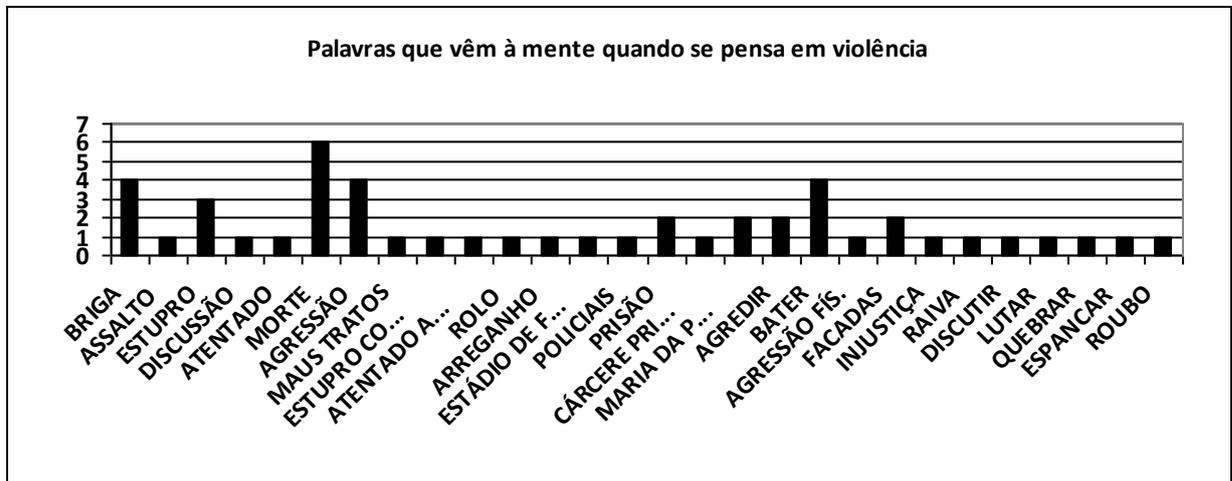
O participante não produziu texto. Mas foi possível perceber por suas respostas que VIOLÊNCIA É ATO-PRODUTO, mas que só é IMPERDOÁVEL quando não tiver motivo de sobrevivência: ROUBAR POR NECESSIDADE NÃO É VIOLÊNCIA.

Vimos que este grupo de participantes traz histórias pessoais acerca do tema proposto, diferenciando-se do grupo anterior.

Pensando então nos dados quantitativos, a fim de compararmos objetivamente as respostas fornecidas pelos dois grupos pesquisados, temos os seguintes resultados do segundo

grupo:

**Gráfico 16: Palavras que vêm à mente quando se pensa em VIOLÊNCIA**



Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO,2013)

É possível por sinonímia aproximarmos e tratarmos com apenas um item lexical: “estupro”-“estupro com menores” (mesmo sabendo que este último por critério de descritores semântico, gradação, nos faz pensar que é pior na medida em que envolve mais indefesas-crianças, segundo nossa sociedade). Também para fins de organização dos núcleos semânticos, contabilizamos como pertencentes ao mesmo campo lexical: agredir- agressão, discutir- discussão, assalto-roubo.

Feito isso, podemos agora pensar que o item mais referido por este grupo de adolescentes é MORTE, seguido de AGRESSÃO, pensado em CAUSA- CONSEQUÊNCIA. Temos MORTE COMO CONSEQUÊNCIA DE AGRESSÃO.

A AGRESSÃO é um meio para se chegar até a MORTE, ainda mais nesta realidade em que há muitas agressões antes de mortes anunciadas.

Pensando na associação semântica entre BATER, LUTAR, E AGREDIR, o número de ocorrências relacionadas ao ATO FÍSICO, de CONTATO, que causa DANO FÍSICO é maior. Percebemos que os itens “rolo” e “arreganho” podem fazer parte do mesmo núcleo que “discussão” e “discutir” por não envolverem DANO CORPORAL. São classificados como ATO-PRODUTOS; podemos cogitá-los como ATOS COM DANOS MORAIS. Interessante que enquanto para o primeiro grupo *bullying* é considerado VIOLÊNCIA, para o segundo grupo “rolo”, “arreganho”, “colada”, “brincadeira”, que também poderiam ser citados como *bullying*, não o são, talvez porque nos seus *scripts culturais*, essas brincadeiras,

esses deboches, esses arreganhos, essas coladas façam parte da rotina- o que um dos participantes inclusive comenta, afirmando que se fica bem depois destes atos, pois são brincadeiras de colegas.

CÁRCERE PRIVADO também entra aqui no primeiro núcleo, por se tratar de um AGENTE que CAUSA DANO a um PACIENTE, tendo como META de AGRESSÃO, PUNIÇÃO ou/e SOFRIMENTO. Utilizando o cárcere como MEIO, INSTRUMENTO, ATO e PRODUTO, portanto.

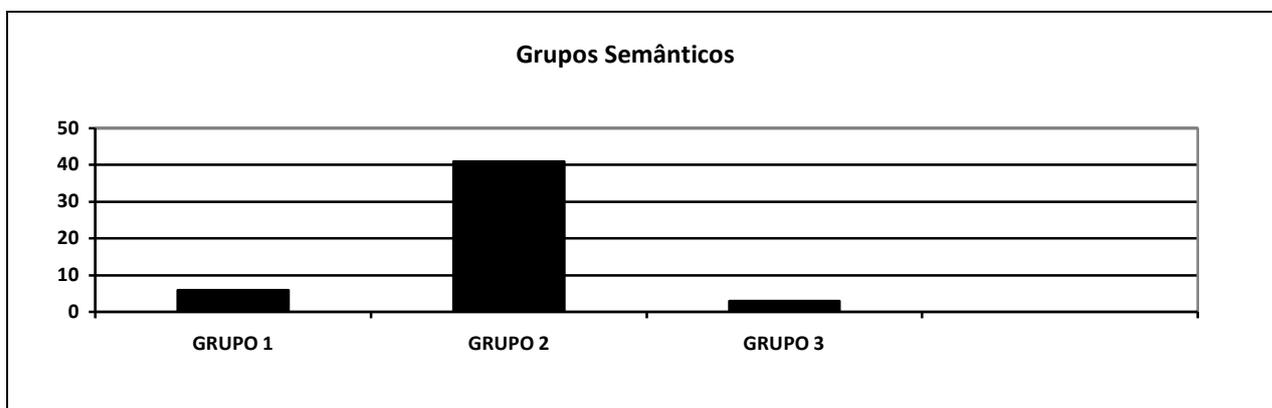
Além destes, temos também como ATOS-PRODUTOS, mas em uma categoria que difere de dano físico, pois envolvem mais DANO MATERIAL, embora haja CONTATO, o ROUBO e ASSALTO, que podem ser pensados como ATO-PRODUTO, e que ainda podem utilizar um instrumento, causando dano físico, embora essa consequência para tais conceitos não foi apresentada. E pensando em INSTRUMENTO, incluímos nesse núcleo semântico “facadas”, que aparece mais de uma vez nos questionários.

Percebemos aqui, que diferentemente do primeiro grupo, as emoções não aparecem com muita frequência. No núcleo formado por SENTIMENTOS-SENSAÇÕES- EMOÇÕES, temos apenas INJUSTIÇA, RANCOR E RAIVA.

Criando um núcleo VIOLÊNCIA como POLITICA, temos associados os itens “prisão”, “policiais”, “estádio de futebol” e “Maria da Penha”. Cabe pensar que “estádio de futebol” está também enquadrado em POLÍTICA porque envolve segurança pública quando ocorrem brigas entre torcedores, ou entre jogadores. Tal item lexical será aqui contabilizado, já que não se trata de um agente, de um ato, mas de uma situação envolvendo pessoas e segurança.

Então, formando os dados por núcleos, temos:

**Gráfico 17: Grupos Semânticos**



FONTE: Pesquisa direta (2013)

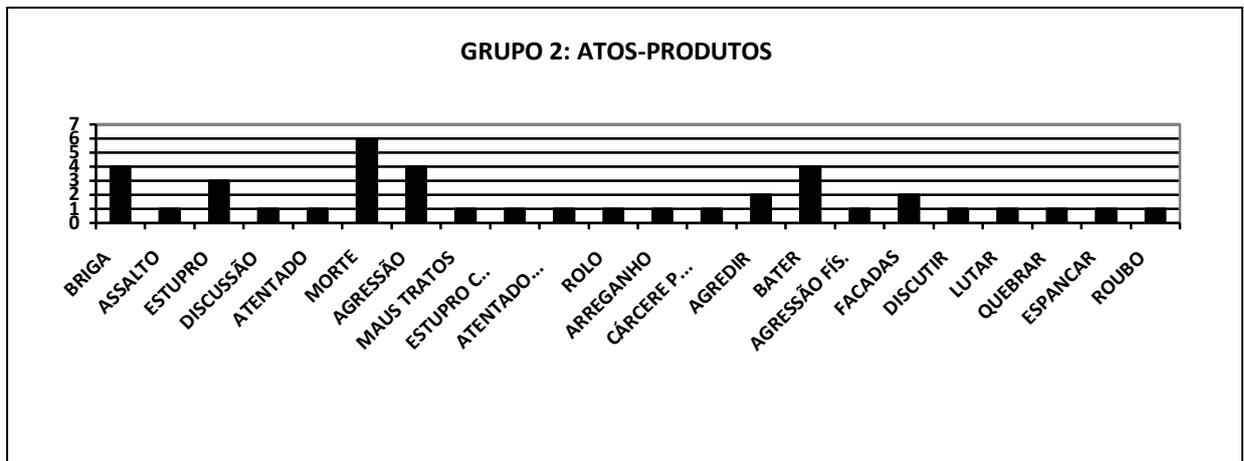
Grupo 1: POLÍTICA: “Maria da Penha”(2), “policiais”, “prisão”(2), “estádio de futebol”

Grupo 2: ATO-PRODUTO: “bater”(4), “agredir” (2), “facadas” (2), “estupro”(3), “agressão” (4), “morte” (6), “briga” (4), “matar”, “discutir”, “lutar”, “quebrar”, “espancar”, “roubo”, “maus tratos”, “estupro com menores”, “atentado ao pudor”, “assalto”, “discussão”, “atentado”, “agressão física”, “cárcere privado”, “rolo”, “arreganho”.

Grupo 3: SENTIMENTOS-SENSAÇÕES-EMOÇÕES: “raiva”, “rancor”, “injustiça”

Como percebemos, o núcleo semântico de ATOS-PRODUTOS, relacionados à violência é dominante neste grupo de participantes. Temos, como ATO-PRODUTO:

**Gráfico 18: GRUPO 2: ATO-PRODUTO:**



Fonte: Pesquisa direta (ARAÚJO, 2013)

O NÚCLEO 1- POLÍTICA e O NÚCLEO 3- SENTIMENTOS-SENSAÇÕES-EMOÇÕES não são necessários serem representados por gráfico, pois visivelmente há ocorrências menores, diferindo do primeiro grupo de participantes que apresentou maior ocorrência nestes dois núcleos. Para este grupo, apenas seis ocorrências relacionadas à POLÍTICA ( sendo: “estádio de futebol”, “policiais”, prisão (2), “Maria da Penha(2) ), e 3 ocorrências relacionadas à SENTIMENTO-SENSAÇÃO-EMOÇÃO (sendo: raiva, injustiça e rancor, e todas escritas pelo mesmo participante, o que descaracteriza mais ainda sua presença no grupo destes participantes, pois de dez participantes, apenas um teve como salientes na memória palavras deste núcleo).

Para o primeiro grupo de participantes analisados, parece haver mais associação entre ATO e SENTIMENTO, SENSAÇÕES, EMOÇÕES. No grupo 2, o esquema FORÇA é

dominante e, diferentemente do que observamos no primeiro grupo, aqui o item lexical mais citado foi MORTE, ou seja, o RESULTADO, a CONSEQUÊNCIA DA AÇÃO: CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA.

No primeiro grupo, notamos que o item com maior número de ocorrências, após agrupamentos semânticos foi AGRESSÃO, caracterizando que o ATO- AÇÃO É VIOLÊNCIA. Subjetivamente, podemos supor que o primeiro grupo tem mais presente na memória a AGRESSÃO, quando referente à VIOLÊNCIA do que o segundo grupo, na medida em que AGRESSÃO é MENOS VIOLENTO do que MORTE, sendo esta a última consequência possível- é o maior dano, e por ser mais grave é mais raro, menos visto, por isso, talvez, para o primeiro grupo não seja o mais saliente na memória, na medida em que seus participantes não a percebem como rotina. Portanto, MORTE, por fazer mais parte do convívio do segundo grupo, tem mais ocorrência neste- está mais saliente na memória. Ainda nesta análise, supomos que o primeiro grupo considere (pensando em critérios semânticos) um ato menos violento do que MORTE já como o pior, ou seja, podem ser considerados “menos tolerantes à VIOLÊNCIA” do que o segundo grupo, por experienciamos como pior a AGRESSÃO..

Nem se faz necessário aqui dividir por núcleos as outras respostas, a fim de obter visão quantitativa, pois só três itens lexicais- “Maria da Penha”, “prisão” e “policiais” - que estariam no núcleo POLÍTICA, e ainda assim Maria da Penha mesmo sendo Lei, é supostamente compreendida aqui VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, o que a aproxima de ATO- PRODUTO.

Nas relações de POLÍTICA, enquanto o primeiro grupo cita problemas globais, envolvendo países e sociedade, o segundo grupo lista problemas locais, mostrando com isso mais ligação à VIOLÊNCIA do que o primeiro, que está distante da cena descrita, por estar se referindo à sociedade, de onde faz parte, em que os problemas são mais longes do seu núcleo, numa relação CENTRO-PERIFERIA.

Quando se referindo a problemas como TRÁFICO, DROGAS, é sabido também que no grupo de adolescentes moradores da zona nobre há distanciamento da cena, já que moram distantes da zona de conflito. O TRÁFICO não aponta no segundo grupo como exemplo saliente por talvez não ser visto como violento e sim como profissão. Esperava-se até que os participantes deste segundo grupo mostrassem mais referências ao TRÁFICO, justamente por conviverem mais com tal realidade. Pensávamos que seria presente uma empatia em relação ao traficante enquanto AGENTE da violência, porém, em apenas breves comentários foi citado que tráfico e roubo ocorrem por necessidade.

Interessante notar que enquanto o primeiro grupo aponta LADRÕES como VIOLÊNCIA, o segundo aponta PRISÃO. Tal comparação é relevante, pois para o primeiro grupo, os ladrões são o que trazem o incômodo para o CENTRO, quem gera o MEDO. Já para o segundo grupo, que convive, que mora com LADRÕES, o incômodo é perdê-los, é se afastarem, e assim romperem a LIGAÇÃO. Sabendo que LADRÕES SÃO PRESOS, o incômodo para esses adolescentes é, portanto, a PRISÃO, que é causa de sofrimento e dor e possivelmente da solidão, emoção citada pelos adolescentes do primeiro grupo como relativas ao AGENTE da violência, ou seja, a PRISÃO de um próximo pode ser a causa da violência, porque pode ser a origem da solidão. Também destacamos para essa reflexão o frame de PRISÃO: policiais invadindo o espaço do “marginal”, uso da força, disputa, agressão. Ou seja: não é positivo a presença de policiais nem o ato de prisão. É fácil entender sua saliência como exemplo de VIOLÊNCIA no segundo grupo, portanto: PRISÃO GERA MEDO.

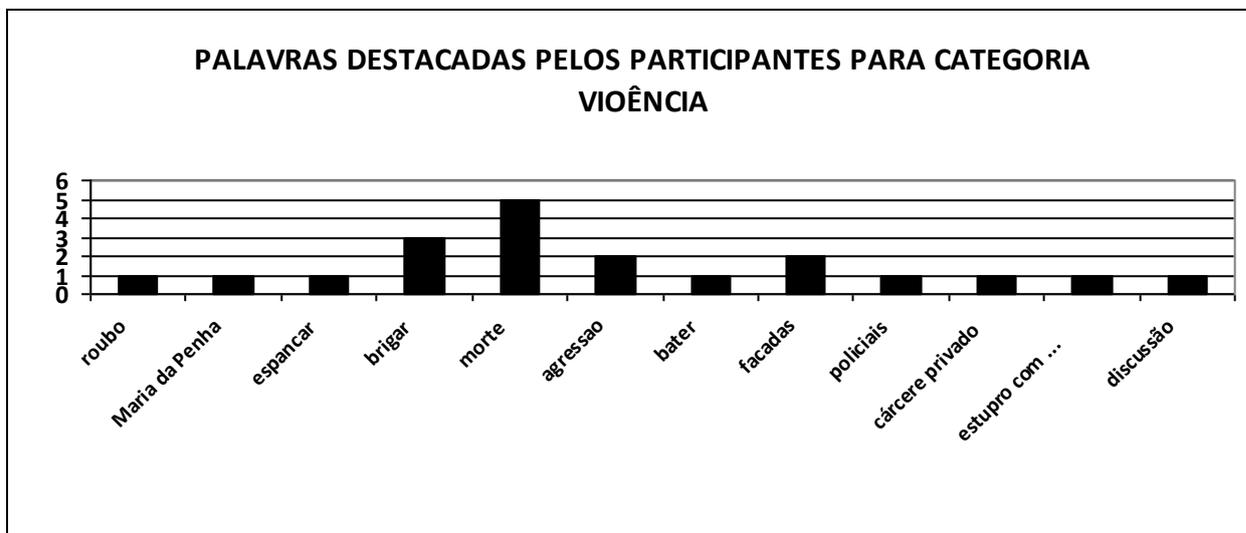
O espaço e a distância ficam perceptíveis entre os dois grupos, na forma de conceptualizar VIOLÊNCIA. FAVELA é longe sob o ponto de vista de quem a cita-VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é perto sob o ponto de vista de quem a cita. Enquanto o primeiro grupo apresenta FAVELA, o segundo grupo apresenta MARIA DA PENHA, que é numa relação metonímica VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, portanto, FAMÍLIA entra em cena, já que é DOMÉSTICA. Esta FAMÍLIA está na FAVELA, pois é o núcleo do participante do segundo grupo de entrevistados. Família é próxima ao participante, e FAMÍLIA COMPÕE A FAVELA. E se pensarmos que, de acordo com o segundo grupo que a VIOLÊNCIA ESTÁ NA FAMÍLIA, e, de acordo com o deduzido, a FAMÍLIA ESTÁ NA FAVELA, então procede que FAVELA É VIOLÊNCIA, sugerida pela leitura das respostas e dos textos do primeiro grupo. Este, por sua vez, ao citar FAVELA, possibilita uma nítida leitura de que é distante de si, é PERIFERIA, concordando então que VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ESTÁ NA PERIFERIA. Ressaltamos que é um dado hipotético, permitido pela leitura, pela interpretação de um corpus, mas não afirmado como verdadeiro, pois sabemos que VIOLÊNCIA DOMÉSTICA também se encontra em outros núcleos que não os da favela, mas aqui não temos dados para tal- aliás, em conversa informal com os participantes do segundo grupo, muitos citaram não encontrar “ricos” no DECA ou no Conselho Escolar, o que podemos entender como um núcleo social mais fechado, que talvez não faça tantos registros justamente para não romperem com o estereótipo de FAMÍLIA ESTRUTURADA que os *scripts culturais* determinam. Faz-se relevante comentar que a instituição FAMÍLIA no grupo primeiro não aparece citada em nenhuma escrita, em nenhum dizer.

A crítica ao policial como AUTORIDADE LEGÍTIMA é referida nos dois grupos.

Em conversa informal, o segundo grupo comentou que os policiais costumam frequentar a comunidade, para “ganhar seu bônus” dos traficantes. Para o primeiro grupo, a crítica se dá pela falta de punição para os bandidos. Para o segundo grupo, a crítica se dá pela hipocrisia da polícia, em não cumprir com seu papel (embora alguns destaquem que ela é autoridade).

Analisando agora as palavras destacadas, relacionadas à VIOLÊNCIA, notamos que RAIVA é referência nos dois grupos de participantes, o que mostra ser um exemplo típico possível de EMOÇÃO vinculada à VIOLÊNCIA, sendo considerada CAUSA PELO EFEITO e EFEITO PELA CAUSA pelos participantes do segundo grupo. Temos nesta questão os seguintes resultados:

**Gráfico 19: Palavras destacadas para categoria VIOLÊNCIA:**

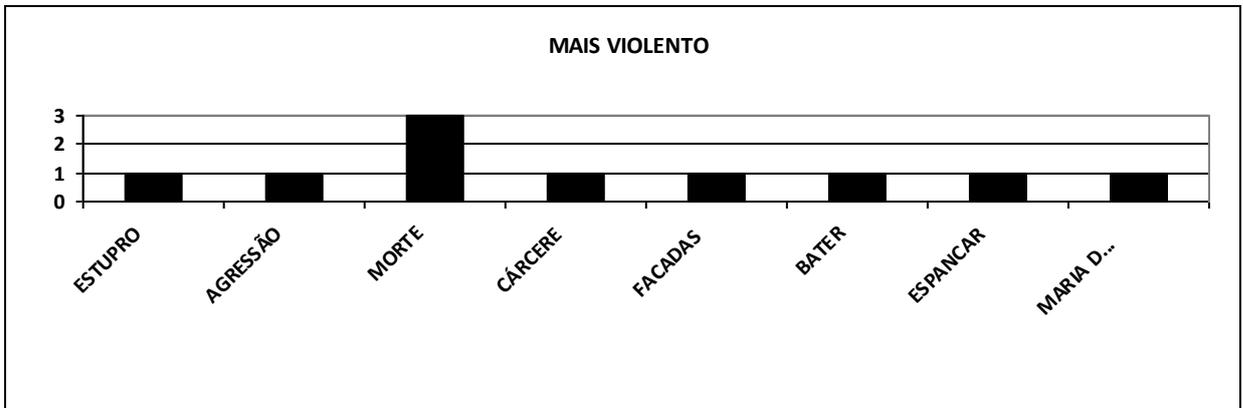


FONTE: Pesquisa direta (ARAÚJO,2013)

Notamos que EMOÇÕES neste quesito também não entram em jogo no gráfico, revelando o que antes foi notado que ATO-PRODUTO é dominante na memória associativa dos participantes. MORTE se confirma como exemplar típico da categoria aqui estudada. Percebemos então que ao pensar de forma aleatória e ao pensar de forma consciente as respostas seguem o mesmo padrão. No primeiro grupo, muitas palavras foram relacionadas com EMOÇÕES, contrariando semelhança com os resultados deste segundo grupo.

Na questão D, em que é solicitada uma lista por gradação do mais violento ao menos violento, as respostas do segundo grupo são as que seguem quantitativamente no gráfico a seguir:

**Gráfico 20 : MAIS VIOLENTO**

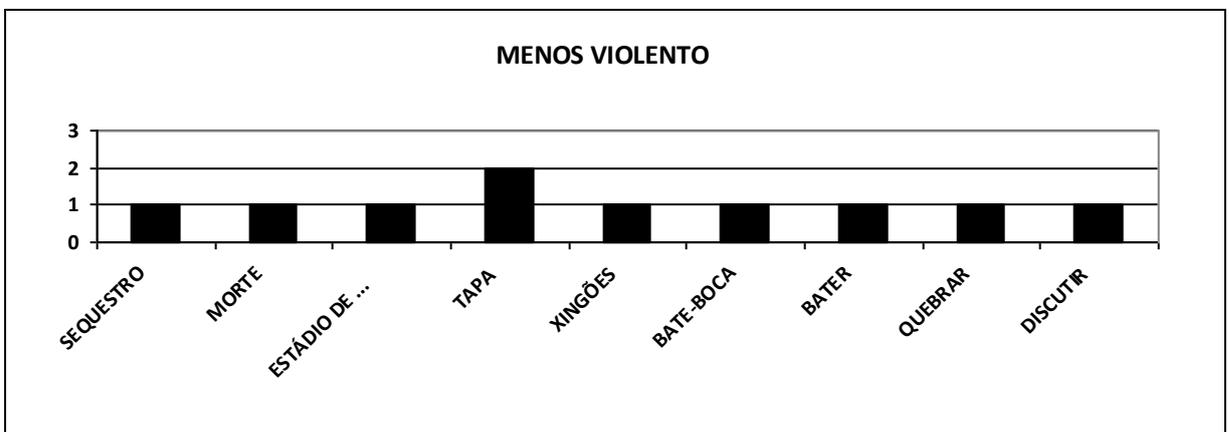


FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Continua prevalecendo MORTE como exemplar típico da categoria VIOLÊNCIA, e mantendo ATOS-PRODUTOS como os mais relevantes. Essa coerência entre as respostas é mais perceptível aqui do que no grupo 1, na medida em que para tal grupo, os exemplos típicos diferem de acordo com a questão respondida, por exemplo, AGRESSÃO é o item mais citado na primeira questão, porém quando se pensa em MAIS VIOLENTO, temos ASSASSINATO, o que corrobora com a hipótese deste segundo grupo de MORTE ser o melhor exemplo da categoria. Com essa nova constatação, percebemos que MORTE e ASSASSINATO são exemplares típicos da categoria VIOLÊNCIA até o momento, podendo ser pensados como PRODUTOS DA VIOLÊNCIA, CONSEQUÊNCIA DA AGRESSÃO.

Como MENOS VIOLENTO, o grupo 2, formou a seguinte gradação:

**Gráfico 21: MENOS VIOLENTO**



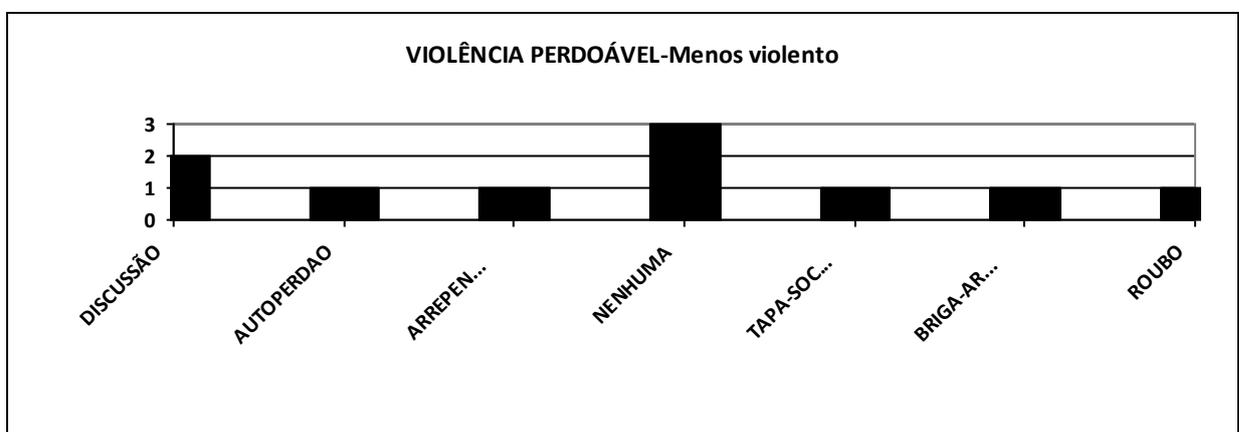
FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Se unirmos num mesmo núcleo DISCUTIR, XINGÕES e BATE BOCA, por associação semântica arbitrária, no núcleo DISCUSSÃO, temos como os exemplos mais citados de MENOS VIOLENTOS os atos TAPA e DISCUSSÃO. Não há repetição de item lexical no grupo 1 para esta resposta, mas associando XINGAMENTO com PALAVRAS podemos dizer que para tal grupo também é menos violento na escala a DISCUSSÃO. Assim, temos DANO MORAL prevalecendo como MENOS VIOLENTO. Sobre TAPA, é possível nos remeter aos questionários apresentados do segundo grupo, em que relacionam tal conceito com AMIGOS, COLEGAS, ORIGEM DE BRIGA, ou seja, não é considerado um DANO FÍSICO dependendo de sua intensidade, talvez, por isso, esteja na escala de MENOS VIOLENTO. Pois quando é, serve como começo, numa escala de progressão seria, portanto, menos grave.

A fim de verificar se são confirmados os itens destacados como os mais violentos e os menos violentos, foram elaboradas questões em que o participante deveria citar o que é perdoável e o que é imperdoável (aproximando-se também da relação de EMPATIA para com quem pratica e para com sofre VIOLÊNCIA).

Para o grupo 2, as respostas sobre o que é perdoável, portanto, menos violento (pensando que quem perdoa quita a dívida, portanto, a violência é encerrada) são quantitativamente estas a seguir:

**Gráfico 22- VIOLÊNCIA PERDOÁVEL- Menos Violento**



FONTE: Pesquisa direta (ARAÚJO, 2013)

Três dos dez participantes defendem que VIOLÊNCIA É IMPERDOÁVEL, enquanto dois consideram que se os AGENTES se arrependem do ato, ou se derem perdões a si próprios, a dívida do dano é quitada, portanto, há o perdão, tornando os atos cometidos menos violentos. Nisso, notamos maior inclinação à empatia para com quem pratica VIOLÊNCIA em relação ao primeiro grupo.

TAPA- SOCO-COLADA visivelmente se enquadram aqui porque fazem parte do frame BRINCADEIRA DE COLEGAS, apontado por um dos participantes, portanto, por terem relação com AMIZADE, COLEGUISMO, também podem ser perdoados, tornando-se menos violento. Interessante que para este grupo estes atos entre colegas não são considerados violentos, já para o primeiro grupo o *bullying* aparece como exemplo da categoria em mais de um questionário.

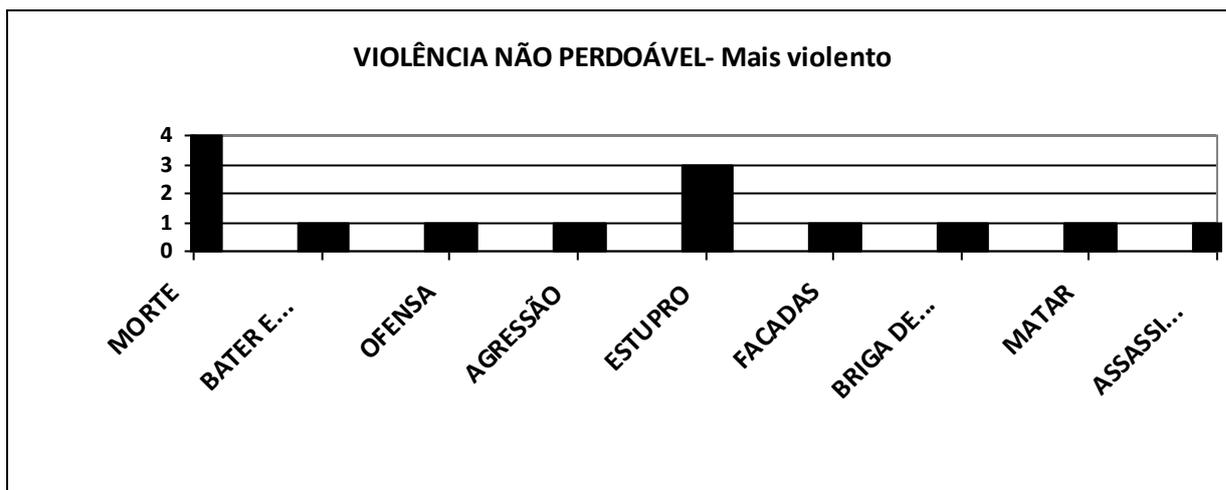
ROUBO aparece como perdoável na relação ROUBO POR NECESSIDADE. Esta necessidade, conforme conversa informal, parece ser a justificativa para QUALQUER ROUBO; os adolescentes do segundo grupo defendem quem rouba, e se dizem tristes por terem amigos e parentes presos, por consequência deste ato, pois, segundo um dos relatos informais, “os presos não mataram ninguém, roubaram para comprar coisas para dentro de casa”. Retoma-se aqui a ideia de que PRISÃO É VIOLÊNCIA para este grupo.

No grupo 1, a DISCUSSÃO, representada por VIOLÊNCIA VERBAL é perdoável para a maioria. E para apenas dois participantes. A VIOLÊNCIA FÍSICA é citada como perdoável no primeiro grupo, em menor quantidade. No segundo grupo, quando há referência deste tipo de violência- como ARREGANHO- também está na mesma escala da relação de amizade, o que torna o ATO MENOS VIOLENTO, se feito quando brincando.

Percebemos menos ocorrências de VIOLÊNCIA PERDOÁVEL no segundo grupo do que no primeiro, na medida em que a maioria considera imperdoável qualquer ato. Porém, também há neste segundo grupo o PERDÃO mais do que no primeiro quando o AGENTE MOSTRA ARREPENDIMENTO.

Especificamente sobre o que não é perdoável, temos no segundo grupo, os seguintes resultados:

### **Gráfico 23: VIOLÊNCIA NÃO PERDOÁVEL- mais violento**



FONTE: Pesquisa direta ( ARAUJO,2013)

Mantém-se MORTE como exemplo típico da categoria, por ser o que não é perdoável para maior número de participantes. Em tal núcleo, ASSASSINATO e MATAR podem ser enquadrados no mesmo núcleo semântico, evidenciando ainda mais a escolha MORTE como PROTÓTIPO, até então percebido. No grupo 1, ASSASSINATO, considerado como MAIS VIOLENTO, não aparece como mais imperdoável, mas aparece em um dos questionários a resposta “violência extrema sem propósito” como imperdoável. Podemos inferir que se trata de MORTE, pelo esquema ORIGEM-PERCURSO-META apresentado na tese, em que MORTE seria o DESTINO, O FIM DO CAMINHO, pois não há nada além deste ato, é ele que encerra o ciclo da violência, e por sabermos que MAIS IMPORTANTE É MAIOR, é possível a associação com EXTREMA- VIOLÊNCIA EXTREMA. Se assim pensamos, então, também temos evidência de MORTE no primeiro grupo.

Pensando nas definições dadas para VIOLÊNCIA nos questionários, nas comparações citadas, podemos relatar que MORTE é CONSEQUÊNCIA DE AGRESSÃO, que por sua vez, é CONSEQUÊNCIA DE DISCUSSÃO. E neste segundo grupo, destaca-se a BRIGA FAMILIAR, DISCUSSÃO FAMILIAR, AGRESSÃO DOMÉSTICA.

Os sentimentos relativos a quem pratica o ato violento, de acordo com o segundo grupo, são os seguintes:

#### **Gráfico 24- Sentimentos relativos a quem pratica violência**



FONTE: Pesquisa direta (ARAÚJO, 2013)

Por aproximação semântica, podemos compor as seguintes relações:

- A) ÓDIO-RAIVA-IRRITADO-BRABO-ESTRESSADO-BATER-MATAR-ESPANCAR-REVOLTA
- B) TRISTE-RANCOR-SOFIRMENTO-MAGOADO-SENTIMENTO-PENSAMENTO-DOR-CHOROS
- C) O MAL- MALDADE-IRRACIONALIDADE- SEM SENTIMENTO-MALUCO-GANÂNCIA-CIÚME-VÍCIO-DESESPERO
- D) CULPA-INJUSTIÇA-ARREPENDIMENTO- PENA

Como percebemos, ÓDIO e RAIVA são os exemplos típicos de EMOÇÃO RELACIONADA COM QUEM PRATICA VIOLÊNCIA. Podemos interpretar como sendo o praticante o possuidor de tal emoção, ou o participante como expectador. Independente de quem sente, é sabido que ambos os itens lexicais podem ser tratados como sinônimos e indicam REAÇÃO, é como a metáfora RAIVA É UM FLUIDO QUENTE-PRESSURIZADO- como já mostrado anteriormente, quando também foram apresentados os seus estágios. Tais emoções também são as mais destacada pelo grupo 1, o que comprova RAIVA ser mais prototípica na relação EMOÇÃO-VIOLÊNCIA. Independentemente de quem sente, se é o agente ou o participante por aquele, a RAIVA não é sentimento relacionado à empatia.

Entretanto, vem o dado interessante: muitos itens lexicais citados são enquadrados no núcleo da EMPATIA: desespero, vício (visto como doença), arrependimento, sentimento, mágoa, sofrimento, dor, choro, pena, ... É notório que mesmo sentindo RAIVA também há

sentimentos que podem ter dado origem a esta RAIVA, num esquema de ORIGEM-PERCURSO-META. Tal esquema também pode ser percebido no primeiro grupo, já que também aparecem os itens: loucura, irracionalidade, ignorância, burrice, maluquice, ...

Então, podemos concluir que o AGENTE comete atos violentos por consequência da RAIVA, que por sua vez, é consequência de sua condição de VÍTIMA da sociedade ( VICIADO-DOENTE, POBRE, EXCLUÍDO). São poucos os casos em que a falta de sentimento, o ato pensado em si são descritos nos dois grupos.

Em VIOLÊNCIA DOMÉSTICA podemos pensar que o DANO FÍSICO é fruto do CIÚME, como foi citado por um participante, mas também pode ser mais enquadrada como um tipo de violência relacionada à RAIVA e à ÓDIO, duas emoções que no *frame* CASAMENTO não se encontram e é justamente por isso que VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é VIOLENTO, pois quebra com expectativas, rompe com conceitos estereotipados a respeito de RELAÇÃO AMOROSA, além de causar danos a mais de uma pessoa. No segundo grupo, podemos deduzir então que o *frame* CASAMENTO inclui VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, o que não é percebido nos dados do primeiro grupo.

Dentro do *frame* de alguém com RAIVA, podemos incluir os outros conceitos relacionados por aproximação semântica. Os sentimentos relacionados à dor, sofrimento também são presentes em grande número de ocorrências, se juntarmos todas. A ideia de violência como ATO IRRACIONAL, ou como CONSEQUÊNCIA DE UMA ENTIDADE QUE INVADIU A MENTE é também parte deste gráfico.

Quando solicitado destacar o sentimento mais relativo a quem pratica violência, o que temos é o seguinte gráfico de ocorrências:

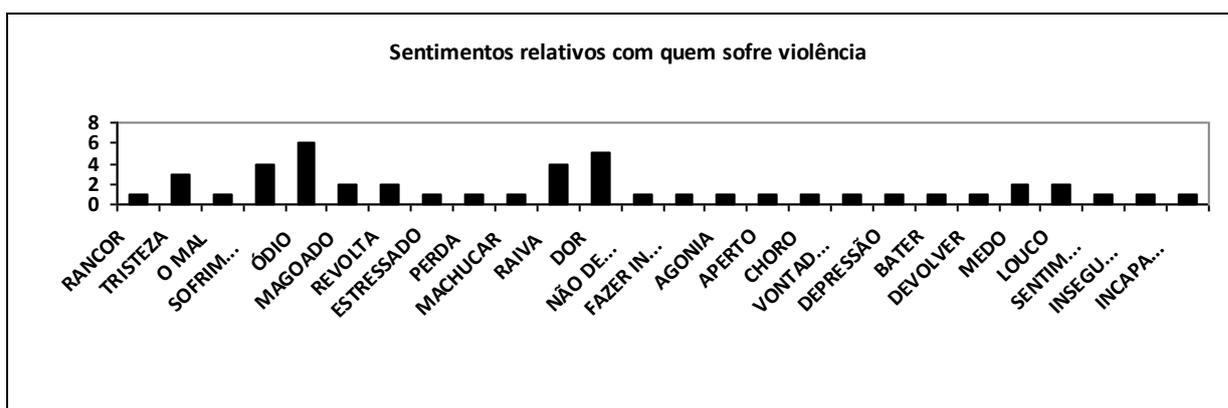
### **Gráfico 25- Sentimentos mais relativos a quem pratica violência**



FONTE: Pesquisa direta ( ARAUJO,2013)

O ÓDIO e os conceitos que foram relacionados como parte de seu núcleo se destacam neste gráfico, ratificando o que foi afirmado anteriormente de que VIOLÊNCIA PODE SER REAÇÃO. Mas aqui há presentes em destaque também sentimentos relacionados à empatia, como ARREPENDIMENTO, MAGOADO, SOFRIMENTO, confirmando também que para este grupo se há arrependimento, há perdão. Nas respostas encontradas sobre os sentimentos que mais se relacionam com quem sofre VIOLÊNCIA, temos os seguintes dados:

**Gráfico 26: Sentimentos relativos a quem sofre violência**



FONTE: Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Separando em núcleo, temos:

- A) CHORO- SENTIMENTO- DOR- RANCOR- TRISTEZA- SOFRIMENTO- MAGOADO-SENTIMENTO-VONTADE DE NÃO VIVER MAIS- AGONIA- APERTO- DEPRESSÃO
- B) O MAL- A PERDA-LOUCO

C) ÓDIO-REVOLTA-MACHUCA-RAIVA-NÃO DESCULPAS-FAZER  
INJUSTIÇA-BATER-DEVOLVER

D) MEDO-INSEGURANÇA-INCAPACIDADE

Percebemos que o primeiro grupo demonstra que quem sofre a violência releva mais os atos sofridos, já neste segundo grupo há muita referência à REAÇÃO, inclusive com o uso de verbos indicando vontade, numa relação entre EMOÇÃO e REAÇÃO, como em “vontade de fazer injustiça”, “não desculpar”. “bater”, “devolver”. Sentimentos como REVOLTA, ÓDIO, RAIVA, aliados aos verbos citados anteriormente e ao adjetivo “louco” nos faz pensar que :

RETRIBUIR DANO É JUSTO, É MORAL

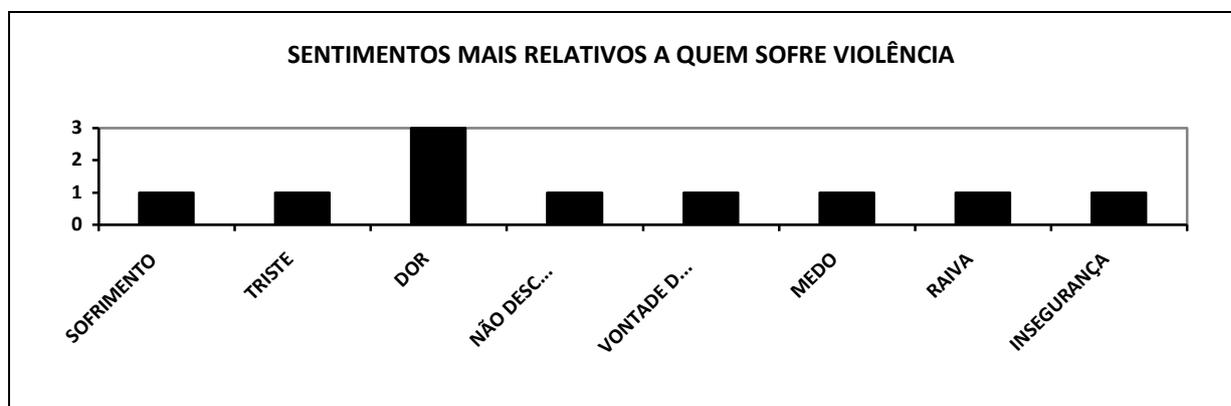
DEFESA É CONTRA-ATAQUE

CONTRA-ATAQUE NÃO É VIOLÊNCIA

A relação entre VIOLÊNCIA e IMPUNIDADE também aparece, o que reforça a ideia de FAZER JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS. Entretanto, comparando todos os instrumentos, percebemos que o primeiro grupo mostra-se mais crítico em relação à segurança pública, à falta de autoridade legítima do que o segundo grupo, talvez porque este se mostra mais preocupado com problemas próximos e não problemas no âmbito político (embora saibamos que VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é social também, afirmamos que aqui é considerado como aspecto intracultural do contexto de produção dos participantes do segundo grupo, já que não aparece no primeiro grupo dados que sustentem similaridade).

O gráfico a seguir mostra qual sentimento é mais relevante dentre os citados anteriormente, para cada participante. Temos então:

**Gráfico 27- Sentimentos mais relativos a quem sofre violência**



FONTE; Pesquisa direta (ARAUJO,2013)

Quando pensado no sentimento mais relevante relativo a quem sofre a violência,

verifica-se que há empatia na medida em que todos os sentimentos citados, exceto “não desculpar” e “raiva”, são sentimentos que não causam danos físicos como REAÇÃO, pois são de quem se coloca no lugar do paciente da violência como alguém que não retribui o ato, portanto, só o sente. Domina aqui a EMOÇÃO relativa à DOR, TRISTEZA. O paciente da ação sofre e é isso que provoca empatia no participante. O mesmo resultado ocorre com o primeiro grupo.

Como se percebe, as diferenças significativas entre os grupos a respeito das suas formas de estruturar linguisticamente VIOLÊNCIA são mais perceptíveis através de seus textos. Para ambos os grupos, temos presente MORTE, AGRESSÃO, RAIVA como dominantes na hierarquia do conceito. A associação do conceito com CAUSA, EFEITO, CONSEQUÊNCIA são similares nos dois grupos. A diferença está na gradação, pois enquanto para o primeiro grupo a AGRESSÃO é o pior tipo de violência, para o segundo, temos MORTE. Enquanto o primeiro grupo apresenta *bullying* como violência, para o segundo não se mostra relevante na escala tal ato.

O que mais revelador neste estudo, e que não se esperava encontrar com tanta determinação foi a escolha de um TIPO DE VIOLÊNCIA para definir VIOLÊNCIA. No segundo grupo, VIOLÊNCIA DOMÉSTICA é o exemplar prototípico da categoria, que conjectura em sua relação AGRESSÃO, ESTUPRO, BRIGA, TAPA, DISCUSSÃO... Esta constatação confirma a hipótese de que os conceitos são influenciados pelo contexto sociocultural e principalmente pelas experiências corpóreas, pois os adolescentes do segundo grupo evidenciam que são viventes de cenas violentas, e estas são dominadas por HOMEM AGRESSOR, que não só trata a mulher como POSSE, como pratica VIOLÊNCIA DOMÉSTICA e também ESTUPRA. As emoções envolvidas neste grupo são mais relativas também às experiências bio-psicossociocultural, pois DROGAS, VÍCIO, DESESPERO, DÍVIDA parecem conceitos relacionados ao mundo do tráfico.

O primeiro grupo mostra-se mais distante do fenômeno em questão e o cita como algo à parte, fora de seu centro- FAVELA, PALESTINA, ORIENTE, ÁFRICA, EUA são conceitos relacionados à MAIS LONGE, MAIS DISTANTE, em relação ao nosso país. Quanto mais longe, menos “se sente na pele” os conceitos e talvez por isso haja mais análise crítica (perpetuando o dualismo entre razão e emoção pregado pela sociedade), como a reclamação a respeito das autoridades. Quando há uma preocupação mais ligada ao participante aí sim percebemos sentimentos mais de proximidade, de afeto, de empatia, mas são raras as ocasiões e quando aparecem também se relacionam com POBREZA, o que se liga ao segundo grupo novamente.

Para finalizar o presente estudo, na tentativa de elaborarmos um resumo dos dois grupos participantes, traçamos aqui um esboço de como a categoria VIOLÊNCIA é expressa linguisticamente, estruturando-o de forma que fique evidente que tal categoria possui uma estrutura radial. Tal organização é feita a partir de levantamento de palavras surgidas nas entrevistas e nos textos, tentando seguir a hierarquia pelo esquema ORIGEM-PERCURSO-META/ CAUSA-CONSEQUÊNCIA.

**Quadro 9- Resumo do primeiro grupo: CATEGORIA VIOLÊNCIA**

<b>POLÍTICA</b>	<b>ATO-PRODUTO</b>	<b>SENTIMENTO-SENSAÇÃO-EMOÇÃO</b>
SOCIEDADE	AUTOVIOLÊNCIA	NATUREZA HUMANA
FAVELA	BRIGA ENTRE AMIGOS	INFÂNCIA
POBREZA	BRIGA	FALTA DE AMOR
BEBIDA	DISCUSSÃO	FALTA DE EDUCAÇÃO
MACONHA	VIOLÊNCIA VERBAL	FALTA DE CONTROLE
DROGAS	PALAVRAS	IGNORÂNCIA
TRÁFICO	HUMILHAÇÃO	BURRICE
CONFLITO	DESRESPEITO	LOUCURA
PRISÃO	GROSSERIA	DOENÇA
POLICIAIS	XINGAMENTO	NECESSIDADE
LADRÕES	BULLYING	ABANDONO
BANQUEIROS	BRIGA DE RUA	SOLIDÃO
ROUBO DO DINHEIRO	VIOLÊNCIA FÍSICA	ESTRESSE
PÚBLICO	AGRESSÃO	PARANOIA
ROUBO DA LIBERDADE DE	ESPANCAMENTO	MEDO
EXPRESSÃO	ESQUARTEJAMENTO	INSEGURANÇA
DITADURA	TORTURA DE ANIMAIS	IMPUNIDADE
GOVERNO	TORTURA	IMPOTÊNCIA
ÁFRICA	ESTUPRO	ANGÚSTIA
ORIENTE	MASSACRE	DEPRESSÃO
PALESTINA	CHACINA	RESSENTIMENTO
LAVAGEM CEREBRAL	CRIME	MÁGOA
CRIME	HOMÍCIDIO	AFLIÇÃO
HUMANIDADE	MORTE	AGONIA
GUERRA	SANGUE	PREOCUPAÇÃO
CRIME DE GUERRA	INFERNO	INDIVIDUALISMO
	FOGO	DEFESA
		SUPERIORIDADE
		DESPREZO
		PRECONCEITO
		NOJO
		IRRITAÇÃO
		REVOLTA
		REVOLUÇÃO
		VINGANÇA
		ÓDIO
		RAIVA

FONTE: Pesquisa direta (ARAÚJO,2013)

Já no segundo grupo temos este quadro resumo das ocorrências presentes nos questionários e nas produções textuais, também pensando no esquema ORIGEM-PERCURSO-META, pois também é possível seguir a ordem de alguns conceitos listados,

percebendo CAUSA-CONSEQUÊNCIA entre eles e percebendo conexão entre os três núcleos.

**Quadro 10: resumo do segundo grupo: CATEGORIA VIOLÊNCIA**

<p><b>POLÍTICA</b>  ESTÁDIO DE FUTEBOL  MARIA DA PENHA  PRISÃO</p>	<p><b>ATO-PRODUTO</b>  ARREGANHO  OFENSA  DISCUSSÃO  COLADA  LUTA LIVRE  ASSALTO  ROUBO  DROGAS  BEBIDA  MAUS TRATOS  BRIGA  BRIGA DE CASAL  VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  AGRESSÃO  DEVOLVER  LUTA  BATER  TAPA  SOCO  PAU  PEDRA  TIRO  FOGO  FACADAS  SANGUE  MARCAS  CICATRIZ  ESPANCAR  SEQUESTRO  CÁRCERE PRIVADO  ATENTADO AO PUDOR  ESTUPRO  ESTUPRO COM MENORES  ATENTADO  ASSASSINATO  ESTUPRO  MATAR  MORTE</p>	<p><b>SENTIMENTO-SENSAÇÃO-EMOÇÃO</b>  VÍCIO  DESESPERO  MALUQUICE  O MAL  MALDADE  CIÚME  GANÂNCIA  COVARDIA  PENA  ARREPENDIMENTO  SOFRIMENTO  PERDA  MACHUCADO  DOR  TRISTEZA  SENTIMENTO  VONTADE DE NÃO VIVER  MAIS  DEPRESSÃO  AGONIA  APERTO  CHORO  MÁGOA  ESTRESSE  IRRITAÇÃO  BRABEZA  INSEGURANÇA  INCAPACIDADE  MEDO  REVOLTA  CULPA  INJUSTIÇA  HUMILHAÇÃO  VINGANÇA  ÓDIO  RAIVA</p>
--	---	---

Analisando as expressões obtidas pelos participantes e pensando em enquadrar a categoria em uma estrutura radial, com metáforas, metonímias, modelos cognitivos, podemos apontar algumas expressões utilizadas pelos participantes que evidenciam uma metonímia conceptual envolvendo resposta comportamental:

O RESULTADO DO ATO DE VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA:  
VIOLÊNCIA É CHUTAR.

VIOLÊNCIA É EMPURRAR.  
VIOLÊNCIA É BATER.  
VIOLÊNCIA É BRIGAR  
VIOLÊNCIA É AGREDIR  
VIOLÊNCIA É ESQUARTEJAR  
VIOLÊNCIA É ESTUPRAR  
VIOLÊNCIA É TORTURAR  
VIOLÊNCIA É MALTRATAR  
VIOLÊNCIA É ESPANCAR  
VIOLÊNCIA É ASSASSINAR  
VIOLÊNCIA É ATROPELAR  
VIOLÊNCIA É ASSALTAR  
VIOLÊNCIA É XINGAR  
VIOLÊNCIA É FERIR  
VIOLÊNCIA É HUMILHAR  
VIOLÊNCIA É VIOLAR  
VIOLÊNCIA É QUEBRAR  
VIOLÊNCIA É DESRESPEITAR  
VIOLÊNCIA É BULINGAR

A CONSEQUÊNCIA DO ATO DE VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA:

VIOLÊNCIA É MORTE  
VIOLÊNCIA É ASSASSINATO  
VIOLÊNCIA É SANGUE  
VIOLÊNCIA É ASSASSINATO  
VIOLÊNCIA É CHACINA  
VIOLÊNCIA É GUERRA  
VIOLÊNCIA É CRIME  
VIOLÊNCIA É MASSACRE  
VIOLÊNCIA É ESTUPRO  
VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
A CAUSA- O EFEITO DA VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA  
VIOLÊNCIA É IRRITAÇÃO  
VIOLÊNCIA É BRUTALIDADE

VIOLÊNCIA É IGNORÂNCIA  
VIOLÊNCIA É PERIGO  
VIOLÊNCIA É RAIVA  
VIOLÊNCIA É DESRESPEITO  
VIOLÊNCIA É TRISTEZA  
VIOLÊNCIA É ABANDONO  
VIOLÊNCIA É XENOFOBIA  
VIOLÊNCIA É NECESSIDADE  
VIOLÊNCIA É IMPULSO  
VIOLÊNCIA É OPRESSÃO  
VIOLÊNCIA É EXPRESSÃO

Como vimos então, as experiências corpóreas dominam a conceptualização de VIOLÊNCIA. Enquanto o primeiro grupo se embasa em dados longes de suas vivências, por falta de experiências suas, o segundo grupo se embasa em dados próximos de suas vivências, relatando o que experenciam mesmo, como vítimas- observadores. Vimos também que FORÇA, RAIVA, JUSTIÇA, IMPUNIDADE, MORTE, AGRESSÃO foram os conceitos mais citados nas produções analisadas, embora apresentados de forma diferente em cada grupo. O quadro com o resumo das ocorrências demonstra a forma como cada grupo conceptualiza VIOLÊNCIA, ficando estabelecido que tal quadro apesar de estar organizado em forma de lista pode ser pensado como uma categoria radial, em que os conceitos se unem, se entrelaçam, inclusive, mesclando conceitos citados nos dois grupos. É, portanto, a VIOLÊNCIA uma categoria fuzzy, com contornos esfumados, que podem se fundir, destacando uns, afastando outros.

Apresentada descrição qualitativa e quantitativa, seguimos agora com as considerações finais, a fim de verificar se os objetivos propostos de fato foram atingidos e se as hipóteses se confirmaram.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho teve como objetivo entender como o conceito VIOLÊNCIA emerge no

discurso de adolescentes de diferentes grupos sociais da região urbana de Porto Alegre. O objetivo geral foi investigar, no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), especificamente da Semântica Cognitiva (SC), quais processos e estruturas estão implicados na categorização de VIOLÊNCIA. Tal estudo foi feito a partir da análise de questionários respondidos e de textos produzidos por adolescentes da zona urbana de Porto Alegre, que por questões de interesse específico foram separados em dois grupos: 1) adolescentes, sem histórico de vivências violentas, moradores de zona nobre, que estudam em escola privada, de zona central da cidade, com mensalidade de alto custo e sem registro de problemas relacionados à violência; e 2) adolescentes vitimizados (vítimas, viventes, observadores, participantes de situações envolvendo violência social, urbana, familiar), estudantes de escola pública localizada em uma região dominada pela guerra do tráfico de drogas.

A primeira parte do trabalho tratou de apresentar um resumo das principais teorias exploradas na tese. Viu-se o que é Linguística Cognitiva, especificamente seu papel dentro das Ciências Cognitivas, e também se explorou os conceitos que norteiam a Semântica Cognitiva. Fez-se necessário explicar sobre CATEGORIZAÇÃO na medida em que é este o foco do trabalho. Mostrou-se desde os conceitos aristotélicos até os conceitos oriundos da Psicologia Cognitiva, com sua Teoria dos Protótipos, que é base para o desenvolvimento dos estudos de Lakoff, autor citado no corpo da tese como base para tal pesquisa. Sua Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (também denominada por Teoria dos Modelos Cognitivos Culturais) foi descrita na tese, explorando conceitos como METÁFORA, METONÍMIA, ESQUEMA, IMAGEM, FRAME... Importante destacá-los, pois as análises feitas foram com tal aporte.

A segunda parte debruçou-se sobre VIOLÊNCIA e EMOÇÕES, conceitos-chave para o desenvolvimento da pesquisa. Foi explicado o que é VIOLÊNCIA sob diferentes prismas, deixando claro que tal fenômeno extrapola questões linguísticas. Foi necessário explicar brevemente sobre comportamentos sociais, regulação social, moral, para compreendermos como o contexto sociocultural influencia em nossa conceptualização de VIOLÊNCIA- hipótese da tese que foi confirmada quando analisadas as respostas.

A fim de justificar a escolha do corpus, do tema, mostrou-se no trabalho os estudos relacionados ao conceito em questão, realizados anteriormente por Feltes (2007), que explora em sua teoria a relação entre a categoria VIOLÊNCIA e as metáforas, os *frames* presentes em sua expressão linguística. O suporte teórico dado por Feltes foi fundamental para a construção desta tese, e acreditamos que o inverso também é relevante, pois enquanto nos estudos de base há ensaios, hipóteses construídas pela própria autora, aqui a aplicação foi construída em

contexto real, o que possibilita confirmação das hipóteses de maneira mais aplicada e realista.

Como instrumento da metodologia optou-se por questionário e produção textual. Os adolescentes selecionados foram criteriosamente agrupados, a partir de conversas informais, a fim de garantir que no primeiro grupo não tivesse nenhum participante com histórico de violência, como ator da cena ou vivenciador.

O objetivo geral desdobrou-se em objetivos específicos: A) identificar e analisar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA em termos de rede conceitual, mapeamentos metafóricos e metonímicos de adolescentes pesquisados; B) comparar se há diferença na forma de estrutura da categoria VIOLÊNCIA e de sua gradação conceitual entre os grupos de adolescentes pesquisados, para analisar se há relação entre o meio social e cultural e os conceitos elaborados sociocognitivamente.

As hipóteses que guiaram essa pesquisa foram: A) a estrutura cognitiva e a gradação do conceito VIOLÊNCIA diferem entre os grupos selecionados; B) Aspectos sociais e culturais influenciam na categorização da VIOLÊNCIA; e C) A Teoria dos Modelos Cognitivos numa situação contextual como a descrita na tese se justifica por causa de sua relação com cultura e cognição, evidenciando, com isso, mais uma vez, seu caráter aplicativo em experiências sócio-culturais.

Como resultado final das análises percebemos que os adolescentes organizaram-se em VIOLÊNCIA FÍSICA, VIOLÊNCIA SOCIAL, VIOLÊNCIA EMOCIONAL, subdividindo suas escolhas lexicais em três núcleos: ATO-PRODUTO, POLÍTICA, SENSAÇÃO-SENTIMENTO-EMOÇÃO ( este núcleo, como explicamos, embora seja a junção de conceitos diferentes, aqui puderam se mesclar a fim de facilitar o agrupamento semântico estabelecido via relevância de sinonímia).

Os resultados obtidos nos mostram que há diferença na forma de conceptualização dos dois grupos, na medida em que o primeiro expressa linguisticamente o conceito como experiência distante deles, num cunho mais político do que percebido no segundo grupo. Enquanto para o primeiro grupo AGRESSÃO é o exemplar típico da categoria, por ser de perto o mais violento- mais visto, para o segundo grupo, é MORTE, pelas mesmas razões de proximidade. Notamos neste grupo a constante ocorrência da citação MARIA DA PENHA, ou de relatos vivenciados que envolviam VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Essa ocorrência nos leva a crer que definir VIOLÊNCIA como um TIPO DE VIOLÊNCIA faz sentido quando este é prototípico, quando faz parte da experiência corpórea do adolescente entrevistado. O que é saliente na memória é o mais relevante, se é mais relevante é porque há um grau de importância maior na vivência deste adolescente e pelos relatos percebe-se que o aluno foi

vítima, e ainda é, desse tipo de violência, o que o torna o mais sofrível.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ocorre a partir de um Modelo Cognitivo Cultural paternalista e machista que está presente em nossa sociedade ainda nos tempos de hoje. Este conceito mostra-se prototípico para a categoria porque envolve DISCUSSÃO, BRIGA, AGRESSÃO, ESPANCAMENTO, MORTE, e CAUSA DANOS FÍSICOS E EMOCIONAIS, com VÍTIMAS DIRETAS E INDIRETAS e ainda: é mais grave porque quebra com o script cultural, quebra com o estereótipo FAMÍLIA DE COMERCIAL DE TELEVISÃO, rompendo com o frame de CASAMENTO, ou seja, é um conceito que desestrutura outros.

FACADAS também é um ato que se destaca neste segundo grupo, pois sabemos que na região em que esses adolescentes moram é comum o uso de tal instrumento em brigas familiares, brigas de rua e até de amigos, de amigos.

O TRÁFICO não aparece como causa da violência para o segundo grupo, diferentemente do que ocorre no primeiro grupo, que cita tal fenômeno, vinculando-o à FAVELA. O que aparece como ORIGEM da VIOLÊNCIA no segundo grupo é a bebida, que em muitas cenas é descrita como a CAUSA DA VIOLÊNCIA. E por relacionarmos com a ideia de BEBIDA É VICIO, VICIO É DOENÇA QUE TOMA CONTA DA MENTE, é possível supormos que esta ORIGEM da VIOLÊNCIA faz com que o AGENTE do ato não seja tratado como “culpado” por quem o descreve- que é também sua vítima indireta (e direta). Nessa brecha, podemos encaixar o AMOR e o PERDÃO, que se justificam por fazerem parte de um *frame* de família unida- valor moral que aparece nas linhas textuais deste segundo grupo.

No primeiro grupo parecem descrições de guerra fora do contexto cultural brasileiro, envolvendo Estados Unidos, Palestina e África; foram citadas as guerras contra a humanidade, os conflitos, itens que não foram mencionados no segundo grupo, que se deteve mais no contexto cultural, com brigas na rua, nas festas, nos bailes, enfim, com cenas de sua convivência diária.

A RAIVA e o ÓDIO são presentes nos dois grupos e parece ser a emoção mais relevante, o que nos faz pensar que DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA, e que VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA. Não há muita empatia para com quem pratica violência, embora seja citado nos dois grupos que muitas vezes o ato violento é fruto do desamor, do desamparo, da solidão, da fraqueza. O segundo grupo mostra-se mais tolerante quando o AGENTE DA VIOLÊNCIA se arrepende do que fez. E aqui podemos fazer relação com suas experiências envolvendo VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, pois também já é construído coletivamente o script de tal ocorrência: o marido bate, a mulher sofre, o marido se arrepende, promete não fazer

novamente, a mulher aceita e segue o ciclo. Por estes adolescentes muitas vezes serem filhos destes agressores, precisam acreditar no arrependimento deles, pois é o que garante a esperança de o amor retornar ao lar. E entra aqui então o que citamos anteriormente sobre o uso da bebida como ORIGEM da VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: é melhor colocar a culpa na bebida, que é a causadora do mal.

Todos nós queremos ver nossas famílias felizes e fazemos de tudo para tal. Estes adolescentes do segundo, acreditando que família feliz é família completa, que é mãe e pai ocupando seus papéis de mãe e pai, de marido e mulher, também fazem o que podem para conseguirem a cobiçada estereotipada família feliz, nem que para isso precisem apagar alguns erros, relevar algumas atitudes, assim, perdoam os pais, os maridos e se enganam.

A partir das análises detalhadas, pudemos observar que:

PERDOAR, a partir da metáfora da CONTABILIDADE MORAL é QUITAR. Neste caso, o PERDÃO prova um modelo cognitivo cultural ligado à ética cristã, que quando aprendido, possibilita as pessoas perdoarem os AGENTES da violência.

O modelo metonímico VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA, num ato contínuo de EQUILIBRIO, ainda na CONTABILIDADE MORAL, é também possível de ser pensado, nos dois grupos, levando em conta os aspectos de equidade, que embora gerem o tal equilíbrio, ocasionam desacordos morais, pois quem é vítima passa a ser agente e quem é agente passa a ser vítima, o que tira a razão do primeiro.

A INJUSTIÇA SOCIAL também foi percebida quando encontramos nos grupos FALTA DE AMOR, FALTA DE EDUCAÇÃO, POBREZA, FAVELA, em alguns discursos. Vale lembrar que ESTAR SEM CONDIÇÕES É ESTAR FRACO; FORÇA MORAL É EQUILIBRIO; EQUILIBRIO É FORÇA. Assim: OPORTUNIDADES TRAZEM EQUILIBRIO, OPORTUNIDADES DÃO FORÇAS. A IMPOTÊNCIA É UM SENTIMENTO CONSECUTIVO DE UM ATO DE VIOLÊNCIA.

Concluimos, portanto, que o segundo grupo parece estar muito mais envolvido em seus conceitos do que o primeiro, no que se refere à categorização da VIOLÊNCIA, confirmando as hipóteses levantadas.

A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados mostrou-se eficaz para o propósito desta tese, na medida em que os modelos servem para organizar diferentes domínios de experiências, facilitando com isso o entendimento de mundo e nossa forma de entendê-lo a agir sobre ele. Estes modelos são úteis por mostrarem também a natureza representacional dos significados. O trabalho serviu para corroborar com os estudos linguístico-cognitivos, demonstrando a eficácia de aplicação da Teoria dos Modelos Cognitivos.

É preciso mais estudos de cunho empírico para ser confirmada a hipótese de VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ser o mais saliente exemplo da categoria para quem mora na FAVELA, lugar considerado violento por quem não mora (dado que também precisa ser melhor pesquisado, ou seja: a relação de MARGINALIDADE- FAVELA precisa ser percebida por diferentes ângulos, diferentes pontos de vista).

Aqui, o corpus foi montado de forma que no primeiro grupo não constasse nenhum adolescente vítima, ator de violência, mas faz-se importante analisar a partir daqui outros grupos de adolescentes de classe econômica e social alta, média e baixa, a fim de confirmar se essa divisão por classes interfere na forma de estruturar o conceito, ou se as vivências são o que fazem a diferença, notando com isso as vivências culturais, sociais, pessoais em um número variado de adolescentes, de diferentes gêneros, de diferentes centros urbanos, de diferentes regiões do país, e, até, de diferentes regiões do mundo, principalmente no que se refere à VIOLÊNCIA DOMÉSTICA e na forma como esta se estrutura conceitualmente em vítimas indiretas, no caso, os filhos do casal.

É sabido que há estudos de mapeamento acerca de como os jovens pensam a violência nas favelas brasileiras. Fica então caminhos a serem seguidos.

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. In *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 84-135.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Claredon Press, 1962.

BANDURA, A. *Aggression: A Social Learning Analysis*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1973.

BARCELONA, A. O poder da metonímia. Trad. Michelle Kühn Fornari. In: SIQUEIRA, M (org). *Linguística Cognitiva*. Cadernos de Tradução. n.25, jul/dez de 2009. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2003b

BARRETO, Dulcilene R.da Silva. *Conceitualização de Educação à luz da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados: Percorrendo veredas entre mente e linguagem dos alunos da educação básica*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

BERKOWITZ, L. Affective aggression: the role of stress, pain, and negative affect. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), *Human aggression: Theories, research, and implications for social policy* (pp. 49-72). San Diego: Academic Press, 1998.

CAMERON, Lynne. [\*Metaphor and Reconciliation: The Discourse Dynamics of Empathy in Post-Conflict Conversations\*](#). Routledge Studies in Linguistics. New York, USA: Routledge, 2011.

CECCONELLO, A. M. *Competência social, empatia e representação mental da relação de apego em famílias em situação de risco*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

CHIAVEGATTO, Valéria C. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan-jun, 2009. Disponível on-line.

DAMÁSIO, Antonio. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Trad. RS portuguesa de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras 1999.

DAMÁSIO, António. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FELTES, Heloísa P. *A teoria dos modelos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

FELTES, H. P. de M. *Semântica cognitiva: ilhas pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Conceptualização de terrorismo e violência: relações semântico-epistêmicas e papéis semânticos no quadro de uma semântica do entendimento*. In:

I Fórum Nacional sobre Representação Conceitual e Categorização: conceitualização de VIOLÊNCIA. Anais. Universidade Federal do Ceará, 2010.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo; Editora Contexto, 2011.

FILLMORE, C. J Semântica de *Frames*. Trad. Galeno Fae da Silva. In: SIQUEIRA, M. (Org). *Linguística Cognitiva*. Cadernos de Tradução. n.25, jul/dez. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2009.

FLORES RZ. Por que parece que pobreza gera violência? In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*,2002.

GIBBS, R. W. Jr. *Embodiment and Cognitive Science*. New York: Cambridge University Press, 2006.

GONDIM, Meire V. C. *Modelos Cognitivos: um estudo intercultural das concepções de violência em jovens brasileiros e franceses*. Tese de doutorado. Ceará, Fortaleza, 2012.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, Peter and MORGAN, Jerry. *Syntax and semantics*. V.3, p. 41-58. Academic Press, 1975.

HOUAISS, A. Dicionário eletrônico da língua portuguesa Houaiss. São Paulo: Objetiva, 2001.

IMBUSCH, P. The Concept of Violence. In: HEITMEYER, W.; HAGAN, J. (Ed.).*International handbook of violence research*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 13-40. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?hl=pt>. Acesso em: 03 jun. 2012.

JAMISON, K. G. *Quem casa quer casa: conceitualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal*.Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual do Ceará, 2011.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago, USA: Cambridge University Press, 1987

KÖVECSES, Zoltán. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag, 1990.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. *Language, mind and culture: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind?*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução :Mara Sophia Zanotto. São Paulo:Mercado das Letras, 2002.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than a cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: Chicago University Press, 1989.

LYONS, John. *Semântica Estrutural*. Lisboa: Presença, 1979.

PALUDO, Simone. *A expressão das emoções morais de crianças em situação de rua*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PRAGGLEJAZ, GROUP. *MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse*. In *Metaphor and symbol*. v.22. n.1,2007.

SÄGE, M. L. *Modelos cognitivos na categorização de violência: estruturas e processos no discurso de sujeitos urbanos, rurais e urbanos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Universidade de Caxias do Sul (Centro de Ciências Humanas). Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2011.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SILVA, A. S. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, v.7, n. 1-2, p. 13-75, 2003.

SILVA, A. S. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication and cognition*. 2nd ed. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

VAN DIJK, T.A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo:Contexto, 1992

VANIN, Aline. *À flor da pele: a emergência de significados de conceitos de emoção*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2012.

VICKERY, B.C. *Classificação e indexação nas ciências*. Trad. Maria Christina Girão Pirolla. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1980.

WIERZBICKA, A. Emotion, language and “cultural scripts”. In S. KITAYAMA AND H. MARKUS (EDS.). *Emotion and culture: Empirical studies of mutual influence*. Washington: American Psychological Association. 130-198, 1997.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Vol. Wittgenstein. 3. ed. São Paulo: Abril, 1979.

## **7 ANEXOS**

### **7.1 MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO**

#### **1- Ofício para escolas:**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**PESQUISA DE DOUTORADO**

**Título da Pesquisa: A “violência” no discurso do adolescente: uma abordagem cognitiva**

Ilmo, Sr. Diretor da Instituição

Estamos realizando uma pesquisa da qual o interesse norteador é entender como o conceito VIOLÊNCIA emerge no discurso de adolescentes de diferentes grupos sociais da região urbana de Porto Alegre. O objetivo geral é investigar, no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), especificamente da Semântica Cognitiva (SC), quais processos e estruturas estão implicados na categorização de VIOLÊNCIA. Tal estudo será feito a partir da análise de questionários respondidos e de pequenos textos produzidos por adolescentes de diferentes escolas. O objetivo geral desdobra-se em objetivos específicos: A) identificar e analisar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA em termos de rede conceitual, mapeamentos metafóricos e metonímicos de adolescentes pesquisados; B) comparar se há diferença na forma de estrutura da categoria VIOLÊNCIA e de sua gradação conceitual entre os grupos de adolescentes pesquisados, para analisar se há relação o meio social e cultural e os conceitos elaborados sociocognitivamente.

Os adolescentes participantes do estudo serão claramente informados que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Tanto os participantes quanto a instituição podem solicitar as informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade dos participantes, e todo o material de pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora, e após a elaboração final do trabalho, o material será lacrado em local sigiloso. Dados individuais dos participantes coletados no processo de pesquisa não serão informados à instituição ou aos familiares, mas haverá uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para as instituições envolvidas no projeto.

Através deste trabalho, esperamos contribuir para o entendimento de como se relaciona a violência com as experiências sociais, psicológicas e culturais do ser humano. É de fundamental importância o consentimento das instituições, a fim de tornar possível a pesquisa, que tem como foco principal acrescentar no âmbito científico novas descobertas pertinentes ao desenvolvimento psicológico e social do ser humano.

Agradecemos a colaboração dos participantes desta pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável é Daniela Araujo, sob a supervisão do orientador Dr. Jorge Campos da Costa, do curso de pós-graduação em Letras- Doutorado em Linguística Aplicada, da PUCRS- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Caso seja necessário contato, isto poderá ser feito através do e-mail [daniujo2002@yahoo.com.br](mailto:daniujo2002@yahoo.com.br); também pelo telefone da pesquisadora: (51) 99042233, do orientador da pesquisa, (51) 81261712, ou pelo telefone do Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS: (51)33203006.

Atenciosamente,

Daniela Araujo- Pesquisadora

Jorge Campos da Costa- Professor Doutor da Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul-  
orientador da pesquisa

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

**2- Termo de Consentimento livre e esclarecido para os pais ou responsáveis:**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**PESQUISA DE DOUTORADO**

**Título da Pesquisa: A “violência” no discurso do adolescente: uma abordagem cognitiva**

Prezados Pais ou Responsáveis,

Meu nome é Daniela Araujo, estou cursando o terceiro ano do Doutorado em Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Esta carta é para convidar seu filho para participar da pesquisa que estou realizando na escola em que ele (ela) estuda. Seu filho está sendo convidado para responder algumas perguntas sobre VIOLÊNCIA, para tentarmos entender como ele define o termo. Também será convidado a escrever um texto sobre o que pensa sobre VIOLÊNCIA. Meu objetivo é analisar os exemplos mais salientes apresentados no questionário e no texto, comparando tais dados com outros questionários e textos realizados com outros adolescentes, para compreender como diferentes adolescentes pensam sobre o assunto proposto. Acredito ser importante compreender a maneira de o adolescente pensar sobre VIOLÊNCIA para tentarmos encontrar soluções para acabar com esse fenômeno social.

Todos os trabalhos serão orientados por mim, com o consentimento da escola. A participação de seu filho ou de sua filha é de extrema importância uma vez que saber a opinião dos alunos sobre essas questões poderá enriquecer a capacidade deles de se questionar sobre os problemas sociais de nosso país.

Os adolescentes participantes do estudo serão claramente informados que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Tanto os participantes quanto a instituição podem solicitar as informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade dos participantes, e todo o material de pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora, e após a elaboração final do trabalho, o material será lacrado em local sigiloso. Dados individuais dos participantes coletados no processo de pesquisa não serão informados à instituição ou aos familiares, mas haverá uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para as instituições envolvidas no projeto.

Agradecemos a colaboração dos participantes desta pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisa está sob a supervisão do orientador Dr. Jorge Campos da Costa, do curso de pós-graduação em Letras- Doutorado em Linguística Aplicada, da PUCRS- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Caso seja necessário contato, isto poderá ser feito através do e-mail [daniujo2002@yahoo.com.br](mailto:daniujo2002@yahoo.com.br); também pelo telefone da pesquisadora: (51) 99042233, do orientador da pesquisa, (51) 81261712, ou pelo telefone do Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS: (51)33203006

Atenciosamente,

Daniela Araujo- Pesquisadora

Jorge Campos da Costa- Professor Doutor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-  
orientador da pesquisa

Após ter lido o termo de consentimento apresentado pela pesquisadora Daniela Araujo, e ter recebido todos os esclarecimentos sobre a garantia de privacidade, a liberdade de abandonar a pesquisa em prejuízo e sobre a garantia de resposta a qualquer pergunta, eu concordo que meu filho, ou o jovem que está sob minha guarda legal, participe da pesquisa.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome do responsável pelo adolescente:

Assinatura do responsável do adolescente:

Data da assinatura de concordância

**4- Termo de assentimento do adolescente:**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
PESQUISA DE DOUTORADO**

**Título da Pesquisa: A “violência” no discurso do adolescente: uma abordagem cognitiva**

ASSENTIMENTO DO ADOLESCENTE:

Eu, \_\_\_\_\_, após ter lido o termo de consentimento apresentado pela pesquisadora Daniela Araujo, e ter recebido todos os esclarecimentos sobre a garantia de privacidade, a liberdade de abandonar a pesquisa em prejuízo e sobre a garantia de resposta a qualquer pergunta, eu concordo em participar da pesquisa.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que se tiver novas perguntas sobre este estudo, posso fazer pelo telefone da pesquisadora: (51) 99042233, do orientador da pesquisa, (51) 81261712, ou pelo telefone do Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS: (51)33203006

Nome do adolescente:

Assinatura do adolescente

Data da assinatura de concordância:

Data:

Assinatura:

